



OUTRO OLHAR

Maria Cavaco Silva

2006-2016





OUTRO OLHAR

Maria Cavaco Silva

2006-2016

Coordenação

GABINETE DE APOIO AO CÔNJUGE
DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Margarida Mealha
Fernanda Graça

Fotografias

Luís Filipe Catarino
e João Paulo Fernandes
[excepto as referidas
nos créditos fotográficos,
na página 8]

Design Gráfico

tocdesign
[Tipo de letra: MayeurText
e Flama, de Mário Feliciano]

Revisão

João van Zeller e Brenda Xisto

Impressão

Imprensa Nacional - Casa da Moeda

ISBN

978-972-27-2420-3

Depósito Legal

400811/15

Lisboa, Novembro de 2015

ÍNDICE GERAL

15	<i>Primeiras palavras</i>
19	I. Ser Solidário
21	Ser Raro
45	Ser Diferente
85	A Magia do Pirlampo
111	Ver com outro Olhar
115	Bazar Internacional do Corpo Diplomático
131	Ser Solidário
153	II. Proteger a Criança
155	Proteger a Criança
175	Projetos Swatch
193	Fundação Ronald MacDonald
203	Novo Futuro
211	III. Ser Mulher
213	Mulher ACTIVA
239	Mulher na Ciência
249	Mulher Empresária
253	IV. Encontros em Belém
255	Encontros em Belém
269	Um Chá Português
275	V. Noites de Poesia
329	VI. Exposições de Presépios
363	VII. Universidade Católica Portuguesa
415	VIII. Embaixadora da Língua Portuguesa
433	IX. Entrevistas
487	X. Mais Alguns Passos da Agenda
525	<i>Uma última palavra</i>

Créditos Fotográficos

Ana Brígida

pp. 74 (cima), 75 (cima)

António Luís Campos

pp. 62 (baixo), 141 (baixo),
142, 146 (cima), 474

António Mil-Homens

p. 517 (foto 5)

António Pedro Santos

pp. 30, 31, 32, 62 (centro),
70 (cima), 71, 72 (cima),
73, 99, 101, 126 (baixo), 141
(centro), 171 (baixo), 245
(cima), 495 (foto 2), 495
(foto 6), 507 (foto 5)

Borja Fotografos

p. 517 (foto 1)

Campiso Rocha/Caras

p. 513 (foto 1)

Carlos Tavares/Impala

p. 514 (foto 4)

Casa Real da Suécia

p. 517 (foto 2)

Daniele Mattioli

pp. 419, 517 (foto 4)

David Clifford

pp. 76 (centro e baixo),
78, 79, 103, 107, 123, 126

(cima), 147, 496 (foto 4),
503 (foto 4)

Eduardo Gageiro

p. 371

**Gonçalo Rosa da Silva/
Visão**

pp. 434, 480

João Lima/Caras

pp. 422, 423, 514 (foto 1)

Leonel de Castro

pp. 133 (baixo), 135
(centro e baixo)

Luís Faustino

pp. 77, 117 (baixo),
222

Luiz Carvalho

pp. 462, 468

Miguel Silva

p. 490 (foto 6)

Nuno Moreira/Impala

pp. 428, 514 (foto 3)

Mário Proença

pp. 144, 493 (foto 1)

Melanie Maps/Stills

pp. 72 (baixo), 167 (baixo)

Patrícia de Melo Moreira

p. 33 (cima)

Pedro Ferreira/Vogue

p. 456

Raquel Wise

pp. 22, 503 (foto 6)

**Reinaldo Rodrigues/
Global Imagens**

p. 450

Ricardo Meireles

pp. 67 (cima e centro), 68
(cima), 149 (cima), 197,
198, 200, 495 (foto 1)

Rui Vasco/

Revista Activa

p. 444

Sara Wong

pp. 54, 113 (centro), 117
(cima), 167 (cima), 168,
205, 244 (baixo), 490
(foto 4)

Sofia Quintas

pp. 169, 207

Vasco Célio/Stills

p. 135 (cima)

Virgílio Rodrigues/f32

p. 63 (baixo)

Tommaso Rada

p. 510 (foto 3)

ÍNDICE DAS INTERVENÇÕES

- 87 **1. 20 Anos da Campanha Pirilampo Mágico**
Câmara Municipal de Lisboa, 3 de maio de 2006
- 158 **2. Seminário “Adolescências” – Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal**
Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 11 de maio de 2006
- 214 **3. Entrega do Prémio Mulher Activa – 6ª Edição**
Hotel Pestana Palace, Lisboa, 15 de maio de 2006
- 160 **4. Associação Os Francisquinhos**
Sede da Associação, Lisboa, 18 de maio de 2006
- 411 **5. Colóquio “Liberdade Religiosa no Mundo”**
Fórum Picoas, Lisboa, 27 de junho de 2006
- 249 **6. II Fórum Empresarial das Mulheres Portuguesas**
Auditório do ISCSP, Pólo Universitário da Ajuda, 12 de outubro de 2006
- 239 **7. Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência**
Academia das Ciências de Lisboa, 26 de outubro de 2006
- 205 **8. Feira da Associação Novo Futuro – Rastrillo**
Centro de Congressos de Lisboa, 24 de novembro de 2006
- 47 **9. Comemorações dos 50 Anos da Casa de Saúde S. José**
Areias de Vilar, Barcelos, 31 de janeiro de 2007

- 51 **10. 25º Aniversário da CEDEMA**
Centro Cultural da Malaposta, Odivelas, 16 de fevereiro de 2007
- 162 **11. "Pela Defesa dos Direitos da Criança – Novas Realidades, Novos Interesses, Novos Desafios" – Encontro organizado pelo Instituto de Apoio à Criança**
Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de abril de 2007
- 90 **12. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2007**
Auditório do Pavilhão do Conhecimento, Lisboa, 3 de maio de 2007
- 216 **13. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA – 7ª Edição**
Hotel Ritz Four Seasons, Lisboa, 14 de maio de 2007
- 177 **14. Apresentação do Swatch – Mundo Perfeito**
Gare Marítima de Alcântara, Lisboa, 5 de junho de 2007
- 23 **15. Lançamento do CD da Campanha pela Casa dos Marcos da Associação Raríssimas**
El Corte Inglés, Lisboa, 6 de junho de 2007
- 53 **16. Fundação S. João de Deus – Cerimónia Oficial de Lançamento**
Centro Ismaili de Lisboa, 12 de junho de 2007
- 133 **17. Lançamento do Serviço Municipal de Apoio ao Voluntariado da Cidade do Porto**
Câmara Municipal do Porto, 14 de junho de 2007
- 164 **18. Refúgio Aboim Ascensão – Jantar de Gala**
Casino de Vilamoura, 22 de agosto de 2007
- 135 **19. Dia Internacional do Voluntariado organizado pela Liga Portuguesa Contra o Cancro**
Auditório do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Porto, 5 de dezembro de 2007
- 180 **20. Swatch – Lançamento da Primeira Pedra do Centro de Acolhimento Temporário do Movimento ao Serviço da Vida**
Parque da Bela Vista, Lisboa, 7 de dezembro de 2007
- 93 **21. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2008**
Estádio do Restelo, 7 de maio de 2008

- 195 **22. Inauguração da Casa Ronald McDonald em Lisboa**
Lisboa, 3 de junho de 2008
- 170 **23. Comemoração dos 20 Anos da Associação A Casa do Caminho**
Casino de Espinho, 23 de outubro de 2008
- 137 **24. Abertura do Congresso Internacional de Serviço Social, promovido pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa**
Universidade Lusíada de Lisboa, 6 de novembro de 2008
- 183 **25. Inauguração da Casa das Cores**
Parque da Bela Vista, Lisboa, 20 de novembro de 2008
- 139 **26. Fórum "Voluntariado: Promotor de Desenvolvimento"**
Centro Ismaili de Lisboa, 22 de novembro de 2008
- 222 **27. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA – 9ª edição**
Teatro Armando Cortez, Lisboa, 8 de março de 2009
- 94 **28. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2009**
Teatro da Luz, Lisboa, 8 de maio de 2009
- 60 **29. Encerramento das Jornadas "Diferentes formas de comunicação na deficiência" – Comemorações do XX Aniversário do Centro de Apoio a Deficientes João Paulo II**
Fátima, 1 de julho de 2009
- 219 **30. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA – 8ª edição**
Quinta de Paulos – Monsanto, 8 de maio de 2008
- 186 **31. Apresentação do Projeto de Responsabilidade Social da Swatch – Casa Caçula**
Fórum Lisboa, 5 de novembro de 2009
- 144 **32. Abertura das Jornadas Nacionais da Cáritas Portuguesa "Combate à Pobreza e à Exclusão pelos Caminhos da Inovação Social"**
Audatório Municipal Charlot, Setúbal, 24 de fevereiro de 2010
- 225 **33. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA - 10ª Edição**
Casino Estoril, 8 de março de 2010

- 96 **34. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2010**
Museu do Oriente, Lisboa, 6 de maio de 2010
- 30 **35. Lançamento da Primeira Pedra da Casa dos Marcos,
da Associação Raríssimas**
Moita, 1 de julho de 2010
- 65 **36. I Colóquio Internacional do Pais-em-Rede**
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 6 de novembro de 2010
- 197 **37. Lançamento da Primeira Pedra da Casa Ronald McDonald no Porto**
Hospital S. João, Porto, 16 de novembro de 2010
- 188 **38. Lançamento da Primeira Pedra do Centro de Acolhimento Temporário
para Crianças Refugiadas – Casa Caçula**
Parque da Bela Vista, Lisboa, 22 de novembro de 2010
- 228 **39. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA - 11ª Edição**
Culturgest, Lisboa, 7 de abril de 2011
- 98 **40. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2011**
Museu da Eletricidade, Lisboa, 6 de maio de 2011
- 70 **41. Entrega dos Diplomas de Certificação de Qualidade EQUASS – Nível II –
Excelência à Fundação AFID Diferença**
Museu da Eletricidade, Lisboa, 18 de maio de 2011
- 73 **42. Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS ao CECD –
Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência de Mira Sintra**
Palácio Nacional de Queluz, 12 de julho de 2011
- 365 **43. Abertura Solene do Ano Letivo da Faculdade de Ciências
Humanas da Universidade Católica Portuguesa**
Universidade Católica Portuguesa, 12 de setembro de 2011
- 100 **44. Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2012**
Oceanário de Lisboa, 4 de maio de 2012
- 191 **45. Inauguração do Centro de Acolhimento Temporário para Crianças
Refugiadas – Casa Caçula**
Parque da Bela Vista, 15 de maio de 2012

- 232 **46. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA - 12ª Edição**
Hotel Pestana Palace, Lisboa, 15 de junho de 2012
- 103 **47. Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2013**
Navio Ópera, Santa Apolónia, Lisboa, 13 de maio de 2013
- 172 **48. VII Conferência “Crianças Desaparecidas e Exploradas Sexualmente”,
promovida pelo Instituto de Apoio à Criança**
Assembleia da República, Lisboa, 24 de maio de 2013
- 235 **49. Entrega do Prémio Mulher ACTIVA – 13ª Edição**
Hotel Pestana Palace, Lisboa, 27 de maio de 2013
- 201 **50. Inauguração da Casa Ronald McDonald no Porto**
Hospital S. João, Porto, 20 de novembro de 2013
- 35 **51. Inauguração da Casa dos Marcos, da Associação Raríssimas**
Moita, 25 de novembro de 2013
- 39 **52. II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras**
Moita, 7 de novembro de 2014
- 104 **53. Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2015**
Planetário Calouste Gulbenkian, Lisboa, 7 de maio de 2015



Primeiras palavras

Quando, em 2006, o meu marido tomou posse como Presidente da República, tomei consciência de que iria ter uma vida mais facilitada, pela existência na lei, desde 1996, do Gabinete de Apoio ao Cônjuge do Presidente da República (GACPR).

A minha antecessora, a D. Maria José Ritta, foi a primeira a beneficiar desse importante apoio que, sei-o agora por experiência pessoal, tanto nos ajuda nas tarefas que, não tendo nós um papel institucional, somos sempre chamadas a desempenhar.

Quando o meu marido foi Primeiro-Ministro, entre 1985 e 1995, acompanhei muito a Dr.^a Maria de Jesus Barroso, a quem presto aqui tributo de respeito e afeto, nas atividades em que se entendia que, para lá da mulher do Presidente da República, devia também estar presente a mulher do Primeiro-Ministro.

Dessas presenças recordo, como obrigação que nem se questionava, o Natal dos Hospitais e o Bazar do Corpo Diplomático, que

constituíam uma convivência saudável, sem protocolos rígidos, entre duas mulheres que tanto se encontravam em atos oficiais. Sei que a Dr.^a Manuela Eanes e a Dr.^a Maria de Jesus Barroso tiveram um papel que todos os Portugueses sentiram como muito importante.

Quero agora, e acho que devo, abrir a porta às atividades que desenvolvi, como mulher do Presidente da República.

Quando cheguei a Belém em 2006, começaram a surgir pedidos de presença, apoio, alto patrocínio, audiências.

Percebi que a minha presença iria ser muito mais solicitada do que para os casos em que se partia automaticamente do princípio que a mulher do Presidente da República fazia parte do acontecimento.

Além disso, eu também não tinha chegado lá de mãos vazias, ou de ideias vazias para ser mais correta, e o Gabinete tornou-se proativo rapidamente, com muito gosto não só em responder aos pedidos, mas também em mostrar-se disponível para ajudar no que fosse possível ou desejável.

E é esse mundo, que se nos abria como se tivéssemos sempre estado à espera de entrar nele, que a Fernanda, a Margarida e eu própria abraçámos logo como nosso, como se fosse a nossa casa, o lugar onde queríamos estar.

Uma experiência que agora quero partilhar com todos os que enriqueceram tanto a nossa vida que nunca lhes agradeceremos suficientemente.

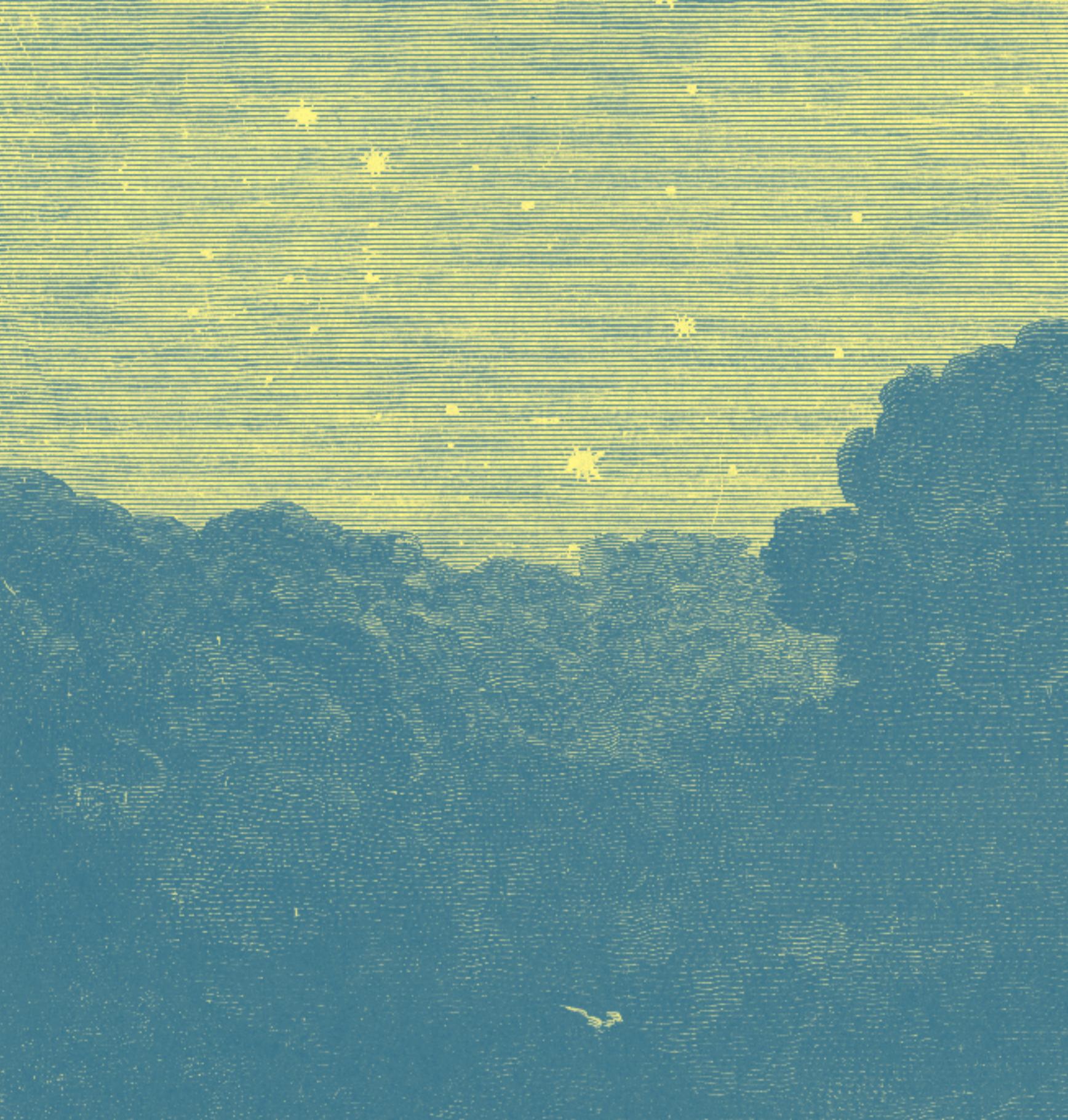
Deram-nos um outro olhar sobre as dificuldades tão pesadas que uma grave crise nos impôs, um outro olhar sobre como enfrentar tudo o que de mais duro nos pode acontecer na vida.

E a capacidade de não desistir nunca de ajudar quem precisa de nós.

A capacidade de estar com o outro de uma maneira que lhe faça sentir que o seu sofrimento e as suas dificuldades não nos são indiferentes, que nos tocam e, se não nos for possível fazer mais nada, talvez lhes possamos dar voz.

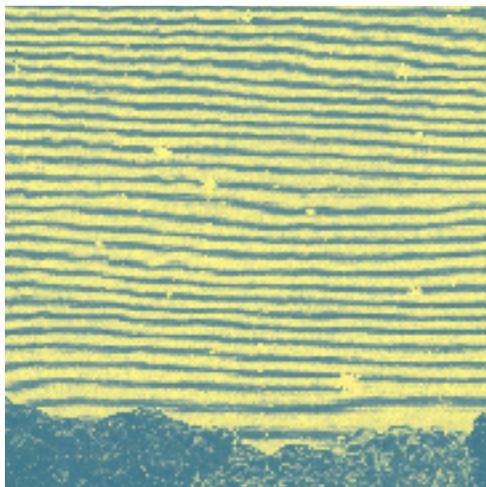
Somos muito melhores do que pensamos e o caminho percorrido durante estes anos veio-nos ensinar que temos muito a aprender uns com os outros e, quando nos respeitamos e trabalhamos juntos, conseguimos sempre mais do que quando caminhamos sozinhos.

Nani Grava





SER SOLIDÁRIO



SER RARO

Quando pensamos em algo raro, surgem-nos obrigatoriamente imagens de coisas que raramente vemos, como o trevo-de-quatro-folhas, pedras preciosas, bichinhos menos vulgares e por aí fora... Esquecemo-nos que a raridade tem felizmente um sentido muito mais lato, sendo encontrada vulgarmente dentro de cada um de nós, mas também nas nossas vidas: na beleza, na bondade, nas particularidades que fazem de cada um de nós pessoas efetivamente diferentes, mas também em situações bizarras que nos acontecem e das quais dificilmente nos esqueceremos!

Ser raro é tudo isto, mas eu consigo resumi-lo numa só palavra: único!

É isso: ser raro é ser único, e se nos concentrarmos nesta palavra, então o sentido de raro passa a vulgar rapidamente!

Mas há quem consiga ser verdadeiramente raro, único e precioso porque acumula uma série de adjetivos que fazem dela uma verdadeira raridade.

Falo-vos da minha Madrinha, da Madrinha da Raríssimas! Daquela que um dia marcou a vida de tantos filhos como o meu e a minha própria, associando-se a uma causa basicamente órfã... De tudo! E para quem é órfão de tudo, ter uma Madrinha é uma verdadeira bênção.

E assim construímos juntas, durante nove anos, um raro caminho em prol de quem de nós precisa. Mudámos consciências, mapeámos o nosso país em matéria de doenças raras, construímos a casa mais rara do mundo: a Casa dos Marcos! Inaugurámo-la, enchemo-la de pedras preciosas e internacionalizámo-la! Orgulhosas? Seguramente! Felizes? Com certeza! Raras? Para sempre! Para-das? Nem pensar!

Porque onde existirem meninos raros, nós estaremos lá, as duas!

Obrigada Madrinha Maria Cavaco Silva por esta caminhada.

Que venham muitos anos de trabalho em conjunto!

Paula Costa, Presidente da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras



Encerramento do VIII Congresso Internacional do Síndrome de Cornelia de Lange, Tróia, setembro de 2015

15**Lançamento do CD da Campanha pela Casa dos Marcos da Associação Raríssimas***El Corte Inglés, Lisboa, 6 de junho de 2007*

“ O lançamento que estamos a fazer aqui hoje nasceu de uma história muito bonita.

Um dia, uma mãe foi confrontada com um problema raro.

O seu filho raríssimo percebeu que já não havia mais escola para ele. Tinha ultrapassado a idade.

Ela estava preocupada, claro.

E foi o filho que lhe deu a solução:

‘Mãe, se já não temos escola, faz tu uma!’

Daqui, desta inocência, também ela rara, num adolescente raríssimo, nasceu a ideia da necessidade urgente da construção de uma casa de acolhimento – a Casa dos Marcos.

Porque esta mãe não desiste e nós vamos todos ser tão persistentes quanto ela. E agora temos uma casa para ajudarmos a construir. Uma parede, um telhado, um pedaço de jardim, uma cama. Pouco a pouco, peça a peça, temos que ajudar a pôr de pé este sonho. Porque ele faz muita falta, mas também porque queremos ser melhores e estar mais atentos a todos os que precisam da nossa ajuda.

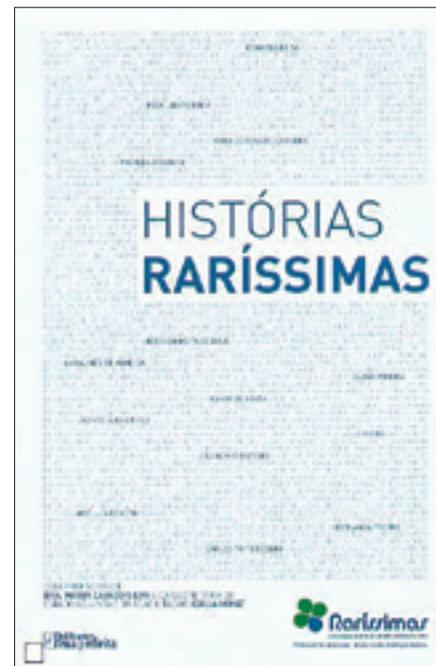
Felizmente sei, agora por experiência, que isto está a acontecer mais e de uma maneira mais empenhada.

Quero aqui referir já, com um grande bem-hajam, a adesão da Gulbenkian e da *Swatch* a este projeto.

Mais virão, tenho a certeza, porque para pôr de pé as paredes de uma casa precisamos de muitas forças unidas.

Vai ser preciso luta, paciência, capacidade de enfrentar dificuldades, sem desânimo.

Vai ser preciso, principalmente, muita generosidade, muito trabalho de equipa, que ninguém faz nada sozinho.



Tenho encontrado tanto entusiasmo no meu país, tenho sentido tanto empenho em ajudar, que sei que vamos conseguir pôr um telhado neste projeto.

Só depois mereceremos todos celebrar a vitória da solidariedade.

É um problema para o qual temos de acordar e rapidamente. Os nossos filhos e filhas raríssimos estão, graças aos magníficos progressos científicos dos últimos anos, a ficar mais tempo connosco. Isto responsabiliza-nos cada vez mais na assistência e ajuda que lhes queremos e devemos dar.

Para cumprirmos essa tarefa, precisamos urgentemente de ‘casas dos marcos’, onde possam ter o que precisam para se sentirem amados como merecem.

Uma vida raríssima não é necessariamente um fardo, um peso inútil.

Quando bem ajudados a desenvolver as suas capacidades, todos os seres humanos têm lugar no lado ativo da sociedade.

É isso que queremos, mas é também essa a nossa obrigação como membros de uma comunidade.

Os tempos mudaram e ao longo dessa mudança temos aprendido muito sobre pessoas que, durante séculos, ou foram escondidas ou foram tratadas de forma desadequada.

Sabemos mais, temos mais meios, temos mais deveres.

Porque entendemos melhor, a outra luz, os direitos dos cidadãos raros e raríssimos, é muito maior a nossa responsabilidade.

Sem desculpas, mas também sem recriminações inúteis, vamos assumir todos essa responsabilidade e pôr-nos ao lado das ‘mães coragem’ que estão a ensinar-nos o caminho.

Já fizeram tanto que esse caminho está bem mais fácil de percorrer.

É só dar um passo depois do outro. Neste caso, como vamos construir uma casa, é só pôr uma telha após outra, um tijolo sobre outro tijolo.

Todos os dias sou confrontada com gritos de alma de mães (devo dizer-vos que são quase sempre as mães) que me escrevem desesperadas por falta de soluções escolares, de apoio a vários níveis, para os seus filhos raros.

As filhas e os filhos crescem, elas trabalham para lhes dar o que precisam, e ficam sem saber como acudir a tudo o que se lhes exige.

Algumas confessam-me mesmo que ficaram sozinhas, porque os pais não aguentaram. Elas aguentam sempre. Elas lutam sempre.

Desculpem-me, mas este desabafo é fruto dos meus contactos com uma realidade que agora conheço bem.

Devo confessar que o que mais me impressionou na história bonita que estamos a viver aqui hoje foi o facto de a Paula Costa, que já fundou a Associação Raríssimas e vai construir a Casa dos Marcos – porque estamos aqui para a ajudar, melhor, para nos ajudarmos, porque o problema é de todos nós – se ter entregue de alma e coração a este projeto quando o seu filho Marco já não precisava da escola.

Temos que nos apressar, senão corremos o risco de chegar tarde demais. Não podemos abandonar os Marcos que precisam de nós e encontrar a solução só quando os Marcos já nos abandonaram.

Aqui o tempo não é dinheiro, é Amor.

A Paula corre por amor. Vamos também correr ao lado dela.

Almas desta têmpera não podem ficar sozinhas a construir moinhos de vento. Temos de pôr mãos à obra e dar-lhes tijolos, telhas e cimento, e tudo o mais que for preciso para não termos vergonha da nossa passividade perante tanta energia, tanta força para acreditar que as coisas impossíveis só precisam de muita fé e muito trabalho para se tornarem realidade.

Sei que a Paula já não está sozinha, que já alguns responderam ‘Presente!’ a esta onda de esperança que ela sabe tão bem fazer nascer nos que lhe acompanham o trajeto.

Pessoalmente, devo dizer que não foi a Paula que veio ter comigo para pedir ajuda. Fui eu que a chamei.

Li uma entrevista sobre a Associação Raríssimas, que ela fundou, sobre o seu trajeto com o filho raro que Deus lhe pôs nos braços, sobre a sua luta para não se deixar destruir pelas dificuldades, e quis de imediato mandá-la chamar e dizer-lhe, de mulher para mulher:

‘Olhe, Paula! Eu agora estou numa posição em que talvez as pessoas me ouçam. E o que eu quero fazer daqui é precisamente dar voz a quem a não tem, quero ser a correia de transmissão dos mais esquecidos, dos mais escondidos, dos mais abandonados. Daquelles que ninguém vê, que ninguém sabe que existem. Parece-me que o seu sonho encaixa bem neste meu objetivo prioritário’.

E hoje estamos aqui já com algum caminho andado.



Lançamento do CD da Campanha pela Casa dos Marcos da Associação Raríssimas, Lisboa, junho de 2007



Apresentação Pública do Conselho Científico da Associação Raríssimas, Lisboa, julho de 2008

Tenho a certeza que o sonho de todos nós, como de tantas mais pessoas que queremos conquistar para esta nossa causa, se vai tornar realidade. Já antecipo a nossa alegria coletiva no dia da inauguração. E o empenho com que partiremos para a tarefa que se seguir. Porque isto é uma cadeia, elo após elo, que não tem fim. Enquanto houver quem precise de nós! ”

Maria Cavaco Silva

Apresentação Pública do Conselho Científico da Raríssimas
– Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras
Hotel Tiara Park Atlântico, 3 de julho de 2008

Prefácio para o livro *Doenças Raras de A a Z – Volume III*,
da FEDRA – Federação das Doenças Raras de Portugal
janeiro de 2009

Este livro que a FEDRA (Federação das Doenças Raras de Portugal), constituída no ano passado, decidiu organizar, com a colaboração dos melhores especialistas desta área, é apenas mais um passo no caminho difícil que muitas almas de boa vontade têm percorrido, com persistência, para aumentar o nosso conhecimento sobre patologias raras.

Doenças raras de A a Z. Talvez de Ajudar a entender até Zelar pelo seu tratamento.

Tudo o que é raro atrai a nossa particular atenção.

Raro é precioso.

As patologias raras devem também ser-nos preciosas, porque exigem muito de nós.

Eu própria fui atraída para a causa das doenças raras através de uma pessoa (com quem quis de imediato entrar em contacto), impressionada pela dedicação que senti nesse envolvimento.



Apresentação Pública do Conselho Científico da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras, Lisboa, julho de 2008



Apresentação do livro *Doenças Raras de A a Z*, Fundação Calouste Gulbenkian, fevereiro de 2009

Com a Dr.^a Paula Costa, fundadora da Associação Raríssimas, aprendi que a causa era uma doação, um ato de amor.

Como em todas as missões, não admitia desistências perante as dificuldades. Que eram muitas. São sempre muitas. Mas não de molde a quebrar os ânimos. Porque dos fracos não reza a história e é importante dar a nossa força aos que amamos e são mais fracos do que nós.

Ao longo destes tempos, em que, ajudada por muitas outras pessoas, tenho tentado dar voz e visibilidade aos problemas e necessidades das pessoas atingidas por patologias raras e das suas famílias, o que mais tenho aprendido é o valor inalienável da vida. Vida frágil, vida difícil, mas vida que é sempre preciosa e rara para quem a ama.

Vida que acorda o que de melhor temos dentro de cada um de nós.

Tenho a certeza que este livro, que agora é posto à disposição de todos os que se interessam pela causa das doenças raras e raríssimas, vai ser uma grande ajuda para desbravar estas patologias ainda envoltas em enormes dificuldades de diagnóstico, enormes dificuldades de tratamento.

Maria Cavaco Silva

Apresentação do livro *Doenças Raras de A a Z*, integrada no âmbito das celebrações do Dia Europeu das Doenças Raras
Fundação Calouste Gulbenkian, 28 de fevereiro de 2009

Comemorações do Dia Europeu das Doenças Raras com apresentação pública do Conselho Científico da FEDRA – Federação das Doenças Raras de Portugal – e do Estudo Observacional para a elaboração do Registo de Doentes com Patologias Raras em Portugal

Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de fevereiro de 2010



Comemorações do Dia Europeu das Doenças Raras, Fundação Calouste Gulbenkian, fevereiro de 2010



Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa dos Marcos, Moita, julho de 2010

35

Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa dos Marcos, da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras

Moita, 1 de julho de 2010

“Hoje é um dia bom.

Muitos dos que estão aqui já sonhavam com ele há muito tempo.

Esta é uma história bonita que dá prazer partilhar.

Pela minha parte, acho que fui apanhada quase no princípio.

O Marco tinha-se ido embora havia pouco e a Paula estava muito sofrida, mas já cheia de planos.

Saibam todos os que aqui estão hoje que esta é uma história de amor entre uma mãe – Paula – e um filho – Marco –, que vai estender-se agora a muitas mais mães e muitos mais filhos.

Foi numa revista que, em abril de 2006, eu soube pela primeira vez desta história que me comoveu e me fez sentir que afinal o mundo é um lugar muito melhor do que andam por aí a apregoar.

Quis conhecer a Paula, e em boa hora o fiz, porque é sempre enriquecedor conhecer pessoas como a Paula. E nesse momento fiquei logo madrinha de alma do projeto que estava já todo no coração da Paula e começou a criar raízes em mim. Queria dar visibilidade ao sonho da construção da Casa dos Marcos e associar-me a esta ideia que, além de muito bonita, senti logo como muito necessária e pioneira no mundo difícil e complicado das Doenças Raras.

Nesse primeiro encontro a Paula já sabia tão bem o que queria fazer que achei que na cabeça dela a Casa dos Marcos até já estava mobilada. Tal é a força de acreditar! O que me chamou mais a atenção naquele caso de amor sem barreiras foi a infinita, total confiança, que o Marco tinha na mãe.

‘Mãe se já não há escola para mim, faz tu uma!’

Hoje, aqui, sabemos que o Marco tinha toda a razão.

Quando ele partiu, a Paula, que tinha um filho raro, decidi dedicar a sua vida a muitos filhos raríssimos. E se o Marco acreditava totalmente na Mãe, hoje, felizmente, já somos muitos a acreditar.

Hoje estamos a lançar a Primeira Pedra de um sonho que ela começou por sonhar sozinha, mas que teve a habilidade, a coragem e a capacidade de transformar num sonho coletivo que nos envolve a todos nós que aqui estamos e a todos os que aqui não estão.

Ela soube arrastar consigo, para além de muitas almas de boa vontade, pessoas de alto nível científico e técnico, que sabiam muito bem onde se estavam a meter.

Tivemos a alegria de em 2008 apresentar publicamente o Conselho Científico da Raríssimas, de que fazem parte vinte e dois conceituados cientistas de várias áreas. Tivemos a alegria de lançar este ano, no Dia Europeu das Doenças Raras – 9 de fevereiro – um livro importantíssimo para todas as pessoas que na sua vida são confrontadas com a necessidade de atender diretamente um dos seus familiares ou amigos com uma destas patologias: *Doenças Raras de A a Z*.

Nesse mesmo dia, foi apresentado o Estudo Observacional para a elaboração do Registo de Doentes com Patologias Raras em Portugal. Todos os envolvidos neste projeto sabem como estes são passos-chave para os que sofrem de doenças raras e raríssimas.

Este sonho abrange a sociedade que já somos, mas vai em direção a uma sociedade que todos queremos ser e temos a obrigação de ser: mais justa, mais capaz de responder aos problemas graves dos seus membros mais frágeis.

A Casa dos Marcos vai responder a uma das maiores aflições dos que lidam com os nossos cidadãos diferentes.

A preocupação maior que tenho encontrado em todas as famílias que têm a seu cargo pessoas com patologias mais ou menos incapacitantes é precisamente este grito de alma: como vou eu descansar um pouco? Quem vai tratar do meu ente querido quando eu desaparecer?

Como podemos tratá-los adequadamente, fazê-los felizes, cumprir a nossa responsabilidade afetiva e social para com eles?

O trabalho está longe de acabado, mas este momento é uma indicação tão forte de que vamos conseguir que temos o direito de celebrar.

Celebremos, pois, e acreditemos que estamos no bom caminho para, dentro de pouco tempo, nos juntarmos todos outra vez na inauguração da Casa dos Marcos. ”

Maria Cavaco Silva



Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa dos Marcos, Moita, julho de 2010



Sessão de Abertura da I Conferência Nacional de Doenças Raras, subordinada ao tema "O doente, a investigação e a política de saúde", organizada pela FEDRA – Federação das Doenças Raras de Portugal, no âmbito das comemorações do Dia Europeu das Doenças Raras
Fundação Calouste Gulbenkian, 24 de fevereiro de 2011

Apresentação do livro *Doenças Raras de A a Z – Volume III*, da FEDRA – Federação das Doenças Raras de Portugal, integrada na II Conferência do Dia Europeu das Doenças Raras
Aula Magna, Lisboa, 29 de fevereiro de 2012



Cerimónia Comemorativa do 10^º Aniversário da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras, com inauguração da Exposição fotográfica "Mais Perto do que é Raro", a perspetiva de 4 fotógrafos sobre 20 doentes com patologia rara
Restaurante Na Ordem com Luís Suspiro, 28 de setembro de 2012

I Conferência Nacional de Doenças Raras,
Fundação Calouste Gulbenkian, fevereiro de 2011.
António Vaz Carneiro e Rui Vilar



Apresentação do livro *Doenças Raras de A a Z* - Volume III, Lisboa, fevereiro de 2012



10º Aniversário da Associação Raríssimas, Lisboa, setembro de 2012



10º Aniversário da Associação Raríssimas, Lisboa, setembro de 2012

51**Cerimónia de Inauguração da Casa dos Marcos, da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras***Moita, 25 de novembro de 2013*

“Chegou finalmente o dia que tantos esperavam e para que tantos trabalharam. Hoje é tempo de nos alegrarmos com esta Casa, que é tão importante para todos, e infelizmente já são muitos os que precisam dos serviços que ela lhes vai prestar.

Finalmente, uma casa para os nossos cidadãos raríssimos.

Tenho muito orgulho em todos os meus afilhados, mas um carinho especial pela Casa dos Marcos, porque a acompanho desde que ela era apenas uma ideia na cabeça da Paula.

E podem crer que leva muito tempo, muito trabalho, muita paciência, muita perseverança, para da ideia passar à casa que temos aqui agora.

Dizem que o sonho comanda a vida e que pelo sonho é que vamos.

Mas quantos sonhos lindos ficaram pelo caminho, porque não tiveram por trás a teimosia de quem trabalhasse a sério para lhes dar alicerces e paredes.

Conheci a Paula e o seu sonho em 2006, assim que cheguei ao Palácio de Belém. Dirão que sete anos é muito tempo.

Sete anos de pastor Jacob servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela.

Afinal, sete anos é tempo curto para o amor que não se deixa morrer, que não se deixa matar. Camões sabia-o.

A Paula e todos – e foram muitos – os que percorreram este caminho longo com ela também o sabem.

Porque há amores tão longos que não se deixam desanimar pela ‘curta vida’.

As famílias, os amigos, que hoje estão aqui a regozijar-se porque finalmente este abrigo vai abrir as suas portas e janelas à Vida Rara são pessoas que conhecem a virtude da persistência, o valor da espera.

Esperar, teimando e fazendo.

Temos aqui o resultado de uma longa e bela teia que se foi tecendo com muitos fios que não deixámos quebrar.



Inauguração da Casa dos Marcos, Moita, novembro de 2013



Inauguração da Casa dos Marcos, Moita, novembro de 2013

E foram tantos a puxar esses fios, a entretecê-los, a dizer sempre que surgia mais algum obstáculo:

‘Só falta mais um bocadinho. Não vamos desistir. Vamos lá chegar!’

E chegámos. Estamos aqui hoje.

Mas não podemos esquecer que hoje é apenas o princípio de um final feliz.

Temos o Abrigo. O trabalho vai continuar.

Para todos desejo as maiores felicidades nesse trabalho que nos dignifica como comunidade.

Tenho muito orgulho no que o meu país está a fazer pelos seus cidadãos mais vulneráveis.

Fomos aprendizes tão empenhados em recuperar o tempo perdido que, hoje, quando visitamos as nossas instituições que trabalham na difícil e exigente área das fragilidades físicas e mentais, sentimos uma legítima vaidade pelos prémios de excelência recebidos, pelos enormes avanços nas competências humanas e tecnológicas que podemos testemunhar.

Foi tão grande o nosso empenho que hoje já muitos querem aprender connosco. Há pouco tempo recebi a visita da Primeira Dama da República Dominicana, que veio a Portugal com o único objetivo de visitar uma instituição ligada ao desenvolvimento infantil de crianças com problemas, para levar para o seu país pistas de trabalho nessa área.

A Casa dos Marcos é mais um marco – desculpem-me o trocadilho – nesse caminho andado.

Vamos continuar a andar.

Obrigada a todos e boa sorte para a caminhada.”

Maria Cavaco Silva



Encontro da Dr.ª Maria Cavaco Silva com SAR a Rainha D. Letizia de Espanha e a Presidente da Federação das Doenças Raras de Portugal, Dr.ª Paula Costa, Palácio de Belém, julho de 2014

Encontro da Senhora Dr.^a Maria Cavaco Silva e de SAR a Rainha D. Letizia de Espanha com a Presidente da Federação das Doenças Raras, Dr.^a Paula Costa, no âmbito da visita que os Reis de Espanha realizaram a Portugal

Palácio de Belém, 7 de julho de 2014

52

Sessão de Encerramento do II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras

Moita, 7 de novembro de 2014

“É com muito gosto que Portugal recebe o II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras.

Países diversos, continentes distintos, experiências múltiplas, reuniram-se na Casa dos Marcos, durante esta semana, com um tema comum: as doenças raras. É importante e urgente que o façamos, por todos os motivos, mas também porque não temos ainda um valor padrão de prevalência (a OMS ainda não o adotou) a partir do qual possamos, ou não, classificar todas as doenças raras. Também ainda não sabemos (só estimamos) quantas doenças raras diferentes existem e qual a sua verdadeira dimensão.

Em Portugal calcula-se que existam entre 600.000 a 800.000 pessoas – entre 6% a 8% da população – com estas doenças e calcula-se que, no atual conceito de doença rara, existam entre 5.000 a 8.000 patologias diferentes. Estamos, portanto, num universo que tem ainda muito a desbravar.

Sabemos que, para várias doenças raras, ainda que identificadas, a causa permanece desconhecida mas as características são comuns: conferem falta de autonomia, são incapacitantes, crónicas, degenerativas, de intervenção continuada e paliativa adequada ao nível dos sintomas e exigindo elevado apoio psicossocial, económico e cultural ao doente e à sua família.

Mas as doenças raras estão a captar a atenção dos investigadores de todo o Mundo para a descoberta de novos diagnósticos, métodos e novas moléculas



Sessão de Encerramento do II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras, Moita, novembro de 2014

que nos tragam a esperança no tratamento efetivo destes milhares de patologias tão distintas.

A Raríssimas está agora, como tem estado ao longo destes doze anos, na linha da frente desta luta e desta preocupação.

Sabendo destas dificuldades, mas consciente da esperança assente na investigação, a Raríssimas posicionou-se desde já na descoberta de novas doenças e novos tratamentos, e está a implementar o seu próprio Centro de Investigação, a que deu o nome de Rare Diseases Research Centre, a nascer aqui na Casa dos Marcos dentro de muito pouco tempo e sob a direção de uma das mais brilhantes investigadoras portuguesas, Maria do Carmo Fonseca, que está aqui connosco hoje.

Os progressos alcançados na abordagem de algumas destas doenças incentivam-nos a não desistir e a unir esforços para que continuem a desenvolver-se programas concertados no âmbito da investigação científica, saúde, solidariedade social e educação.

Temos assistido ao lançamento de iniciativas específicas para o apoio a estas doenças (a que chamamos raras ou órfãs) na comunidade e um pouco por todo o mundo, mas com especial relevo na Europa e nos Estados Unidos da América. A raridade, a gravidade e a multiplicidade das doenças ainda são fatores desfavoráveis a intervenções, sustentadas e com sucesso, por parte dos diversos setores.

Penso que o encontro destes dez países é a manifestação do reconhecimento de que devemos intervir de forma integrada e parceira, olhando a realidade de cada um de nós em termos de recursos e das necessidades e expectativas dos doentes e das suas famílias.

Há que partilhar responsabilidades e iniciativas entre as políticas públicas de cada país, os doentes ou os seus representantes, os profissionais de saúde, os investigadores e também as empresas farmacêuticas.

A criação de bases de dados – essenciais aos estudos epidemiológicos – e a criação de consensos para o diagnóstico, tratamento e prevenção são tão determinantes quanto a criação de redes de referência que interliguem as estruturas de investigação, diagnóstico e cuidados com os centros de recursos que acolhem os doentes.

Em Portugal nasce o único Centro de Recursos em Doenças Raras da Europa, a Casa dos Marcos, com um modelo integrado, que reúne todas as respostas, de A a Z, de que os doentes e as suas famílias necessitam.

Queremos que a Casa dos Marcos se posicione como um centro de excelência, porque a tem, e mereça uma reflexão séria no que diz respeito ao apoio à sua atividade.

Todos os que aqui estamos, todos os que participaram no II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras estão felizes hoje. Vimos nascer um projeto pioneiro, financiado também por empresas que cumprem a sua responsabilidade social.

Sabemos que estes projetos são difíceis e que as dificuldades não terminam, antes crescem todos os dias, porque o seu funcionamento é muito exigente. Desejo que este barco consiga ultrapassar os problemas – os tempos não vão calmos – que com certeza vai encontrar no caminho. São muitos os obstáculos a vencer e todos os que trabalham na Raríssimas sabem que a vida nunca é fácil.

O êxito que lhes desejo do fundo do coração é em nome dos que veem nesta casa um porto de abrigo para as suas angústias e problemas.

Orgulho-me muito de ter acompanhado este projeto desde o início, mas estou ainda mais feliz por saber que hoje os meus afilhados raríssimos têm ao seu dispor tratamentos e condições que provavelmente não encontrarão noutra local. A todos vós deixo o meu profundo sentimento de missão cumprida. A Raríssimas tem capacidade para crescer e sei que o vai fazer com todo o empenhamento que tem demonstrado ao longo destes anos de lutas, vitórias e uma teimosia que nunca a deixou parar.

As vitórias fazem-se também de pequenas derrotas. Sigam-lhe o exemplo e vão vencer.”

Maria Cavaco Silva



Cerimónia de Lançamento do Projeto Quinta dos Marcos, no Porto

Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, Porto, 6 de fevereiro de 2015

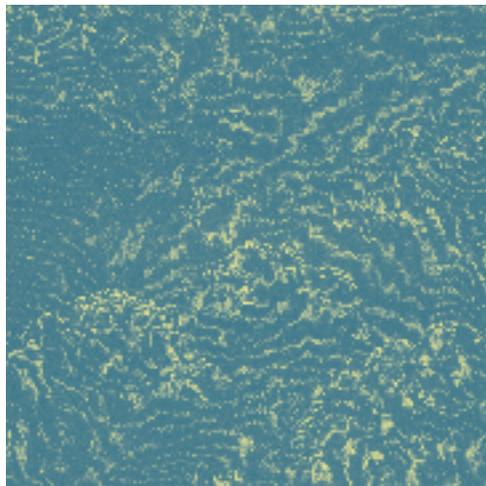
Mensagem

“O Colo dos Meninos Raros

Mais um passo, neste sonho antigo da Raríssimas... Um sonho tão bonito! Todos precisamos muito uns dos outros, mas alguns precisam mais do que outros. Esse apego, esse amor que não morre! Não duvido que esta nova quinta vai acolher mais Marcos, Gonçalves, Célias, Marias e todos aqueles (e são tantos) que precisam destes espaços. Todos vão ser acolhidos ao colo. Ao colo das vossas boas vontades, do vosso amor. Porque isto é um projeto de amor, um projeto de afetos. Um projeto de um amor que não morre – entre filhos e mães, entre pais e filhos. Filhos diferentes, que precisam mais de nós e do nosso apoio! Sei que vão conseguir que este projeto seja mais um passo em frente para todos estes meninos que precisam tanto de nós. É com grande alegria que sei que este passo vai ser extraordinariamente importante para todos os nossos jovens raros, crianças raríssimas.”

Maria Cavaco Silva





SER DIFERENTE

Ser solidário é não ser indiferente, é ter coragem de enfrentar de peito aberto os desafios desta estranha e complexa humanidade. É ter, à flor da pele, a sensibilidade para sentir o outro, as suas carências, fragilidades e necessidades. É amar o próximo independentemente da sua beleza, aptidão física ou capacidade intelectual. É sentir na alma as suas dores físicas, morais e sociais e empenhar-se em curar ou minorar esse sofrimento.

Conheço alguém que por ser genuinamente solidário, não é indiferente. Alguém que quis conhecer, ver de perto, ouvir, tocar e sentir o drama das pessoas deficientes e das suas famílias.

Conheci a Dr.^a Maria Cavaco Silva, num dia de dezembro de 2006, durante um evento na Liga Portuguesa dos Deficientes Motores. Fomos apresentadas e a empatia foi imediata. Quis saber tudo sobre a minha Associação, os seus utentes, famílias e como era ser mãe de alguém com a Síndrome de Down. Apercebi-me então de que este interesse não era mera curiosidade mas a vontade de abraçar a deficiência como causa sua e fazer dela a sua bandeira.

Desde então a CEDEMA, como muitas outras associações e movimentos, usufruiu do seu apoio, da sua presença, do seu carinho e preocupação. Generosa, de sorriso cativante e preocupação genuína, a todos conquistou, colhendo o maior troféu de todos: o seu amor e reconhecimento.

Promoveu encontros e eventos onde se discutiram importantes questões relacionadas com a deficiência e se encontraram algumas soluções.

Todos sabemos o que é a deficiência nas suas múltiplas facetas e a enorme dificuldade para providenciar os recursos necessários para a felicidade e o bem-estar destas pessoas, sobretudo na deficiência cognitiva e quando existe risco de exclusão.

Durante estes anos tentou conhecer, acompanhar e dar forma e força aos nossos projetos.

Hoje é Madrinha do nosso "Telhadinho", projeto que conheceu no papel e que acompanhou até à sua inauguração, no dia 22 de abril de 2014.

Dr.^a Maria, obrigada por ser quem é, não pelo lugar que ocupa mas pelas suas enormes qualidades humanas, de mulher, mãe e cidadã.

Maria Antónia Machado, Presidente da CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos

9

Cerimónia inaugural das Comemorações dos 50 Anos da Casa de Saúde S. José

Areias de Vilar, Barcelos, 31 de janeiro de 2007

“ Já Fernando Pessoa escreve:

Sem a loucura que é o homem

Mais que a besta sadia,

Cadáver adiado que procria?

Quase todos conhecemos estes versos do poema *D. Sebastião*, um grande louco da nossa história, e gostamos de os citar, como eu estou a fazer aqui agora. E estou a citá-los porque quando falamos de heróis e de santos é sempre de loucura que falamos.

É uma loucura lúcida, claro.

É a loucura de ultrapassar os limites, de levar o amor a Deus e aos outros – o que é o mesmo – a extremos longe da razão.

Quando estamos numa instituição como esta, em que o fundador é S. João de Deus, as palavras *loucos* e *loucura* vêm-nos à mente, talvez porque a Casa de Saúde do Telhal, e tantas outras após ela, estão muito associadas à saúde mental.

Sabemos que no tempo de S. João de Deus a santidade andava mesmo, na sensibilidade popular, muito ligada ao desarranjo mental e a um certo desregramento comportamental.

Não é João Cidade o único a ter esse comportamento mas é com ele que a ligação entre santo e louco se torna, por assim dizer, paradigmática.

João Cidade, pelo seu trajeto de vida vário e acidentado, acaba por se ver assemelhado àqueles a quem dedica prioritariamente a sua atenção – os loucos – talvez por ter sentido na pele os ‘tratamentos’ a que eram submetidos.

Não se esgota aqui a sua ação, porque todo o sofrimento provocava imediatamente nele a vontade de ajudar.

Do muito que aqui vi, ouvi e aprendi hoje ficou a noção do alargamento, aliás no espírito do próprio S. João, que a passagem dos séculos e o empenhamento dos seus seguidores impuseram às atividades da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.



Comemorações dos 50 Anos da Casa de Saúde S. José, Barcelos, janeiro de 2007



Comemorações dos 50 Anos da Casa de Saúde S. José, Barcelos, janeiro de 2007

Longo foi o caminho percorrido desde o pioneirismo de S. João de Deus, no século XVI, e não podemos analisar com olhos de hoje o que se fazia ontem, seja em que área for. A evolução dos conhecimentos responsabiliza-nos sempre mais e mais e muito fez João Cidade com o que se sabia no seu tempo.

É com grande regozijo de alma que hoje entrei em contacto direto com uma obra que conhecia teoricamente e que admirava já. Reconheço agora que com pouco conhecimento de causa, porque não há nada como pisar o terreno, conhecer a realidade do dia a dia das instituições, saber o que fazem e como fazem, principalmente conhecer as pessoas que empenham coração e vida ao serviço dos outros.

É essa a loucura sã – a loucura lúcida – que dá asas ao ser humano e o faz voar até ao irmão que sofre.

Estive agora na Índia, como sabem. E por lá, na miséria indizível de tantos milhares de pessoas a viver abaixo de um mínimo aceitável, pareceu-me adivinhar um fantasma branco, engelhado, pequenino, que espalhava ainda gestos de amor pelos mais pobres dos pobres e lhes dava o seu sorriso.

Madre Teresa de Calcutá, João Cidade e tantos, tantos mais! Exemplos não nos faltam! Assim nós os saibamos seguir e sejamos capazes de estender a nossa mão ao irmão que precisa de nós. Foi isso que eu encontrei aqui hoje: mãos estendidas, mãos agarradas.

Mãos dadas, afinal!

Bem-hajam pela lição de amor que aprendi hoje nesta Casa!

No início das comemorações dos 50 Anos da Casa de Saúde S. José desejo que este tempo de balanço, como são todos os aniversários, seja frutuoso.

Que se analise o que foi feito no passado para que, com a experiência adquirida com os erros e os êxitos, se construa um futuro sempre melhor ao serviço dos outros.

Muitos parabéns e ótimo trabalho.”

Maria Cavaco Silva



Comemorações do 25º Aniversário da CEDEMA, Odivelas, fevereiro de 2007

10**Sessão de Encerramento das Comemorações do 25º Aniversário da CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos***Centro Cultural da Malaposta, Odivelas, 16 de fevereiro de 2007*

“*Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!*
Cristalizações, Cesário Verde

Estamos hoje a encerrar com o Festival dos Sentidos as Comemorações do 25º Aniversário da CEDEMA.

Primeiro quero congratular-me pelo acordo acabado de celebrar entre a CEDEMA e a MALAPOSTA.

É-me particularmente caro, porque une de uma forma interativa duas preocupações-chave que me têm acompanhado e perseguido ao longo de toda a minha vida: a arte e suas expressões várias e a necessidade, cada vez mais premente, de chegarmos aos que precisam de nós, de forma eficaz mas sem lamechices.

Em boa hora a CEDEMA e a MALAPOSTA perceberam que juntando boas vontades e energias se vai sempre mais longe.

E os nossos tempos obrigam-nos todos os dias a irmos mais longe.

Os cinco sentidos referidos no originalíssimo verso de Cesário Verde, com que iniciei estas minhas breves palavras, para marcar a minha presença entre vós e o meu empenhamento no vosso projeto, já não são só cinco...

À medida que o tempo passa, os sentidos dos homens e das coisas parecem multiplicar-se em infinitas capacidades que vamos descobrindo.

E são precisamente estes seres humanos raros que hoje aqui temos connosco que, paradoxalmente, nos vão fazendo descobrir essa multiplicidade de sentidos, que nem sequer sabíamos existirem.

Tempos houve em que todas estas pessoas atacadas por um ou outro mal que não estava diagnosticado nem compreendido, eram consideradas ‘limitadas’.



Comemorações do 25º Aniversário da CEDEMA, Loures, fevereiro de 2007

Agora sabemos que para cada porta que se fecha, se abrem várias janelas e, felizmente, já queremos e temos meios para as encontrar.

Nas minhas muitas visitas a associações que se dedicam e preocupam com os nossos cidadãos diferentes tenho aprendido tanto sobre as capacidades humanas de ultrapassar limitações – há uns quantos anos consideradas barreiras intransponíveis – que estou muito otimista.

A passagem do tempo, que nos fez descobrir que afinal todos têm mais sentidos do que os cinco tradicionais, deu-nos uma alegria e uma preocupação.

A alegria de os termos mais longamente no nosso convívio.

A preocupação, que todos aqui sentem tão bem, de sabermos que a vida dos pais que cuidam agora já é mais curta que a dos filhos que são cuidados.

E não queremos que lhes falte nada de essencial. A capacidade de desenvolverem as suas autonomias próprias, o carinho, o sentirem-se integrados num mundo onde também têm um papel a cumprir.

Ao longo deste ano em que, como mulher do Presidente, tenho sido chamada a estar presente em muitas instituições que se dedicam ao amparo dos nossos cidadãos especiais, percebi que era esta a preocupação a que me queria dedicar mais. Porque a acho a mais difícil. Porque a acho urgentíssima. O tempo não para nem espera por nós.

Todos os pais e mães que aqui estão hoje percebem o que quero dizer.

E têm um projeto urgente, porque é um projeto de luta contra o tempo.

Os pais envelhecem e têm o pânico de não conseguirem encontrar quem os substitua no cuidado dos seus descendentes especiais e diferentes.

Que têm capacidades, como todos os seres humanos têm capacidades.

E que são preciosos, como todos os seres humanos são preciosos.

Mas que têm pouca habilidade para lidar com a vida do dia a dia. Aquelas coisas que nos parecem simples e rotineiras tornam-se às vezes um quebracabeças para eles.

São capazes de cantar, pintar, tratar de flores e jardins, emocionam-se com a música ou o teatro. Mas alguns talvez se atralhem um pouco a lidar com tachos e panelas.

Precisam, em suma, de um Telhadinho que os abrigue e os proteja de modo a poderem ser felizes.

E que os pais possam viver sem a angústia permanente de se interrogarem: ‘E depois, como é que vai ser?’.

O melhor ponto final nestas comemorações dos 25 Anos da CEDEMA – tanto tempo já e tanto foi já feito – é percebermos todos este novo desafio que a sociedade dos nossos dias enfrenta.

Só posso pedir-vos, emocionada mas confiante:

‘Por favor, vamos todos pôr uma telha neste Telhadinho!’”

Maria Cavaco Silva

Cerimónia de Apresentação das Ações Special Olympics Portugal
Sede do Comité Olímpico de Portugal, Lisboa, 19 de abril de 2007

Visita ao Centro de Atividades Ocupacionais da CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos
Lisboa, 15 de maio de 2007

16

Cerimónia Oficial do Lançamento da Fundação S. João de Deus
Centro Ismaili de Lisboa, 12 de junho de 2007

“Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Irmãos da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

É bom partilhar convosco este momento especial em que colocamos mais um marco na história da vossa Ordem e ao mesmo tempo assinalamos quatro séculos da vossa presença em Portugal.

Sinto-me honrada com o vosso convite.

A Ordem Hospitaleira de S. João de Deus tem uma obra notável em Portugal e que, infelizmente, nem sempre mereceu a atenção e o reconhecimento dos portugueses.

Compreende-se a razão. Ao escolher trabalhar com as pessoas mais excluídas



Cerimónia de Apresentação das Ações Special Olympics Portugal, Lisboa, abril de 2007



Visita ao Centro de Atividades Ocupacionais da CEDEMA, Lisboa, maio de 2007



Cerimónia Oficial do Lançamento da Fundação S. João de Deus, Lisboa, junho de 2007

da sociedade, entre elas principalmente os doentes mentais, são eles próprios, os irmãos da Ordem, que se condenam a um certo esquecimento.

Os portugueses – mas nisso não estamos com certeza sozinhos – lidam mal com este problema. O estigma que lhe está associado é de tal forma poderoso que são as próprias famílias a tentar ‘ignorar’ ou a ‘esquecer’ os seus mais próximos. E isto apenas porque não sabem lidar com a sua estranheza.

Por isso, é grande a admiração que nutro pelo vosso trabalho, pela vossa persistência, pela dádiva plena que preenche as vossas vidas. É uma forma sublime de viver o amor ao próximo, mas tão difícil que só está ao alcance de alguns.

Lidar com o sofrimento humano de carácter prolongado, seja ele qual for, exige não só a terapia, mas, como lembrava S. João de Deus, um ‘profundo calor humano’. Esse ‘calor humano’ talvez se vá tornando um pouco mais raro, o que o torna cada vez mais necessário.

Assistimos, por um lado, ao crescimento de um certo materialismo no nosso quotidiano, mas, por outro, e falo por experiência, há cada vez mais almas de boa vontade a sentirem-se realizadas na ajuda voluntária aos outros.

Tenho conhecimento que a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus tem vindo a alargar o leque das suas atividades. São cada vez mais as crianças, os idosos e os dependentes que beneficiam do apoio nos diferentes centros assistenciais em Portugal, em Moçambique, no Brasil e em Timor-Leste.

Obrigada pela vossa obra e pelo vosso amor e dedicação à causa dos mais pobres entre os pobres.

A Fundação S. João de Deus, hoje oficialmente lançada nesta cerimónia, tem pela frente grandes desafios. Espero que esta seja a solução institucional para melhor lhes dar resposta.

A sociedade de hoje não se compadece com o tradicional voluntarismo.

Hoje precisamos de mais e melhor organização das instituições de solidariedade social de forma a prestar melhores serviços e a propiciar mais bem-estar e dignidade àqueles que, tocados pela doença e pelo abatimento, têm o direito de serem tratados como seres humanos, como pessoas e como próximos.

O teu próximo é aquele que está ao teu lado e precisa de ti – regra de ouro que os Irmãos cumprem exemplarmente há séculos, e até vão mais longe, procurando valer mesmo àqueles que não têm força nem discernimento para se aproximarem.

Face à escassez de recursos e ao avolumar dos problemas, é igualmente necessário que essas instituições unam esforços, partilhem os recursos disponíveis e coordenem as suas ações de forma a conferir maior sustentabilidade à sua ação social.

É com agrado que assisto ao lançamento da Fundação no Centro Ismaili de Lisboa, associado à Rede Aga Khan. Espero que a colaboração entre estas duas instituições possa ir mais longe – estou a pensar em Moçambique, país em que estão presentes através de obras e projetos de grande mérito e que, como já sabem todos, é um país que está para sempre ligado ao meu coração – e que possa constituir um exemplo de como a cooperação entre instituições é o caminho a seguir.

Afinal, todos temos o mesmo objetivo: combater a pobreza e a exclusão social, defender em todas as suas dimensões essa causa de tornarmos mais felizes milhares e milhares de seres humanos que sofrem com os horrores da guerra, da doença, da pobreza, sem que possam partilhar connosco os benefícios do progresso e do bem-estar.

A propósito dos males da guerra, neste momento do lançamento oficial da Fundação S. João de Deus, quero chamar particularmente a vossa atenção para a sua primeira campanha de solidariedade: Inocentes de Guerra.

O Hospital S. João de Deus em Montemor-o-Novo, terra natal de S. João de Deus, há mais de meio século que presta assistência na área da Ortopedia e Reabilitação, estando por isso, com a nossa ajuda, particularmente vocacionado para levar a bom porto esta tarefa. Com a Fundação vamos todos ajudar as crianças vítimas de rebentamento de minas em Angola, problema para o qual a princesa Diana, cuja morte ocorreu há já dez anos, chamou tanto a atenção do mundo.

O projeto é ambicioso porque, para lá da reabilitação dos jovens ‘inocentes de guerra’, não descuro a sua escolarização e formação nas áreas específicas da reabilitação, permitindo-lhes voltar à sua terra aptos a, por sua vez, ajudarem outros. Não podemos deixar cair esta oportunidade de estabelecermos mais uma ponte de ligação a Angola, país a que estamos unidos por tanta história, boa e má, e afetos, esses só bons.

Quero deixar votos de felicidades para os vossos objetivos e a expressão do profundo reconhecimento pela obra que têm vindo a construir, aqui em Por-



Visita à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal, julho de 2008

tugal e um pouco por todo o mundo, em benefício dos mais desfavorecidos. E o desejo sincero de que este novo passo seja tão bem sucedido quanto desejais. Que as pessoas saibam mais sobre o que estão a fazer há quatro séculos entre nós, porque assim terão mais vontade de vos ajudar. Longe da vista, longe do coração – diz a sabedoria popular. Não se afastem da nossa vista para que o nosso coração possa estar convosco. Quando visitei a Casa de Saúde de S. José em Areias de Vilar, tive ocasião de ver com os olhos e com o coração, de partilhar convosco momentos inesquecíveis e perceber como é difícil a área em que exercestes a vossa partilha de amor. Bem-hajam pelo muito que já fizeram! ”

Maria Cavaco Silva

Visita à APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal e à Exposição “A multideficiência – Um trabalho de dedicação”

Quinta da Serralheira, Setúbal, 16 de julho de 2008

Visita à Fundação Irene Rolo

Tavira, 19 de agosto de 2008

Visita ao Palácio de Belém de um grupo de 14 alunos, portadores de mobilidade reduzida, da Escola EB1 n.º 204, do Agrupamento de Escolas Prof. Lindley Cintra, inserida no Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian

Palácio de Belém, 27 de abril de 2009

Inauguração e visita às novas instalações do CRID – Centro de Reabilitação e Integração de Deficientes

Cascais, 5 de junho de 2009



Visita ao Palácio de Belém de um grupo de 14 alunos, portadores de mobilidade reduzida, abril de 2009



Visita ao Palácio de Belém de um grupo de 14 alunos, portadores de mobilidade reduzida, abril de 2009

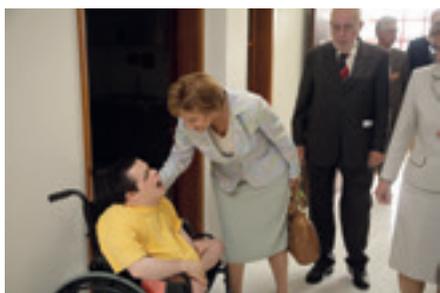
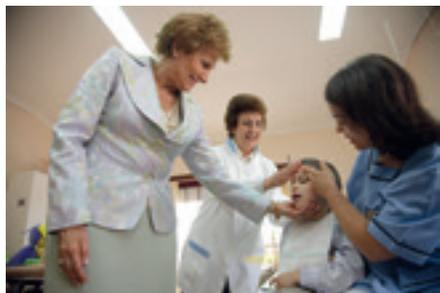


Inauguração das novas instalações do CRID, Cascais, junho de 2009



Inauguração das novas instalações do CRID, Cascais, junho de 2009





Jornadas "Diferentes formas de comunicação na deficiência", Centro João Paulo II, Fátima, julho de 2009

29

Sessão de Encerramento das Jornadas "Diferentes formas de comunicação na deficiência", no Centro João Paulo II, em Fátima

Fátima, 1 de julho de 2009

“Tenho a certeza que, depois destas Jornadas, o mundo ficou um bocadinho melhor. Sempre que nos reunimos com o objetivo de pôr em comum o que sabemos sobre os nossos irmãos diferentes ficamos mais ricos porque ficamos todos a saber mais. Estas Jornadas foram precisamente sobre comunicação, uma comunicação aumentativa. Aquilo de que necessitamos quando queremos chegar aos que amamos, precisam de nós e têm mais dificuldades em nos entenderem. E confirmámos com certeza que, se a falar é que nos entendemos (e por vezes também nos desentendemos), há muitas maneiras de falar. Com os olhos, com os gestos, com a música, com a dança, com sons, com silêncios. Creio que já não é segredo para ninguém que estas Jornadas, com que o Centro João Paulo II quis comemorar os seus vinte anos de existência ao serviço da Deficiência, me são particularmente caras. Porque os cidadãos diferentes, com necessidades diferentes, fazem parte, de uma maneira especial, das minhas preocupações. Porque comunicar – sendo eu a minha vida inteira Professora de línguas e culturas – faz parte da minha formação e da minha profissão. As atitudes para com os cidadãos diferentes melhoraram muito nas últimas décadas e todos os que aqui estão e pertencem a gerações mais velhas sabem do que estou a falar. A mudança de mentalidades foi acompanhada, e muito ajudada, pelas novas tecnologias, que vieram abrir muitas portas às dificuldades de comunicação, de mobilidade e outras, dos nossos cidadãos atingidos por incapacidade. É nosso dever aproveitar ao máximo todas as oportunidades que os novos tempos nos dão e resgatar assim o que os velhos tempos não puderam e não quiseram fazer. Estamos hoje aqui, numa casa que há vinte anos se dedica totalmente aos mais frágeis de todos nós, a encerrar umas Jornadas que abriram novos rumos para todos os que se preocupam com a Deficiência: os que a sofrem e os que a tratam e amparam.



Relançamento do portal de acessibilidades www.portugalaccessivel.com, da Associação Salvador, Centro Cultural de Belém, dezembro de 2009



Festa de Natal da Fundação LIGA, Lisboa, dezembro de 2009



Visita ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha, maio de 2010



Visita à CERCICAPER, Castanheira de Pera, outubro de 2010

Vamos mais animados porque sabemos que hoje estamos melhor do que estávamos ontem, mas estamos pior do que estaremos amanhã.
A caminhada continua e queremos fazer o caminho de mãos dadas.
Assim chegaremos lá! ”

Maria Cavaco Silva

Relançamento do portal de acessibilidades www.portugalaccessivel.com,
da Associação Salvador

Centro Cultural de Belém, 10 de dezembro de 2009

Festa de Natal da Fundação LIGA

Sede da LPDM, Lisboa, 22 de dezembro de 2009

Sessão Solene de Abertura das Comemorações do 35º Aniversário
da CERCIOEIRAS – Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos
com Incapacidade

Barcarena, 17 de março de 2010

Visita ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor
nas Caldas da Rainha

Caldas da Rainha, 7 de maio de 2010

Visita ao Núcleo Regional de Faro da Associação Portuguesa
de Paralisia Cerebral

Faro, 26 de maio de 2010

Cerimónia de Abertura do Campeonato do Mundo de Boccia Lisboa 2010

Estádio Universitário de Lisboa, 1 de junho de 2010

Visita à CERCICAPER – Cooperativa para a Educação e Reabilitação
de Crianças Inadaptadas de Castanheira de Pera

Castanheira de Pera, 29 de outubro de 2010



Comemorações do 35º Aniversário da CERCIOEIRAS, Barcarena, março de 2010



Visita ao Núcleo Regional de Faro da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, Faro, maio de 2010



Cerimónia de Abertura do Campeonato do Mundo de Boccia, Lisboa, junho de 2010

36**Cerimónia de Abertura do I Colóquio Internacional do Pais-em-Rede, subordinado ao tema “A Força dos Pais”***Fundação Calouste Gulbenkian, 6 de novembro de 2010*

“Este é o primeiro Colóquio do Pais-em-Rede. E esta é uma Rede em que, desde o início, me quis deixar enredar. Espero que o mesmo aconteça com muitos mais, como já aconteceu com tantos até hoje. Uma Rede que, apesar do seu nascimento recente, cresceu de modo a deixar-nos cheios de Esperança no seu futuro. E todos nós precisamos muito desse futuro. Não queremos um futuro escondido para os nossos cidadãos diferentes. Estes Pais tiveram a noção de que era preciso quebrar, ou começar a quebrar, a invisibilidade dos seus filhos. Olhos que não veem, coração que não sente, dizemos nós. Estes Pais quiseram abrir os nossos olhos, para assim chegarem ao nosso coração. E pô-lo a sentir, obrigá-lo a sentir. Se temos cerca de 800.000 pessoas com deficiência no nosso mundo de 10 milhões de cidadãos, eles não podem continuar invisíveis. Têm de andar connosco nas ruas, nos jardins, nas lojas, nas escolas, nas universidades, nos museus, nos teatros. Isto é, na vida de todos os dias de toda a gente. Quando a Luísa Beltrão foi receber o Prémio Mulher ACTIVA este ano, no dia 8 de março, definiu-o precisamente como o Prémio da visibilidade. Se a legislação é boa – e todos acham que é – vamos fazer com que essa bondade se verifique na vida das pessoas para quem foi criada. Não é fácil ser uma pessoa diferente, não é fácil ser familiar de uma pessoa diferente. Será mais difícil em Portugal? Não sei. Mas sei que já foi muito mais difícil e tenho constatado, com a minha presença assídua no terreno, que se percorreu muito caminho na direção certa. A origem primeira desses avanços no caminho certo tem sempre o mesmo ponto de partida – a rede do Amor.



Cerimónia de Abertura do I Colóquio Internacional do Pais-em-Rede, Fundação Calouste Gulbenkian, novembro de 2010

E o amor primeiro que envolve estas pessoas diferentes é sempre o da família. As famílias que ficam sempre aflitas, desorientadas, confusas, sem saberem o que hão de fazer, mas que a pouco e pouco se erguem do seu sofrimento e, com a força que lhes dá esse amor, vão tentando encontrar, e encontram mesmo, soluções.

O Pais-em-Rede nasceu para, em união e numa rede que cubra todo o país, acalmar angústias, encontrar caminhos que possibilitem aos seus filhos serem cidadãos de pleno direito numa sociedade que não pode, não deve, ignorá-los.

Em pouco tempo conseguiu muito.

No dia 24 de setembro deste ano promovi uma reunião em Belém, em que estiveram presentes 23 representantes do Pais-em-Rede.

Foi um momento muito especial para mim e para todos os que participaram na iniciativa.

Todos tiveram ocasião de falar e apresentar-me em pormenor o ponto da situação dos núcleos em que trabalhavam.

Fiquei assim com uma informação muito detalhada do que está a acontecer e gostaria de resumir a minha ideia final com uma expressão do núcleo do Porto: 'O Norte está bem e recomenda-se'.

Senti que o Pais-em-Rede está bem e recomenda-se.

Na primavera de 2010 aconteceu a primeira Oficina de Pais, que promete continuar a alargar-se a todo o país em 2011.

Escusado será apontar a importância que têm estas oficinas para estes pais, tantas vezes aflitos e com medo de não serem capazes de dar as respostas mais adequadas ao problema do seu filho.

Elas ajudam-nos na sua formação para esta paternidade mais difícil que todas as outras (que já não são fáceis).

Sem pais formados, ativos e conscientes do seu papel não é possível a inclusão com que todos sonhamos.

Tenho muita confiança e muita esperança nas Oficinas de Pais.

Quero salientar aqui, com muito agrado, o envolvimento do ISPA e da Fundação Gulbenkian, em cuja casa estamos hoje.

Cada um dá o que tem e assim, de mãos dadas, o caminho é mais fácil de percorrer.

Esperemos que também seja mais rápido, porque todos ansiamos pelos resultados práticos.

Este I Colóquio vai estender a rede para apanhar nas suas malhas todos os que precisam de ajuda e querem procurá-la e encontrá-la em conjunto.

O sofrimento e o conhecimento partilhados são mais ricos. O sofrimento acalma quando verificamos que não estamos sozinhos. O conhecimento cresce quando juntamos os nossos saberes.

Daqui também a importância deste I Colóquio.

Já há tempo, num dos vários discursos que o meu marido fez, tentando abrir os olhos das pessoas para as dificuldades que se aproximavam e alguns tentavam ignorar, ele disse uma frase que me ficou gravada na memória: ‘Vêm aí tempos em que vamos todos precisar muito uns dos outros’.

Ainda bem que estes Pais em Rede perceberam esta mensagem, que afinal é de todos os tempos, porque nós precisamos sempre muito uns dos outros e não fazemos nada sozinhos.

E puseram-na em prática, contra o egoísmo, contra o individualismo doentio que às vezes encontramos a atrapalhar-nos o caminho, porque todos os que estão aqui hoje querem que seja solidário e plural.

Bem-hajam! Desejo-vos um ótimo trabalho.

Tenho muito orgulho em ter estado convosco desde o início.

Tenho muito orgulho em ser vossa Madrinha.”

Maria Cavaco Silva

Visita à CERCIESTA – Cooperativa para a Educação e Reabilitação das Crianças Inadaptadas de Estarreja

Estarreja, 16 de novembro de 2010

Cerimónia de Entrega de Apoios da Ação Qualidade de Vida 2010, promovida pela Associação Salvador

Espaço BES Arte e Finança, Lisboa, 9 de dezembro de 2010



Visita à CERCIESTA, Estarreja, novembro de 2010



Cerimónia de Entrega de Apoios da Ação Qualidade de Vida 2010, Lisboa, dezembro de 2010



Visita à CERCIESTA, Estarreja, novembro de 2010



Visita à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Lisboa, dezembro de 2010



Cerimónia de Entrega de Apoios da Ação Qualidade de Vida 2010, Lisboa, dezembro de 2010



Visita à Fundação AFID Diferença, Alfragide, dezembro de 2010



Visita à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Castelo Branco, dezembro de 2010



Inauguração do III Festival dos Sentidos, Odivelas, fevereiro de 2011

Visita à Fundação AFID Diferença – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente

Alfragide, 16 de dezembro de 2010

Visita à APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Lisboa

Lisboa, 20 de dezembro de 2010

Visita à APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Castelo Branco

Castelo Branco, 21 de dezembro de 2010

Inauguração do III Festival dos Sentidos, organizado pela CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos

Odivelas, 15 de fevereiro de 2011

41

Cerimónia de Entrega dos Diplomas de Certificação de Qualidade EQUASS – Qualidade Europeia em Serviços Sociais – Nível II – Excelência, à Fundação AFID Diferença – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente

Museu da Eletricidade, Lisboa, 18 de maio de 2011

“ Há horas felizes em dias felizes.

Muitas vezes gostamos de utilizar esta expressão ligada a momentos de sorte no Euromilhões ou na Lotaria.

Para aliciar os possíveis compradores com um aumento do seu pecúlio de uma hora para a outra, de repente e sem grande esforço.

É só questão de acertar nos números, ter um momento de sorte que cai não se sabe muito bem donde.

Às vezes julgamos que caiu do céu e, mais tarde, enredados em muitas complicações, percebemos que não foi bem assim.

Mas do que eu gosto mesmo é destas horas felizes, de dias muito felizes, como o que celebramos todos aqui hoje.

Que bela razão para celebrarmos.

Trabalho aturado, durante quase trinta anos, reconhecido diariamente por todos – clientes e familiares – que beneficiam dos serviços que tanta diferença fazem no seu dia a dia, cheio de barreiras difíceis a vencer.

Um trabalho feito com muito profissionalismo mas também com muito afeto, porque nada vinga verdadeiramente se não vier da alma.

E imaginem que também eu, sem ser avisada, fiz parte das horas felizes do dia feliz em que foi atribuído o Certificado EQUASS – Qualidade Europeia em Serviços Sociais, Nível Excelência, à AFID.

Já há algum tempo que estava nos meus planos visitar a AFID, para partilhar com todos os que lá passam os seus dias a enorme admiração e gratidão que me merecem. Naquele frio dia 16 de dezembro de 2010, o pretexto foi imediatamente agarrado, porque se tratava de inaugurar o Presépio.

Quando lá cheguei, vi que era enorme e lindíssimo, e estava na rua porque exigia muito espaço.

A nós exigia apenas casacões para a cerimónia, o que as fotografias do luminoso dia de inverno testemunham.

Visitei demoradamente a AFID, como é meu hábito, perguntando e ouvindo, contactando com uma realidade que, como todos sabem, me interessa muito. Entretanto, o inquérito seguia o seu curso e, quando fui apresentada aos três membros do Comité da entidade europeia de atribuição do Certificado de Excelência em Serviço Social, tive ocasião de dar a minha opinião sincera sobre o que tinha acabado de testemunhar *in loco*.

Para mim tinha sido um dia muito feliz e, quando soube da atribuição do certificado de excelência, achei que só vinha dar razão a tudo o que tinha visto na minha visita.

Vamos agora entregar os diplomas.

Todos temos a certeza que continuaremos a ter na AFID horas felizes, com trabalho e muito empenho na ajuda aos que precisam de nós.”

Maria Cavaco Silva



Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS à Fundação AFID Diferença, Lisboa, maio de 2011.



Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS à Fundação AFID Diferença, Lisboa, maio de 2011

Visita ao CECD Mira Sintra – Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência

Mira Sintra, 28 de junho de 2011

42

Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS Assurance ao Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência de Mira Sintra

Palácio Nacional de Queluz, 12 de julho de 2011

“Quero glosar aqui hoje o tema que lancei na atribuição do EQUASS à AFID e que é apenas esta frase muito simples:

‘Há horas felizes em dias felizes’.

Que melhor temática para estes tempos difíceis que a celebração comunitária da felicidade dos momentos bons como este?

Tive o prazer de estar presente no dia em que decorria o encontro dos especialistas para a atribuição do Certificado EQUASS à AFID.

E como não há coincidências, foi precisamente na cerimónia de atribuição do Certificado à AFID que, em mais um momento feliz, soube do outro certificado EQUASS para a CECD. Fiquei muito contente.

São estes reconhecimentos de entidades competentes que dão alma e ânimo a todas as pessoas que trabalham nestas instituições.

Porque os sorrisos que encontramos quando as visitamos são fruto de muito afeto e muito profissionalismo, mas todos nós sabemos como é um trabalho árduo, difícil, que exige de todos nele envolvidos teimosia, persistência e muita fé.

Quando me convidaram para estar presente nesta cerimónia, quase me fiz convidada para ir visitar a CECD, porque faço sempre questão de conhecer bem as instituições que me dão a honra de estar presente nos seus momentos felizes. Só assim se pode falar do que se viu.

Na CECD fui recebida com uma representação do belíssimo *Pássaro da Alma*. E só quem se interessa verdadeiramente pela temática da deficiência conse-



Visita ao Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência de Mira Sintra, junho de 2011



Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS à CERCI Lisboa, outubro de 2011



Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS à CERCICA, Lisboa, novembro de 2011.

gue avaliar as horas de esforço e de paciência que estão por detrás de uma representação como aquela.

E talvez agora, mais do que nunca, nas circunstâncias que atravessamos, sejam os nossos cidadãos mais frágeis e mais vulneráveis a dar-nos a lição que mais falta nos faz: não desistir, saber que cada passo que damos atrás nos prepara para darmos dois em frente.

Se conseguirmos ultrapassar determinadas condicionantes que nos amaram a exigências que não podemos pagar, talvez consigamos cumprir o objetivo primeiro destes tempos de grandes dificuldades: ajudar mais pessoas com o mesmo dinheiro.

Instituições ótimas já temos, como demonstram estes certificados.

É só preciso que consigam não só sobreviver mas ir ainda mais longe na ajuda. Parabéns Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência de Mira Sintra.”

Maria Cavaco Silva

Visita à CERC Lisboa, por ocasião da Cerimónia de Entrega do Diploma de Certificação de Qualidade EQUASS – Qualidade Europeia em Serviços Sociais

Lisboa, 26 de outubro de 2011

Visita à CERCICA, por ocasião da Cerimónia de Entrega do Diploma de Certificação de Qualidade EQUASS – Qualidade Europeia em Serviços Sociais

Estoril, 4 de novembro de 2011

Sessão de Abertura das Comemorações Nacionais do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, organizadas pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, sob o lema “Eliminar barreiras para criar uma sociedade acessível e inclusiva para todos”

Feira Internacional de Lisboa, 3 de dezembro de 2012



Visita à CERC Lisboa, outubro de 2011



Cerimónia de Entrega do Certificado de Qualidade EQUASS à CERCICA, Cascais, novembro de 2011



Comemorações Nacionais do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, Lisboa, dezembro de 2012



Comemorações Nacionais do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, Lisboa, dezembro de 2013



Inauguração do Presépio da Fundação AFID Diferença, Alfragide, dezembro de 2013

Inauguração do Presépio da AFID – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente

Alfragide, 11 de dezembro de 2012

Inauguração do IV Festival dos Sentidos, organizado pela CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos

Teatro da Malaposta, Odivelas, 12 de fevereiro de 2013

Sessão de Abertura das Comemorações Nacionais do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, organizadas pelo Instituto Nacional para a Reabilitação e pela Casa Pia de Lisboa, sob o lema “Quebrem barreiras, abram portas: por uma sociedade inclusiva para todos”

Centro Cultural de Belém, 3 de dezembro de 2013

Inauguração do Presépio da AFID – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente

Alfragide, 5 de dezembro de 2013

Seminário “10 anos de Inclusão”, organizado pela FPDA – Federação Portuguesa de Autismo

Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de abril de 2014

Inauguração do Lar “Telhadinho” da CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos

Odivelas, 22 de abril de 2014

Inauguração da Exposição “IN(Diferenças)”, da CERCIOEIRAS

Museu do Oriente, 26 de setembro de 2014

Sessão Comemorativa do Dia Internacional/Europeu das Pessoas com Deficiência, promovida pelo Centro de Informação Europeia Jacques Delors

Palácio da Cidadela de Cascais, 2 de dezembro de 2014



Seminário "10 anos de Inclusão", organizado pela Federação Portuguesa de Autismo, Fundação Calouste Gulbenkian, abril de 2014



Inauguração do Lar "Telhadinho" da CEDEMA, Odivelas, abril de 2014



Inauguração da Exposição "IN(Diferenças)", da CERCIOEIRAS, Museu do Oriente, setembro de 2014



Sessão Comemorativa do Dia Internacional/Europeu das Pessoas com Deficiência, Palácio da Cidadela de Cascais, dezembro de 2014



Inauguração do Presépio da Fundação AFID Diferença, Alfragide, dezembro de 2014



Inauguração do V Festival dos Sentidos, Odivelas, fevereiro de 2015



Inauguração do V Festival dos Sentidos, Odivelas, fevereiro de 2015

Inauguração do Presépio da AFID – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente

Alfragide, 4 de dezembro de 2014

Cerimónia de Abertura do V Festival dos Sentidos “A Luz”, organizado pela CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos, que assinalou o 33º Aniversário da Associação

Centro Cultural da Malaposta, Odivelas, 20 de fevereiro de 2015

Visita ao Lar da Boa Vontade em Carcavelos, lar residencial temporário ou permanente que se destina a pessoas portadoras de deficiência motora

Carcavelos, 4 de março de 2015



Inauguração do Presépio da Fundação AFID Diferença, Alfragide, dezembro de 2014



Visita ao Lar da Boa Vontade em Carcavelos, março de 2015



A MAGIA DO PIRILAMPO

O Pirilampo Mágico tem uma história que podia começar como todos os contos infantis: "era uma vez..."

Era uma vez um conjunto de organizações chamadas CERCI, que ajudavam a construir sonhos para as crianças que, naquela altura, a escola rejeitava. Eram crianças diferentes, sim, mas iguais nos direitos e na vontade imensa de viver, de estar com os outros meninos da sua idade, de ter uma vida como eles. E não era nada fácil naquele tempo em que não havia quase nada, tirando instalações emprestadas, e muitas vezes sem condições, e pais e profissionais empenhados em remediar os múltiplos problemas que o dia a dia lhes trazia, com muita vontade mas sem dinheiro para cobrir os gastos mais elementares.

E foi então que num programa de rádio, muito a propósito chamado "a arte de bem madrugar", nasceu a ideia de pôr um bonequinho simpático a beliscar a consciência das pessoas e a apelar à sua solidariedade. A escritora Maria Alberta Menéres apresentou-o de forma magistral: eu conheço um pirilampo, que vive muito lampeiro, dentro dos olhos da gente...

Juntaram-se músicos, compositores, atores, gente da rádio e da televisão, e de repente aquilo que começou por ser uma pequena semente de solidariedade, começou a germinar até se transformar na grande festa solidária que hoje é. E os cidadãos, as pessoas comuns da rua, do bairro, gente de todas as classes, credos e condições, agarraram na ideia e adotaram o Pirilampo, quase como se ele fosse um apêndice da sua consciência cívica.

Entretanto, as tais crianças diferentes hoje já estão nas escolas com os outros meninos, mas há outros desafios que têm que superar quando crescem: a discriminação, a dificuldade em encontrar emprego, a incompreensão perante sentimentos e afetos, a dificuldade em ser igual numa sociedade que alimenta a discriminação.

Hoje, quase trinta anos depois desse já longínquo dia 11 de março de 1987, dia em que o Pirilampo arregalou, pela primeira vez, aqueles olhos grandes, à pro-

cura das solidariedades adormecidas, esta é uma das iniciativas solidárias mais emblemáticas do nosso país.

E muitos se perguntam quais são as razões deste sucesso, que, afinal, são bem fáceis de explicar. Desde logo, a clareza dos objetivos propostos. As pessoas, que ao longo destas três décadas compraram mais de dezasseis milhões de pirilampos e largos milhares de outras peças associadas ao Pirlampo Mágico, sabem que os fundos recolhidos vão diretamente para pessoas, que têm nomes, que têm rostos.

Em segundo lugar, porque o Pirlampo foi mais longe do que o simples ato de ajudar, já de si importante, e convidou toda a gente a conhecer mais de perto estas pessoas diferentes que afinal não o eram tanto assim.

E a terceira razão que explica a longevidade e o sucesso desta ação solidária que todos os anos se repete são as pessoas que, emprestando-lhe o seu prestígio junto do grande público, a projetaram muito mais longe do que nós e o nosso parceiro da primeira hora, a Antena 1, alguma vez poderíamos lograr fazer.

E neste capítulo a madrinha tem um papel determinante. Algumas houve, como a Dr.^a Maria Cavaco Silva, que tomaram de tal forma para si este objetivo que nunca conseguiram disfarçar o carinho e o afeto genuíno que dispensavam à Campanha, ajustando agendas e dispensando o formalismo dos protocolos para se identificarem inequivocamente com esta causa solidária. E não temos dúvidas de quanto o seu prestígio acrescentou à iniciativa, como também sabemos que vamos poder continuar a contar com o seu entusiasmo solidário.

Como dizia o poeta Sebastião da Gama: *Pelo sonho é que vamos*. E o Pirlampo Mágico é e continuará a ser um espaço de construção e realização de sonhos. O nosso bem-hajam a todos quantos estiveram, estão e estarão connosco nesta jornada solidária.

Julieta Sanches, Presidente da Direção da FENACERCI

1**Sessão de Abertura da Celebração dos 20 Anos da Campanha
Pirilampo Mágico, organizada pela FENACERCI – Federação Nacional
de Cooperativas de Solidariedade Social**

Câmara Municipal de Lisboa, 3 de maio de 2006

“ Senhora Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação

Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Sr. Presidente da RTP

Sr. Presidente da FENACERCI

Minhas Senhoras e meus Senhores

Não é fácil disfarçar, nem o queremos fazer, o que todos sentimos com estes vinte anos do Pirilampo Mágico.

Bem mais difícil será expressar em poucas palavras o que representam esses vinte anos para os milhares de crianças e famílias que durante esse período puderam beneficiar da luz que a magia do Pirilampo desperta.

É a magia das coisas simples, de todos os pequenos momentos que, multiplicados até onde a vontade e o amor nos conseguem levar, transformam um ponto de luz perdido na noite num imenso e quente dia de sol que aquece e ilumina a vida destas crianças.

É a magia da vontade daqueles que, por sua livre iniciativa, tomaram nas suas mãos a responsabilidade de inventar um futuro melhor para as crianças com deficiência mental e multideficientes. Poderíamos pensar que seria o resultado natural da responsabilidade dos pais e das instituições públicas. Mas todos sabemos que os pais destas crianças, as instituições que se dedicam à sua proteção, os técnicos que dia a dia tentam encontrar novas soluções, os amigos que partilham este desafio, vão felizmente muito, muito além dessa responsabilidade natural.

Difícil hoje será imaginar qual seria o bem-estar destas crianças se o seu futuro se limitasse à concretização da responsabilidade natural. É nessa diferença que está a magia da vontade, do querer, do acreditar que é possível iluminar a noite com o contributo de todos.

Nesta magia não há lugar para a palavra resignação nem para o conformismo que, por vezes, uma suposta força do destino nos quer impor.



Celebração dos 20 Anos da Campanha Pirlampo Mágico, Lisboa, maio de 2007

É a magia da dádiva, do reconhecimento, do limitado e por vezes humilde contributo do cidadão anónimo que se habituou a respeitar e a admirar o trabalho excecional que tem vindo a ser desenvolvido por instituições como aquelas que estão federadas na FENACERCI.

São muitos anos de acreditar e ousar ir mais longe por uma causa que é responsabilidade de todos.

Partindo de uma base sólida – que é a educação especial –, as instituições associadas na FENACERCI têm vindo a responder progressivamente ao que poderemos designar por visão integrada, e tanto quanto possível coerente, dos problemas da deficiência mental e da multideficiência.

Desde a intervenção precoce ao emprego protegido, passando pelas atividades ocupacionais, de cultura e de lazer, pela formação profissional e pelo apoio domiciliário, estas organizações perceberam há muito que estes problemas têm de ser abordados de uma forma sistémica, com respostas especializadas que não se compadecem com voluntarismos – por mais inclusivos que sejam – e que exigem competência para ganhar o desafio fundamental destas crianças: capacitá-las para poderem aproveitar ao máximo as oportunidades que a vida lhes dá.

Para isso são necessários meios materiais e humanos que não podem ser eternamente regateados. Há uma obrigação moral de todos em contribuir para que esses recursos não se transformem num défice permanente.

Por isso é tão importante que, pelo menos uma vez por ano, possamos tomar consciência de que todos teremos de contribuir para que esse défice seja cada vez menor. Porque ele não é só das crianças e das instituições que as defendem. É de todos nós, da nossa sociedade, do nosso país, do nosso futuro coletivo.

São mágicas as sucessivas Campanhas do Pirilampo, porque nos dão uma dimensão da solidariedade que não se limita a pedir, a exigir ou a reivindicar. É uma atitude que não se esconde na estrita defesa dos direitos e que revela em todas as suas dimensões o exemplo de quem sente que deve fazer e não o faz a rogo de quem quer que seja

O Pirilampo Mágico representa para mim um pouco mais. Algo que está no limiar do sonho e a que não desisto de apelar: ver o cidadão comum mais perto destas crianças, dedicar mais atenção aos seus problemas, interessar-se mais



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2007, Lisboa, maio de 2007

pelas dificuldades, mas também pelas alegrias, por que passam estas instituições de solidariedade social.

Trata-se de passar da contribuição para a partilha, do despertar momentâneo para a participação empenhada em fazer desta causa uma razão adicional para se ser mais feliz.

Tenho a certeza de que a Magia do Pirilampo é suficientemente forte para, a pouco e pouco, podermos transformar esse sonho numa realidade de que nos vamos orgulhar.

Bem-hajam todos quantos contribuírem para realizar este sonho. Vão ver como se sentem bem!”

Maria Cavaco Silva

12

Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2007

Pavilhão do Conhecimento, Parque das Nações, 3 de maio de 2007

“Muito boa tarde a todos.

Não vou nomear especialmente ninguém, mas dirigir-me a todos como amigos. A amizade é, afinal, estarmos todos envolvidos num projeto. É isso que acontece aqui e felizmente acontece já há vinte e um anos.

Há pouco tempo, as meninas e os meninos de uma escola de Leiria enviaram-me uma coleção de trinta e sete postais muito bonitos, com poemas escolhidos por eles e pelos professores, escolha essa integrada no Ler+ do Plano Nacional de Leitura. Gostei muito da ideia e gostei muito da escolha. Um dos poemas, de Sidónio Muralha, começava assim:

Eu vejo do meu quarto de dormir

Uma estrelinha

Miudinha

A luzir...

Como já andava no ar um certo cheiro a primavera, embora ela nos tenha pregado muitas partidas este ano, pensei logo no Pirilampo Mágico, que costuma luzir um pouco mais nesta época do ano.

E realmente não tardou muito que fosse convocada para a festa anual desse bichinho mágico que, como disse o ano passado, faz estrelinhas na noite muito escura. Atenção, estou a dizer que o Pirilampo Mágico costuma ter mais luz na época da Campanha.

Mas quero – queremos todos com certeza – que a magia deste projeto nos acompanhe todo o ano.

Pede-se um pouco mais de generosidade uma vez por ano.

Mas como comunidade solidária que queremos ser, que temos a obrigação moral de ser, sabemos que a nossa atenção não pode estar desperta apenas durante uma campanha. Só pode estar mais desperta durante uma campanha. Esta realidade é permanente.

Alguns de nós, os que não foram atingidos diretamente, ou indiretamente através de familiares e amigos, pela diferença, podemos de vez em quando descansar.

Já há FENACERCI há vinte e dois anos – pensamos, com um certo apaziguamento – e funciona tão bem. Há tantas almas de boa vontade a lutar de forma empenhada e permanente contra a indiferença que atinge a diferença.

Deixem-me pôr um pouco de lado essa realidade que me magoa tanto. Assim como assim, eu não posso fazer nada. Ou não posso fazer grande coisa!

Aqui está o nosso engano. Tenho encontrado ao longo deste ano exemplos de como tantos, que talvez pensassem que não eram capazes de fazer nada, foram afinal capazes de fazer tudo.

Presto aqui a minha humilde homenagem às mulheres e aos homens que fui encontrando e que de uma adversidade conseguiram fazer uma oportunidade, para os que amam mas também para si próprios.

Estamos a celebrar o Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos. Temos *muitos anos de, muitos dias de*.

Que não fiquem apenas no papel e nas intenções.

Que sejam verdadeiramente aproveitados, não só para alertar, mas para pôr em prática planos concretos.

A Campanha do Pirilampo Mágico deste ano, integrando essa ideia, resume de uma maneira feliz os seus objetivos com o lema:

Não à Indiferença, faça a Diferença.

Vamos integrar, vamos trazer para junto de nós os diferentes, para que todos possamos ficar mais iguais.

Se alguma coisa aprendi neste ano de contacto rico e afetivo com os diferentes, e com os muitos que trabalham com eles, foi isto: a sociedade, ao ignorar ou marginalizar as pessoas com deficiência, está a perder-se, mas também a perder muitas oportunidades.

Se a sociedade se empenhar em quebrar as barreiras, não tenho dúvidas que vamos ter surpresas muito agradáveis.

Na 4ª Jornada do Roteiro para a Inclusão das Pessoas com Deficiência, a ideia que se quis fazer passar – desejo tanto que tenha passado – foi esta: a sociedade faz e pode fazer muito pelas pessoas com deficiência, mas as pessoas com deficiência podem fazer tanto pela sociedade, se lhes derem uma oportunidade. Isto é verdade. Eu vi isto acontecer no meu país.

Vi, no meu país, pessoas diferentes fazerem coisas iguais em fábricas que exigiam rigor.

Vi, no meu país, pessoas diferentes cantarem e tocarem vários instrumentos.

Vi, no meu país, pessoas diferentes trabalharem com arte a cerâmica, o *papier mâché*, as tintas, as aguarelas.

Vi, no meu país, pessoas diferentes fazerem teatro.

Vi, no meu país, pessoas diferentes darem recitais de piano.

Vi, no meu país, pessoas diferentes competirem em provas desportivas exigentes.

Por favor, acreditem!

Vamos todos fazer a diferença!

Vão ver que vale tanto a pena!

E, como disse já no ano passado, vão ver que não custa nada.”

Maria Cavaco Silva

Inauguração da Exposição de Mega-Pirilampos Mágicos e Assinatura do Mega-Pirilampo da Presidência da República. Gravação de um *spot* de apoio à Campanha do Pirilampo Mágico

Pavilhão do Conhecimento, Parque das Nações, 24 de maio de 2007

21

Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2008

Estádio do Restelo, 7 de maio de 2008

“ Já sabem todos que quando chega a primavera no calendário (mesmo que não chegue meteorologicamente) começam Pirilampos Mágicos a voar.

A voar de mão em mão.

O bichinho já tem vinte e dois anos, o que para inseto é uma vida muito longa, mas como é mágico tem o poder de não envelhecer nunca e de mudar de cor todos os anos, para fingir que é outro.

Mas nós sabemos que ele é sempre o mesmo. Tem é o poder de se renovar e quer que nós tenhamos também o poder de renovar o nosso coração para continuarmos, como se fosse a primeira vez, a apelar à ajuda às causas que ele patrocina, mas que são nossas.

Eu até nem quero fazer um discurso. Palavras leva-as o vento.

O que eu queria mesmo era ter a magia do bichinho verde para alertar e arrastar muitos outros para esta causa que é de todos nós, como sociedade empenhada e solidária que queremos ser, que temos a obrigação de ser.

Este ano o nosso Pirilampo decidiu armar em desportista. E tem boas razões para isso.

Nos Jogos Mundiais Special Olympics de maio de 2007 em Xangai, os nossos atletas trouxeram para Portugal, com muito orgulho – deles e nosso – 17 medalhas em várias modalidades:

Futebol – uma de ouro.

Atletismo – quatro de ouro.



Inauguração da Exposição de Mega-Pirilampos Mágicos, Lisboa, maio de 2007



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2008, Lisboa, maio de 2008

Golfe – uma de ouro e uma de prata.

Natação – quatro de ouro, duas de prata e duas de bronze.

Ginástica artística – uma de prata e uma de bronze.

Como veem, o nosso pequeno mágico luminoso tem todas as razões para estar vaidoso com os feitos desportivos dos seus amigos que viajaram até Xangai. E de todos os outros que não foram mas podiam ter ido.

E nós temos a obrigação de colaborar nesta campanha da FENACERCI, que tem cerca de meia centena de associadas e chega a cerca de sete mil cidadãos com necessidades especiais.

Vamos todos entrar em campo com o nosso Pirilampo Mágico.

Não será só Portugal que sai a ganhar.

Cada um de nós sai também a ganhar com a sensação de que está a fazer o que deve.

E, como costume dizer todos os anos: não custa nada e depois vão ver como se sentem bem.

Bem-hajam!”

Maria Cavaco Silva

28

Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2009

Teatro da Luz, 8 de maio de 2009

“Aqui estamos de novo a marcar o nosso desejo solidário de que o Pirilampo Mágico voe muito alto.

Queria primeiro dar-lhe os parabéns – ao bichinho mágico – porque este ano teve a audácia de seguir a moda e vestiu-se de roxo.

Não precisava de se esforçar tanto para atrair a nossa atenção.

Afinal, já todos o conhecemos há muitos anos – mais de vinte – e temos uma enorme consideração pela sua Campanha.

Nunca é demais apontar o muito que já foi feito na área das necessidades das pessoas com deficiência intelectual. Mas temos também que recordar uma verdade talvez um pouco mais desagradável: ainda há muito ‘por fazer’.

E se o poeta diz *O por fazer é só com Deus*, nós sabemos – que a nossa sabedoria popular assim no-lo ensinou – que é bom fiarmo-nos na Virgem, mas temos também de correr para cumprirmos a nossa parte.

O Pirilampo Mágico não corre, voa, e brilha há muito tempo. Transformou-se num símbolo simpático que miúdos e graúdos adotaram com facilidade.

Faz parte da família, por assim dizer.

E ao longo do tempo da sua já longa vida nunca nos cansámos dele, nem ele se cansou de, todos os anos e em cada ano, apelar à nossa generosidade para ajudarmos os seus amigos.

Com o seu ar simpático e os olhinhos luminosos, mudando de cor mas sendo sempre o mesmo, quando chega a primavera convoca-nos para a sua causa.

Muitas pequenas coisas foram conseguidas através das campanhas do Pirilampo Mágico.

Coisas pequenas mas que fizeram uma diferença grande no duro dia a dia de cidadãos que todos temos o dever de apoiar.

Não duvido que mais uma vez vamos cumprir o lema que o nosso Pirilampo Mágico escolheu para este ano.

Vamos ajudar tantos que no terreno trabalham para dar cor aos sonhos, porque sabemos que esses sonhos só podem tornar-se realidade através da nossa dádiva pequenina.

Este ano comemora-se o Ano Europeu da Criatividade e da Inovação. Todos sabemos como estes nossos cidadãos especiais, que devemos ter, não só hoje mas sempre, nas nossas preocupações, são ricos na área da criatividade.

Celebremos com eles este potencial criativo e inovador que faz andar o mundo.

Como digo todos os anos: não custa nada.

E é mais um pequeno passo na construção do mundo que queremos deixar aos nossos filhos, aos nossos netos. ”

Maria Cavaco Silva



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2009, Lisboa, maio de 2009

34

Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2010

Museu do Oriente, 6 de maio de 2010

“ Mês de maio.

Mês das flores. Mês de Maria. Mês do Coração.

Não tenham ilusões. Quero ir ao vosso coração, mas também ao vosso bolso.

Mês do Pirlampo Mágico, já lá vai quase um quarto de século.

Como *viver é preciso* o nosso bichinho simpático, que nos faz companhia há já tanto tempo, esqueceu-se da sua condição frágil de inseto e tem-se esforçado, e bem, por prolongar a sua vida para lá das expectativas mais otimistas para um pirlampo, mesmo que seja muito mágico.

Gosto muito do lema deste ano:

Viver é preciso.

Os nossos navegadores dos séculos XV e XVI, que inventaram um mundo novo e criaram a primeira aldeia global do universo, diziam:

Navegar é preciso.

Tudo aquilo que é muito difícil mas muito importante obriga-nos a ultrapassar os nossos limites.

Cada vez que um Gil Eanes ou um Bartolomeu Dias iam mais longe no seu navegar, a única certeza que traziam de volta à pátria, que os vira partir muito tempo antes, era que tinham encontrado mais terra desconhecida, mas que tinham de continuar a navegar porque havia mais terra por descobrir.

O Pirlampo Mágico também nos diz todos os anos que temos de continuar a dar mais e melhor vida aos nossos irmãos diferentes.

Viver é preciso.

Viver com dignidade.

Viver com amor.

Viver com as necessidades básicas acauteladas.

Viver com alegria.

Viver com as capacidades de cada um desenvolvidas no seu máximo.

Viver com os outros.

Viver com conquistas diárias na melhoria da qualidade de vida.

Os nossos irmãos diferentes têm direito a navegar diariamente connosco no Mar da Vida, em condições de total igualdade.

Têm todo o direito a serem cidadãos de corpo inteiro.

Têm direito à saúde, à escola, ao trabalho, ao amor, à mobilidade, à casa, à família.

Nós temos a obrigação de lhes dar as condições para que tenham tudo isso.

Felizmente, a sociedade contemporânea está muito mais alerta para os problemas que durante tantos anos, anos de mais, foram escondidos, escamoteados.

A FENACERCI tem tido ao longo deste quarto de século um papel muito importante no acordar da nossa consciência coletiva para a realidade da deficiência mental e da multideficiência.

Para nos abrir os olhos para outras formas de vida.

Vidas diferentes mas riquíssimas, como todas as vidas.

O nosso amigo Pirilampo Mágico vestiu-se de uma cor solar e alegre para combater os tons soturnos da crise que teimam em tentar escurecer os nossos dias.

Com ele não vamos deixar-nos desanimar.

Vamos entrar de alma, coração e alguns euros nesta Campanha e para mostrarmos aquilo de que somos capazes vamos conseguir ainda mais do que nos anos anteriores.

Porque os nossos amigos diferentes merecem tudo.

Para lhes darmos o que merecem vamos pôr este Pirilampo a voar.”

Maria Cavaco Silva

40**Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2011***Museu da Eletricidade, Lisboa, 6 de maio de 2011*

“ Faz vinte e cinco anos que a primavera, mais concretamente o mês de maio, põe pirlampos coloridos a voar, dando sentido às nossas vidas de dia, e iluminando o nosso espírito de noite.

Pirlampos Mágicos, ainda por cima. E só em Portugal...

Pirlampos coloridos, mágicos, portugueses.

Há vinte e cinco anos que voam e estamos hoje aqui todos juntos para celebrar este quarto de século e dar-lhes os parabéns.

E agradecer, porque a gratidão é um sentimento muito bonito que às vezes anda um bocado esquecido no nosso tempo, talvez mesmo maltratado e desconsiderado.

E porquê este esquecimento?

Talvez porque andamos todos excessivamente envolvidos em nós mesmos, na resolução dos nossos problemas e das nossas aflições pessoais e acabamos por não ter tempo para olhar à nossa volta. Enrolamo-nos na importância suprema de todos os nossos direitos e ficamos cegos e surdos aos nossos deveres.

No Domingo, 1 de maio, a propósito da Beatificação do Papa João Paulo II, D. Jorge Ortiga disse uma coisa que achei muito bonita e muito importante.

Que tinha sido um momento de gratidão do mundo inteiro ao Papa João Paulo II pela sua vida, e que vários milhões em todo o mundo se tinham unido para dizer ao novo Beato apenas esta frase simples, mas tão poderosa: ‘Obrigado pela sua vida!’

Faz vinte e cinco anos que nasceu este Pirlampo Mágico, com o objetivo muito concreto de nos fazer olhar para além de nós próprios.

E os resultados atingidos neste quarto de século falam por si. Quase 20.000 pirlampos coloridos a voar e a sorrir para tantos que beneficiaram da sua magia: equipamentos novos, colónias de férias, adaptação de equipamentos já existentes, abertura de horizontes para os nossos concidadãos que têm mais dificuldades em agarrar o quotidiano da vida mas que querem tanto como nós, ou ainda mais do que nós, ultrapassar as barreiras que vão encontrando no caminho.

E vamos agradecer a quem?

A milhares de almas de boa vontade que, ao longo deste quarto de século, pensaram mais nos outros do que em si próprios e puseram 25 Pirilampos Mágicos a voar.

Escreveram canções e compuseram músicas; cantaram e dançaram; venderam e compraram pirilampos e *pins*; deram o seu tempo e o seu coração a esta causa.

Mas principalmente temos de agradecer a todos os que trabalham nas instituições que fazem parte da FENACERCI e nas suas congéneres. Profissionais e voluntários que dão o melhor de si todos os dias, todos os anos, para melhorar a qualidade de vida dos nossos cidadãos com necessidades especiais.

Se pensarmos que temos atualmente em Portugal centenas de instituições cujo trabalho é dedicado a esta valência, com facilidade imaginamos o que seria do nosso país sem essa dedicação, a maior parte das vezes a tempo mais que inteiro, de todas as pessoas que dão a sua vida a este trabalho difícil, mas muito compensador. Tenho visitado muitas destas instituições e a alegria e o carinho que encontro em todas elas têm sido para mim uma inestimável lição de vida.

Sei que os tempos estão muito difíceis, mas é nos tempos difíceis que se vê a alma dos povos.

E isto para vos dizer que não podem ser as dificuldades dos tempos que vão impedir os nossos pirilampos de voar.

Uma das vantagens do Pirilampo Mágico é permitir-nos contribuir apenas com uma moedinha. Gosto de todas as campanhas de ajuda em que uma moeda pequena pode fazer a diferença. Permitem que muitas mais pessoas contribuam e colaborem e se sintam parte de uma rede de solidariedade, que assim pode ser muito mais abrangente.

Creio que é muito bom permitir a muitas pessoas sentirem-se parte envolvida no Pirilampo Mágico e, por um ou dois euros, poderem exibir a sua pertença ao clube.

Que o Pirilampo Mágico continue a fazer brilhar o nosso mundo.

É sinal de que não fechámos o nosso coração às dificuldades dos outros.

Bem-hajam! Vamos todos sair daqui com o nosso velho amigo nas mãos.”

Maria Cavaco Silva



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2011, Lisboa, maio de 2011

44**Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2012**

Oceanário de Lisboa, 4 de maio de 2012

“ *Um Pirlampo a brilhar, um sonho a realizar.*

Diz Fernando Pessoa, num verso famoso e muitas vezes citado, que Deus quer, o homem sonha e a obra nasce.

O lema do nosso amigo Pirlampo deste ano fez-me lembrar de novo esta máxima do nosso mais famoso poeta do século XX.

Para conseguirmos algo de verdadeiramente importante é preciso juntarmos várias etapas.

À vontade de Deus – Deus quer – temos de aliar o nosso sonho, para que a obra nasça.

O sonho só vale mesmo a pena se pusermos a caminho todas as nossas capacidades para o realizar.

Nesta tarde de maio em que estamos mais uma vez reunidos para o lançamento de mais uma Campanha do Pirlampo Mágico, celebramos também a capacidade de juntarmos o nosso sonho à vontade de Deus e realizarmos obra – realizar o sonho.

Eu utilizaria antes o plural – realizar os sonhos – porque uma das coisas ótimas do Pirlampo Mágico é que ele chega a muitas pessoas e a muitos sítios.

A história do Pirlampo Mágico é uma bela história de solidariedade. Um símbolo que se tornou popular entre pequenos e grandes e que, numa época em que tudo é descartável e dura pouco, já está a voar desde março de 1987.

Atravessou gerações e continua vivo, a chamar-nos à responsabilidade de não o deixarmos cair no esquecimento dos mais novos.

O bichinho é simpático, vai mudando de cor e de tema todos os anos, mas não é só isto que justifica a sua longevidade.

Caiu no coração dos portugueses porque, a partir de uma imagem leve e luminosa, leva a todos a mensagem de que é nossa responsabilidade ajudarmos – e agora mais do que nunca – estas instituições que cuidam, com profissionalismo e com afeto, dos nossos cidadãos mais frágeis e mais vulneráveis às dificuldades do dia a dia. Não só em tempos de crise, mas em todos os tempos.



Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2012, Oceanário de Lisboa, maio de 2012

Mais em tempos de crise, claro.

O Pirlampo voa de norte a sul do país. Já pensaram todos como seria bonito que ele conseguisse pousar em casa de todas as famílias portuguesas? Custa apenas 2 euros.

Outra característica simpática do nosso amigo – este ano é azul céu – é permitir-nos colaborar com esta causa tão importante sem desequilibrarmos em excesso o orçamento doméstico.

Muitos milhares de pessoas estão envolvidas nesta Campanha – e isto tem-se repetido todos os anos desde 1987.

Se voar alto pode tornar realidade muitas necessidades de cerca de 100 associadas da FENACERCI.

O trabalho que se faz em Portugal com a população com várias deficiências – intelectuais ou físicas – é notável e tem melhorado muito.

Sempre que visito estas instituições – e, por sorte minha, tenho visitado muitas – sinto que nunca agradecemos suficientemente aos que se empenham nesta tarefa muito compensadora, mas tão difícil, o muito que fazem para que, como sociedade, cumpramos o nosso dever. O dever é de todos, o trabalho é só de alguns.

Com o Pirlampo Mágico temos a oportunidade de nos envolvermos também um pouco nesse trabalho, com um gesto de gratidão e dizermos a todos eles:

‘Muito obrigado!

Contem comigo também!’”

Maria Cavaco Silva

47**Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2013***Navio Ópera, Santa Apolónia, 13 de maio de 2013*

“Pirilampo:

Ilumina o teu mundo!

Iluminemos o nosso mundo!

Que bem precisa de almas de boa vontade que o iluminem.

E todos os anos, desde 1987, que a luz do Pirilampo Mágico vem dar-nos uma ajuda com a sua mensagem de fraternidade, de inclusão afetiva e eficiente.

Maió é o mês do nosso velho amigo.

É um dos meus afilhados preferidos: maneirinho, simpático e, principalmente, muito generoso.

Todos os anos em maio, e este ano calhou no dia 13, ele nos vem acordar um pouco mais para uma realidade que nunca devemos esquecer: os nossos irmãos mais vulneráveis, aqueles para quem o nosso amigo Pirilampo chama mais a nossa atenção todos os anos, no mês de maio.

Este ano, e porque é mágico, decidi também navegar.

E aqui estamos nós com ele a navegar parados, com a intenção de o ajudarmos a voar.

Tenho a certeza de que, com a nossa ajuda – de todos nós que aqui estamos e de muitos mais milhares que aqui não estão fisicamente mas estão de alma e coração com esta Campanha – o nosso Pirilampo vai voar muito alto.

Para alegria de muitos que com este voo vão conseguir voar também!

Sendo o tema deste ano ‘Mais Água, Mais Ambiente, Mais Cidadão, Mais Inclusão’, gostaria de recordar o Santo Poeta que já na Idade Média ajudou os homens a acordarem para a inclusão de todas as criaturas:

Irmão Sol

Irmã Lua

Irmão Vento

Irmã Água

Irmão Fogo

Mãe Terra.



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2013, Lisboa, maio de 2013

Com S. Francisco de Assis devíamos ter aprendido há muito a fraternidade universal que nos liga a tudo e a todos.

Infelizmente, temos aprendido essa lição mal e muito, muito devagar.

A FENACERCI sabe há muito que a união faz a força e essa capacidade de unir em vez de separar tem dado muitos frutos ao longo dos anos.

E todos sabemos que quanto mais difícil é a vida, mais devemos estar acordados para uma realidade que às vezes temos a tendência para esquecer: precisamos todos muito uns dos outros.

Vamos todos levar o nosso amigo Pirlampo connosco e desejar muito que os portugueses o acolham com o carinho a que ele está habituado.

Que as muitas instituições que a FENACERCI abrange possam chegar ainda a mais pessoas com a ajuda de todos.

Cada bichinho azul voa connosco a troco de uma moedinha de 2 euros.

Vamos levá-lo para o aconchego da nossa família.”

Maria Cavaco Silva

Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2014

Pavilhão das Galeotas do Museu de Marinha, 2 de maio de 2014

53

Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2015

Planetário Calouste Gulbenkian, 7 de maio de 2015

“ Caros Amigos

O nosso velho amigo Pirlampo Mágico deve estar muito feliz este ano, porque em 2015 se celebra o Ano Internacional da Luz.

Tenho mesmo a sensação que ao vir para aqui o ouvi dizer ao meu ouvido: ‘Olha, Maria! Como sabes, eu não sou nada vaidoso, mas deram-me um ano inteirinho para celebrar a minha luz. 2015 é o meu ano em todo o mundo’.

‘Sim, velho amigo Pirlampo, a tua luz mágica há muito tempo que está connosco e ilumina os nossos sorrisos.’



Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2014, Lisboa, maio de 2014



Sessão de Abertura da Campanha Pirilampo Mágico 2014, Lisboa, maio de 2014

Luz, sorrisos, amizade, Ano Internacional da Luz, vai tudo muito bem contigo. Mas, pensando bem, todos nós queremos que o nosso Pirlampo Mágico seja vaidoso e tenha muitas razões para isso.

E não o digo por causa dessa mania, tão feminina, de mudar de fato todos os anos.

Digo-o porque há tantas razões, nada, nada fúteis, para nos envaidecermos, como comunidade, com esta Campanha.

Numa época tão rápida, em que tudo aparece e desaparece, às vezes quase sem nos dar tempo para assimilar convenientemente a mensagem que nos querem passar, em que, quando queremos comprar um livro que um amigo nos recomendou, já nem sequer o encontramos na livraria, com a desculpa de ‘temos de deixar espaço para as novidades, que chegam (e partem) todos os dias’, o Pirlampo Mágico é um caso muito sério. A que podemos mesmo chamar um caso de estudo.

Nasceu em 1987, já lá vão vinte e oito anos, e a Campanha foi desde o início muito bem acolhida pelos portugueses. Crianças e adultos deixaram-se logo cativar pela imagem colorida, pelo nome mágico, pela causa tão necessária e tão nobre que eles veiculavam.

E o extraordinário é que ao longo do tempo ninguém se cansou e o Pirlampo continuou connosco e, quando chega o mês de maio, todos começam à espera do mensageiro pequenino, de alma grande, que vem de novo acordar-nos para a importância de nos juntarmos mais uma vez para a ajuda tão necessária às CERCI.

Os nossos cidadãos diferentes merecem que continuemos, ano após ano, a empenhar-nos nesta angariação de fundos especial, que vai fazer a diferença em tantas instituições.

Este ano o lema da Campanha – *Ilumina Sorrisos* – é tão adequado aos tempos difíceis que o mundo vive.

Dir-me-ão que tempos difíceis não rimam com *Ilumina Sorrisos*. Pois é mesmo o oposto.

Não nos podemos deixar envolver no masoquismo de achar que está tudo mal e que isso não tem remédio. Sabemos que Mundo fora há desastres, cataclismos, miséria abaixo do humano, mas também sabemos que há tantas causas



Sessão de Abertura da Campanha Pirlampo Mágico 2015, Planetário Calouste Gulbenkian, maio de 2015

nobres a que somos chamados a estender uma mão solidária, sem olhar a fronteiras.

Se olharmos para nós próprios, devemos iluminar os nossos sorrisos com esta certeza consoladora de que estamos a fazer o nosso melhor para que todos tenham a atenção de que precisam.

A semana passada, numa cerimónia de condecorações no Dia Internacional da Solidariedade entre Gerações, o Padre Lino Maia disse uma coisa que me encheu a alma e deve encher a alma a todos os que aqui estão hoje:

‘Nestes anos de programa e difíceis não houve uma só instituição a encerrar portas ou um só dirigente a desistir. Apoiámos mais pessoas, servimos melhor e criámos mais emprego. Com menos meios mas com um coração maior’. É este também o segredo do Pirlampo Mágico: o coração vai crescendo, a sua luz vai iluminando mais sorrisos.

E é tão fácil porque a campanha tem esta característica, que, ao longo destes anos, tenho acentuado sempre: todos podemos colaborar com um donativo pequeno, mas que vai fazer a diferença.

Às vezes são os gestos mais pequenos, mas feitos com um coração maior, que conseguem ir mais longe.

O Pirlampo Mágico não pode ser só uma campanha que nos entenece mais e chama mais a nossa atenção durante o mês de maio.

Só as 54 associadas que fazem parte da FENACERCI abrangem uma população de cerca de dez mil pessoas que precisam muito que pensemos nelas. Este ano são mais trinta as instituições que se juntaram à Campanha, o que faz que o número mágico suba para cerca de cinquenta mil, entre crianças, jovens e adultos.

Todos entendemos como é necessário o nosso empenho (e os nossos euros, claro) para levar a bom porto este nosso amigo, que há 28 anos continua a querer estar connosco para chamar a nossa atenção para os seus e nossos amigos mais frágeis.

Não o podemos deixar ficar mal.

Em épocas difíceis também se exige mais de todos os que têm uma vida suficientemente confortável que lhes permite ajudar quem não a tem.

Acompanhei ao longo dos últimos dez anos a magia do nosso Pirlampo. Essa

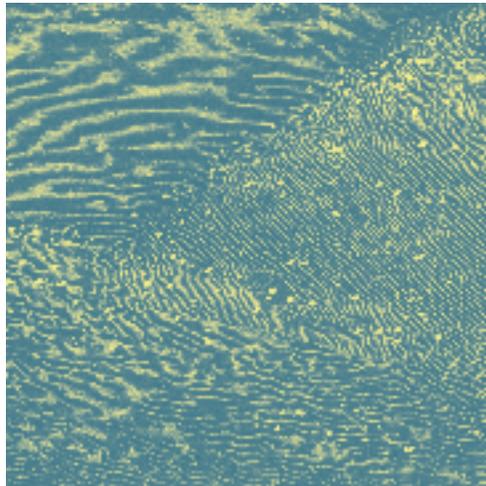
magia contagiou-me e deu-me a certeza que ser português é ser sempre capaz de abrir o coração ao outro.

Sinto-me muito portuguesa e, nesta hora de despedida, quero partilhar convosco o enorme orgulho que foi acompanhar numa posição diferente as dez últimas campanhas do Pirlampo Mágico – desde 2006 até 2015.

Bem-hajam e vamos todos às compras.”

Maria Cavaco Silva





VER COM OUTRO OLHAR

Gostava de chamar a atenção para os problemas dos invisuais, uma realidade que segui sempre, até por ter familiares próximos afetados por cegueira, o que me alertou desde muito jovem para o muito que havia a fazer nesta área.

O caminho de inclusão dos invisuais não tem sido fácil nem rápido, mas muito se tem conseguido.

Se agora já temos escolas onde todos têm o seu lugar, durante muitos anos não foi essa a situação.

Lembro-me bem de imagens de invisuais no bairro de Campo de Ourique, que, por ser mais afastado do centro da cidade, se mantinha como uma espécie de aldeia, o que de certo modo facilitava a circulação a quem não via.

A dignidade do invisual não estava ainda acautelada, como agora queremos que esteja e desejamos que esteja.

Essas imagens que me acompanharam desde criança ensinaram-me a ver com outro olhar.

Movimentavam-se com ligeireza, utilizando as suas bengalas especiais.

Eram pessoas que não se deixavam ficar em casa lá porque tinham mais dificuldades do que as outras em percorrer o caminho.

Muito se andou na dignificação dos invisuais, não só nas condições de vida e acesso ao mercado de trabalho, como até nos desenvolvimentos científicos que têm permitido diminuir drasticamente os casos de cegueira.

Décadas atrás, na velhice a perda de visão era considerada como uma quase fatalidade e recordo com pena os familiares que se viram nessa situação por terem tido uma vida longa. Isso hoje não tem que ser assim.

Mas quando tem que ser, a vida tem muitas saídas de convívio, de alegria, de tarefas e não é preciso ficar parado.

Maria Cavaco Silva



Cerimónia de Lançamento da emissão filatélica "Comunicar a Cores", Lisboa, março de 2012



Visita ao serviço de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional, Lisboa, abril de 2012

Cerimónia Comemorativa do 110º Aniversário da Fundação
Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde

Campo de Ourique, 22 de junho de 2006

Visita à Exposição “No Caminho Sob as Estrelas – Santiago
e a Peregrinação a Compostela”, promovida pela Câmara Municipal
de Santiago do Cacém, tendo assistido à participação, em diversas
atividades, de um grupo de cerca de 70 crianças
do Centro Helen Keller de Lisboa

Santiago do Cacém, 13 de novembro de 2007

Cerimónia de Lançamento da emissão filatélica “Comunicar a Cores”,
dominada pelo código de identificação de cores para daltónicos
ColorADD, criado pelo designer português Miguel Neiva

Auditório do edifício CTT em Lisboa, 20 de março de 2012

Visita ao serviço Leitura para Deficientes Visuais (LDV)
da Biblioteca Nacional, durante a qual gravou um audiolivro
– o conto *A Casa do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen –, ficando
este disponível para os utentes do serviço. Após um encontro com
os técnicos e voluntários do serviço LDV, visitou, seguidamente,
duas exposições em exibição na Biblioteca Nacional

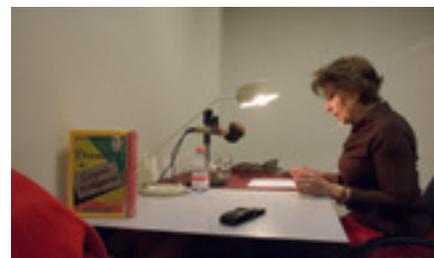
Biblioteca Nacional, 17 de abril de 2012



Cerimónia Comemorativa do 110º Aniversário
da Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde,
Campo de Ourique, junho de 2006

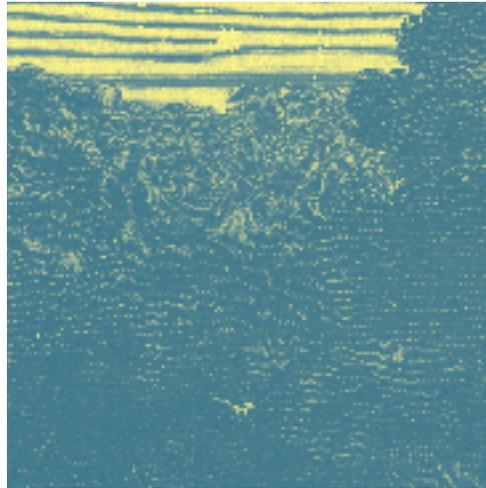


Visita à Exposição “No Caminho Sob as Estrelas –
Santiago e a Peregrinação a Compostela”,
Santiago do Cacém, novembro de 2007



Visita ao serviço de Leitura para Deficientes Visuais
da Biblioteca Nacional, Lisboa, abril de 2012





BAZAR INTERNACIONAL DO CORPO DIPLOMÁTICO

Uma das atividades anuais que faz parte das funções atribuídas à mulher do Presidente da República é o Alto Patrocínio ao Bazar de Natal promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses.

Nos dez anos em que o meu marido foi Primeiro-Ministro, já tinha estado presente, acompanhando a Dr.^a Maria Barroso, e admirado o trabalho que (nesse tempo eram praticamente só as senhoras) realizavam e os ótimos resultados que conseguiam.

Claro que mostrei logo total disponibilidade para dar o meu apoio e fiz questão de estar presente em todos os Bazares, presidindo sempre à inauguração e percorrendo com vagar todos os *stands* das diferentes embaixadas.

Costumava dizer que era uma agradável volta ao mundo (que se fazia em cerca de duas horas) e falava com todas as senhoras embaixatrizes e com outros membros da embaixada, agradecendo-lhes o estarem connosco e o seu trabalho de tão grande ajuda para o êxito da iniciativa.

Era também uma ótima oportunidade para fazer as compras de Natal, contribuindo para as causas a quem se destinavam as receitas conseguidas, e dando presentes originais de zonas do mundo tão diferentes e tão distantes.

Decidi que, para lá da presença no Bazar e do muito apreço que sempre demonstrava às pessoas envolvidas no trabalho árduo que todos os anos representa a montagem de uma atividade tão variada e que exige tanto esforço de convencimento – diplomático, claro – de pessoas, principalmente senhoras, que representam a alto nível o seu país no nosso país, talvez fosse simpático e útil para mostrarmos o fruto do trabalho reunir no Palácio de Belém, num encontro simpático de chá e pastéis de Belém, colaboradores e patrocinadores com representantes das instituições escolhidas para receberem o donativo.

Assim, todos os anos o Bazar Diplomático de Natal acabou em beleza na primavera, com uma festa de convívio entre doadores e beneficiados. Todos tiveram ocasião de se conhecerem e trocarem impressões sobre as várias atividades desenvolvidas pelas instituições.

Crianças, terceira idade, pessoas portadoras de deficiência, vítimas de violência doméstica, sem-abrigo foram as escolhas mais marcantes ao longo destes anos. No nosso encontro de Primavera de 2015 tive mais uma vez ocasião de agradecer pessoalmente a toda a Associação o seu empenho nesta causa.

À Embaixatriz Conceição Côrte-Real, à Dr.^a Manuela Caramujo, à Embaixatriz Rita Lucena e à Embaixatriz Ana da Rocha Páris, que me acompanharam durante estes anos, o meu bem-hajam!

À Embaixatriz Maria Luís Jorge Mendes, que acaba de chegar à Presidência da Associação, desejo as maiores felicidades no mandato. Não duvido que vai ser digna da sua antecessora, que fez um ótimo trabalho.

Mulheres de fibra e visão desempoeirada estão a renovar o mundo da diplomacia também na Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses.

Não esquecendo a Dr.^a Carla Domingues, que continua, e muito bem, a fazer o seu trabalho fundamental – as contas que, principalmente em épocas em que o dinheiro é escasso, são o alicerce do êxito da iniciativa.

Maria Cavaco Silva

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático,
promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses,
com a participação de 38 Embaixadas

Cordoaria Nacional, Lisboa, 24 de novembro de 2006

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes
no Bazar Diplomático de 2006, ocasião em que foram entregues
a instituições que trabalham no apoio à criança
os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar

Palácio de Belém, 22 de maio de 2007

Os 95.523,39 euros da receita foram distribuídos por 13 instituições de apoio
à criança:

Assistência Paroquial de Santos-o-Velho; Associação Criança e Vida; ANDAI –
Associação Nacional dos Doentes com Artrites Infantis; Associação de Parali-
sia Cerebral de Viana do Castelo; APPACDM – Associação Portuguesa de Pais
e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental de Monção; Associação Resgate;
Centro de Bem Estar Social da Zona Alta de Torres Novas; Centro Paroquial
de Assistência da Freguesia de Santa Maria de Belém – Abrigo Infantil; Centro
Social e Paroquial Nossa Senhora de Fátima, Évora; Centro Social Paroquial
de Santo António de Campolide; Cersizimbra; Fundação S. João de Deus; Gru-
po Social de Santo Agostinho.

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático,
promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses,
com a participação de 29 Embaixadas

Museu do Oriente, 21 de novembro de 2008



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático,
Cordoaria Nacional, Lisboa, novembro de 2006



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo
Diplomático, Museu do Oriente, novembro de 2008



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, maio de 2007



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, abril de 2009

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes do Bazar Diplomático de 2008 e os representantes das instituições de apoio à vítima de violência doméstica, às quais foram entregues os donativos atribuídos com base nas receitas do referido Bazar

Palácio de Belém, 22 de abril de 2009

Os 60.500 euros angariados foram distribuídos por 10 instituições de apoio à vítima de violência doméstica ou que na sua atividade mais abrangente se deparam com situações desta natureza:

AMCV – Associação de Mulheres contra a Violência; APAV – Apoio à Vítima; Associação Criança e Vida; Casa Abrigo Vera Cruz; Centro de Apoio à Mulher de Ponta Delgada; Centro Jovem Tabor; Conferência S. João Batista de Alhandra; Fundação O Século; Lar do Divino Salvador; Refúgio Aboim Ascensão.

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses, com a participação de 33 Embaixadas

Centro de Congressos de Lisboa, 20 de novembro de 2009

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Internacional do Corpo Diplomático, ocasião em que foram entregues a instituições de apoio à Terceira Idade os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar

Palácio de Belém, 18 de maio de 2010

Os 64.270,38 euros angariados foram distribuídos por 16 instituições de apoio à terceira idade:

Alzheimer Portugal; Assistência Paroquial de Santos-o-Velho – Casa Nossa Senhora de Fátima; APATI – Associação Promotora de Apoio à Terceira Idade; APOIO; Associação do Centro de Dia – Lar da 3ª Idade; Centro Comunitário Paroquial de Nossa Senhora das Dores; Associação Resgate – Instituto Conde de Agrolongo; Centro Social Arco-Íris das Aldeias SOS; Centro Social Paroquial de Cadima; Centro Social Paroquial de Colares; Centro Social Paroquial do



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, maio de 2010



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, março de 2011

Rossio ao Sul do Tejo; Centro Paroquial de Assistência de Santo Antão; Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula; Centro Social de São Matias; Residência de Velhinhos da Congregação das Irmãzinhas dos Pobres; Sociedade Espanhola de Beneficência.

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Internacional do Corpo Diplomático, ocasião em que foram entregues a instituições de solidariedade social os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, que teve a participação de 38 Embaixadas

Palácio de Belém, 24 de março de 2011

Foram distribuídos 70.714,67 euros por 16 instituições de apoio a crianças desfavorecidas e um caso particular:

Aldeia de Crianças SOS, Guarda; Árvore da Vida, Porto; Associação Criança e Vida, Porto; Banco do Bebê, Lisboa; Casa de Proteção e Amparo de Santo António, Lisboa; Centro de Acolhimento de Crianças em Risco da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova da Barquinha; APF – Centro de Acolhimento e Proteção a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos; Centro de Bem Estar Social, Aronches; Centro Comunitário Paroquial da Ramada, Odivelas; Centro Social Paroquial de Cadima, Cantanhede; Centro Social Paroquial de S. Vicente de Paulo, Serafina – Lisboa; Instituto de Apoio à Criança, Açores; Ponto de Apoio à Vida – Casa de Santa Isabel, Lisboa; Lar Convívio Jovem da Santa Casa da Misericórdia de Vale de Besteiros, Tondela; Refúgio Aboim Ascensão, Faro.

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses, com a participação de 37 Embaixadas

Centro de Congressos de Lisboa, 2 de dezembro de 2011



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, Lisboa, dezembro de 2011



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, abril de 2012



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, Lisboa, novembro de 2012

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Diplomático de 2011, ocasião em que foram entregues a instituições de apoio a pessoas portadoras de deficiência os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar

Palácio de Belém, 16 de abril de 2012

Foram distribuídos 69.820,83 euros por 22 instituições e um caso particular: ANACED – Associação Nacional de Arte e Criatividade e para Pessoas com Deficiência; APADP – Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos, Cacém; APACD – Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente, Angra do Heroísmo – Açores; APACD – Associação de Pais e Amigos das Crianças com Deficiência, Praia da Vitória – Açores; Associação Salvador, Lisboa; APC-VC – Associação de Paralisia Cerebral de Viana do Castelo; APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, Setúbal; APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, Viseu; Associação de Esclerose Tuberosa, Lisboa; Associação Hípica Terapêutica, Cascais; Banco do Bebê, Lisboa; Associação de Ajuda ao Recém-Nascido, sediada na Maternidade Alfredo da Costa; Centro Social Paroquial da Atalaia, Vila Nova da Barquinha; Centro Social Paroquial, Colares; Cláudia Raquel Cordas, Mem-Martins; Irmãs Hospitaleiras – Centro de Recuperação de Menores D. Manuel Trindade Salgueiro, Assumar – Portalegre; CERCIGUI – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães; CERCI Lisboa; Elo Social, Lisboa; Fundação Mariana Seixas, Viseu; Irmãs Hospitaleiras – Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família, Funchal – Madeira; Junta de Freguesia de Ranhados, Viseu; Refúgio Aboim Ascensão, Faro.

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses

Centro de Congressos de Lisboa, 23 de novembro de 2012

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Diplomático de 2012, ocasião em que foram entregues a instituições de solidariedade social os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar

Palácio de Belém, 10 de maio de 2013

Foram distribuídos 92.000,00 euros por 36 instituições de apoio à terceira idade e um caso particular:

APATI – Associação Promotora de Apoio à Terceira Idade, Castanheira do Ribatejo; APOIO – Associação de Solidariedade Social, Algés; Assistência Paroquial de Santos-o-Velho – Casa Nossa Senhora de Fátima, Lisboa; CEV – Associação Criança e Vida, Porto; Associação de Esclerose Tuberosa em Portugal, Lisboa; Cáritas Paroquial de Coruche; Casa de Santa Maria, Camarate; Casa do Povo de Creixomil, Guimarães; Centro de Assistência Social de Tomar – Lar de São José, Tomar; Centro de Bem Estar Social da Zona Alta de Torres Novas; APADIF – Centro de Dia da Conceição, Faial – Açores; Centro de Dia de São Silvestre – Carvalhal de Aroeira, Torres Novas; Centro Comunitário do Divino Espírito Santo – Flamengos, Horta – Açores; Centro Social de Cambra; Centro Social de Mosteiros, Arronches; Centro Social dos Beneméritos de Póvoa de Rio de Moinhos; Centro Social Santo António de Vaiamonte; Centro Social Paroquial de Atalaia; Centro Social Paroquial de Cadima; Centro Social Paroquial de Colares; JRS Portugal; Centro Social Paroquial Nossa Senhora do Cabo, Linda-a-Velha; Centro Social e Paroquial de São Romão de Paredes de Viadros, Soalhães; Centro Social Paroquial de Vila Franca, Viana do Castelo; Comunidade Vida e Paz, Lisboa; Elo Social, Lisboa; Fundação Mariana Seixas, Viseu; Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres – Lar de Santa Beatriz da Silva, Fátima; Igreja Paroquial de São Francisco de Paula, Lisboa; Adenorma – Inovação Social Criativa, Madeira; Serviço de Jesuítas aos Refugiados, Lisboa; MSV – Movimento ao Serviço da Vida, Lisboa; Misericórdia de Portalegre; Pedro Manuel Dias Castro; Associação Resgate – Instituto Conde de Agrolongo, Lisboa; Residência de Velhinhos da Congregação das Irmãzinhas dos Pobres; Santa Casa de Misericórdia do Cartaxo.



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, maio de 2013



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, Lisboa, novembro de 2013



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, março de 2014



Cerimónia de Entrega dos donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar, Palácio de Belém, maio de 2015



Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, Lisboa, novembro de 2014

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses

Centro de Congressos de Lisboa, 22 de novembro de 2013

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Diplomático de 2013, ocasião em que foram entregues a Instituições de Apoio a Crianças em Risco os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar
Palácio de Belém, 11 de março de 2014

Foram distribuídos 92.990 euros por 25 instituições de apoio a crianças em risco e um caso particular:

APPACDM – Projeto Comunitário de Intervenção para Crianças e Jovens em Risco; ASAS – Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso; Associação A Terra dos Homens; Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal; Associação Meninos de Ouro; Associação Mimar – Casa Mimar; Banco do Bebê – Projeto Apoio domiciliário; Casa da Previdência de São José, Ilha de São Jorge – Açores; MSV – Casa das Cores; Casa do Gaiato de Lisboa; Centro de Acolhimento de Jovens em Risco de Vale de Cambra; Centro de Alojamento Temporário de Tercena; Centro de Promoção Juvenil LIJ Casa da Estrela; Centro Dom Abílio Vaz das Neves; Centro Social e Paroquial de Colares; Fundação Madre Sacramento – Lar Jorbalán; Instituto de Santa Catarina, Ilha de São Jorge – Açores; Lar de Infância e Juventude de Torres Novas; Casa da Agueira – Lar Especializado; Obra do Frei Gil; Refúgio Aboim Ascensão; Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova da Barquinha; Centro de Acolhimento Temporário Pr’Amar; Solar do Mimo – Centro de Acolhimento de Crianças em Risco; SOL – Associação de Apoio às Crianças VIH/SIDA; Menino Azul, Emanuel Silva.

Inauguração do Bazar Internacional do Corpo Diplomático, promovido pela Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses

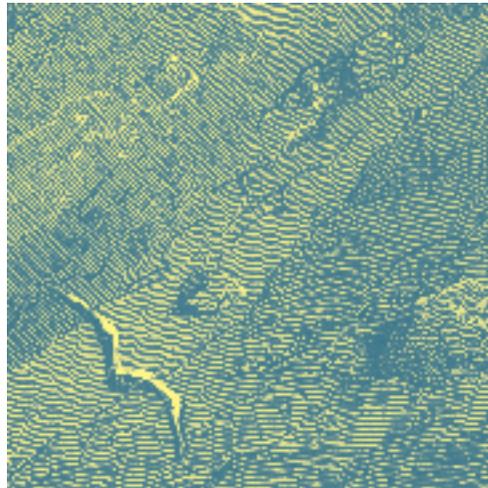
Centro de Congressos de Lisboa, 21 de novembro de 2014

Receção, no Palácio de Belém, dos participantes no Bazar Diplomático de 2014, ocasião em que foram entregues a Instituições de Apoio a Carentes e Sem-Abrigo os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar

Palácio de Belém, 13 de maio de 2015

Foram distribuídos 100.000 euros por 30 instituições que trabalham no apoio a carentes e sem-abrigo:

Grupo “Amigos da Rua / Sacos Ternura”; Ligar à Vida – Associação de Gestão Humanitária para o Desenvolvimento; Centro Social e Paroquial de Santo António de Campolide; Associação Nacional de Combate à Pobreza; Associação Protetora das Florinhas da Rua; Associação Unidos pela Caridade; Renascer – Associação Cristã de Reabilitação, Ação Social e Cultura – Casa de Acolhimento de Valejas; Casa de Santo António; CASA – Centro de Apoio ao Sem Abrigo – Projeto CASA Amiga I na Ajuda; CASA – Centro de Apoio ao Sem Abrigo – Delegação de Cascais; Cáritas Paroquial de Coruche; Centro de Bem Estar Social da Zona Alta de Torres Novas; Confederação Operária Terceirense – Abrigo Amigo, Açores; Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória – Centro de Acolhimento Masculino, Casa Abrigo Solisvita; Centro Comunitário da Paróquia de Carcavelos; Projeto Esperança de Recomeçar; Centro Comunitário Paroquial de Famões; Centro Comunitário Paroquial da Ramada – Centro de Apoio aos sem-abrigo de Odivelas; Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória; Comunidade Vida e Paz – Apartamento de Reinserção de Leiria e Odivelas; Grupo Milharado de Apoio aos Sem-Abrigo; Instituto de Beneficência Maria da Conceição Ferrão Pimentel – Instituto da Sãozinha; REFOOD 4 GOOD – Núcleo de Alfragide; REFOOD 4 GOOD – Núcleo da Misericórdia; REFOOD 4 GOOD – Núcleo de Cascais; REFOOD 4 GOOD – Núcleo de Santo António; APPACDM – Lar de Apoio de Monção; Solfraterno – Associação de Solidariedade Social de Oeiras; Apoio à Vida – Casa de Santa Isabel; AARN; Cruz Vermelha Portuguesa.



SER SOLIDÁRIO

Quando a mulher do Presidente da República é convidada para estar presente numa atividade ligada à solidariedade, seja ela de cariz mais institucional ou promovida por cidadãos, essa presença deve ser também uma forma de testemunhar o empenho da Presidência em tantos aspetos importante da vida das pessoas em momentos particularmente difíceis.

Os tempos não foram fáceis e devemos ter consciência de que, apesar de termos ultrapassado alguns momentos de navegação mais dura, ainda não estamos num mar de rosas.

Este caminho no Ser Solidário mostra algumas das minhas maiores preocupações, que devem ser afinal as nossas preocupações, em várias áreas importantes para uma sociedade mais justa. E congratulo-me por ter assistido a um progresso notável na sensibilidade do povo português ao voluntariado.

Em dezembro de 2008 o Voluntariado Hospitalar Efetivo da Liga Portuguesa Contra o Cancro celebrou vinte e cinco anos e tive um enorme gosto em estar presente no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa. Devo dizer que nessa altura eram só senhoras a receber as batas... Agora os homens já vão aparecendo, sinal de que há uma visão diferente, e melhor, do papel indispensável do voluntário na sociedade. Já antes, a 5 de dezembro de 2007, tinha estado na Cerimónia Comemorativa do Dia Internacional do Voluntariado, organizada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro, na cidade do Porto. Foi ao mesmo tempo uma homenagem aos voluntários mais antigos da Liga.

Outro aspeto cuja evolução foi muito positiva nestes anos é o da responsabilidade social das empresas. Têm um envolvimento cada vez maior em projetos ligados a minorar as necessidades dos cidadãos mais carenciados.

A Missão Sorriso, cuja longevidade é uma marca da preocupação da Sonae nessa área, tem sido uma ajuda inestimável. De 2003 a 2011 todas as campanhas foram vocacionadas para a saúde infantil. Quando a situação do país começou a agravar-se, foi muito justamente alargada aos seniores e carenciados. Como, nestes

últimos anos, tenho estado presente na entrega dos donativos, sou testemunha de que a Missão Sorriso engloba milhares de voluntários na sua realização e faz a diferença na vida de milhares de pessoas.

A todos os que tive o privilégio de acompanhar ao longo destes anos, agradeço terem-me deixado partilhar o seu envolvimento e trabalho árduo nestes projetos que vão levar sorrisos a pessoas que, sem essa ajuda, talvez não tivessem grandes razões para sorrir.

Maria Cavaco Silva

Inauguração da Exposição “Mater 2007”, iniciativa a favor da instituição de solidariedade social Ajuda de Mãe

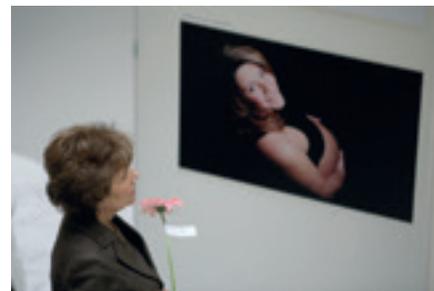
Atrium Saldanha, Lisboa, 4 de maio de 2007

17

Lançamento do Serviço Municipal de Apoio ao Voluntariado da Câmara Municipal do Porto

Câmara Municipal do Porto, 14 de junho de 2007

“ Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Rio
Minhas Senhoras e Meus Senhores
É-me particularmente grato estar presente no lançamento do novo Serviço Municipal de Apoio ao Voluntariado da Cidade do Porto.
Por várias razões. E talvez a primeira seja mesmo o facto, não muito habitual, de ser uma câmara municipal a lançar este serviço.
Ao fazê-lo, está a interpretar o sentimento mais profundo e a disponibilidade que milhares de cidadãos portuenses têm vindo a demonstrar para ajudar a sua comunidade, os seus próximos, os seus vizinhos que, de alguma forma, precisam de uma mão amiga, de um afeto, um minuto de atenção.
O mais difícil por vezes é dar o nosso tempo aos outros, porque a correria do quotidiano torna o tempo um bem precioso, porque escasso.
Mas uns breves minutos dados ao outro, que às vezes só precisa de falar ou de ser escutado, faz tanta diferença numa vida solitária ou sofrida.
Trata-se de uma iniciativa simples, julgo que financeiramente comedida, mas que pode alcançar uma dimensão difícil de imaginar pelo impacto que poderá ter na vida das pessoas, quer para os que se disponibilizam para uma ação de voluntariado, quer para os que beneficiam dessa dádiva humana que parece tão simples mas pode ir tão longe e tão fundo na alma de quem dá e de quem recebe.
É afinal uma troca sem contabilidade de números.
Muitas vezes – eu diria que a maior parte das vezes – a ação de uma autarquia é avaliada pela dimensão da obra legada por uma determinada gestão camarária.



Inauguração da Exposição “Mater 2007”, Lisboa, maio de 2007



Lançamento do Serviço Municipal de Apoio ao Voluntariado, Porto, junho de 2007

Esta obsessão pelas grandes obras, que deixam marcas na paisagem urbana e nos obrigam a lembrar – ou algumas vezes a tentar esquecer – quem as erigiu, atira para o nível da insignificância mediática os pequenos gestos como este que estamos hoje aqui a lançar.

Eu sei que são as grandes obras que encham o olho de quem passa, mas são estes pequenos gestos que encham o coração de quem sofre.

É precisamente por isso que estou grata por me terem deixado partilhar convosco esta iniciativa.

Uma outra razão prende-se com a ideia do voluntariado e com a assinalável generalização que a sua prática vem revelando na sociedade portuguesa, especialmente entre as gerações mais novas. É um bom sinal que nos alimenta a esperança numa sociedade mais justa, mais participada e mais solidária.

A prática do voluntariado é um dos pilares fundamentais do que se designa por cultura cívica, a consciência interiorizada de que a plena expressão dos direitos só tem sentido quando sustentada na concretização responsável dos deveres.

Essa é a cidadania necessária para que a sociedade portuguesa possa ser mais solidária e socialmente mais coesa.

O voluntariado não pode ser só entendido como uma dádiva, como uma atitude altruísta e filantrópica. Eu entendo-o como um ato de justiça daqueles que, tendo beneficiado das oportunidades que a sociedade pôs à sua disposição, entendem ser chegada a altura de poder retribuir a essa mesma sociedade um pouco do seu sucesso, da sua iniciativa, do seu bem-estar, em benefício daqueles que, por tantas razões difíceis de enumerar e muitas vezes mesmo de compreender, não puderam ou não souberam aproveitar oportunidades semelhantes.

É tempo de não deixar para o Estado a responsabilidade exclusiva do combate à pobreza e à exclusão social. Este é um desafio cujo desfecho, para ser bem sucedido, exige do cidadão comum um pouco mais da sua atenção e da sua disponibilidade. Do seu tempo, afinal.

Foi esse o sentido da proposta de um ‘compromisso cívico para a inclusão social’ que o meu marido quis fazer aos portugueses. É uma causa a que não podemos ficar alheios, porque a todos diz respeito, porque a todos responsabiliza.

Eu sei que o Povo Português é um Povo solidário e são já muitas as respostas a esse apelo.

Tenho-o visto nos muitos contactos que o meu ‘voluntariado’ pessoal, a partir da Presidência, me tem proporcionado.

Mas se há uma participação crescente nas causas humanitárias – e isto é um facto –, perderam-se os laços de vizinhança e família alargada que eu ainda conheci. Concretamente, nas aldeias onde passava férias no Algarve e na minha ‘aldeia de Lisboa’, o bairro de Campo de Ourique.

Isto significa que as pessoas estão mais sozinhas, principalmente nas cidades. Isto significa que este Serviço Municipal de Apoio ao Voluntariado da Cidade do Porto faz muita falta e faz todo o sentido.

Portanto, só me resta desejar, de todo o coração, sucesso a esta iniciativa que estamos a lançar hoje aqui.

Gostaria que este exemplo se multiplicasse pelo meu país fora.

Foi-me muito grato estar hoje convosco, num momento que é tão importante para a leal, invicta e agora mais solidária Cidade do Porto.”

Maria Cavaco Silva

Visita à Existir – Associação para a Intervenção e Reabilitação de Populações Deficientes e Desfavorecidas

Loulé, 17 de agosto de 2007

19

Cerimónia Comemorativa do Dia Internacional do Voluntariado, organizada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro

Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Porto, 5 de dezembro de 2007

“É-me particularmente grato, como calculam, estar convosco nesta Cerimónia de Homenagem aos voluntários que trabalham no Instituto Português de Oncologia do Porto.

Gosto sempre de dizer ‘sim’ a estas oportunidades que me dão de marcar



Visita à Existir, Loulé, agosto de 2007



Cerimónia Comemorativa do Dia Internacional do Voluntariado, Porto, dezembro de 2007

com a minha presença o muito interesse que tenho pelo vosso trabalho e pela vossa dedicação.

Hoje celebramos o Dia Internacional do Voluntariado e tenho frequentemente afirmado, em visitas a várias instituições do meu país, que estou cada vez mais convencida de que o Estado não pode nem deve acudir a tudo.

É com a ternura que põem nos gestos, com o afeto que transmitem num olhar, que os voluntários levam aos que sofrem um consolo, uma esperança, um momento mais feliz.

Em vidas que estão muito marcadas pela dor e pelo desânimo isto é muito, muito importante.

Às vezes basta um sorriso, uma mão que afaga, para sentirmos que o remédio que vem a seguir até alivia mais depressa o mal-estar.

Nenhum homem é uma ilha – um verso muito citado de um belo poema de John Donne, um poeta inglês dos séculos XVI e XVII.

Num tempo em que infelizmente as ilhas humanas de crianças maltratadas, de idosos doentes e abandonados, dos sem-abrigo sem amor nem teto, crescem à nossa volta, são as mãos e os corações dos voluntários que lutam contra estas situações. Sei que tudo isto nos amargura, nos faz sofrer, mas não nos pode, não nos deve paralisar!

Quis a Liga Portuguesa Contra o Cancro prestar uma homenagem aos seus voluntários que dedicam a sua alma e o seu tempo a uma das áreas que todos reconhecemos ser das mais difíceis.

Bem-hajam pela homenagem.

Bem-hajam pelo vosso trabalho de amor nesta causa.

Como costumo dizer: muito obrigada por nos ajudarem a cumprir melhor as nossas obrigações para com os nossos irmãos que sofrem e precisam de nós. A todos desejo um Feliz e Santo Natal, passado no calorzinho bom dos afetos que nos unem mais nesta época do ano.”

Maria Cavaco Silva

24**Sessão de Abertura do Congresso Internacional de Serviço Social, promovido pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa***Universidade Lusíada de Lisboa, 6 de novembro de 2008*

“ Senhor Chanceler das Universidades Lusíada e Presidente do Conselho de Administração da Fundação Minerva
Magnífico Reitor da Universidade Lusíada de Lisboa
Senhor Diretor do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa
Quero felicitar a Universidade Lusíada e o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa pela iniciativa de acolher em Portugal este Congresso Internacional de Serviço Social.
A minha presença nesta sessão de abertura testemunha o muito apreço que tenho pelo vosso trabalho.
Quero também deixar uma palavra de reconhecimento ao Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa pelo lugar destacado que ocupa na história do Serviço Social Português.
Foi uma instituição pioneira na formação de técnicos superiores de serviço social, e, ao longo da sua existência de setenta e três anos, tem sido uma referência da identidade profissional da Assistência Social e um fiel depositário dos valores e dos princípios que norteiam a intervenção social em Portugal.
Faço votos para que a integração do Instituto na Universidade Lusíada de Lisboa possa ser mais um passo no sentido de conferir aos seus cursos e aos seus formandos a distinção técnica e científica que há muito merecem e justificam, pelo excecional trabalho que têm vindo a desenvolver.
Mais do que destacar a função académica do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa e da Universidade Lusíada de Lisboa, quero dirigir a todos os profissionais de serviço social – técnicos, docentes e investigadores – a expressão do meu reconhecimento pelo vosso trabalho. Ele é um contributo inestimável para que a sociedade portuguesa possa continuar a lutar por mais justiça e mais coesão social.
Uma sociedade que faça da inclusão e da defesa da dignidade humana um dos pilares do seu desenvolvimento é uma sociedade que se quer com mais coração e mais harmoniosa.



Sessão de Abertura do Congresso Internacional de Serviço Social, Lisboa, novembro de 2008

No atual contexto de crise económica, os riscos de exclusão surgem mais ameaçadores.

O receio de agravamento das condições de vida de milhares de portugueses exige de todos nós um reforço do espírito de solidariedade, mas também uma maior atenção a todos aqueles que fazem da intervenção social a sua profissão, aqueles que, no dia a dia, sustentam esse pilar indispensável da nossa existência coletiva.

Por isso, justifica-se esta palavra de reconhecimento e de confiança no vosso trabalho, empenho e competência para que, de alguma forma, possamos sentir também reforçada a esperança de que vamos conseguir superar as dificuldades que se avizinham.

Essas dificuldades todos sabemos que vão chegar. Temos também que não duvidar que vamos conseguir ultrapassá-las.

É dos profissionais de serviço social que podemos esperar cumprir o sonho de uma visão mais humana das instituições sociais: dos hospitais aos municípios, das instituições particulares de solidariedade social à intervenção comunitária, da administração pública às muitas instituições privadas que têm responsabilidades na intervenção social.

Estou convencida, pelos temas que pude identificar no programa do Congresso, que esta iniciativa será importante para a valorização profissional dos técnicos, para o desenvolvimento da investigação e do conhecimento sobre os problemas e as dinâmicas sociais, que exigem um repensar constante das soluções e dará um contributo, que desejo muito forte, para a consolidação dos valores e dos princípios da ética social.

Aos convidados estrangeiros, a todos os participantes e às entidades organizadoras quero deixar aqui os votos de um ótimo trabalho.

Muitas felicidades para todos e que saiam deste vosso encontro de trabalho com a alma reforçada para melhor cumprirem a vossa missão.”

Maria Cavaco Silva

26**Sessão de Encerramento do Fórum “Voluntariado: Promotor de Desenvolvimento”, organizado pelo Conselho Nacional Para a Promoção do Voluntariado***Centro Ismaili de Lisboa, 22 de novembro de 2008*

“
 Senhora Presidente do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado
 Senhor Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa
 Senhoras e Senhores representantes das organizações de voluntários
 Caras Amigas e Caros Amigos

É com muito gosto que estou hoje aqui convosco, porque o tema do voluntariado, como já devem ter notado, me é particularmente caro.

Desde o início do mandato que o meu marido tem dado especial relevo ao papel do voluntariado no desenvolvimento de uma nova cultura de solidariedade.

A proposta que fez aos Portugueses de um ‘compromisso cívico’ no combate à pobreza, às desigualdades e à exclusão social assenta na convicção de que os cidadãos têm uma forte responsabilidade para com aqueles que se viram, por razões várias, privados dos seus direitos cívicos e sociais, da sua autonomia pessoal ou da capacidade de poderem responder de forma eficaz à doença, à deficiência, à debilidade física ou intelectual, ao infortúnio ou às necessidades mais básicas de sobrevivência. Sabemos que uma sociedade marcada por fortes desigualdades sociais e pela banalização das situações de pobreza dificilmente poderá enfrentar os desafios do presente e muito menos os do futuro.

Sinto que, mais grave do que essas desigualdades, é a incompreensão de muitos face a essas situações.

Esconder a realidade ou baixar os braços não nos alivia nem a consciência nem a responsabilidade.

Há mesmo uma forma muito sofisticada de ignorar essas situações, que se traduz em remeter apenas para o Estado a responsabilidade de encontrar uma solução, um recurso ou mesmo de proporcionar uma oportunidade.

Esta é uma forma de solidariedade que pode apaziguar as nossas inquietações, mas não nos dignifica como pessoas, seres humanos, como cidadãos empenhados que queremos ser.



Sessão de Encerramento do Fórum "Voluntariado: Promotor de Desenvolvimento", Lisboa, novembro de 2008

Por esta e por muitas outras razões o voluntariado representa, acima de tudo, uma expressão de dignidade e de civilização. E por estas mesmas razões importa prestar homenagem e reconhecimento aos milhares de portugueses que entendem contribuir das mais variadas formas para esse combate.

Infelizmente, Portugal ainda não tem o nível de participação cívica e de voluntariado que eu desejaria ver no meu país. Ainda vogamos um pouco entre o assistencialismo privado tradicional e o protecionismo público e estatal.

Mas tenho esperança que o papel responsável do cidadão solidário venha a ser uma peça muito importante da nossa existência coletiva.

Porque felizmente já são muitos milhares os Portugueses que diariamente assumem responsabilidade solidária através da participação em organizações de voluntários.

Não fora a atividade inestimável desses cidadãos e seria difícil imaginar em que situação viveriam muitos milhares de portugueses marcados pela pobreza e pela exclusão, pela doença ou pelo infortúnio, pela incapacidade de superar as dificuldades ou de recuperar a dignidade tantas vezes perdida por caminhos sem regresso.

A minha presença aqui – a assistir às conclusões deste Congresso – é apenas uma homenagem e o reconhecimento da importância que atribuo ao trabalho de todos esses voluntários que são os fiéis depositários de um valor inestimável de qualquer organização social: solidariedade.

Admiro o vosso trabalho, a vossa entrega, a vossa tenacidade.

Sei que o vosso exemplo representa um contributo muito grande para que o movimento português de voluntariado ganhe a expressão que os problemas sociais exigem.

Por isso, sei também que podemos contar convosco.

A todos um muito obrigada.”

Maria Cavaco Silva

Cerimónia de Comemoração dos 25 Anos de Voluntariado Hospitalar Efetivo e entrega de menções honrosas e batas a novos voluntários do Núcleo Regional do Sul da Liga Portuguesa Contra o Cancro
Instituto Português de Oncologia de Lisboa, 2 de dezembro de 2008

Sessão de Apresentação da Missão Sorriso 2009, projeto de responsabilidade social do Continente
Hospital Dona Estefânia, Lisboa, 10 de novembro de 2009

Cerimónia de Entrega dos Prémios Missão Sorriso 2009
Maternidade Dr. Alfredo da Costa, Lisboa, 28 de janeiro de 2010

Visita ao Centro Social da Cova e Gala e cerimónia de entrega do montante das receitas da venda dos ingressos e dos catálogos da Exposição “O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva”, realizada no Casino da Figueira
Figueira da Foz, 10 de fevereiro de 2010



Cerimónia de Comemoração dos 25 Anos de Voluntariado Hospitalar Efetivo, Instituto Português de Oncologia de Lisboa, dezembro de 2008



Cerimónia de Entrega dos Prémios Missão Sorriso, Lisboa, janeiro de 2010



Visita ao Centro Social da Cova e Gala, Figueira da Foz, fevereiro de 2010



Visita ao Centro Social da Cova e Gala, Figueira da Foz, fevereiro de 2010



Cerimónia de Comemoração dos 25 Anos de Voluntariado Hospitalar Efetivo, Instituto Português de Oncologia de Lisboa, dezembro de 2008



Sessão de Apresentação da Missão Sorriso 2009, Hospital D. Estefânia, novembro de 2009



Sessão de Abertura das Jornadas Nacionais da Cáritas Portuguesa, Setúbal, fevereiro de 2010

32

Sessão de Abertura das Jornadas Nacionais da Cáritas Portuguesa, subordinadas ao tema “Combate à Pobreza e à Exclusão pelos Caminhos da Inovação Social”

Auditório Municipal Charlot, Setúbal, 24 de fevereiro de 2010

“

D. Gilberto Reis

Senhor Governador Civil

Senhora Presidente da Câmara Municipal de Setúbal

Dr. Eugénio da Fonseca

Caros Companheiros de Mesa

Caros Participantes

Estamos aqui reunidos hoje para darmos início às Jornadas Nacionais da Cáritas Portuguesa.

Todos conhecemos a Cáritas e, tendo uma parte do nosso país sido atingida por uma catástrofe que tanto nos dói na alma – o corpo parece às vezes curar-se mais depressa – vem-nos logo à ideia este nome de ajuda e solidariedade que há anos nos faz companhia nos maus momentos.

Estas Jornadas são dedicadas ao tema ‘Combate à Pobreza e à Exclusão social’, focando principalmente a inovação social.

O último Roteiro que o meu marido fez nas regiões de Entre Douro e Vouga e da Beira Interior – e que eu acompanhei, como de costume – foi precisamente centrado nas Comunidades Locais Inovadoras.

Tive ocasião de ver que as pessoas estão a agir a nível económico, social, empresarial, ambiental. Não estão à espera que os outros venham fazer por si aquilo que acham ser a sua obrigação.

Estão a dar-nos um ótimo exemplo de como é possível lutar contra a interioridade, contra a crise, contra o desânimo.

Eu diria mesmo que estas Jornadas têm um bom ponto de partida para o seu trabalho nos objetivos que estão no sítio da Presidência, pois as temáticas abordadas nas Jornadas e no Roteiro não podiam ser mais próximas.

Falamos tanto de crise nos últimos tempos e, como uma desgraça nunca vem só, este fim de semana a Madeira, a nossa ilha de beleza famosa em todo o

mundo, a nossa 'Pérola do Atlântico', sofreu um desastre natural de proporções inimagináveis.

Nestes momentos de tragédia precisamos ainda mais uns dos outros.

Gostamos de ser felizes em comunidade, mas eu sinto que, como as famílias se unem ainda mais nos momentos de dor, também os povos sentem mais necessidade de união nos momentos de catástrofe.

Para chorarem os seus mortos, sim, mas também para se organizarem e fazerem face, juntos, ao trabalho de reconstrução que é necessário em todos os cenários de destruição e morte.

Fomos há pouco confrontados, a nível global, com a tragédia do Haiti.

Quando fui à missa por intenção das vítimas da calamidade, o Dr. Eugénio da Fonseca teve ocasião de me dizer: 'a Cáritas tem capacidade de ajudar mais rápido porque está no terreno'.

É a isso que a Cáritas sempre nos habituou – estar no terreno.

Sei que também está no terreno na Madeira, porque tive ocasião de a visitar *in loco* quando lá fui.

É reconfortante, neste momento de tragédia, sabermos que a Cáritas, como sempre, está lá.

É reconfortante sabermos que, ainda com a alma a chorar, o Exército, os Bombeiros, a Proteção Civil, as Polícias estão lá, a fazer o possível e o impossível.

É bom saber que a população não baixou os braços.

Tentando engolir as lágrimas, passou imediatamente à ação, para pôr em prática o lema de todas as derrocadas: é preciso enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

Há sempre lições a tirar de todas as tragédias. Que saibamos, com humildade, aprender a fazer melhor, a corrigir o que está mal.

É hora de trabalhar. Que a angústia do tanto por fazer não permita que o desânimo se instale.

É também nas horas de graves dificuldades que a inovação, tema-chave destas Jornadas, sofre sempre uma aceleração.

A necessidade aguça o engenho, diz a sabedoria popular. As dificuldades também. Não tenho a mínima dúvida de que estas Jornadas, que Deus quis que se realizassem num momento de luto nacional, vão ser capazes, através do diálogo



Visita à Associação Integrar, Coimbra, outubro de 2010



Visita ao Centro Infantil Olivais Sul, dezembro de 2010



Cerimónia de Entrega dos Prémios Missão Sorriso, Hospital Garcia de Orta, Almada, fevereiro de 2014

e de uma rica troca de experiências, de abrir mais uma vez o caminho da Esperança.

Desejo a todos um ótimo trabalho, para bem de todos nós.”

Maria Cavaco Silva

Visita à Associação Integrar, em Coimbra

Coimbra, 29 de outubro de 2010

Visita ao Centro Infantil Olivais Sul e entrega do apoio financeiro da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento ao Plano Nacional de Leitura 2010

Lisboa, 20 de dezembro de 2010

Sessão de Entrega dos Prémios Missão Sorriso 2011

Hospital Dr. Fernando Fonseca, 26 de janeiro de 2012

Inauguração da Exposição Solidária “100 Contra a Sida”, promovida pela Liga Portuguesa Contra a Sida

Fundação Champalimaud, 28 de novembro de 2012

Sessão de Entrega dos Prémios Missão Sorriso 2012

Hospital de Santa Maria, 27 de fevereiro de 2013

Cerimónia de Entrega de batas a 59 novos voluntários do Núcleo Regional do Sul da Liga Portuguesa Contra o Cancro

Instituto Português de Oncologia de Lisboa, 23 de setembro de 2013

Cerimónia de Entrega dos Prémios Missão Sorriso 2013

Hospital Garcia de Orta, 12 de fevereiro de 2014



Inauguração da Exposição Solidária "100 Contra a SIDA", Fundação Champalimaud, novembro de 2012



Sessão de Entrega dos Prémios Missão Sorriso, Hospital Garcia de Orta, Almada, fevereiro de 2014



Cerimónia de Entrega de batas a 70 novos voluntários da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Instituto Português de Oncologia de Lisboa, outubro de 2014



Sessão de Entrega dos Prémios Missão Sorriso, Hospital São João, Porto, fevereiro de 2015



Inauguração da sede da Associação Laços Eternos, Lisboa, março de 2015



Cerimónia de Apresentação de resultados do Movimento Mais para Todos, promovido pelo Lidl, Lisboa, março de 2015

Cerimónia de Entrega de batas a 70 novos voluntários
da Liga Portuguesa Contra o Cancro

Instituto Português de Oncologia de Lisboa, 1 de outubro de 2014

Sessão de Entrega dos Prémios Missão Sorriso 2014

Hospital São João, Porto, 10 de fevereiro de 2015

Visita à Residência de Velinhos da Congregação das Irmãs Pobres para entrega de dois donativos à instituição: um resultante da venda das entradas na Iniciativa “Noites de Luz”, nos Jardins do Palácio de Belém, organizada conjuntamente pelo Museu da Presidência da República e pelos CTT – Correios de Portugal; o outro resultante dos lucros da venda de um CD com a gravação da edição de 2012 da “Noite de Poesia”, realizada no Palácio de Belém

Lisboa, 12 de fevereiro de 2015

Cerimónia de Apresentação de resultados do Movimento Mais para Todos, iniciativa solidária de angariação e doação de fundos promovida pelo Lidl Portugal, que visa apoiar instituições de todo o país que, diariamente, estão no terreno a ajudar as comunidades locais

Pavilhão de Portugal, Parque das Nações, Lisboa, 18 de março de 2015

Inauguração da sede da Associação Laços Eternos – Associação de Apoio a Pais em Luto

Lisboa, 19 de março de 2015



Cerimónia de Apresentação de resultados do Movimento Mais para Todos, Lisboa, março de 2015



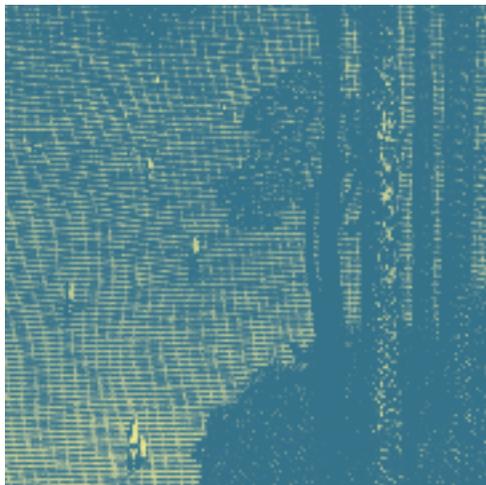
Visita à Residência de Velinhos da Congregação das Irmãs Pobres, Lisboa, fevereiro de 2015







PROTEGER A CRIANÇA



PROTEGER A CRIANÇA

Tenho o maior gosto em dar o meu testemunho sobre os anos na Presidência da República da Dr.^a Maria Cavaco Silva, uma amiga que muito admiro pela sua dignidade de vida, pela sua competência, sensibilidade e pela discrição com que sempre se tem dedicado, com todo o empenho e dedicação, a vários projetos e várias causas.

Lembro, por exemplo, os Serões de Poesia que todos os anos nos enchiam a alma no Dia Mundial da Poesia, e que se realizaram, pela primeira vez, no Palácio de Belém (era Rilke que sublinhava que só encontra a poesia na vida quem a tem dentro de si).

Mas a sua grande causa foi a deficiência de crianças, jovens e as suas famílias, a que se entregou com toda a determinação, sensibilidade e um profundo afeto. A ela devemos, por exemplo, o carinho com que apoiou a Raríssimas – até então praticamente sem visibilidade – ou as CERCI, que também acompanhei desde o início e que têm feito um trabalho extraordinário por todo o país.

Mulher de Família, que é o grande pilar de qualquer sociedade, é para nós a grande companheira, mãe e avó exemplar, tendo representado com toda a dignidade a Mulher portuguesa, em Portugal e no mundo.

Com um *curriculum* excelente na área da educação, a Escola foi sempre uma das suas grandes prioridades – uma escola de afetos, de cultura e humanização.

Permitam-me a lembrança comovida da entrega em mãos por João dos Santos do manuscrito *A Caminho de uma Utopia... um Instituto da Criança*. Profissionais de diferentes áreas, de mãos dadas com outras instituições, desde 1983 damos voz às pessoas que trabalham no terreno, fomentamos redes informais e projetos inovadores. De sublinhar que as Nações Unidas só aprovaram *A Convenção sobre os Direitos da Criança* em 1989.

Desde o início que para o Instituto de Apoio à Criança (IAC) a grande prioridade são as crianças em risco, abandonadas, maltratadas e abusadas sexualmente. E o grande arranque foi o Seminário, em 1984, "A Criança em Portugal: que Direitos?", onde,

pela primeira vez, de uma forma pública e pluridisciplinar este tema foi abordado, tema que era então tabu até para a comunicação social.

Desde então, o IAC tem vindo a trabalhar em áreas não cobertas nem pelo Estado nem por outras instituições, como a Linha SOS Criança, serviço anónimo e confidencial, criado em 1988 (número 116 111); SOS Criança Desaparecida (número europeu 116 000), integrado na Federação Europeia das Crianças Desaparecidas (sendo o IAC a única instituição portuguesa representada); Projeto com as Crianças de Rua, criado em 1989 ao abrigo de um projeto europeu de luta contra a pobreza (as crianças e os jovens não nascem marginais nem delinquentes e têm direito a ter um horizonte de esperança, a serem felizes e a sentirem-se respeitados e amados); Humanização dos Serviços de Pediatria; Atividade Lúdica; Publicação do Guia dos Direitos da Criança; Centro de Documentação para a Infância, etc. Em 2008, apresentámos na Assembleia da República um documento sobre *O Superior Interesse da Criança na perspectiva do respeito pelos seus direitos*, em que defendemos o direito da Criança a ser ouvida (Artigo 12º d'A *Convenção sobre os Direitos da Criança*).

É ainda João dos Santos que diz que a "Criança é o projeto mais importante e mais belo da humanidade". Ou Nelson Mandela, que recorda: "Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata as suas Crianças".

Ao trabalho do Instituto de Apoio à Criança, Maria Cavaco Silva esteve sempre atenta e deu-nos todo o apoio.

Também o Presidente da República condecorou o IAC no Dia de Portugal, dia 10 de Junho de 2008.

Inclusivamente, Maria Cavaco Silva esteve presente no nosso Congresso na Gulbenkian em 2007 em que, para além de alertarmos para o combate ao flagelo da exploração sexual através da Internet, fizemos uma homenagem belíssima e comovente a Matilde Rosa Araújo, a que Maria Cavaco Silva se associou com a sua presença e um texto poético e belíssimo. O último Congresso em que nos deu a honra de participar, conjuntamente com SAR a Rainha D. Sofia de Espanha, foi em 2013, sobre Crianças Desaparecidas e Exploradas Sexualmente, e mais uma vez, com todo o seu saber e a sua sensibilidade, fez uma intervenção brilhante.

Como diz o Papa Francisco, neste mundo tão globalmente indiferente e desumanizado, não podemos silenciar nem assistir passivamente, temos de lutar contra uma sociedade tão violenta, em que os pais, nesta época de crise e desemprego, não têm tempo para os filhos, para lhes transmitir valores, regras e dar-lhes muito carinho e compreensão.

Obrigada, Maria, por todo um trabalho fantástico, que fez, discretamente, para que os Direitos das Crianças, como diz Maria Rosa Colaço, “sejam mais que nas paredes, nos cartazes, nos poemas e nos relatórios, inscritos no coração dos homens e cumpridos por todos os responsáveis”.

Manuela Ramalho Eanes



Seminário "Adolescências", promovido pela Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal, Estoril, maio de 2006

2

Sessão de Abertura do Seminário "Adolescências", promovido pela Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal

Auditório da Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 11 de maio de 2006

“ Senhor Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Dr. António Capucho
Senhora Diretora do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo, Dr.^a Rosa Araújo

Senhora Fundadora das Aldeias SOS, Dr.^a Maria do Céu Mendes Correia

Senhor Presidente da Direção das Aldeias SOS, Dr. Luís Matias

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Começo por agradecer o convite que me dirigiram para estar presente em mais uma iniciativa da Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal.

É com especial emoção que o faço, não só por ser uma das primeiras intervenções públicas como mulher do Presidente da República, mas, acima de tudo, por se tratar de um ato de reconhecimento pelo excepcional trabalho que esta Associação tem vindo a desenvolver ao longo dos seus quarenta e dois anos de existência.

Habitúamo-nos a identificar as Aldeias de Crianças SOS como uma das iniciativas pioneiras no acolhimento de crianças desprotegidas em Portugal.

Descobrimos que o sonho de poder proporcionar a cada criança uma Mãe, uma Família, um Lar e uma Comunidade Saudável, pode tornar-se realidade através do esforço, da competência, da dádiva, mas, acima de tudo, do amor com que tantos têm concretizado este projeto.

Sei que é por esse mesmo amor que muitos de vós estão aqui presentes, reconhecendo com a vossa participação a necessidade de refletir sobre os desafios e os problemas destas crianças.

Numa sociedade que tanto mudou nos últimos trinta anos, esse esforço de encontrarmos melhores soluções para velhos e novos problemas merece ser assinalado. Mudou, antes de mais, a forma como encaramos os direitos das crianças. Muito se tem feito neste domínio, mas está ainda longe o que todos ambicionamos realizar para tornar estas crianças mais felizes, mais capazes, mais autónomas. Mudou a sociedade, mas infelizmente o risco de exclusão mantém-se eleva-

do para muitas crianças. Apesar do progresso assinalável registado no nosso país, temos de reconhecer que a pobreza infantil tarda em ser confinada a uma dimensão que não nos envergonhe.

Mudou a família e com essa mudança tornaram-se mais frágeis alguns dos pilares fundamentais que permitiam à criança crescer num ambiente que lhe desse amor, segurança e confiança no futuro.

Hoje, ouço muitos educadores e professores queixarem-se de que as crianças e os jovens se revelam mais imaturos e menos autónomos.

Interrogo-me se, no fundo, eles não se sentirão mais inseguros, menos confiantes e por isso são mais dependentes.

Um velho pensamento, cuja origem se desconhece, diz-nos que ‘uma criança torna-se adolescente logo que deixa de questionar de onde veio e deixa de dizer para onde vai’. Trata-se de uma reação de quem procura o seu lugar, de quem busca uma identidade e de quem o quer fazer de forma independente.

Preocupante será uma criança não compreender ou não saber de onde veio e, ao deixar de dizer para onde vai, o faça porque não tem para onde ir.

Esse processo de afirmação poderá ser para alguns um processo de ocultação desse vazio que a vida lhe deixou a descoberto.

Esse processo de afirmação, como salientou há muito Bruno Bettelheim, faz-se na dupla perspetiva da oposição e do mimetismo. Por oposição aos que lhe são mais próximos, especialmente os pais e adultos com quem priva. Por mimetismo aos que admira e a quem pretende associar-se.

É por isso que a adolescência é também a idade da descoberta, da experimentação e inevitavelmente a idade do risco. Um risco a que todos devemos estar atentos, quando notamos que as potencialidades que essa idade representa são ultrapassadas pela expressão, por vezes dramática, que o jovem dá de mal-estar e vulnerabilidade pessoal.

Se é assim, para crianças e adolescentes que beneficiaram de um ambiente familiar, como será para aqueles que não tiveram esse bem inestimável?

Partilho convosco estas preocupações, porque elas atestam o quanto representa para mim o vosso trabalho, a importância da vossa reflexão, essa procura incessante de encontrar soluções e caminhos por onde possamos ajudar as nossas crianças a trilhar, dia a dia, um futuro melhor.

Como educadores, professores e técnicos, tendes nas vossas mãos uma grande responsabilidade no desafio de ‘fazer crescer’ estas crianças, de as capacitar para poderem enfrentar desafios cada vez mais complexos e inesperados, de lhes conferir as competências e os conhecimentos necessários para que sejam homens e mulheres de futuro.

Desse futuro que todos ambicionamos mais próspero e socialmente mais justo. Lembro as palavras do Prof. João dos Santos, que dizia com a autoridade de uma vida dedicada aos problemas dos mais jovens, e cito de cor: ‘toda a criança precisa de ter uma aldeia e uma avó’. Pessoalmente, senti que isso foi fundamental no meu desenvolvimento. Tive avós e tive aldeias.

Como não ficar logo fascinada com a realização desse sonho de dar uma aldeia, uma mãe, irmãos, tias, a crianças que tinham perdido tudo?

É desse fascínio que hoje vos dou conta aqui. Uma aldeia, uma família, amor. Com estas armas todos podemos sonhar mais alto.

Pelo vosso trabalho, pela vossa competência e pela vossa dedicação, quero deixar o testemunho do meu reconhecimento e a expressão dos votos de gratidão pelo que têm feito e pelo muito que irão continuar a fazer pelas crianças do nosso País.”

Maria Cavaco Silva

4

Visita à Associação Os Francisquinhos

Sede da Associação, Lisboa, 18 de maio de 2006

“Minhas Senhoras e Meus Senhores

Devo avisar que não vou fazer um discurso, o que não se justifica muito nas circunstâncias, mas apenas expressar um sentimento de gratidão. Acarínhei este projeto desde o seu início e estou aqui hoje, passados tantos anos, apenas a reafirmar esse carinho.

Nessa altura a minha ligação ao Hospital S. Francisco Xavier já existia por razões familiares, mas não era ainda tão íntima como é agora – no Hospital S. Francisco

Xavier nasceram os meus quatro netos, e não preciso dizer o que isso significa para mim, ou para qualquer avó.

Gosto de chamar a atenção para todos aqueles, e felizmente já são muitos em Portugal, que não se resignam àquilo que não corre bem e lutam para mudar o mundo e as coisas, porque sabem que não é o Estado, não deve ser o Estado a resolver tudo.

Não está na vocação estatal dar soluções carinhosas a tantos problemas que aparecem na vida comunitária e para os quais não estávamos preparados, porque não sabíamos sequer que existiam, ou porque achávamos que não iam acontecer.

Mas o mal também acontece e devemos estar preparados para desse mal tirar bem.

E já há tanta gente, como a Enfermeira Bénard Guedes, que do mal quer e consegue tirar o bem. Na origem de muitas instituições em que, pelo País fora, encontramos soluções engenhosas e afetivas para resolver carências, está quase sempre uma experiência dramática que se ultrapassou com amor. E depois quis-se partilhar com outros nas mesmas circunstâncias os muitos passos que se deram até chegar àquele patamar que já pode ser considerado uma vitória, pelo menos quando comparado com a situação anterior.

O que vi aqui hoje n'Os Francisquinhos mostra o caminho andado nestes anos. E também já percebi que ninguém acha que está tudo feito.

Aliás, nunca está tudo feito.

Congratulo-me por ver que as empresas, para lá do apoio monetário, envolvem diretamente os seus funcionários no trabalho de campo.

Neste caso podemos falar mesmo em trabalho de campo. Basta olharmos à volta. Dar o nosso tempo é mais difícil e mais generoso do que dar apenas o nosso dinheiro.

Agradeço a todos o muito que têm feito e o muito que ainda vão fazer, porque não tenho dúvidas de que este trabalho é para continuar.

Os Francisquinhos exigem-nos que não desistamos.

Os Francisquinhos merecem tudo o que lhes possamos dar.”

Maria Cavaco Silva



Encontro “Pela Defesa dos Direitos da Criança – Novas Realidades, Novos Interesses, Novos Desafios”, organizado pelo Instituto de Apoio à Criança, Fundação Calouste Gulbenkian, abril de 2007

11

Encontro “Pela Defesa dos Direitos da Criança – Novas Realidades, Novos Interesses, Novos Desafios”, organizado pelo Instituto de Apoio à Criança

Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de abril de 2007

“Acho que a nossa capacidade de enfrentar a vida depende muito daquilo a que gosto de chamar ‘bens de família’.

Se me perguntam pelos meus bens de família, posso rapidamente enumerar-vos alguns, e perceberão logo o que quero dizer:

- A memória de uma mãe que não conheci.
- Uma avó que guardou essa memória para ma transmitir com amor e lágrimas.
- Um pai que me ensinou a dignidade que há em todo o sofrimento, que não se procura mas se aceita.
- Um pai substituto que partilhou sempre comigo a inocência da sua alegria.

Como calculam, podia acrescentar mais, mas acho que não é necessário. Estes bens imateriais, a que dou um valor sem preço, chegam para percebermos todos a importância do que se tratou neste Encontro, ao longo deste dia.

Se não temos ‘bens de família’ no nosso mundo de crianças, teremos dificuldades na construção do nosso mundo de adultos.

Como comunidade, os bens mais preciosos, que temos de acautelar e proteger, são as nossas crianças.

Para elas sentimos a necessidade de transmitir a memória do passado para lhes darmos um futuro.

Uma comunidade que não guarda e protege as suas crianças está condenada ao fracasso. Sabemos todos como as notícias diárias de atentados a esse património precioso e inalienável da nossa continuidade enchem as páginas dos jornais, os sons da rádio e as imagens da televisão.

Nos Roteiros para a Inclusão ouvi várias vezes dizer-se, com vozes embaciadas pela emoção e pela violência do que encontrávamos no caminho, que nascem cada vez menos crianças em Portugal e, para lá disso, que já é mau, tratamo-las mal, o que é ainda pior.

Talvez não seja bem assim.

Nascem menos – os números não mentem.

Mas estamos infinitamente mais despertos para os problemas que durante anos foram escondidos, camuflados, varridos para debaixo do tapete da nossa má consciência coletiva.

O IAC, a que a dedicação da Dr.^a Manuela Eanes deu corpo e voz há mais de vinte anos, é um exemplo dessa nova atitude.

Muitos mais há, graças a Deus.

Este Encontro, na sequência de tantos outros já realizados, mostra-nos como estamos mais atentos aos direitos da criança e preparados para lutar quando eles são atropelados.

As crianças da Escola de Alvalade escreveram em dez mãos abertas, que eles próprios desenharam, as palavras-chave:

- Igualdade
- Proteção
- Identidade
- Bem-estar
- Fraternidade, Paz
- Atenção especial
- Não ser explorados
- Saúde
- Educação
- Amor, Respeito, Compreensão

As meninas e os meninos pequenos desta escola escreveram estas palavras grandes em dez mãos abertas, porque tiveram como guia as palavras grandes de uma grande senhora da poesia, que hoje está aqui connosco: Matilde Rosa Araújo.

Sabemos que as crianças e os poetas se entendem bem.

A infância é uma época da vida em que a poesia visita todos.

Depois, alguns esquecem essa visita. Outros, mais felizes, continuam em contacto com essas vozes mágicas que dão outro sentido à nossa caminhada. Uma caminhada que não queremos que seja um ‘vale de lágrimas’ para ninguém, muito menos para os mais pequenos e desprotegidos.

E como vai ser, como pergunta Matilde Rosa Araújo, se a criança não tem família? Como vai ela acumular, ao longo da sua vida, esses valores simples mas fundamentais a que chamei os ‘bens de família’?

Aí todo o Mundo – mais uma vez a nossa guia é Matilde Rosa Araújo – terá que ser convocado para participar na aventura, maravilhosa aventura, duma vida que nasceu.

E todos não seremos demais.

Todos serão a sua família.

Porque agora que todos os dias ‘vemos, ouvimos e lemos’, a nossa responsabilidade cresceu proporcionalmente à visibilidade que os problemas têm.

O Instituto de Apoio à Criança confronta-nos com essas novas e acrescidas responsabilidades.

E, com a ajuda de quem conhece e estuda os problemas, mostra-nos como enfrentá-los e ultrapassá-los.

Tenho a certeza que deste Encontro sairão mais pistas de intervenção concreta.

Novas realidades, novos problemas, novas soluções. Para que saibamos estar lá quando for preciso.

Para que possamos dizer, de consciência tranquila, com Matilde Rosa Araújo: *Infância nunca será solidão.*”

Maria Cavaco Silva

18

Jantar de Gala de apoio ao Refúgio

Ascensão

Casino de Vilamoura, 22 de agosto de 2007

“Muito boa noite a todos.

Nem imaginam a alegria que sinto hoje nesta saudação tão simples. Ao ver a sala cheia de pessoas que querem estar juntas num gesto de solidariedade com significado muito especial, creio que todos sentimos uma vontade enorme de desejar ‘boa noite’ uns aos outros, com um sorriso feliz.

Porque verificamos que, afinal, quando queremos, os nossos dias e as nossas noites, em suma, as nossas vidas podem ser melhores.

São sempre melhores quando ajudam a melhorar as vidas dos outros.

E quando essas vidas estão a começar, e a nossa ajuda pode fazer toda a diferença do mundo, tudo parece fazer ainda mais sentido.

Nos Roteiros para a Inclusão, que o meu marido em boa hora lançou, num desafio ao país para ser mais fraterno, várias vezes o ouvi dizer, perante pessoas visivelmente emocionadas, como ele próprio aliás, que um país que não trata bem as suas crianças não é digno das novas gerações que elas representam.

Temos a obrigação moral de merecer o nosso futuro.

Respondendo 'sim' ao apelo do Refúgio Aboim Ascensão, que há mais de vinte anos é um porto de abrigo para os pequenos que as tempestades da vida atiraram para caminhos que nenhum de nós quer para os filhos ou netos, estamos apenas a cumprir um dever de cidadania.

O Refúgio Aboim Ascensão tem sido um exemplo a seguir nesta área tão frágil. E os números podem ajudar-nos a compreender como a sua ação tem feito a diferença para tantas crianças inocentes que foram atiradas pelos azares da vida para situações de perigo, angústia, abandono.

Desde 1985 passaram pelo Refúgio Aboim Ascensão mais de 2000 crianças.

Um dos objetivos, que considero fundamental em todas estas instituições, é o regresso dos pequenitos à sua família de origem.

Pois também neste aspeto o Refúgio nos dá ótimos resultados: cerca de 65%.

As adoções, que têm vindo a crescer, são também elas animadoras: cerca de 30%.

Feitas as contas, verificamos, e devo dizer-vos que isso me dá muita alegria e principalmente muita esperança no futuro, que a percentagem de crianças que não encontram outra solução que não seja a passagem para outra instituição, é de apenas 5%.

Há ainda muito a fazer, mas acho que podemos dizer que foi muito bom o caminho percorrido.

O que só nos obriga a ultrapassar o que de bom ou muito bom já foi feito.

Tanta angústia para vidas tão pequeninas.

O que nos pode fazer sentido hoje, neste momento especial, em que estamos reunidos por um objetivo maior, é sabermos que, afinal, há muitas formas de ajudar.

Ajudar é bom e não custa nada. Olhando para os que estão à minha volta diria mesmo que ajudar nos faz felizes.

Integrada no Refúgio, temos, desde 1986, uma nova forma de trabalhar nesta área tão sensível das crianças vítimas de abandono, negligência involuntária ou criminosa, maus-tratos: a Emergência Infantil.

Para aqueles que não estão familiarizados com o assunto, direi que é um modelo de trabalho que permite uma maior rotatividade das crianças na instituição. Esta nova abordagem, posta em prática pelo diretor do Refúgio, trouxe uma mais-valia à instituição, porque agilizou aquilo que é afinal o objetivo primeiro de todos os que trabalham com crianças em risco: a sua integração na sociedade, a sua saída mais rápida da situação de emergência que uma institucionalização, por muito boa e carinhosa que seja – e esta sabemos que o é –, representa.

O lema do Refúgio é: *Pelo direito ao colo.*

Poderá parecer redundante, porque achamos talvez que onde há crianças há colo.

Infelizmente não era assim.

Felizmente, agora já é assim.

Em tantas instituições que tenho visitado, do Norte ao Sul do país, a minha maior alegria tem sido verificar essa grande diferença de atitude.

Tenho encontrado tanto colo, tantos gestos de ternura onde sabia que antes havia apenas resposta para as necessidades básicas de higiene e alimentação, que não tenho dúvidas que, enquanto forem necessários os refúgios no nosso país, eles serão, na medida do possível, um porto de abrigo de afetos que tentam substituir temporariamente a âncora que as famílias devem ser, mas às vezes não podem por razões várias que não interessa aqui enumerar.

O meu apelo é apenas este: vamos dar mais colo, com mais ternura e mais qualidade, a estes meninos que passam pelo Refúgio Aboim Ascensão.

É para isso que nos reunimos hoje aqui.

Bem-hajam pela vossa presença!

Bem-hajam pela vossa generosidade.

Devo, no entanto, dizer-vos que sempre que agradeço a presença de almas de boa vontade nestas reuniões em que o objetivo é juntar fundos para aju-

darmos a sobrevivência destas instituições, a minha tentação é não agradecer nada aos que estão presentes e dizer-lhes apenas: ‘estivemos aqui juntos nuns agradáveis momentos de convívio, felizes e a sentirmo-nos bem porque sabemos que a nossa presença tem um significado importante’.

Agradecer para quê? O nosso obrigado deve ir todo para as pessoas, e felizmente são tantas, que dão o seu empenhamento, o seu carinho, a sua boa vontade, a sua energia aos que precisam deles.

A todos esses trabalhadores da solidariedade, voluntários ou não voluntários, é que todos nós temos a obrigação de deixar, hoje aqui especialmente, mas em todos os dias da nossa vida, um obrigado enorme por nos ajudarem generosamente a cumprirmos a nossa obrigação para com os mais pequenos, os mais pobres, os mais sós, os mais desprotegidos. Em suma, aqueles que mais precisam da nossa ajuda.

Para todos eles o meu comovido muito, muito obrigada. ”

Maria Cavaco Silva

Visita à Casa D. Ruy Salema, onde está instalado o Centro de Acolhimento Temporário para Jovens da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal
Alcácer do Sal, 13 de novembro de 2007

Inauguração de uma Sala de Atividades para Crianças
no Hospital Maria Pia, no Porto

Porto, 5 de dezembro de 2007

Visita à ABEI – Associação para o Bem Estar Infantil da Freguesia
de Vila Franca de Xira

Vila Franca de Xira, 29 de janeiro 2008

Visita ao Refúgio Aboim Ascensão

Faro, 25 de agosto de 2008



Visita à Casa D. Ruy Salema, Alcácer do Sal,
novembro de 2007



Visita ao Refúgio Aboim Ascensão, Faro, agosto de 2008



Visita à Casa D. Ruy Salema, Alcácer do Sal, novembro de 2007



Visita à Associação para o Bem Estar Infantil da Freguesia de Vila Franca de Xira, janeiro de 2008

23

Jantar Comemorativo do 20º Aniversário da Associação A Casa do Caminho

Casino de Espinho, 23 de outubro de 2008

“

Boa noite a todos!

Gosto de estar aqui esta noite convosco.

É sempre bom dar um salto até ao Norte e quando esse salto inclui uma boa causa e uma boa companhia é duplamente bem-vindo.

Quando olho à minha volta vejo um belo grupo de pessoas aqui reunidas, num círculo de boas vontades. Todos queremos ir mais longe e sabemos que palavras leva-as o vento. E se com palavras nos entendemos, e desentendemos, é pelos gestos concretos de solidariedade que podemos fazer a diferença.

Queremos fazer a diferença, vamos fazer a diferença.

Estamos aqui presentes esta noite para tentarmos cuidar melhor do elo mais fraco que foi posto à nossa guarda: as nossas crianças.

É um lugar-comum dizermos que as crianças são o futuro. Temos a obrigação de merecer o futuro, mas será que fazemos tudo o que podemos para estarmos à altura dessa tarefa vital?

Hoje estamos aqui porque queremos ajudar muito concretamente com um levantamento de fundos destinados a uma instituição que há vinte anos é um abrigo para bebés que precisam de aconchego, por razões que a vida pôs no caminho das suas pequenas vidas inocentes.

Seria bom que não houvesse necessidade para casas como esta e, se estou aqui a celebrar os 20 Anos, gostaria de dizer o contrário dos votos de parabéns: não desejar muitos anos de vida.

Esta vida d'A Casa do Caminho é muito necessária agora, mas não será um sonho de todos nós que não haja mais crianças institucionalizadas?

Mas enquanto houver esta realidade temos de a enfrentar. Temos de estar atentos e ser generosos para que, com a nossa ajuda, funcione o melhor possível e cumpra a sua missão não só com o essencial mas também com carinho e muito colo.

A Casa do Caminho está integrada, desde 1992, na Emergência Infantil, uma forma mais ágil, e mais eficaz, de trabalhar nesta área tão difícil das crianças vítimas de abandono, negligência involuntária ou criminosa, maus-tratos.

Em julho de 2006, tive ocasião de visitar, com o meu marido, durante a 2ª Jornada do Roteiro para a Inclusão, dedicada às Crianças em Risco e à Violência Doméstica, A Casa do Caminho, e gostámos muito, muito do que lá vimos.

Pel'A Casa do Caminho passaram durante estes vinte anos 489 crianças. Uma larga percentagem foi adotada, tendo as outras crianças regressado às famílias biológicas, a solução preferível, mas nem sempre possível.

Este jantar é mais do que uma refeição, é um ato de amor pelas nossas crianças que precisam de nós.

Os fundos aqui reunidos irão permitir que os serviços prestados pel'A Casa do Caminho às crianças que por ela passam tenham mais qualidade.

Daqui agradeço a todos os que trabalham n'A Casa do Caminho e em tantas outras instituições, de Norte a Sul do país, a dedicação, o carinho, os gestos de afeto que no seu dia a dia dão a tantos seres pequeninos que lhes estão confiados.

Para todos eles, para todos vós o meu comovido muito, muito obrigada!”

Maria Cavaco Silva

Visita à Casa SOL – Associação de Apoio às crianças VIH/SIDA

Lisboa, 26 de novembro de 2008

Visita à Aldeia de Crianças SOS de Bicesse, por ocasião do 43º Aniversário desta Instituição Particular de Solidariedade Social

Alcabideche, 30 de outubro de 2010

Visita ao Centro de Recuperação de Menores

D. Manuel Trindade Salgueiro, da Fundação Vaquinhas e Velez do Peso

Assumar, Monforte, 14 de dezembro de 2011



Visita à Casa SOL – Associação de Apoio às Crianças VIH/SIDA, Lisboa, novembro de 2008



Visita à Aldeia de Crianças SOS de Bicesse, outubro de 2010



Visita ao Centro de Recuperação de Menores D. Manuel Trindade Salgueiro, Monforte, dezembro de 2011



VII Conferência “Crianças Desaparecidas e Exploradas Sexualmente”, com a presença de SAR a Rainha D. Sofia de Espanha, Lisboa, maio de 2013

48

Sessão de Abertura da VII Conferência “Crianças Desaparecidas e Exploradas Sexualmente”, organizada pelo Instituto de Apoio à Criança e integrada nas Comemorações do 30º Aniversário do IAC, com a presença de SAR a Rainha D. Sofia de Espanha

Assembleia da República, 24 de maio de 2013

“ Tem sido longo e doloroso o caminho de alerta para o problema das crianças sexualmente abusadas e exploradas, vítimas de rapto e de violência. Por toda a Europa o esforço das organizações cívicas e dos governos tem sido real e permitam-me destacar o papel inestimável que, em Portugal, o Instituto de Apoio à Criança tem vindo a desempenhar.

É um esforço que tem dado alguns frutos, mas receio que se revelem insuficientes face ao incontrolável número de casos que todos os dias nos confrontam com uma realidade envolta numa impenetrável e terrível cortina de silêncio e de desconhecimento da verdadeira dimensão do problema, quer em Portugal, quer na Europa e no Mundo.

A Convenção do Conselho da Europa contra a Exploração Sexual e os Abusos Sexuais, conhecida internacionalmente como a Convenção de Lanzarote, foi um marco histórico neste esforço de combate a uma das mais repugnantes formas de violência sobre as crianças. Registo com agrado o facto de a referida Convenção ter entrado em vigor em Portugal no passado dia 1 de dezembro de 2012.

Mas, infelizmente, os factos não nos deixam repousar sobre a consagração na nossa ordem jurídica do compromisso que essa convenção representa. É necessário identificar a verdadeira dimensão do problema e desta constante ameaça sobre as nossas crianças. Temos de desenvolver mais investigação e melhor conhecimento sobre estas práticas, de forma a que, para além da criminalização, se possa desenvolver uma verdadeira política de prevenção que envolva desde o simples cidadão, aos pais, às organizações cívicas, às instituições públicas e aos governos.

Os números, mesmo que as estimativas assumam uma considerável margem de erro, não nos deixam descansar porque são assustadores.

- Estima-se que 27 milhões de adultos e 13 milhões de crianças em todo o Mundo são vítimas de tráfico humano. Deste total quase 80% estão associados ao negócio do sexo. E mais de metade do tráfico e da escravidão sexual incide em crianças e jovens com menos de dezasseis anos.
- Em 2008, 30% dos casos identificados de tráfico envolviam crianças destinadas à indústria do sexo.
- De acordo com a UNICEF, estima-se em cerca de 2 milhões as crianças, na sua maioria raparigas, que são exploradas pela indústria do sexo.
- Em 54% dos casos de tráfico humano o angariador é um estranho, mas nos restantes 46% o recrutamento é feito por pessoas próximas da vítima, senão mesmo familiares.
- Calcula-se que 30.000 seja o número de vítimas de tráfico sexual que anualmente morrem por abuso, doença, tortura ou negligência. Cerca de 8% dos que são traficados para escravatura sexual têm menos de vinte e quatro anos e alguns não têm mais de seis anos.

A indústria do sexo ganhou uma dimensão nunca antes conhecida com o desenvolvimento da Internet e com a globalização e massificação do turismo sexual. Hoje as redes de tráfico de crianças estão organizadas à escala global e a comercialização das imagens e dos vídeos digitais representam um dos negócios mais volumosos e mais lucrativos. Em 2009, uma equipa do Centro Nacional das Crianças Desaparecidas e Exploradas (Estados Unidos da América) identificou mais de 10,5 milhões de imagens pornográficas de crianças disponíveis na Internet.

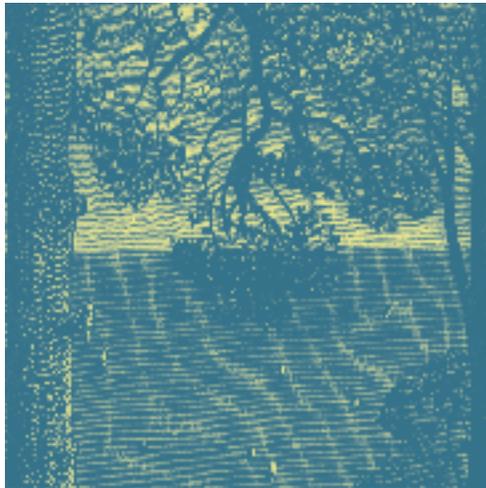
Deixámos que o ‘monstro’ crescesse e possivelmente acordámos tarde para a destruição silenciosa que está a provocar.

Temos de redobrar os esforços porque ações isoladas podem ser muito meri-tórias mas não são eficazes.

Mas, por muito que nos custe, é preciso reconhecermos que o global, infeliz-mente, por vezes começa à nossa porta.

Desejo que os trabalhos desta Conferência abram novos caminhos que nos permitam enfrentar com atos concretos este flagelo da nossa civilização.”

Maria Cavaco Silva



PROJETOS SWATCH

O casal Kolinski foi um grande dinamizador dos Projetos *Swatch*.

A primeira proposta que recebi do Dr. Salomão Kolinski foi mais uma vez ligada a crianças em risco e começou por ser designada por Mundo Perfeito. E abriu as suas portas em 2008 com o nome de Casa das Cores.

Foi para mim uma oportunidade de seguir a par e passo um caminho muito difícil que, creio, a maioria das pessoas que está com alegria na inauguração não faz ideia de como foi complicado chegar até ali. Conseguir o espaço, um edifício degradado no Parque da Bela Vista, que a Câmara Municipal de Lisboa cedeu, os projetos necessários para transformar uma ruína numa casa confortável, acolhedora e que cumpra todos os requisitos da Segurança Social, não é fácil nem rápido. O agrupar de parceiros que se empenhem monetariamente, mas não só, no trabalho, também não é um processo que corra sobre rodas. Muitas pedras vão surgindo no caminho mas nunca os vi desistir. Pode levar mais tempo mas parar nunca é opção, mesmo com as dificuldades acrescidas que a crise e o seu agravamento trouxeram ao desenvolvimento dos projetos.

A Casa Caçula, um projeto da *Swatch* aliada ao Conselho Português para os Refugiados, que se seguiu à Casa das Cores, aí está também a mostrar que mais vale a força de vontade do que os constrangimentos monetários. Inaugurada em 2012, até agora já por lá passaram noventa crianças vindas de várias zonas problemáticas do mundo.

Na época que vivemos, em que todos os dias somos confrontados com o drama dos refugiados, a Casa Caçula, que nasceu a partir de uma ruína próxima da Casa das Cores, também ela disponibilizada pela Câmara Municipal de Lisboa, é uma resposta portuguesa concreta às necessidades de dar um teto e um abrigo humano aos jovens refugiados, órfãos e sem rumo.

A todos os que se envolveram de alma, coração (e financeiramente...) nestas duas respostas sociais tão importantes, quero deixar aqui o meu profundo agradecimento.

Gostaria de poder enumerá-los um a um mas, felizmente, a lista é tão longa que não me é possível fazê-lo.

Aliás, esta iniciativa da *Swatch* já tinha tido início com o patrocínio da D. Maria José Ritta, com a Ajuda de Berço e a Casa do Gil. Em 2007, tive o gosto de estar presente na festa do seu abrir de portas às crianças necessitadas de alojamento durante os tratamentos médicos, alguns muito difíceis, longe de casa e mesmo longe do seu país.

Maria Cavaco Silva

14

Sessão de Apresentação do Projeto *Swatch* – Mundo Perfeito, promovido pela *Swatch* Internacional, que visa ajudar o Movimento ao Serviço da Vida a construir um Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco – a Casa das Cores

Gare Marítima de Alcântara, 5 de junho de 2007

“Hoje estamos todos aqui para fazermos, em conjunto, uma coisa muito simples: vamos pintar um arco-íris num Céu Azul.

Quando interrogadas sobre o mundo que gostariam de ter, as crianças insistiram neste aspeto do arco colorido que no céu marca a velha Aliança entre Deus e o Homem.

Aqui o temos todos no braço, pela mão da Tempus Internacional, o *Swatch* Mundo Perfeito desta Campanha, que vai ajudar o Movimento ao Serviço da Vida no restauro da casa que a Câmara Municipal de Lisboa em boa hora decidiu, bem-haja por isso, disponibilizar para este projeto tão bonito.

Mas os projetos bonitos e simples nascem normalmente de situações menos bonitas e muito mais complicadas.

Como tudo tem solução, é para isso que aqui viemos hoje: para dizer a estas pessoas que dão o seu trabalho e o seu entusiasmo para que tenhamos um mundo melhor, mais solidário e mais fraterno, que estamos todos dispostos a ajudá-las na concretização deste sonho.

Um sonho que é, afinal, um sonho coletivo, uma ambição que é de todos nós, como comunidade solidária que queremos e temos a obrigação social de ser.

Esta é uma ambição cheia de futuro porque tem como alvo um mundo cheio de futuro.

Quando falamos muito de futuro já estamos à espera que se fale de crianças.

Nos Roteiros para a Inclusão, várias vezes o meu marido afirmou:

‘Uma sociedade que não trata bem as suas crianças não tem futuro’.

Esta casa vai ser um centro de acolhimento temporário para crianças e jovens em risco, precisamente porque já somos muitos a querer que Portugal seja um país que trata bem as suas crianças.



Apresentação do Projeto Swatch – Mundo Perfeito, Gare Marítima de Alcântara, junho de 2007

O Movimento ao Serviço da Vida só foi mais longe na sua ambição de abraçar ao mesmo tempo as crianças em risco e as respetivas famílias. Tarefa que é com certeza difícil, mas de que não vai desistir.

Sabemos – é uma realidade com a qual infelizmente nos vamos confrontando com mais frequência – que também muito de mau acontece nas famílias, por tantas causas desestruturantes que são cada vez mais e mais frequentes na vida moderna. Não é preciso nomeá-las porque todos as conhecemos e hoje é um dia de alegria, queremos só falar de coisas boas.

Dar às crianças em risco uma instituição que lhes dê ambiente familiar, cuidados de saúde, escolaridade, formação a todos os níveis necessários para o seu crescimento saudável, material e afetivamente.

Dar-lhes, enfim, um futuro feliz.

E percebem bem que, nestas circunstâncias, é melhor tentar soluções abrangentes.

Não se desiste de, nesse futuro, incluir as famílias de origem.

Porque se acredita que o que acontece de mal pode ser melhorado.

Porque se privilegia o trabalho de reestruturação dos laços familiares.

Porque se quer apoiar as famílias, ajudando-as no melhor desempenho das suas funções parentais.

Porque se acredita que os laços às vezes podem estar apenas fragilizados, não totalmente cortados.

Porque se acredita, afinal, na força dos afetos.

E nós estamos aqui hoje, também com o nosso afeto, para ajudar a que tudo isto aconteça.

Estes momentos especiais, e vão sendo muitos felizmente, em que nos reunimos com objetivos comuns, fazem-me sempre pensar que afinal é possível ‘dar a volta a isto’, uma expressão que utilizamos quando queremos do fundo do coração mudar profundamente qualquer coisa.

Depois do que ouvi e do que estou a ver aqui hoje, já não tenho dúvidas.

Com o empenhamento que já referi, mais a boa, a ótima notícia que a Fundação Luís Figo acabou de nos dar, com a garantia que a presença da Comunicação Social, principalmente a RTP, nos dá de que este momento bonito e importante não vai ficar aqui fechado, parto daqui muito tranquila.



Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa das Cores – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco, Lisboa, dezembro de 2007

Lendo há tempos uma entrevista do Dr. Pedro Sottomayor sobre este projeto, quando ainda lhe faltavam muitos milhares de euros para não perder o edifício que a Câmara Municipal de Lisboa tinha posto à disposição do Movimento ao Serviço da Vida, a resposta imediata à pergunta se acreditava que ia conseguir o financiamento necessário foi:

‘Claro que sim! Não acredito noutra coisa’.

Todos nós estamos aqui hoje porque também acreditamos, Dr. Pedro Sottomayor.

Como metade do cronograma está cumprido, podemos dizer que temos mais de meio caminho andado.

Será pela união das nossas vontades e pela mensagem que soubermos transmitir aos que nos rodeiam, para que também eles pintem um risco colorido neste arco-íris, que caminharemos para um Mundo cada vez mais Perfeito. Quando, em setembro de 2008, nos encontrarmos todos de novo na inauguração da Casa Azul, vamos estar ainda mais felizes do que hoje, porque fizemos o que devíamos para iluminar a vida destas crianças e demos-lhes instrumentos para elas conquistarem um mundo perfeito, cada uma à sua maneira.”

Maria Cavaco Silva

20

Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa das Cores – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco

Parque da Bela Vista, Lisboa, 7 de dezembro de 2007

“

Senhor Presidente da Câmara

Foi mesmo só um adiamento e sei que imagina o que isso representa para todos nós que empenhámos as barbas neste projeto, e principalmente para as crianças que estão à espera desta casa.

Hoje, dia 7 de dezembro de 2007, estamos todos aqui reunidos para escrevermos o capítulo II desta história a que queremos dar um final feliz.

Nesta escrita coletiva, em que uma acidental interrupção nos sobressaltou,

também reforçámos conceitos de confiança, de boa vontade e de solidariedade. No capítulo I marcámos as horas com o *Swatch* do arco-íris.

Neste II capítulo vamos ter que meter as mãos na massa, na espátula e no tijolo. Forma simbólica de dizermos a nós próprios e aos outros todos, que não estão aqui fisicamente connosco mas vão estar sempre a colaborar no nosso projeto, no 'sonho coletivo' que ele é e assim lhe chamei em junho, que chegou a hora, marcada no Mundo Perfeito, de deitarmos muito concretamente mãos à obra. Porque estes sonhos exigem muita devoção, muito afeto, muito empenhamento, mas não podemos esquecer que exigem também muito 'trabalho braçal', para usar uma expressão que era muito querida aos meus avós que, sem máquinas, tinham um enorme respeito, que me passaram e eu gostaria também de passar às gerações futuras, pelo trabalho das mãos dos homens.

Porque afinal toda a maquinaria que temos hoje não invalida, graças a Deus, o 'trabalho braçal'. E de vez em quando até temos notícias de povos felizes que vivem apenas à custa do seu engenho e dos seus braços.

Basta olharmos para o estado em que está hoje esta casa e vermos, com a ajuda do computador (esse tal amigo contemporâneo que os meus avós não conheceram), como ela vai ficar, para percebermos que vai ser necessário muito trabalho, muitos tijolos, muitos baldes de cimento e muitas mais coisas com que se fazem as casas.

A minha infância foi acompanhada, e bem, pela obra de uma escritora, hoje não muito conhecida nem muito lida: Virgínia de Castro e Almeida.

Os livros (que não eram muitos) eram lidos e relidos e havia dois que tinham nomes que hoje quase automaticamente associo a este projeto: *Céu Aberto* e *Em Pleno Azul*. Foram livros que me fizeram feliz.

Hoje, neste Céu Aberto, quero que esta história que estamos a escrever em conjunto não seja uma história cor de rosa mas uma história desenhada por muitas almas de boa vontade, de um pleno azul de um final feliz.

E apetece-me repetir as últimas palavras que disse em junho deste ano:

'Quando, em setembro de 2008, nos encontrarmos todos de novo na inauguração da Casa Azul, vamos estar mais felizes do que hoje, porque fizemos o que devíamos para iluminar a vida destas crianças e demos-lhes instrumentos para elas conquistarem um mundo perfeito, cada uma à sua maneira.'



Visita às obras em curso da Casa das Cores, Lisboa, julho de 2008

Quero desejar-vos um Santo Natal.

Para o ano, esta casa já será um teto para as crianças que vão sentir aqui o aconchego de um lar e de uma família.”

Maria Cavaco Silva

Visita às obras em curso da Casa das Cores – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco

Quinta do Pombeiro, Parque da Bela Vista, Lisboa, 22 de julho de 2008

25

Inauguração da Casa das Cores – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco, promovido pelo Movimento ao Serviço da Vida com o apoio da Swatch Internacional através do Projeto Swatch – Mundo Perfeito

Quinta do Pombeiro, Parque da Bela Vista, Lisboa, 20 de novembro de 2008

“Cumprimos hoje mais uma etapa e, apesar deste ar de festa, ainda não temos o caminho completamente cumprido. Só o estará quando a Casa das Cores receber os seus primeiros moradores. Esperemos que seja em breve. É muito bom o que foi feito até aqui, com a união de boas vontades que está sempre na origem destes gestos bonitos como o que celebramos hoje. Obrigada, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. António Costa, que soube agarrar o desafio e desencravá-lo, quando nos assustámos com um contratempo que se atravessou no caminho. Obrigada, Tempus e *Swatch*, por nos ajudarem a chegar aqui a tempo e horas. Obrigada, RTP, por dar voz e imagem ao que estamos a fazer. Obrigada, Fundação Luís Figo, que sempre esteve connosco neste projeto. Obrigada, BPI. Obrigada a tantos outros que, grão a grão, foram canalizando meios para conseguirmos estar hoje todos juntos à espera de finalmente podermos abrir a porta da Casa das Cores.



Visita às obras em curso da Casa das Cores, Lisboa, julho de 2008



Inauguração da Casa das Cores, Lisboa, novembro de 2008



Visita à Casa das Cores, Lisboa, julho de 2009

Sabemos que o Movimento ao Serviço da Vida dará a esta casa o afeto e o calor humano que a transformarão num verdadeiro lar para as crianças que nela se vierem abrigar dos acidentes da vida.

Vítimas inocentes de situações que não controlam e que, sem ajuda, poderão ter consequências muito graves.

Quando o Dr. Pedro Sottomayor lutava para erguer este sonho e tudo parecia apenas um ‘castelo no ar’, porque lhe faltavam muitos milhares de euros para não perder o edifício que a Câmara Municipal de Lisboa tinha posto à disposição do Movimento ao Serviço da Vida, foi capaz de responder com um ‘Claro que sim! Não acredito noutra coisa’, quando lhe perguntavam se acreditava que ia chegar o financiamento necessário. Temos agora aqui a nossa Casa das Cores toda catita, no seu azul luminoso, a mostrar que a fé move montanhas. Não há dúvida que o sonho comanda a vida e os que acreditam é que nos mostram o caminho.

Cumpriu-se o sonho, cumpriram-se os prazos.

Quero dizer-vos que poderão contar sempre com o meu apoio no futuro.

Quero desejar um ótimo trabalho a todos os que vão transformar esta casa num lar. Quero desejar que as crianças que por aqui passarem encontrem um sentido para as suas vidas.

Desejo tanta coisa que nem sou capaz de as dizer todas. Como estamos já a caminho do mês de dezembro quero também desejar a todos um Santo Natal.

E, quando abrirmos as portas da Casa das Cores, quero ver se está lá dentro à nossa espera a árvore de Natal que o ano passado nos acompanhou no lançamento da Primeira Pedra.

Lembro-me bem de ter marcado encontro com ela para um ano depois.

Foi no dia 7 de dezembro de 2007. Menos de um ano passado, eu cá estou. Estará ela lá dentro à minha espera?”

Maria Cavaco Silva

Visita à Casa das Cores – Centro de Acolhimento Temporário
para Crianças em Risco

Parque da Bela Vista, Lisboa, 13 de julho de 2009



Visita à Casa das Cores, Lisboa, julho de 2009



Sessão de Apresentação do Projeto Casa Caçula, Lisboa, novembro de 2009

31

Sessão de Apresentação do Projeto Casa Caçula, projeto de responsabilidade social da Swatch Internacional, que tem como objetivo construir o primeiro Centro de Acolhimento Temporário para Crianças Refugiadas em Portugal, ao serviço do Conselho Português para os Refugiados

Fórum Lisboa, 5 de novembro de 2009

“ Creio que nesta altura, em que as pessoas já me vão conhecendo mais um pouco, não é novidade dizer-vos como é para mim uma grande, uma enorme alegria, estar mais uma vez presente no lançamento de um projeto de solidariedade da *Swatch*.

Vejo aqui presentes todos os que fazem o êxito das iniciativas que têm nascido e crescido à sombra amiga das vossas boas vontades.

Ainda não há muito tempo, fiz mais uma visita à Casa das Cores. É sempre tão bom verificar *in loco* como os espaços degradados, que fomos vendo transformar-se ao longo do tempo, são agora uma casa amiga, funcional, acolhedora para as crianças que dela precisam.

Uma casa/lar para crianças que estão a construir o seu lugar no mundo. E onde pessoas eficientes e afetivas as ajudam nessa tarefa maior para todo o ser humano.

Estamos de novo, hoje, no ponto zero (ou abaixo de zero se olharmos bem para as fotos que nos mostram o muito trabalho que temos pela frente), mas os êxitos do passado fazem-nos ter a certeza de que mais uma vez estamos a partir para um projeto ganhador.

E desta vez é um projeto que tem tanto a ver com o nosso país.

Este ano, em julho, fizemos uma Visita de Estado à Áustria e o meu marido teve a ideia de repescar do passado um momento feliz em que Portugal mais uma vez abriu as suas portas a um mundo ferido, neste caso durante a II Guerra Mundial.

O primeiro encontro que tivemos foi precisamente com um grupo (já bastante sénior) das ainda hoje chamadas ‘crianças austríacas’.

Aliás, esta designação foi enganadora para os empregados do hotel que se in-

terrogavam por que razão tinham ordens para servirem bebidas alcoólicas a crianças...

Esse grupo (bastante numeroso e onde alguns ainda falam um ótimo português) é uma associação que recorda o acolhimento que o nosso país lhes deu, nos anos 40, quando tinham à volta de oito/dez anos, para lhes matar a fome e dar um pouco de tranquilidade, difícil de ter num país tão atingido e destruído pela guerra.

Alguns dos que aqui estão hoje talvez ainda recordem o acolhimento a vários grupos de crianças austríacas, dinamizado pela Caritas logo a seguir ao armistício, em 1945. Portugal disse 'sim', como é seu hábito.

Foi talvez o momento mais importante para nós, porque extremamente emotivo.

Tantos anos depois, estávamos reunidos com um grupo de pessoas que guardavam fotografias, falavam português, e tinham tantas memórias boas do nosso país num tempo tão difícil para toda a Europa e para o mundo. Como imaginam, tudo o que foi dito e recordado nesse encontro fez-nos sentir muito orgulhosos da nossa terra.

Portugal é um país de acolhimento.

Portugal descobriu o Mundo e deixou-se descobrir pelo mundo.

Portugal emigrou tanto que está agora a aprender, rapidamente e bem, a ser um país de imigração.

Portugal das muitas raças, das muitas línguas, dos muitos credos.

Portugal de coração aberto ao mundo vai ter o seu primeiro Centro de Acolhimento para jovens refugiados.

Todos sabemos que, infelizmente, o mundo está a ficar um lugar muito perigoso e é nosso dever melhorá-lo na medida das nossas possibilidades.

Aqui temos agora uma ótima oportunidade de pormos em prática esse desejo.

Vamos empenhar-nos neste projeto que vai erguer paredes para proteger os mais frágeis e abrir portas para os ajudar a encontrar o seu lugar no Mundo.

Queremos ver em breve esta Casa habitada por aqueles que tanto precisam dela.

Mãos à obra! ”

Maria Cavaco Silva



Lançamento da Primeira Pedra da Casa Caçula,
Lisboa, novembro de 2010

38

Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa Caçula – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças Refugiadas em Portugal

Parque da Bela Vista, Lisboa, 22 de novembro de 2010

“ Estamos hoje aqui reunidos para o lançamento da Primeira Pedra da Caçula. Mas as chamadas primeiras pedras já não são o que eram. Quando se ia a uma cerimónia de lançamento da Primeira Pedra era-se confrontado com uma pedra, um tijolo. Em suma, algo de sólido, concreto. Metia-se mãos à obra com a massa e achava-se que se tinha ali um princípio real do edifício que, logo nesse momento, nos púnhamos a imaginar, com o auxílio das plantas de arquitetura. Agora, as primeiras pedras são muito *high tech*, para utilizar uma expressão que a semana passada ouvi, atribuída a uma primeira pedra tão sofisticada que perguntei mesmo se ia lançar, pela primeira vez na minha vida, uma primeira pedra virtual. Não era bem, mas quase. No caso dos projetos de responsabilidade social da *Swatch*, esta história da Primeira Pedra é apenas um pretexto simpático para nos juntarmos numa tarde de convívio e trocarmos algumas palavras encorajadoras para quem está no terreno a trabalhar. Em todos os projetos da *Swatch* há, no centro, uma casa. Uma casa para uma Escola, em Timor-Leste, uma casa para bebés, na Ajuda de Berço, uma casa para acolher crianças doentes, na Casa do Gil, uma casa para acolher crianças em risco, na Casa das Cores. Porquê? Talvez porque todo o ser humano sente que a sua casa é o seu mundo primeiro, onde se constrói como pessoa e donde quer partir para cumprir o seu destino. Primeiro sonha-se com o projeto, depois vai-se à procura de uma casa em ruínas que se queira ajustar ao sonho. Por isso, quando começamos, pedras já há e muitas. Caídas, aos montes, todas desorganizadas, mas muitas; tantas e em tal estado que, às vezes, em vez de ajudarem, atrapalham. É preciso



Sessão de Apresentação do Projeto Casa Caçula, Lisboa, novembro de 2009

pô-las no sítio, ampará-las com jeitinho e dizer-lhes, para as entusiasmar: 'Ora vamos lá todos juntos pôr esta casa mais bonita'.

E as pedras, primeiras ou últimas, quando bem orientadas fazem uma casa. E é para isso que estamos aqui hoje todos reunidos, mais uma vez, em nome de mais uma causa muito bonita e muito necessária. Mais uma casa *Swatch*. Mais um abrigo, mais um aconchego de quatro paredes e um telhado.

Nesta casa, o 'destroço', permitam-me a expressão tão portuguesa, já tem uma boa parte do seu caminho de restauro andado, e a nossa reunião é apenas para verificarmos *in loco* o andamento das obras.

A Caçula já aqui está a caminhar para o seu destino: ser o porto de abrigo para crianças e jovens que nos procuram a pedir amparo contra um mundo que teima em tratar tão mal quem não lhe fez mal nenhum.

Portugal, através de todos estes parceiros que se reuniram para dar corpo a este objetivo, está a cumprir, no século XXI, uma vocação que lhe nasceu há muitos séculos e a que tem dado corpo e alma, melhor ou pior, ao longo dos tempos.

País aberto ao mar e ao mundo, inventor da primeira aldeia global, Portugal quer-se terra de acolhimento.

A Casa Caçula vai ser um pequeno ponto de partida para esse acolhimento que queremos dar aos jovens que precisam da nossa ajuda para encontrar em paz o seu lugar no mundo.

O refugiado é sempre alguém num profundo desamparo e, infelizmente, os nossos tempos muito civilizados são tempos de muitos desamparados por razões várias: catástrofes naturais, guerras, alterações climáticas, políticas desumanas.

Quando se é muito jovem há menos defesas e tudo parece ainda mais complicado, o abandono mais duro de suportar.

Os números são difíceis de saber com rigor, mas há cada vez mais refugiados em todo o mundo e os muito jovens também aumentam.

A Casa Caçula é um primeiro passo no caminho certo da ajuda a estes desamparados. Passo pequeno mas dado com muita convicção de que estamos no bom caminho e que o exemplo pode colher bons frutos.

Como os projetos *Swatch* cumprem as datas, podemos já marcar um próximo encontro para festejarmos a abertura da Caçula.

Aí é que vamos mesmo fazer uma festa. Estão todos convidados e, como cantava Zeca Afonso, tragam um amigo também.”

Maria Cavaco Silva

45

Cerimónia de Inauguração da Casa Caçula – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças Refugiadas em Portugal

Quinta do Pombeiro, Parque da Bela Vista, Lisboa, 15 de maio de 2012

“ Encontrámo-nos no dia 5 de novembro de 2009 para o lançamento de mais um projeto de solidariedade da *Swatch*.

Encontrámo-nos no dia 22 de novembro de 2010 para o lançamento da Primeira Pedra nesta casa onde já havia tantas pedras, mas à solta.

Como não há duas sem três, cá estamos de novo, no dia 15 de maio de 2012, a abrir as portas da Casa Caçula.

Não há duas sem três mas às três é de vez... e não foi fácil!

Perante a realidade assustadora dos milhões de refugiados no mundo e sabendo nós que a nossa era civilizadíssima e tecnicamente tão avançada provoca situações em que essa realidade confrangedora está sempre a avançar, temos obrigação de, na medida do nosso possível, fazer alguma coisa contra ela.

Portugal sempre foi um país aberto ao mundo, à tolerância, à diferença. Com altos e baixos, claro, mas sempre com desejos de encontrar o outro, de receber o outro.

Basta dizer-se que o símbolo da nossa identidade é Luís de Camões, um Poeta aventureiro das sete partidas do mundo.

Queremos continuar a ser uma porta aberta, para sair e para entrar.

E nesta época de globalização as fronteiras fazem cada vez menos sentido.

Infelizmente, ainda se morre e se mata por fronteiras, por credos, por raças.

E no meio disso as crianças tornam-se as mais vulneráveis a serem apanhadas nestas teias do mal que as enredam e as deixam perdidas num mundo onde lhes mataram os familiares e os deixaram sem pátria e sem casa.



Cerimónia de Inauguração da Casa Caçula – Centro de Acolhimento Temporário para Crianças Refugiadas em Portugal, Lisboa, maio de 2012

A Caçula é uma gota de água no oceano difícil dos refugiados. Mas, se pararmos por acharmos pouco, nunca fazemos nada e é sempre melhor fazer alguma coisa. Creio que aqui estamos todos de acordo.

Se o mundo hoje é muito grande e temos mais noção das suas injustiças através da velocidade com que viajam as notícias, também sabemos que nele há milhões de pessoas que, de variadíssimas formas, trabalham voluntariamente para tentarem torná-lo um lugar mais habitável.

É desses que se empenham e lutam que nós queremos fazer parte e não dos que à beira do caminho dizem que não vale a pena porque nunca vamos chegar a todo o lado.

A Casa Caçula que hoje abrimos a crianças e jovens é uma areiazinha a brilhar contra o abandono.

Resta-nos agradecer a todos os que tornaram possível este porto de abrigo:

- Tempus e *Swatch*
- SIC Esperança
- BPI
- Fundação Luís Figo
- JCDcaux

Sem a vossa generosidade e perseverança não estaríamos aqui hoje a entregar mais uma casa a quem dela tanto precisa.

Que o êxito de mais esta empreitada nos dê ânimo para continuarmos.

Para terminar, desejo que estas paredes deem a quem aqui vier procurar refúgio, algum conforto e força para enfrentar as aflições da vida.”

Maria Cavaco Silva



FUNDAÇÃO RONALD MACDONALD

Seguindo a minha ligação a Casas para crianças em situações complicadas, quero também referir mais duas. Desta vez as "casas longe de casa" da Fundação Infantil Ronald McDonald.

E gostaria de marcar um aspeto que me parece digno de ser assinalado: nos anos 70 do século passado, a Fundação nasceu de uma parceria entre um hospital pediátrico, a McDonald's e... uma equipa de futebol americano. Isso mesmo, uma equipa de futebol americano. O que nos dá uma ótima ideia para canalizarmos as energias do futebol para fins benéficos.

Em 2008, sendo Presidente da Fundação Infantil Ronald McDonald o Dr. João Noronha Lopes, foi inaugurada a casa de Lisboa para dar apoio gratuito a dez famílias de crianças que recebem tratamento no Centro Hospitalar de Lisboa Central, que abrange o Hospital D. Estefânia, Hospital de Santa Marta, o Hospital dos Capuchos e a Maternidade Alfredo da Costa. São os hospitais que referenciam as famílias, através dos serviços sociais, e as encaminham para a Casa Ronald McDonald.

A segunda casa, situada num terreno disponibilizado pelo Hospital de São João, no Porto, dentro do seu perímetro, abriu as suas portas em janeiro de 2014, com a presença do então Presidente da Fundação, Dr. Mário Barbosa. Pode receber gratuitamente doze famílias, cujas crianças estão em tratamento no Centro Hospitalar de São João e no Instituto Português de Oncologia do Porto.

Desde que me envolvi neste magnífico projeto, o Eng.^o João de Sá Nogueira sempre esteve lá com a sua presença ativa, como Diretor Executivo da Fundação. O seu voluntarismo e o seu voluntariado são um exemplo a seguir.

Não é de mais salientar que o papel da Fundação é essencial para o nascimento das "Casas longe de Casa" e quero agradecer a estes três senhores o seu esforço notório para não deixar cair "as pedras", que referi várias vezes nas intervenções que tive ocasião de proferir.

Sem o seu empenhamento em levantar os meios necessários à construção des-

tas duas “casas longe de casa”, elas não estariam prontas e abertas a cumprir a sua missão.

E repito o desafio que sempre lhes lancei nos momentos de alegria da abertura das portas: e porque não uma ‘casa longe de casa’ também em Coimbra? Quero também salientar o conforto, a qualidade e a funcionalidade destas duas casas já em funcionamento. Tenho a certeza que as que vierem depois não lhes vão ficar atrás...

Maria Cavaco Silva

22**Cerimónia de Inauguração da Casa Ronald McDonald, em Lisboa, denominada “uma casa longe de casa”, promovida pela Fundação Infantil Ronald McDonald***Lisboa, 3 de junho de 2008*

“ A nossa casa é o nosso castelo.

Para as crianças será mesmo um castelo encantado, onde o mundo real e o mundo de faz-de-conta andam de mãos dadas por todos os cantos e recantos.

Conseguimos imaginar o que se passa na cabeça de uma criança quando esse mundo desaba de um momento para o outro? Parece-me que não.

As razões podem ser várias, mas a que nos preocupa aqui hoje é uma bem difícil: a doença.

A doença que dói no corpo, mas pode doer ainda mais no afastamento brusco do mundo do dia a dia que preenchia e afagava a vida da criança.

O ir para a escola, o brincar com os amigos, o aconchego dos gritos, bulhas e afagos dos irmãos no regresso a casa.

Tudo isso pode ruir de um momento para o outro e deixar um vazio tão grande na alma da criança que tornará mais cruel ainda tudo o que será preciso fazer para que ela recupere a saúde.

A criança não consegue perceber plenamente o que lhe está a acontecer e achará de uma enorme injustiça que a afastem das referências do seu quotidiano.

Essas são as pedras do seu castelo, onde se apoia para conseguir realizar o melhor que souber e puder a sua tarefa – a mais importante do mundo – que é viver e crescer.

Como poderá crescer e ter alegria se o seu mundo de todos os dias lhe aparece completamente de pernas para o ar?

Agarra-se com as forças que tem ao aconchego do colo e dos carinhos dos pais ou de outras caras familiares e amigas que lhe acompanham agora os dias no ambiente, que lhe é estranho, do hospital, mas sentirá lá no fundo que lhe falta qualquer coisa.



Inauguração da Casa Ronald McDonald, Lisboa, junho de 2008

Nós estamos todos reunidos aqui hoje precisamente para inaugurarmos ‘uma casa longe de casa’.

Está longe mas é uma casa, e isso, nos momentos complicados, faz toda a diferença do mundo.

Uma casa é um colo, um abraço, um remédio contra o desconforto e a dor.

O hospital onde nos tratam está suficientemente perto para podermos lá chegar rapidamente sempre que for preciso, mas suficientemente longe para o podermos esquecer quando isso for mais importante do que saber que está perto.

A Fundação Infantil Ronald McDonald percebeu através de exemplos vividos – são normalmente os exemplos vividos que nos levam mais longe – que era possível minorar a situação das crianças que precisam de tratamentos prolongados.

E estamos hoje a inaugurar a primeira ‘casa longe de casa’, junto ao Hospital D. Estefânia, um hospital pediátrico de referência e com um longo caminho percorrido.

Com muitos homens-bons envolvidos – permitam-me que use a bonita expressão medieva – e muitos apoios angariados, temos o nosso primeiro ‘castelo’ pronto a receber os seus habitantes, que lhe vão descobrir os cantos e recantos e esquecer um pouco o lobo mau que espreita lá fora.

Bem-hajam todos pelo vosso envolvimento solidário neste projeto.

Que não termina agora. Bem pelo contrário: vai começar a partir daqui o seu verdadeiro papel.

Não tenho dúvidas que vai ser o porto de abrigo que as crianças e suas famílias precisam.

E também quero acreditar que esta casa construída pelo amor é apenas a primeira de um projeto que vai continuar.

Enquanto houver crianças e famílias que precisem de ter uma ‘casa longe de casa’.”

Maria Cavaco Silva

37

**Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra
da Casa Ronald McDonald, no Porto,
promovida pela Fundação Infantil Ronald McDonald**

Hospital S. João, Porto, 16 de novembro de 2010

“ No dia 3 de junho de 2008, quando inaugurei em Lisboa, perto do Hospital D. Estefânia, a primeira Casa Ronald McDonald em Portugal, disse: ‘quero acreditar que esta casa construída pelo amor é apenas a primeira de um projeto que vai continuar’.

Nesse dia decidi que, se a nossa casa é o nosso castelo, para uma criança uma casa onde se sinta bem é o seu castelo encantado.

Hoje vamos pôr a caminho a construção de mais um castelo encantado!

O facto de estarmos todos aqui a lançar a Primeira Pedra da segunda Casa Ronald McDonald, agora no Porto, junto do Hospital de S. João, mostra-nos que acreditar com muita força é meio caminho andado para realizarmos os nossos sonhos.

Mas não chega.

Há pouco tempo, numa entrevista que a escritora e jornalista Patrícia Reis me fez para a revista *Portefólio*, a propósito da afirmação de Teixeira de Pascoaes de que não existimos mais do que nos nossos sonhos, disse, convictamente, que temos de trabalhar muito para os concretizar, e assim cumprirmos o que a vida quer de nós.

O nosso povo sempre sentiu que sem esforço não vamos a lado nenhum: fia-te na Virgem e não corras, verás o trambolhão que dás.

Os meus avós usavam muito este provérbio para nos pôr todos, filhos e netos, a trabalhar para a conquista do pão nosso de cada dia. Tinham a experiência acumulada de tempos duros em que o supérfluo contava muito pouco.

Este sonho, nascido há quase quarenta anos no coração de uns pais aflitos, é lindo, porque não morreu, porque se espalhou pelo mundo, porque conta com milhares de voluntários.

Estamos hoje na cidade do Porto, donde ‘houve nome Portugal’. Onde às vezes sentimos que o coração de Portugal bate ainda com mais força.



Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa Ronald McDonald, Porto, novembro de 2010



Cerimónia de Lançamento da Primeira Pedra da Casa Ronald McDonald, Porto, novembro de 2010

Portanto, mais uma vez tenho todas as razões para acreditar que é uma aposta ganha, mais uma pedra num caminho que ainda não sabemos onde nos vai levar.

Apenas sentimos que todos, e já somos muitos, queremos ser pedras vivas na construção de mais uma 'casa longe de casa'.

Há alguns anos que me dedico a ir, no terreno, ao encontro de todos os que me pedem que esteja com eles nos momentos de dor, mas também que seja feliz com eles nos momentos das suas conquistas na luta contra essa dor.

E tenho aprendido tanto! Agradeço sentidamente a todos os que me têm dado essa oportunidade de partilhar as suas vidas, as suas derrotas e as suas vitórias. A solidariedade, as mãos que estendemos aos que precisam de nós, têm sempre mais força quando na origem da nossa vontade de ajudar esteve um caso que nos mostrou, concretamente naqueles que amamos, como a vida é vulnerável, como a vida é preciosa.

Também as Casas Ronald McDonald têm a sua origem numa linda história de amor.

É essa história de amor que estamos hoje aqui a continuar. E continuaremos, enquanto 'houver crianças e famílias que precisem de ter uma casa longe de casa', em momentos difíceis da sua vida.

Contem connosco, enquanto as nossas crianças, o nosso bem mais precioso, precisarem de um colo, de um afago, de um abrigo, nos momentos dolorosos das suas pequenas vidas.

Obrigada pela vossa presença, obrigada por aquilo que já fizeram. Obrigada pelo muito que ainda vão fazer. ”

Maria Cavaco Silva



Cerimónia de Inauguração da Casa Ronald McDonald, Porto, novembro de 2013

50**Cerimónia de Inauguração da Casa Ronald McDonald do Porto,
promovida pela Fundação Infantil Ronald McDonald**

Hospital S. João, Porto, 20 de novembro de 2013

“ Em junho de 2008, quando tive o enorme gosto de inaugurar ‘a casa longe de casa’ em Lisboa, disse: ‘quero acreditar que esta casa construída pelo amor é apenas a primeira de um projeto que vai continuar’.

Em novembro de 2010, no lançamento da Primeira Pedra no Porto, repeti a frase. Que volto a repetir agora porque hoje, 20 de novembro de 2013, estamos a cumprir esse desejo.

Um desejo concretizado com a ajuda de muitos que já foram aqui nomeados e a quem queremos e devemos agradecer.

Dizem que os nossos tempos são ingratos, e que as pessoas olham pouco para o que se faz e olham muito para o que falta fazer.

Se me permitem, não concordo.

Vejo todos os dias no meu país exemplos de pessoas que olham à sua volta e deitam mãos à obra.

E deitar mãos à obra, tantos em regime de voluntariado, é uma forma muito bonita e muito concreta de agradecer. Para lá das palavras, são pessoas que querem agradecer fazendo, indo para o terreno, para onde sentem que a sua ajuda faz mais falta.

A obra que inauguramos hoje, e tantas outras que vão nascendo, crescendo, é uma prova concreta de que Portugal é mesmo um país solidário. Um país onde há muitas almas de boa vontade que não deixam cair os sonhos em saco roto.

Onde, apesar das nossas dificuldades, ainda temos mãos para ir acudir mundo fora, onde achamos que há necessidades ainda mais graves do que as nossas.

O Sr. Engenheiro Sá Nogueira, muito de acordo com a sua profissão, pegou nas pedras e no castelo que eu tinha espalhado nas minhas anteriores intervenções, pediu ajuda a algumas mais que foi encontrando no seu caminho – essas temos sempre que contar com elas – e aqui temos o resultado: mais uma casa longe de casa.

Não vale a pena andarmos com a pedra no sapato, já que temos tão bons usos para ela.

Bem-haja, Sr. Engenheiro, por nos mostrar a todos que pedras há muitas, só é preciso pô-las em cima umas das outras para termos mais uma casa.

É uma espécie de sopa de pedra. A pedra é só o pretexto, o que interessa mesmo é o que fazemos com ela.

E a Fundação Ronald McDonald já tem 300 casas no mundo, 72 na Europa, 2 em Portugal.

Como não há duas sem três, cá ficamos à espera do nosso terceiro castelo encantado, onde os nossos meninos possam ser aconchegados como merecem.

Mas o que interessa hoje, para lá de sonhar mais longe, é regozijarmo-nos com este sonho realizado.

E muito obrigada por me quererem ter convosco nesta cidade do Porto, que é toda ela um coração aberto, num momento em que estamos todos muito felizes por sabermos que agora aqui a dor será mais suportável.

Mais uma porta aberta para acolher, em família, os que estão em momentos mais frágeis das suas vidas tão pequeninas ainda.

Aqui o colo é mais quentinho e o remédio não amarga tanto.

Obrigada a todos por, já tão perto do Natal, terem proporcionado aos meninos e meninas um presente tão bonito.

É o presente do Menino Jesus a chegar antes do frio de dezembro.”

Maria Cavaco Silva



NOVO FUTURO

A Associação de Lares Familiares para Crianças e Jovens Novo Futuro é um projeto que merece todo o nosso apoio.

Tem origem numa história bonita de cooperação e amizade entre Espanha e Portugal, através da Infanta Dona Pilar de Borbón, que nunca esqueceu o acolhimento dado pelo nosso país à sua família numa altura difícil. Mantém uma relação muito afetuosa com Portugal e com a nossa língua e quis dar a conhecer a Nuevo Futuro que já funcionava em Espanha desde 1968, em moldes que à época eram inovadores e cujos resultados estavam já comprovados.

Com a mediação de boas vontades entre a Embaixatriz em Madrid, Teresa Mathias, a Dr.^a Maria de Jesus Barroso, à época esposa do Presidente da República, e a Infanta Dona Pilar, o projeto viajou mesmo até ao nosso país, onde abriu a primeira casa em 1997.

Muitas foram as pessoas que se voluntariaram desde o início e os resultados estão à vista, porque a Novo Futuro continua de boa saúde e não faltam braços de trabalho para a levar para o futuro novo que se deseja para os muitos jovens que por lá passam. Atualmente há oito lares que dão casa e apoio a setenta e quatro crianças e jovens e os voluntários nunca faltaram.

A Feira Solidária Rastrillo é o momento-chave de angariação de fundos na comunidade e realiza-se todos os anos no mês de novembro. O trabalho é árduo mas compensador.

Estive sempre presente na abertura de todos os Rastrillos, exceto o de 2007, por razões pessoais.

É uma ótima oportunidade para fazer as compras de Natal e para agradecer pessoalmente a tantas pessoas, cansadas mas felizes, que dão um contributo inestimável à sociedade.

A Infanta Dona Pilar é uma presença assídua, estando também sempre presente no Rastrillo de Madrid. A ponte de amizade continua a unir as duas margens

e isso também é importante numa época em que se fala muito de ódios e se esquece aqueles, e são muitos, que trabalham por amor.

Bem-hajam, queridas amigas da Associação Novo Futuro, que encontrei sempre muito cansadas, mas nunca a queixar-se do cansaço.

Os resultados do Rastrillo prepararam-se o ano inteiro e é bom não esquecer isso. Em janeiro de 2008 tive ocasião de visitar uma das casas e pude verificar *in loco* como o projeto funciona à medida das necessidades dos jovens que queremos formar para o século XXI.

Maria Cavaco Silva

8

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro, com a presença da Infanta D. Pilar de Borbón

Centro de Congressos de Lisboa, 24 de novembro de 2006

“ Infanta Senhora D. Pilar de Borbón

Caríssimos Amigos

Creio que todos se querem juntar a mim para agradecer a presença entre nós da *Alma Mater* deste projeto, que nasceu com largas ambições e que está a cumprir a sua missão.

Seria difícil termos uma noite mais tempestuosa do que esta, num país que é conhecido pelas suas amenidades climáticas.

Lá fora, durante todo o dia tem chovido tão torrencialmente que hoje até custa acreditar na ameaça de desertificação acelerada que paira sobre Portugal e Espanha.

Hoje provavelmente todos nós estamos mais a pensar em Noé e na sua Arca. O temporal que varre a cidade lá fora é um bom ponto de partida para falarmos de lar, aconchego, carinho, colo, palavras que têm tudo a ver com o que nos une aqui nesta noite de elementos atmosféricos desatinados.

Sempre senti que não há nada melhor para sentirmos o conforto de uma família e de uma casa do que uma boa tempestade.

A Infanta Senhora Dona Pilar sabe por experiência do que estou a falar.

As tempestades da vida trouxeram-na até nós com a sua família e o facto de terem cá encontrado um lar criou laços de afeto para toda a vida. Isto é o que faz a Novo Futuro. Dá a crianças e jovens que andam à deriva por tempestades da vida um lar, carinho, colo, projetos de futuro.

Boa, ótima razão, para todos termos enfrentado o desconforto do mau tempo e estarmos juntos aqui.

Os desafios da nossa época são muitos e diferentes dos do passado.

À medida que o tempo avança, novos problemas vão surgindo: novas atrações perigosas, novas doenças, novas sereias com cantos de sedução enganadores.

Os projetos não podem estagnar, têm que enfrentar as situações novas e por isso é muito importante que a sociedade se empenhe em aprender a ajudar.



Abertura da Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro, Lisboa, novembro de 2006.
Infanta Dona Pilar de Borbón e Isabel Guerra

Temos que trocar experiências, saberes, planos de futuro.

Num mundo cada vez mais especializado, também na área da solidariedade social sabemos que não basta a boa vontade que, às vezes, por falta de orientação adequada, leva a perdas escusadas de energias.

Por isso todos os que encontram um caminho de sucesso têm o dever de o partilhar, para que o exemplo frutifique.

Foi o que aconteceu há quatro décadas em Espanha com a Nuevo Futuro, que fez a passagem necessária e hoje consensual de instituição asilar gigantesca para o conceito de lar familiar.

Os bons resultados estão à vista e a partilha dessa experiência positiva levou à expansão da ideia Novo Futuro pelo mundo, incluindo no nosso país, onde o projeto é um êxito, com o empenho generoso de muitas almas de boa vontade. Creio, portanto, que será inútil apelar à vossa generosidade. Todos os que aqui estão sabem já do que se trata e conhecem bem o projeto.

Temos é que ir ter com os que não conhecem a Novo Futuro e contar-lhes o que é e o que faz. Tenho a certeza que ninguém vai ficar indiferente.

Gostaria também de deixar muito claro que estes apelos não são apelos de Natal, mas chamadas de atenção para o ano inteiro.

As famílias são entidades vivas que têm despesas durante todo o ano. Todos nós, mães e pais de família, sabemos isso. O Natal que se aproxima é apenas uma data em que habitualmente se gasta mais. Porque é uma época de mimo e, vejam lá, até o mimo às vezes custa dinheiro...

Obrigada a todos.”

Maria Cavaco Silva

Mensagem enviada por ocasião da Inauguração da Feira de Solidariedade Rastrillo, organizada pela Associação Novo Futuro, com a presença da Infanta D. Pilar de Borbón

Centro de Congressos de Lisboa, 30 de novembro de 2007

“Infanta D. Pilar de Borbón

Caríssimos Amigos

É bem verdade que o homem põe e Deus dispõe.

E nesta noite (com um tempo atmosférico tão diferente da noite tempestuosa que tivemos no ano passado e que não esqueço) em que queria estar convosco na festa anual da Novo Futuro, dispôs Deus de outra maneira.

Resta-me deixar-vos, através da incansável Presidente da Associação, Isabel Guerra, uma palavra de apreço a marcar presença virtual, já que a outra não é possível desta vez.

Será doutras.

Como costumo dizer:

Obrigada pelo trabalho de tantos que nos ajudam, de forma generosa e empenhada, a cumprirmos melhor o nosso dever de solidariedade para com aqueles que precisam de nós.

A todos votos de Festas Felizes e um ‘Novo Futuro’ risonho, cheio de mimo.

E não se esqueçam do que vos disse faz agora um ano: o Natal é a época do mimo e às vezes até o mimo custa dinheiro...”

Maria Cavaco Silva

Visita à Casa Lilás – Lar de Acolhimento para Crianças e Jovens da Associação Novo Futuro

Lisboa, 29 de janeiro de 2008



Visita à Casa Lilás – Lar de Acolhimento para Crianças e Jovens da Associação Novo Futuro, Lisboa, janeiro de 2008



Abertura da Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro, Centro de Congressos de Lisboa, novembro de 2014

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 28 de novembro de 2008

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 27 de novembro de 2009

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 25 de novembro de 2010

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 24 de novembro de 2011

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 29 de novembro de 2012

Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 28 de novembro de 2013

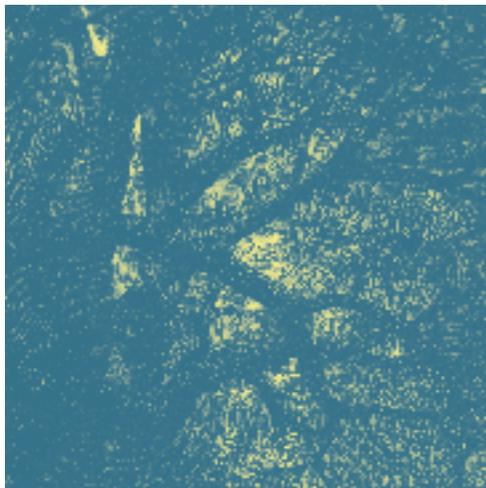
Abertura do Rastrillo – Feira de Solidariedade da Associação Novo Futuro
Centro de Congressos de Lisboa, 28 de novembro de 2014







SER MULHER



MULHER ACTIVA

Durante treze anos, a revista *ACTIVA* distinguiu e premiou, anualmente, mulheres que se destacaram pelas suas obras e realizações em prol da sociedade portuguesa. Mulheres notáveis que exercem a sua atividade em condições duras, com pouco ou nenhum reconhecimento social, e que, no anonimato e discrição, lutam com empenho e persistência para melhorar a qualidade de vida dos portugueses.

Como membro do júri a quem cabia a escolha da vencedora, confesso que cada edição do Prémio Mulher *ACTIVA* foi uma lição. Passaram mulheres extraordinárias, desde voluntárias dedicadas que trabalham em instituições a tempo inteiro, a enfermeiras e assistentes sociais que, no terreno, fazem muito com poucos meios, a cientistas e investigadoras em matérias tão diversas como surdez, fibrose quística ou doenças respiratórias, que dão o seu tempo pós-laboral para acompanhar e incutir ânimo aos doentes. Mulheres que criaram associações para apoiar pais em luto, crianças com cancro, familiares de deficientes, pessoas infetadas com HIV, jovens em risco. Mulheres preocupadas com o ambiente, a proteção da natureza, a prevenção da malária, os refugiados. Mulheres que lutam contra a violência doméstica, a toxicod dependência, a delinquência juvenil. Mulheres que dirigem estabelecimentos prisionais masculinos, escritoras que criaram um suporte para pais com filhos deficientes, académicas que depois de reformadas põem os seus conhecimentos linguísticos ao serviço dos imigrantes. Cito apenas algumas das cento e trinta mulheres extraordinárias cuja obra e vida o Prémio Mulher *ACTIVA* reconheceu e deu a conhecer.

Maria Cavaco Silva compreendeu plenamente e aderiu com entusiasmo, desde a primeira hora, às intenções e ao espírito do Prémio Mulher *ACTIVA*. Mais do que isso, valorizou-o através dos discursos de fundo que proferiu nas cerimónias de entrega do Prémio. Essas intervenções ultrapassaram em muito o mero formalismo das palavras de circunstância, levantaram temas que nos obrigam a refletir e constituíram, estou certa, uma recompensa adicional para as vencedoras.

Mercedes Balsemão



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 6ª edição, Lisboa, maio de 2006. Maria Fernanda de Jesus Lopes, Francisco Balsemão e Rosário Barreto

3

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 6ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Hotel Pestana Palace, 15 de maio de 2006

“Minhas Senhoras e Meus Senhores

Diz-se às vezes que os portugueses são pessimistas, negativos, agarrados ao destino, principalmente quando ele é trágico.

Vou contar-vos uma pequena história, passada comigo há anos. Estava num almoço oficial no estrangeiro e um senhor belga, sentado ao meu lado, declarou-me, com o ar de quem estava a fazer um diagnóstico:

‘O meu motorista é português. É um homem triste...’

Sorri amavelmente, mas amareladamente, para usar uma expressão de Cesário Verde.

O senhor, provavelmente a achar que tinha o meu assentimento, voltou à carga: ‘A minha cozinheira também é portuguesa. Tem sempre um ar de quem se aborrece imenso. *Elle est toujours très ennuyée*’.

Aí achei demais os comentários sobre a depressão crónica, atribuída como um dado adquirido e generalizado aos meus compatriotas, e respondi:

‘É verdade! Durante séculos aborrecemo-nos tanto que resolvemos descobrir o Mundo’.

A gargalhada que veio a seguir, acompanhada de um comentário lisonjeiro, mostrou-me claramente que o senhor tinha apanhado a mensagem. *Touché!*

É portanto com muita alegria que aqui estou esta noite para falar do Prémio de uma revista que tem um nome que me agrada muito – Mulher ACTIVA – e que desde o ano 2000 é atribuído a Mulheres extraordinárias que não têm nem feitio nem tempo para se aborrecerem.

Ao longo destes seis anos, o Prémio Mulher ACTIVA tem chamado a nossa atenção e dado visibilidade a dezenas de mulheres que dedicam o melhor da sua energia, da sua criatividade, do seu tempo, do seu amor, a projetos que inventaram e desenvolvem a bem da comunidade de que fazem parte.

Este Prémio, a quem desejo longa vida, é um incentivo para todos nós.

Mostra-nos que o ser humano é mais rico quando se dá.

Mostra-nos que há pessoas que não se deixam vencer.

Num tempo em que nem tudo o que aparece é o mais importante, o Prémio Mulher ACTIVA dá rosto e voz a muitas mulheres e a muitas obras que sem ele ficariam escondidas no pequeno círculo de privilegiados que beneficiam da sua generosidade e da sua imaginação para ultrapassar os escolhos da vida. E assim ficamos a saber que há mulheres que lutam contra o cancro em si e nos outros, que lutam contra doenças de corpo e alma, que lutam contra a exclusão, que estendem as mãos à deficiência física e mental.

Há tanto que fazer no mundo. Há tanta gente à nossa espera!

Como podemos nós aborrecer-mo-nos?

Este é o Prémio dos que não se resignam, nem se aborrecem.

É bom dar um Prémio que chama a atenção para tantas mulheres de que nos orgulhamos.

É bom receber um Prémio que nos diz que vale sempre a pena continuar.

Por isso esta noite estamos em festa.

Vamos entregar os Prémios Mulher ACTIVA e vamos todos dar os parabéns a estas mulheres que todos os dias continuam a descobrir o Mundo.

Dar um prémio é um ato de gratidão.

Receber um prémio é um ato de humildade.

É por isso que esta noite estar aqui a falar-vos do Prémio Mulher ACTIVA é também estar aqui, emocionada e orgulhosa, a falar-vos das Mulheres do meu País.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi a Irmã Maria Fernanda Lopes, Coordenadora das Equipas de Rua da Obra Social das Irmãs Oblatas.

Foram ainda premiadas: Ana Maria Cavaleiro Ferreira, Coordenadora Nacional da Liga Portuguesa Contra o Cancro; Linda Serrão, Presidente da Associação Portuguesa da Criança Hiperativa; Lynne Elizabeth Archibald, Presidente da Laço – Associação para a Prevenção do Cancro da Mama; Maria Antónia Machado, Presidente da CEDEMA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Mentais Adultos; Maria Fernanda Martins, Presidente do Núcleo de Voluntariado de Mértola; Maria Helena Mira Mateus, Presidente do ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional e Coordenadora do projeto Diver-



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA,
7ª edição, Lisboa, maio de 2007.
Paula Martins e Francisco Balsemão

sidade Linguística na Escola Portuguesa; Maria Joana Marques Vidal, Vogal da Administração da CrescerSer – Associação de Acolhimento para Crianças e Jovens; Ondina Tocha, Enfermeira na Médicos do Mundo; Teresa Roque de Pinho, Membro da Direção da Associação Dar a Mão, que visa apoiar as reclusas e promover a sua integração na sociedade.

13

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 7ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Hotel Ritz Four Seasons, 14 de maio de 2007

“Um ano passou e aqui estamos de novo, com o entusiasmo de sempre, reunidos numa noite de festa para distribuírmos mais Prémios Mulher ACTIVA. Esta é a 7ª edição do Prémio e só posso desejar que se multiplique biblicamente 70x7 e, mesmo assim, tenho a certeza que não se vão esgotar as almas de boa vontade com uma obra digna de figurar no painel de candidatas e premiadas destes Prémios que, em boa hora, a *ACTIVA* promoveu. Em sete anos de existência, imaginemos o número extraordinário de mulheres que passaram por esta iniciativa. Um número de candidatas iniciais, que desconheço mas imagino vastíssimo, porque cada vez vou conhecendo melhor as mulheres do meu país, número esse que a comissão de notáveis tem a difícil tarefa de filtrar. Para chegarmos esta noite a estes 10 nomes, quantas terão ficado pelo caminho, tão dignas de receberem os Prémios quanto estas? Adivinho um mar de trabalhadoras incansáveis nas tantas e tão necessárias obras de cariz social que todos sabemos existem e que têm sempre falta da nossa ajuda generosa. Sei que não vão ficar menos motivadas pelo facto de não terem ganho desta vez. Talvez para a próxima... A única coisa que as imagino a fazer é as chamadas contas de cabeça. Ou, se preferirem, a construir castelos no ar: ‘Se tivesse ganho, este ano conseguiria construir mais uma casa, pôr a funcionar mais um jardim de infância, mais um centro de formação; conseguiria

levar mais crianças à praia na colónia de férias, pôr mais pessoas a atuar no terreno, ajudar mais missionários’.

Coisas para fazer há sempre muitas e por isso sabemos que estas mulheres que estão aqui hoje e muitas mais que estão lá fora ‘não têm mãos a medir’, na feliz expressão popular que todos conhecemos.

Desânimos e desistências é que tenho a certeza que não há, porque são palavras que todas estas senhoras riscaram do seu vocabulário.

Habituar-se há muito a irem sempre à luta.

As almas que se dão a causas nobres, como estas que aqui temos hoje, nesta noite de festa, também fazem contas.

Aliás, se alguma coisa aprendi, é que fazem, têm de fazer, muitas contas, porque as necessidades são muitas e diárias e os subsídios são curtos e não caem do céu.

Há um pequeno poema da minha poetisa de eleição – Sophia de Mello Breyner Andresen – que me acompanha desde a infância. Chama-se *Lusitânia* e os seus quatro versos resumem todo um projeto de vida:

Os que avançam de frente para o mar

E nele enterram como uma aguda faca

A proa negra dos seus barcos

Vivem de pouco pão e de luar

A vida ensinou-me que só pode viver poeticamente de pouco pão e de luar quem tem já a barriga cheia com qualquer coisa de mais substancial.

As mulheres do meu país, que temos aqui hoje connosco e representam tantas mais que não estão mas também podiam estar, avançam sem medo para o mar de vidas que elas sabem ter mais tempestades do que bonanças e com a proa negra dos seus barcos enfrentam a doença incurável, o abandono social e familiar, a fragilíssima vida em risco, a fome que não se sacia com o luar, quebram as barreiras do silêncio, da indiferença, da incapacidade física e mental.

E sabem que a proa negra dos seus barcos de luz tem de chegar a bom porto.

Os Prémios Mulher ACTIVA são uma ajuda preciosa para que estes projetos não naufraguem.

Por isso, mais uma vez repito:

Que se multipliquem 70x7.

E nunca será de mais dizer: tenho cada vez mais orgulho nas Mulheres do meu país.

E com os Prémios Mulher ACTIVA aprendi, como tantos outros aprenderam também, muitos mais nomes de pessoas e de instituições que sem eles estariam condenadas ao anonimato.

Infelizmente sabemos que os nossos tempos não são muito propícios a publicitar o que vale verdadeiramente a pena.

Os Prémios Mulher ACTIVA valem muito a pena.

Bem-hajam, premiadores e premiadas, por perseverarem.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Paula Cristina Martins, pelo seu percurso de luta contra a droga, de reinserção na sociedade, e por ter conseguido ultrapassar a dependência e dedicar o seu tempo a ajudar os idosos e os dependentes no Centro Social de Montes Altos.

Foram ainda premiadas: Ana Campos Reis, da Direção de Apoio à Problemática do VIH/SIDA da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; Fernanda Eugénia Reis, Presidente do Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Pastoral dos Ciganos; Cristina Maria Nogueira, Fisioterapeuta na Associação Ajuda ao Recém-Nascido; Maria Augusta Amaral, Diretora do Instituto Jacob Rodrigues Pereira – Escola e Lar para crianças surdas-mudas; Maria da Conceição Gomes, Secretária-Geral da Associação Nacional de Tuberculose e Doenças Respiratórias; Maria Inês d’Orey, Presidente da ANACED – Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência; Maria Gaivão Ramos, Coordenadora do ATL da Galiza – Cascais; Margarida Gaspar Matos, Coordenadora do projeto Aventura Social, docente na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa; Ursula Anna Kleibrink, Presidente da APDH – Associação Portuguesa de Doentes de Huntington.

30

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 8ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Quinta de Paulos – Monsanto, 8 de maio de 2008

“ Quando começa a cheirar a primavera e se aproxima o mês de maio, dou por mim a perguntar no gabinete, com uma certa frequência, se já chegou a revista dos Prémios Mulher ACTIVA.

Com tantas solicitações que recebo, isto tem necessariamente um significado profundo dentro de mim. Não me esqueço da época do ano em que chega o resultado quase final do Prémio (a festa mesmo é esta noite), aguardo com alguma expectativa saber quem são as nomeadas e leio com um enorme entusiasmo os trajetos das dez melhores que chegaram à final. Leitura que me enriquece de uma maneira que não consigo expressar por palavras. Porque há coisas tão boas que não se dizem por palavras e são apenas para guardarmos no nosso coração.

Há relativamente pouco tempo, D. Manuel Clemente, o atual Bispo do Porto, que muito admiro e conheço há anos da nossa comum casa de trabalho, a Universidade Católica Portuguesa, afirmava numa entrevista, talvez com um certo desânimo, que se atribui atualmente tanta importância a temas de morte como o aborto e a eutanásia que o homem parece andar esquecido de que, entre essas fronteiras de ataque à vida no seu início e no seu fim, pelo meio também há vida. E é nossa obrigação cuidá-la, vivê-la, amá-la.

Não devem ter sido bem estas as palavras mas foi esta a ideia que ficou a fazer sentido dentro de mim: a necessidade de uma cultura de valorização da vida num tempo em que parece haver uma atração excessivamente fatal por Tânatos.

Basta estarmos atentos aos jornais, à TV, para sentirmos o poder dessa força destrutiva. Talvez esteja aqui uma das razões do meu entusiasmo pelos Prémios Mulher ACTIVA: eles são uma celebração da vida. Uma celebração da vida no feminino.

Talvez não seja preciso, mas eu explico, porque quero ter a alegria de explicar em que consiste esta celebração da vida:



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA,
8ª edição, Lisboa, maio de 2008.
Maria Guida Faria e Francisco Balsemão

1 – A Ana Paula caiu de um oitavo andar, levantou-se e desde então, voluntariamente, tem-se dedicado a ajudar muitos outros a levantar-se com ela.

Muito, muito obrigada, Ana Paula.

2 – A Bárbara quer dar Novos Rostos a quem perdeu a face social através de situações tão graves como prostituição, dependências de droga, prisão, SIDA.

Muito, muito obrigada, Bárbara.

3 – A Isabel dá um lar e um ombro aos jovens que precisam de um Novo Futuro.

Muito, muito obrigada, Isabel.

4 – A Irmã Mafalda dá-se toda ao Bairro 6 de Maio. E gostava que lhe vissem o sorriso quando tem uma boa notícia, como o cheque que lhe entreguei para levar os seus meninos de férias à beira-mar.

Muito, muito obrigada, Irmã Mafalda.

5 – A Margarida tenta com o seu Espaço Família atar de novo aquilo que ameaça romper-se. O divórcio adquiriu de tal maneira um aspeto de normalidade que parece termo-nos esquecido de que é um problema grave, um drama. A Margarida não esquece.

Muito, muito obrigada, Margarida.

6 – A Maria Guida tem dedicado toda uma vida a pôr a andar de outra maneira os que perderam, ou nunca tiveram, a capacidade de andar normalmente.

Muito, muito obrigada, Maria Guida.

7 – A Maria Irene dedica a sua energia e o seu sorriso a um dos problemas que a sociedade mais gosta de pôr para baixo do tapete, porque é o que mais mexe com as nossas fragilidades: a doença mental.

Muito, muito obrigada, Maria Irene.

8 – A Mariana agarrou nas memórias de infância e fez delas o seu projeto na reabilitação da casa e da vida do Cônsul Aristides de Sousa Mendes, que salvou 30.000 judeus num tempo em que isso era um risco de carreira, e não só.

Muito, muito obrigada, Mariana.

9 – A Rosa trata da saúde no Moinho da Juventude, que já viu a sua fundadora aqui premiada em 2004.

Muito, muito obrigada, Rosa.

10 – A Susana quer acordar Portugal e o Mundo para os pecados cometidos contra a nossa casa comum – a Terra. E que linda ela é, a nossa Casa Azul! Muito, muito obrigada, Susana.

Como gostei de, uma a uma, referir todas estas mulheres que dão os seus dias, as suas horas, a sua força, o seu amor a projetos muito variados. Todos estes projetos têm em comum um enorme amor à vida.

Vida com dores, sofrimentos, gritos de raiva e desespero. Mas vidas com mãos estendidas para ajudar outras vidas, sem desistências, sem resignações.

Porque todas estas mulheres sabem que quem cai também se levanta, que a outra face do pecado é a redenção.

E o segredo é amar, diz o poeta.

E porque muito amam, elas não desistem nunca. E deixem-me mais uma vez dizer-vos como gosto de estar aqui convosco hoje, emocionada e orgulhosa, a homenagear através destas dez que aqui temos hoje, das que já tivemos no passado e das que teremos no futuro, todas as mulheres do meu país.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi a Dr.^a Maria Guida Faria, da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores.

Foram também premiadas: Ana Paula Varela dos Reis, Voluntária em mais de dez instituições, que luta pela integração dos deficientes; Isabel Fonseca Guerra, Presidente da Direção da Associação Novo Futuro; Bárbara Veiga Ramos Dias, Presidente da Direção da instituição de solidariedade social Novos Rostos, Novos Desafios; Mafalda Carreiro Moniz, Diretora Técnica do Centro Social do Bairro 6 de Maio, na Amadora; Margarida Vieitez, Fundadora e Coordenadora do Espaço Família; Maria Irene Antunes Mendes, Diretora da Horizonte – Centro de Reabilitação Psicossocial; Rosa Castelão Rodrigues, Presidente da Assembleia Geral da Associação Cultural Moinho da Juventude; Mariana Abrantes de Sousa, pela elaboração do esboço preliminar de apoio ao projeto do futuro Museu Aristides de Sousa Mendes; Susana Maria Fonseca, Vice-Presidente da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza.



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 9ª edição, Lisboa, março de 2009. Maria de Lurdes Vieira e Francisco Balsemão

27

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 9ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Teatro Armando Cortez, 8 de março de 2009

“Pela primeira vez vamos entregar o Prémio Mulher ACTIVA no Dia Internacional da Mulher, a 8 de março.

Esta noite de festa costumava ser em maio, um mês que é também muito bom para homenagear Mulheres.

Nós, as mulheres que aqui estamos esta noite, talvez achemos que já não se justifica celebrarmos um Dia Internacional da Mulher.

Foi a 8 de março de 1857, em Nova Iorque, que um grupo de operárias têxteis se ergueu em revolta contra as condições inumanas em que trabalhavam.

Quando nos sentimos mais felizes com as conquistas que estes 152 anos trouxeram à situação da Mulher no Mundo, talvez seja bom repararmos nas notícias quase diárias de vítimas de violência doméstica, que, só em 2008, matou quase meia centena de mulheres em Portugal, e cerca de setenta sofreram tentativas de homicídio que as deixaram gravemente incapacitadas.

O que nos reúne hoje é a entrega de um Prémio que faz justiça às mulheres portuguesas que querem transformar o mundo num sítio mais digno de ser habitado por mulheres e homens de boa vontade.

Estamos a viver uma época difícil. Fala-se de crise, respiram-se dificuldades, enfrentam-se números assustadores de desemprego, de falências.

Há pouco tempo, numa das visitas pelo país, o meu marido disse uma frase que me pareceu fazer muito sentido:

‘Vivemos tempos em que vamos precisar muito uns dos outros’.

As dez mulheres que estamos a homenagear hoje fizeram desta frase o lema das suas vidas.

Para elas as dificuldades são para ser enfrentadas e ultrapassadas, a crise obriga-as a ser ainda mais imaginativas e interventivas.

Para elas continua a ser importante pôr os deveres antes dos direitos. Fazem dos direitos dos outros os seus deveres do dia a dia.



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 10ª edição, Lisboa, março de 2010

Para elas a palavra caridade, a *Caritas*, não está gasta, nem é politicamente incorreta, porque é Amor, uma força transformadora capaz de mover montanhas.

Para elas a dignidade da pessoa humana exige esforços permanentes e renovados em áreas como a cegueira, a surdez, a deficiência, a doença incapacitante.

Há palavras que desconhecem, porque as riscaram das suas vidas cheias.

Palavras como: impossível, desânimo, desespero, cansaço.

Elas constroem sonhos para dar a crianças que a vida não quer deixar sonhar, juntam pedaços de vidas a que a doença apagou o passado.

Dão voz a quem não a tem. Procuram encontrar quem se perdeu na rua ou na vida.

Ensinam a voar quem perdeu os movimentos até para os gestos quotidianos mais simples.

Constroem amizades duradouras entre pessoas e bichos, acreditando que pessoas e bichos se podem ajudar mutuamente.

Cada uma, à sua maneira, reinventa a vida, para os outros e para si, todos os dias.

Na revista *ACTIVA* de março, Catarina Fonseca dá-nos um conselho que acho muito adequado para este momento especial que estamos a viver: que no dia da Mulher espalhemos elogios e abraços.

Que bela extensão aos Prémios que estamos a distribuir esta noite: elogios e abraços. Faz bem à alma e é de graça. O ser de graça é muito importante nos tempos que correm.

E nisto nós, os portugueses, até somos bons, muito melhores do que os povos que vivem mais a norte.

Muitos parabéns a todas as premiadas: as que aqui estão e as que poderiam aqui estar.

Tenho muito, muito orgulho nas mulheres do meu país.

Afinal, nós precisamos sempre muito uns dos outros.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Maria de Lurdes Vieira, Fundadora do CRID – Centro de Reabilitação e Integração de Deficientes.

Foram também premiadas: Maria Manuel Mota, Investigadora Principal do Instituto de Medicina Molecular e Presidente da Associação Viver a Ciência; Marta Sofia Ribeiro, Responsável Operacional da Associação Terra dos Sonhos, que ajuda a concretizar sonhos de crianças com doenças crónicas ou incuráveis; Matilde Esteves Sirgado, Coordenadora-Geral do Projeto de Rua do Instituto de Apoio à Criança.



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 10ª edição, Lisboa, março de 2010. Leonor Festas e Francisco Balsemão

33

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 10ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Casino Estoril, 8 de março de 2010

“ No ano passado celebrámos pela primeira vez as nossas Mulheres Activas no Dia da Mulher.

Achei bem a mudança. Afinal, se estamos a homenagear as nossas mulheres fantásticas, para usar a terminologia da capa da *ACTIVA* de março, porque não fazê-lo precisamente no dia que, em todo o mundo, é dedicado à Mulher?

Este ano ainda há mais razões de peso para estarmos todos aqui hoje, 8 de março, a pensar um pouco mais empenhadamente nas Mulheres do nosso país – faz cem anos que se comemora no mundo o Dia Internacional da Mulher e o Prémio Mulher ACTIVA faz uma década.

Este Prémio apresentou ao país, nestes dez anos, cem mulheres notáveis.

Neste dia 8 de março, quero, no entanto, aproveitar para de novo chamar a atenção para os números, que continuam a ser assustadores, de vítimas de violência doméstica.

Em 2009, foram assassinadas onze mulheres entre os 18 e os 35 anos.

Entre os 36 e os 50 anos registou-se o maior número – treze – e houve dois casos acima dos 50 anos.

O que é ainda mais perturbante nestes números, já de si terríveis, é que houve um aumento de 40% na faixa etária mais jovem.

Isto tem de nos pôr a pensar. Que se passa connosco? Consideramo-nos uma sociedade evoluída e não conseguimos eliminar esta praga?

As gerações mais novas, que são a nossa esperança, estão a seguir, de forma acelerada, os maus exemplos dos mais velhos. Porquê?

Não temos, infelizmente, resposta para estas questões, mas temos o dever de as denunciar publicamente.

Mas o que nos reúne aqui hoje é a entrega de um prémio a mulheres portuguesas que, com a sua atividade e o seu exemplo de vida, nos ajudam a construir um mundo melhor.

Em 1998, Arundhati Roy, uma jovem nascida na Índia em 1961, ganhou o Booker Prize com o seu primeiro livro *O Deus das Pequenas Coisas*.

É um romance fascinante e fantástico, na verdadeira aceção da palavra.

Lendo os bem elaborados textos que me ajudam a conhecer melhor as nossas nomeadas, antes de subir a este palco para as homenagear, veio-me à ideia esse mundo mágico no sul da Índia, que tanto me atraiu quando li o romance, que teve êxito mundial.

Afinal, todas estas mulheres, como todas as outras que vieram antes delas e perfazem o número cem até hoje, são ‘deusas das pequenas coisas’.

E são as pequenas coisas e as pequenas pessoas que, quando se agigantam, fazem avançar o mundo.

São pessoas normais, que num determinado momento a história confronta com um destino fora do normal e encontram em si capacidades que nem elas próprias sabiam que tinham.

Estas dez mulheres, estas cem mulheres, estas ‘deusas das pequenas coisas’ não precisaram de ser confrontadas com um destino excecional para serem capazes de fazer grandes coisas.

Puseram apenas em prática a parábola do bom samaritano, que nos ensina quem é o nosso próximo: o que está perto e precisa de nós.

Catarina Fonseca, no seu texto *Super-heroínas*, alerta: ‘Desunhamo-nos pelo Haiti, mas fugimos dos vizinhos’.

Felizmente a Catarina tem uma tia Adélia que leva sopa aos vizinhos.

Felizmente eu tive uma avó materna, com a qual passava apenas algumas semanas nas férias de verão, que, quando lhe perguntava – ‘Avó, porque faz tan-

ta comida se somos só três?’ – me respondia com naturalidade – ‘Então, filha, e o cão e o gato?’

A Maria Pinto Teixeira e a Luísa Barroso teriam adorado esta minha avó.

Eu também a adorava, garanto-vos.

Quero acreditar que estas ‘deusas das pequenas coisas’ – das quais temos aqui hoje dez – têm um imenso *glamour*, Catarina Fonseca.

Tenho a certeza, como a Rosária Barreto, de que há muitas heroínas neste nosso país.

As super-heroínas do quotidiano, como a Madalena, que tem toda a legitimidade do mundo para declarar: ‘Tenho um enorme respeito pela vida’.

Como a Margarida Lancastre, que do alto dos seus fresquíssimos ‘já alguns anos’, afirma:

‘Deslumbro-me constantemente com todo o Universo’.

Eu também Margarida. E gosto imenso desse deslumbramento.

Como a Leonor Festas, que é multimilionária porque trabalha muito e não ganha dinheiro.

Como a Luísa Beltrão, que uma filha diferente fez nascer de novo.

Como a Eugénia Saraiva, a quem a solidariedade ainda consegue surpreender.

A mim também, Eugénia. E ainda bem!

Como a Teresa Ricou, a palhacinha mais séria que eu já conheci.

Tété, gostei de saber que nasceu com o umbigo muito bem organizado.

O meu também não está mal...

Como a Ana, da minha casa, Universidade Católica Portuguesa, que quer dar uma língua aos surdos.

Tudo isto é: Avassalador! – como diria a Margarida Pinto Correia.

Eu também acho, Margarida!

Nós, as mulheres, fomos programadas para dar a volta às dificuldades. Por isso, o Prof. Muhammad Yunus iniciou o seu Microcrédito com mulheres.

Por isso, uma jornalista, que esteve agora em campo no Haiti, me disse que a ONU decidiu fazer a distribuição da comida às mulheres, deixando os homens de lado, a ver.

Minhas queridas ‘Deusas das pequenas coisas’:

Perseverai no vosso caminho e não haverá crise, dificuldades ou desânimo que



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 11ª edição, Lisboa, abril de 2011.
Francisco Balsemão e Maria do Rosário Libano Monteiro

as vossas famílias, as vossas causas, o vosso país não consigam ultrapassar.
Deixem-me terminar dizendo, como sempre:
Tenho muito, muito orgulho nas mulheres do meu país.
Muitos parabéns a todas.
Bem-hajam!”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Leonor Festas, responsável pelo Abastecimento da Entrajudá, projeto de apoio a instituições de solidariedade social.
Foram também premiadas: Madalena d’Orey, Voluntária da ANACED, do IPO e Presidente do Conselho Consultivo da Associação Terra dos Sonhos; Luísa Beltrão, Presidente do Pais-em-Rede, uma comunidade de pais de pessoas com todos os tipos de incapacidade.

39

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 11ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Culturgest, 7 de abril de 2011

“Celebramos o Ano Europeu do Voluntariado, causa que me é – diria que nos é a todos os que estamos aqui hoje – muito cara.
Com os Prémios Mulher ACTIVA, celebramos também o nosso voluntariado. Na semana passada, o Príncipe Carlos de Inglaterra fez uma alusão elogiosa à alma voluntária do seu povo.
E eu, que nos anos 70, quando vivi em Inglaterra, entrei em contacto com essa realidade que muito me estimulou, dei comigo a pensar que já podia fazer também um grande elogio aos voluntários do meu país.
‘Que bom!’ – pensei. Como foi rapidamente e bem percorrido o caminho do voluntariado em Portugal.
Conheço uma portuguesa, radicada há muitos anos em Nova Iorque, a trabalhar na área financeira, que me tem ensinado muitas coisas, muito úteis. Tem

uma profissão muito exigente (eu imaginaria que, com um emprego daqueles, estaria a maior parte do tempo amarrada a uma secretária e a um telefone) e para além disso corre maratonas – nesta altura já vai muito para lá das 100 – e passa os dias de férias dando uma mãozinha a organizações não governamentais em partes difíceis do mundo.

Um dia em que, como voluntária, me acompanhou numa visita ao MET – Nova Iorque, disse-me uma coisa que nunca mais esqueci:

‘Se queres alguma coisa bem feita, pede a uma pessoa muito ocupada’.

Parecia um disparate mas, quando pensamos bem, faz todo o sentido.

A minha experiência dos últimos anos tem-me mostrado como isto é uma verdade quase do senhor de La Palisse: quem mais faz está sempre mais disponível para ajudar os outros e fazer mais ainda.

Temos connosco hoje cinco mulheres sempre disponíveis, porque muito, muito ocupadas.

Minhas senhoras, tenho muito prazer em vos apresentar a Emília, a Joana, a Margarida, a Rosário e a Sandra, as candidatas ao Prémio Mulher ACTIVA 2010. Este ano, se a minha amiga Alice deixar que eu use o título da sua estória da *ACTIVA* de abril, chamar-lhes-ei ‘as mulheres dos dias úteis’.

Se a saída da crise, que nos sufoca e não é mais possível ignorar, é, como já ouvi e li várias vezes, gastar menos e trabalhar mais, aqui temos cinco belos exemplos no feminino.

Devemos muito a estas mulheres que, em diferentes áreas, não quiseram ficar na total dependência do Estado e meteram mãos à obra.

Puseram os seus talentos, no sentido bíblico do termo, à disposição da comunidade e todos ficámos mais ricos. Elas também. Todos sabemos as obrigações do Estado. Mas todos sentimos que corações partidos e animais abandonados, para dar só dois exemplos, nunca foram uma especialidade estatal.

Estas mulheres dos dias úteis não precisaram de tempos difíceis para porem os seus talentos ao serviço dos outros.

Só estamos verdadeiramente vivos quando nos abrimos ao outro e nos aproximamos dele com um olhar amigo, sem julgar.

Não julgues para que não sejas julgado.

A partir de uma experiência difícil, às vezes angustiante, é possível recomeçar e envolver outros nesse recomeço.

Outros que queremos trazer connosco a uma nova esperança de vida, outros que vão trabalhar connosco nessa vida renovada que a solidariedade fez renascer.

É como a multiplicação dos pães. Quando olhamos à volta, a semente pequena que estas mulheres de coragem puseram a germinar já é uma obra maior do que elas, muito maior do que a dor donde nasceu, talvez mesmo muito maior do que os sonhos que estão na origem de todos estes projetos a que estão ligados o nome e o trabalho das nossas candidatas de hoje.

Comecei a fazer contas por alto e cheguei à conclusão de que são milhares as pessoas a que chega a ajuda das instituições que estas senhoras dos dias úteis inventaram.

Não tenhamos ilusões: o voluntariado é muito bonito mas não é um campo de flores para onde possamos avançar cheios de impulsos líricos. É um mundo real, bem mais difícil do que o nosso habitual dia a dia, na nossa zona de conforto.

Reparem só nas áreas onde trabalham estas nossas heroínas do quotidiano e percebem logo o que quero dizer. É um mundo duro, onde encontram diariamente muitas lágrimas que têm de enxugar. Onde há com certeza momentos em que apetece fugir, porque os resultados não aparecem, porque os recuos, por vezes, são mais do que os avanços. É preciso ter os pés bem assentes na terra e, nos tempos que correm, eu diria que é também preciso saber fazer contas.

Talvez seja pelo facto de a Rosário ser tão boa em contas que o Centro Comunitário da Senhora da Boa Nova vai de vento em popa.

Este Prémio é também uma ocasião, infelizmente quase única, de chamarmos a atenção para algumas mulheres notáveis que fazem um trabalho importantíssimo para a sociedade.

Um trabalho em áreas tão diversificadas como dar ânimo a quem sofreu a dor maior de ter perdido um filho.

Na teimosia da investigação científica que exige, a quem a ela se dedica, a capacidade de começar de novo várias vezes ao dia.

Num Banco de Informação especial para pais com filhos diferentes, que se sentem sempre tão perdidos quando nasce uma criança que precisa diariamente de cuidados vários e muito exigentes.

Na dignificação de toda uma comunidade de milhares de pessoas que sem essa ajuda diária e constante continuaria no Fim do Mundo. Agora já é uma Comunidade de Boa Nova.

De querer dar resposta a um problema, mais agudo ainda em épocas de crise: o abandono de animais de companhia.

São pessoas que não têm os holofotes da comunicação social todos os dias.

Nós é que temos de ir procurá-las.

Por isso quero também deixar aqui um grande agradecimento a todos os que as propuseram para o Prémio e chamaram a nossa atenção para o seu valor. No fundo, é uma rede que nos ajuda a dar visibilidade a quem verdadeiramente a merece.

Desejo muito que para o ano estejamos todos aqui de novo a homenagear outras mulheres notáveis como estas, dizendo-lhes, com este Prémio, quanto as admiramos.

Ganhe quem ganhar, o Prémio fica em mãos que o vão utilizar bem ao serviço dos que mais precisam.

Termino com a frase que digo todos os anos na atribuição do Prémio Mulher ACTIVA:

Tenho muito, muito orgulho nas mulheres do meu país.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Maria do Rosário Líbano Monteiro, Vice-Presidente do Centro Paroquial do Estoril.

Foram ainda premiadas: Sandra Duarte Cardoso, Vice-Presidente da SOS Animal; Emília Agostinho, Presidente da Associação Nossa Âncora, de apoio a pais em luto; Margarida Amaral, Investigadora da doença genética fibrose quística; Joana Santiago, Presidente do Banco de Informação de Pais para Pais, que apoia pais de crianças com necessidades especiais.



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 12ª edição, Lisboa, junho de 2012.
Maria Antónia Machado e Francisco Balsemão

46

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 12ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Hotel Pestana Palace, 15 de junho de 2012

“ Mais vale mais tarde do que nunca e cá estamos de novo, agora em junho, em vez de maio ou março.

Ativas como sempre, e a prestar a nossa homenagem, como desde 2001, a mulheres de quem ninguém ouviria falar se não fosse esta bela iniciativa.

Os tempos vão duros, todos sabemos isso, e em dias de festa talvez não seja muito bonito recordá-lo. Faço-o apenas porque sei que foi mais difícil chegar aqui. E foi preciso muita teimosia, muita persistência, muito acreditar que seria possível.

A esse grupo de pessoas que tanto trabalhou para estarmos aqui hoje reunidos em mais um Prémio Mulher ACTIVA, quero dizer obrigada! Obrigada por não terem desistido, por terem acreditado. Por nos mostrarem que quanto mais difícil é mais gosto dá conseguir.

Até aqui tivemos onze premiadas em várias áreas. São elas que dignificam e dão sentido a este Prémio e não o contrário.

Este ano, mais uma vez, temos um grupo de mulheres que exercem a sua atividade, com dedicação e eficácia, em algumas áreas que até aqui não tinham sido consideradas.

Que tal essa área que até há pouco tempo esteve guardada só para homens de ‘barba rija’ como diz a Isabel Jonet?

Para a Ana Paula esse é o seu dia a dia e dele fez um mundo novo para si própria, para os que lá trabalham, para os que lá têm de passar algum tempo.

E desse projeto o que chamou mais a minha atenção foi a sua ligação aos Bancos Alimentares.

É este o caminho: redes de ligação entre os nossos esforços de boa vontade, que assim conseguirão sempre fazer mais e melhor.

E é disso que se trata, principalmente agora: multiplicar os resultados de todos os esforços de boa vontade.

No ano em que celebramos o envelhecimento ativo e a solidariedade entre gerações, que melhor exemplo podíamos ter aqui hoje do que a Maria Antónia, na frescura dos seus anos que não querem parar? É assim mesmo, Maria, Antónia, e obrigada também pela lição que nos dá sobre voluntariado: boa vontade, sendo a base, não chega. A preparação é fundamental para nos tornarmos verdadeiramente úteis, seja qual for a área a que nos queiramos dedicar.

Preparou-se, fez cursos porque sentiu logo, muito sensatamente, que, na área tão difícil em que queria trabalhar, se não estivesse preparada poderia por vezes ser mais um empecilho do que uma ajuda. Felizmente é essa cada vez mais a atitude dos que querem entrar nas fileiras do voluntariado.

Os Estabelecimentos Prisionais estão muito longe dos conceitos antigos de castigo puro e duro e é bom saber que a Ana Paula tem feito carreira numa área difícil e considerada pouco feminina. Parece-me, no entanto, que ajudar pessoas a mudar de vida é uma tarefa em que qualquer mulher se sente como peixe na água.

E a Ana Paula já mostrou há muitos anos que sabe nadar...

Gostei muito do nome da sua associação, Sofia, e quero dizer-lhe que acho que os portugueses são bastante bons em dar mimo. E isso ajuda tanto em momentos de fragilidade!

Mimar crianças, mimar doentes, mimar o ambiente, mimar adultos em situações complicadas.

Talvez seja essa a nossa diferença. Quando estamos mais vulneráveis e infelizes, usamos também como terapia abraços de alma.

Parece que ajuda. E fazer mal não faz.

A Alexandra vive e trabalha na minha terra de eleição, o Algarve. Lá nasci, menina e moça me trouxeram para a cidade, mas deixei lá o coração para sempre. Pessoalmente parece-me, portanto, um ótimo ponto de partida para a cruzada que empreendeu em nome da salvação do nosso, até agora que se saiba único, querido planeta azul.

Sou, sempre fui, uma ambientalista militante nos pequenos gestos do quotidiano e concordo consigo, Alexandra: concentremo-nos no muito que foi feito para não desanimarmos com o que falta fazer.

Quando era pequena fazia-se pouco mas estragava-se pouco. Agora que estragamos muito, temos que fazer muitíssimo. Mãos à obra!

Sandra, a sua campanha da APSI deve ter sido muito bem pensada, porque foi muito eficaz. Ainda hoje nos lembramos da imagem do ursinho de rabo para o ar e nariz dentro de água. E isso é apenas um dos grandes acidentes que pode atingir as nossas crianças. Todos os anos os números de afogamento de crianças muito pequenas em piscinas assustam-nos e amarguram-nos. Mas há tantas outras coisas más que podem acontecer.

No alertar é que está o ganho. É o que podemos fazer, é o que a APSI faz e, se a Sandra diz que com o judo aprendeu a perder um combate, este é um combate que não podemos perder. Porque é um combate de vida ou de morte e a vida tem que ganhar.

Mulheres que nos ajudam a sermos melhores, a olhar o mundo duma maneira mais rica, mais positiva, mais fraterna. Obrigada por nos mostrarem o caminho. Vários caminhos.

Deixem-me terminar, como sempre o faço desde 2006, com a frase: Tenho muito, muito orgulho nas mulheres do meu país.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Maria Antónia Machado, que se distinguiu pela prática de voluntariado no Instituto Português de Oncologia – Porto na área dos cuidados paliativos.

Foram também premiadas: Sandra Nascimento, Presidente da APSI – Associação para a Promoção da Segurança Infantil; Alexandra Cunha, Presidente da Liga para a Proteção da Natureza; Ana Paula Ramos, Diretora do Estabelecimento Prisional Pinheiro da Cruz; Sofia Pombo e Costa, Presidente da Associação Mimar – Centro de Acolhimento temporário para Crianças em Risco.

49

Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA, 13ª edição, galardão atribuído pela revista ACTIVA

Hotel Pestana Palace, 27 de maio de 2013

“Desde 2006 que partilho convosco a alegria da atribuição do Prémio Mulher ACTIVA.

É difícil encontrar palavras novas para esta celebração tão importante para as mulheres em Portugal.

Mas talvez não seja assim tão vital encontrar palavras novas, porque aqui o verdadeiramente importante não é o que se diz, mas sim o que se faz e o que se tem celebrado desde o ano 2000, quando a revista feminina mais conhecida e apreciada pelas mulheres portuguesas teve a ideia deste Prémio, que passou logo a fazer parte das coisas boas que acontecem entre nós.

Porque as muitas mulheres que ao longo destes anos têm passado aqui, como concorrentes ou vencedoras, não são afinal mulheres de muitas palavras, mas de muitos feitos.

Eu diria mesmo que à medida que o tempo passa e as coisas se têm tornado cada vez mais difíceis para a nossa comunidade, que vive dificuldades como já tínhamos pensado que não viveríamos de novo, as nossas heroínas do quotidiano não têm perdido ânimo nem imaginação para lutar contra aquilo que está errado, e para construir aquilo que está certo.

Em áreas muito diversas, mas cujo ponto comum é o facto de ser precisamente lá que fazem falta almas de boa vontade e muito bem preparadas.

Voluntariado, sim, mas a nossas mulheres ativas não partem para o terreno sem uma forte consciência do que as espera e sabendo muito bem o que vão fazer. Querem resultados, querem ver crescer a dignidade de todos aqueles a quem dedicam o seu tempo e os seus talentos.

Elas dão-nos exemplos de coragem. Não é fácil lutar contra a violência doméstica, que tem entre nós uma forte tradição de intimidade que não deve ser perturbada. Entre marido e mulher...

Margarida Martins sabe que em Portugal todos os anos sobe o número de mulheres de todas as idades mortas às mãos de maridos, companheiros, na-



Cerimónia de Entrega do Prémio Mulher ACTIVA,
13ª edição, Lisboa, maio de 2013.
Margarida Martins e Francisco Balsemão

morados muito jovens, ex-companheiros, familiares. Os números são assustadores e quem os segue deve espantar-se, como eu me espanto sempre: como é possível? No nosso tempo? Na nossa terra? Esta realidade assustadora não desmotivou a nossa Margarida.

A sua estadia em Inglaterra mudou-lhe a visão do mundo e hoje muito do que consegue é porque aprendeu a ir diretamente ao assunto, sem se perder em rodeios tão caros aos latinos.

Das minhas recordações de infância guardo memórias de um povo onde os dentistas eram um luxo. Nas aldeias então, se o médico era muito importante e muito acarinhado pela população, a saúde oral era completamente ignorada. A primeira vez que, criança ainda, fui ao dentista – e em Lisboa – com uma dor de dentes, vim de lá sem o mau da fita, que nem sequer era de leite. A prática era: se dói arranca-se. Por muito jovem que fosse o queixoso.

A minha experiência (e muitas pessoas mais velhas poderão contar histórias semelhantes) faz-me entender bem a importância da ONG que a Mariana ajudou a fundar. O sorriso abre mesmo uma porta para um mundo melhor, como sugere a Isabel Jonet. Já disse várias vezes em público que gosto muito de sorrisos. É ótimo para quebrar o gelo e aproximar as pessoas.

Todos os anos, quando leio as histórias de vida das nossas candidatas, aprendo muito, mesmo sobre matérias sobre as quais julgo que já tenho umas luzes. Sendo Madrinha da Raríssimas, interesse-me há muito por doenças raras, e infelizmente tenho conhecido algumas em familiares próximos; mas há sempre surpresas terríveis nesta área e com a Carolina aprendi mais um pouco, agora no campo dermatológico.

Na assistência a crianças em perigo, Portugal ocupa um lugar que muito nos orgulha. Carla Semedo tem dedicado a sua vida a dar colo não só à sua Diana mas a muitos meninos e meninas que contam com a ajuda dela para se fazerem à vida. E a nossa primeira Bastonária feminina da Ordem dos Médicos Veterinários traz-nos um olhar mais humano sobre a saúde animal. Gostaria que isto do feminino já não tivesse importância, mas ainda tem, principalmente num mundo tão masculino como o da Veterinária.

Estamos no século XXI. Temos de aprender que todos fazemos parte do mesmo mundo e que o seu equilíbrio exige respeito entre os homens, mas também

entre homens e bichos, usando a terminologia de Miguel Torga. Para irmos bem mais atrás, evocaria o irmão lobo de S. Francisco de Assis.

São estas as nossas finalistas para o Prémio 2012.

Ao longo destes treze anos passaram por aqui muitas mulheres que nos têm feito crescer como comunidade solidária, ativa, eficiente.

Só algumas ganham, mas todas nos fazem sentir um enorme orgulho na força das mulheres do nosso país.

Ganhe quem ganhar, o Prémio Mulher ACTIVA fica sempre em boas mãos, como já nos ensinaram estes treze anos de experiência.

E nunca é demais chamar a nossa atenção para o facto de o Prémio Mulher ACTIVA arrancar do anonimato mulheres com um trabalho notável em áreas como a arte, a ciência, o empreendedorismo, as causas sociais. Sem ele nunca ouviríamos falar destas centenas de mulheres que têm passado por aqui e a quem todos nós tanto devemos.

O Prémio Mulher ACTIVA é também um ato de gratidão para com esse tesouro escondido que são as nossas formiguinhas laboriosas, que mantêm de pé pessoas e instituições que sem o seu trabalho corriam o risco de ruir.

Muito obrigada a todos (e são muitos) que tornam possíveis estes momentos bonitos que todos os anos vivemos em conjunto.

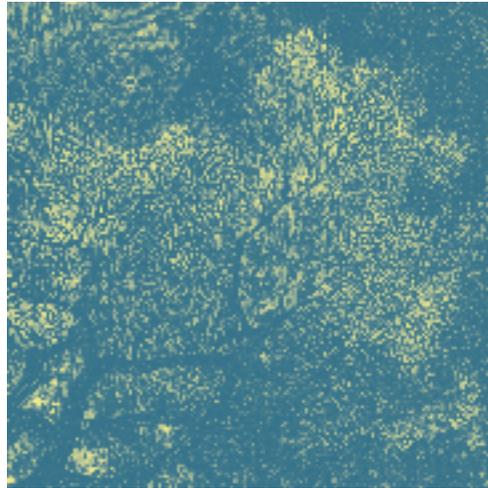
É com alma comovida que vos digo mais uma vez:

Tenho muito, muito orgulho nas mulheres do meu país.”

Maria Cavaco Silva

A vencedora do Prémio foi Margarida Medina Martins, Vice-Presidente da Associação de Mulheres Contra a Violência, cujo trabalho é reconhecido em áreas como o combate à violência doméstica, a defesa da igualdade de género e os direitos humanos.

Foram ainda premiadas: Carla Semedo, Diretora Técnica da Casa da Criança de Tires; Carolina Gouveia, Dermatologista responsável pela consulta de genodermatoses nos Hospitais de Santa Maria e CUF Descobertas; Laurentina Pedroso, Diretora da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona e Bastonária da Ordem dos Médicos Veterinários; Mariana Dolores, Secretária da Direção do Mundo a Sorrir, ONG portuguesa dedicada à saúde oral.



MULHER NA CIÊNCIA

Cerimónia de Apresentação dos projetos vencedores no âmbito do Concurso de Investigação/Intervenção SIDA em África, organizado pela Fundação GlaxoSmithKline das Ciências da Saúde
Museu de Etnologia, Lisboa, 11 de julho de 2006

7

Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

Academia das Ciências de Lisboa, 26 de outubro de 2006

“Tenho um grande prazer em estar aqui hoje.
Há várias razões para isso.

Ver o que está a acontecer de novo e de bom no meu país é sempre uma razão de alegria, principalmente quando há a ideia de que temos a tendência para a lamúria. Espero que estejamos a curar-nos dessa doença...

Quatro jovens cientistas portuguesas recebem um prémio que lhes vai abrir mais oportunidades para continuarem o seu trabalho de investigação.

A Filipa, a Leonor, a Patrícia e a Rosalina fazem parte de um Portugal novo que estou sempre a encontrar nas minhas deslocações num país que quer mudar, crescer, enfrentar sem esperas tudo o que pelo mundo vai acontecendo de estimulante. Sei que nem tudo o que acontece é bom. Todos sabemos isso.

Mas centrarmo-nos no mau às vezes não nos deixa ver o bom e muito menos o ótimo. Convenhamos que isso não é uma atitude que faça crescer os povos. E nós precisamos tanto de crescer!

Os jovens como estas quatro cientistas que aqui estão hoje fazem-nos crescer.

As atitudes como a da empresa que hoje temos aqui fazem-nos crescer.

Que bom é ver que tantas e cada vez mais instituições ligadas a diversas atividades – neste caso a cosmética e a dermatologia – se preocupam com a melho-



Apresentação dos projetos vencedores no âmbito do Concurso de Investigação/Intervenção SIDA em África, organizado pela Fundação GlaxoSmithKline das Ciências da Saúde, Lisboa, julho de 2006



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, outubro de 2006



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, novembro de 2008



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, outubro de 2006

ria do bem estar daqueles que têm muito pouco e que precisam de muito mais. O envolvimento com as situações de carência, o envolvimento com a investigação – neste caso a científica – é uma atitude que todos aprovamos. É a morte do egoísmo, é a certeza de que já somos muitos e cada vez seremos mais a preocupar-nos com todos os outros que não têm o mesmo bem estar de que usufruímos e que alguns de nós até têm a tentação de considerar um dado adquirido.

Atenção! Não é, nunca é. Exige luta, trabalho, exige solidariedade.

Solidariedade – esta é a palavra-chave que muitas das instituições que nós considerávamos apenas vocacionadas para o negócio puro e duro nos estão agora a ensinar a ver de outra maneira. A solidariedade social.

Todos podemos ser solidários. Dar o nosso tempo, a nossa energia a causas que merecem a nossa ação.

Aqui hoje, temos um grande nome internacional no mundo da cosmética que se envolve e envolve milhares de pessoas em causas ligadas principalmente às mulheres e às crianças.

Mas não me venham dizer que os homens não usam produtos cosméticos, porque eu sei que isso já não é verdade...

Há muito para fazer mas também há muito por fazer.

O Prémio Nobel da Paz, o inventor do Microcrédito, Prof. Muhammad Yunus, levantou esse pequeno ovo de Colombo que tanto tem feito no seu pobríssimo país, o Bangladesh, e em todo o mundo. Porque teve um sonho simples e realizável: apenas, acabar com a pobreza no mundo.

À nossa maneira, também hoje estamos aqui a colaborar nesse projeto, porque todos sabemos que há muitas formas de pobreza.”

Maria Cavaco Silva

Filipa Mendes, Leonor Morais Sarmiento, Patrícia Figueiredo e Rosalina Fonseca foram as jovens cientistas distinguidas na 3ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, com trabalhos que abrem novos caminhos à compreensão de variadas doenças – neurodegenerativas, psiquiátricas e cancerígenas.

Cerimónia de Entrega dos Prémios L'Oréal-UNESCO for Women in Science 2007

Sede da UNESCO, Paris, 22 de fevereiro de 2007

Foram distinguidas cinco mulheres cientistas, uma de cada continente: Ameenah Gurib-Fakim (Ilhas Maurício), Ligia Gargallo (Chile), Mildred Dresselhaus (Estados Unidos da América), Margaret Brimble (Nova Zelândia) e Tatiana Birshtein (Rússia).



Visita ao Centro de pesquisa Charles Zviak, Paris, fevereiro de 2007

Visita ao Centro de pesquisa Charles Zviak, em Paris, tendo assistido a uma apresentação das atividades de investigação nos respetivos laboratórios. Esta visita teve lugar à margem da participação na Cerimónia de Entrega dos Prémios L'Oréal-UNESCO para as Mulheres na Ciência 2007

Paris, 23 de fevereiro de 2007

Cerimónia de Entrega do Prémio Universidade de Lisboa 2006 à Professora Catedrática Jubilada Maria Odette Santos Ferreira, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa

Reitoria da Universidade de Lisboa, 9 de maio de 2007

Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

Academia das Ciências de Lisboa, 10 de novembro de 2008

Susana Solá, Paula Moreira e Marina Kirillova foram as três jovens cientistas distinguidas na 5ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal, com trabalhos de investigação considerados relevantes no âmbito das doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer, e da química verde.



Cerimónia de Entrega dos Prémios L'Oréal-UNESCO for Women in Science 2007, Paris, fevereiro de 2007



Cerimónia de Entrega do Prémio Universidade de Lisboa 2006 à Professora Catedrática Jubilada Maria Odette Santos Ferreira, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, maio de 2007



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, novembro de 2009



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, janeiro de 2012



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, janeiro de 2015

Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra
L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

Academia das Ciências de Lisboa, 23 de novembro de 2009

As investigadoras premiadas nesta 6ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal foram: Sílvia Vilares Conde, Joana Salgado e Maria José Oliveira, com trabalhos de pesquisa no âmbito do tratamento do cancro, da obesidade, hipertensão e diabetes tipo 2.

Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra
L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

Pavilhão do Conhecimento, Lisboa, 25 de janeiro de 2012

Ana Barbas, Adelaide Fernandes e Inês Sousa, que investigam o cancro da mama, a esclerose múltipla e o pneumotórax espontâneo primário, foram as três jovens cientistas distinguidas na 8ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra
L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

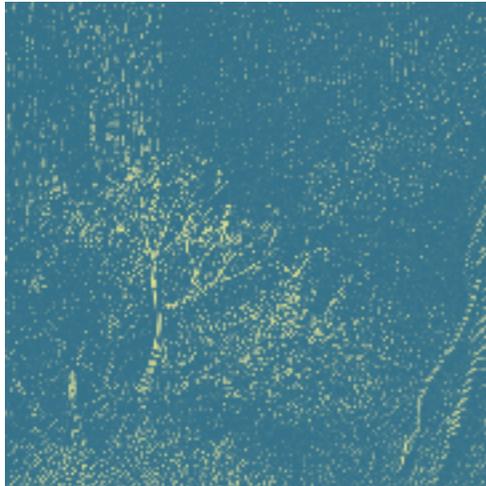
Pavilhão do Conhecimento, Lisboa, 22 de janeiro de 2015

Nesta 11ª edição foram distinguidas três jovens cientistas: Sónia Melo, Raquel Ferreira e Vânia Calisto, que investigam o cancro, o AVC e a descontaminação da água com recurso a medicamentos.



Cerimónia de Entrega das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, Lisboa, janeiro de 2015





MULHER EMPRESÁRIA

6

Sessão de Abertura do II Fórum Empresarial das Mulheres Portuguesas, subordinado ao tema “Empreendedorismo e Inovação”

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 12 de outubro de 2006

“Sempre que sou solicitada para estar presente em qualquer evento de caráter empresarial, a minha primeira reação é pensar que me vou sentir deslocada, porque esse nunca foi o meu mundo, como todos sabem.

Partindo o convite de um Fórum Empresarial de Mulheres, a resposta só podia ser ‘sim’. Embora pensasse cá para mim que pouco percebia do mundo empresarial e também que talvez já fosse um pouco tarde para aprender.

No entanto, quando recebi três elementos entusiastas do Fórum que me explicaram do que se tratava, houve uma coisa que entendi ao fim de pouco tempo de troca de impressões: a ousadia e a inovação no campo empresarial estavam a passar por cabeças femininas.

Novas ideias, novas formas de as pôr em prática, muito engenho e arte para fazer muito com pouco dinheiro.

Por isso fez-me logo sentido que a ideia, que sempre achei magnífica, do Microcrédito, que começou no Bangladesh, tivesse sido no seu início principalmente dedicada às mulheres, e com o maior êxito.

O fundador do Microcrédito, o Prof. Muhammad Yunus, conhecia bem o mundo que queria ajudar. Ele sabia, quando emprestou os primeiros 27 dólares, do seu próprio bolso, às mulheres da aldeia que se dedicavam ao artesanato em bambu, que era por aí o caminho. A melhoria do rendimento das mulheres ia inevitavelmente repercutir-se nas suas famílias e quebrar o ciclo da miséria.

As mulheres afinal são todas empresárias de pequenas empresas – empresárias familiares. Com a obrigação e preocupação de não deixarem as suas famílias abrirem falência, porque elas sabem que uma família falida passa fome.



Sessão de Abertura do II Fórum Empresarial das Mulheres Portuguesas, Lisboa, outubro de 2006

Que melhor escola para voos mais altos e que campo mais vasto para encontrar novas ofertas de serviços?

Por todas estas razões, e mais algumas que não vou agora enumerar, foi com muito gosto que aceitei presidir à Sessão de Abertura deste II Fórum Empresarial das Mulheres Portuguesas.

Afinal, talvez até eu seja também uma pequena empresária, sem o saber.

As mulheres têm capacidades, tantas vezes pouco ou mal conhecidas e reconhecidas, para dirigirem e rentabilizarem um sem número de atividades, que podem, com uma pequena ajuda, alargar a uma empresa onde apliquem os conhecimentos adquiridos às necessidades do dia a dia.

Todas nós sabemos como são diversificadas as competências para que somos chamadas ao longo da nossa vida.

Para lá da profissão, que quase todas já temos, somos cozinheiras, enfermeiras, motoristas, eletricistas, tratadoras de roupa, socorristas, secretárias, especialistas em aquisição de carnes, peixes, vegetais, material escolar, roupas para sexos e idades diferentes, terapeutas de adolescentes e da terceira idade, etc., etc., etc.

Tantas competências que fazem parte dos atributos imaginados, e às vezes quase exigidos, para a 'fada do lar'!

Tendo as participantes neste Fórum um tal *background*, não duvido que vão ter um merecido êxito.

Acresce que o Fórum foi desenhado em torno de casos práticos de sucesso, o que me parece um bom sinal contra a tendência para a lamúria.

Deve ser este o caminho. Contra os 'Velhos do Restelo', nada melhor do que responder com exemplos concretos do que se faz no nosso país, do que somos capazes de fazer bem ou talvez mesmo melhor do que os outros.

Para os mais jovens este Encontro pode ser muito inspirador, porque mostra que o sucesso é possível, às vezes a partir de ideias muito simples.

Estou sinceramente convencida de que as mulheres trazem um valor acrescentado de entusiasmo e imaginação ao mundo do trabalho e dos negócios.

O seu sentido prático pode ser uma mais-valia para melhorar as práticas e, o que me parece muito importante, contribuir para um ambiente mais humanizado nas empresas. Chamem-lhe, se quiserem, o 'toque feminino'.

A taxa de participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho nacional é das maiores da União Europeia, superando a média dos 25 países.

Sabemos todas, no entanto, como tantas vezes nos é difícil conciliar a vida profissional com a vida familiar, problema de que não ouvi ainda nenhum homem queixar-se.

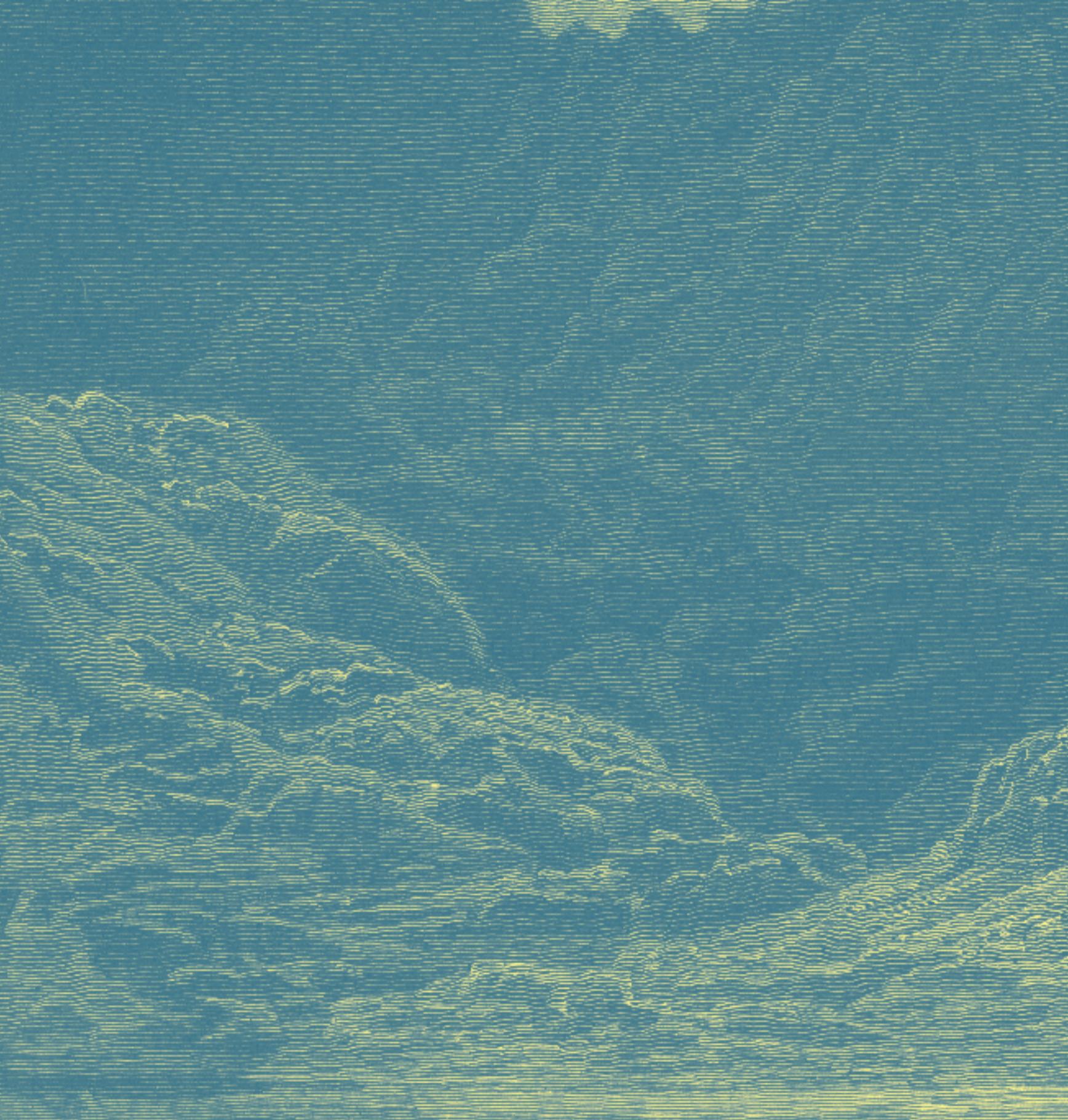
O elogio da inovação, a aposta na juventude, a mensagem de dinamismo e de esperança no futuro vão ser, estou certa, pontos fortes deste Fórum.

Isso vai constituir um estímulo forte para que a integração e afirmação das mulheres no mundo empresarial seja cada vez mais relevante, e mais compensadora.

Resta-me desejar que os trabalhos corram como todas desejam.”

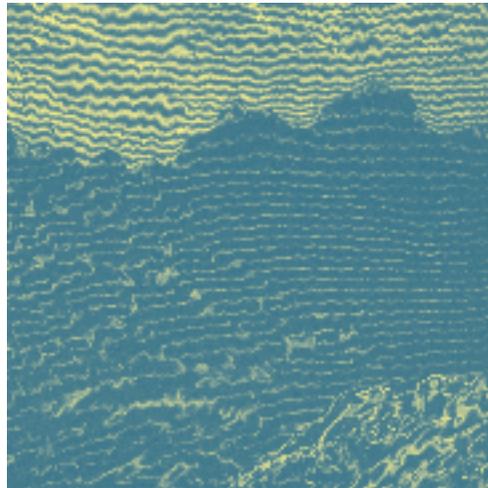
Maria Cavaco Silva





An aerial photograph of a large, rugged island or coastline, likely in the Amazon region. The terrain is characterized by steep, rocky slopes and a complex network of ridges and valleys. The color palette is dominated by earthy browns, tans, and greys, contrasting with the clear blue sky above. The overall appearance is that of a wild, unpopulated natural landscape.

ENCONTROS EM BELÉM



ENCONTROS EM BELÉM

Uma das minhas ideias ao chegar ao Palácio de Belém foi dar relevo a tantas mulheres que têm um papel extraordinariamente importante na sociedade e são quase ignoradas. Aquelas a que podemos chamar as heroínas do cotidiano. Não se ouvem, quase não se veem, mas estão lá a lutar, a vencer. As mulheres que, no silêncio, são as grandes guardadoras das memórias do mundo.

Decidi fazer encontros de trabalho em várias áreas, aproximando assim pessoas que algumas vezes nem se conheciam mas estavam no mesmo campo. E a partir desses momentos de convívio sentiram que não estavam sozinhas e podiam alargar as suas experiências com troca de vivências do dia a dia. E, amparando-se, ter mais força no desenvolvimento das atividades a que se dedicavam com tanto afinho, muitas vezes em regime de voluntariado.

Alertar para lutas ocultas mas vitoriosas, para coragens quotidianas de que ninguém fala e que, no fundo, não fazem notícia. Mas precisam de ser noticiadas. Os Encontros em Belém iluminam, pelo menos nesse dia, tanta coisa boa que se faz em áreas muito diferentes. E sempre nas mãos de mulheres.

Logo em 2007, no mês de outubro internacionalmente dedicado à luta contra o cancro da mama, tivemos ocasião de reunir um grupo que tinha lutado e vencido. Para lá do objetivo de se encontrarem e conhecerem, facilitando assim a troca de experiências e modos de atuar, aperfeiçoando as abordagens ao problema comum, queríamos chamar a atenção da comunidade feminina para a importância da prevenção.

Não descurar os exames periódicos, porque no cancro todos sabemos que quanto mais cedo se chega ao diagnóstico maiores são as oportunidades de vitória sobre o mal. Sabemos que no interior do país as mulheres têm mais dificuldades em fazer os seus rastreios com a frequência necessária. E aí entra o papel da Associação Laço que se tem dedicado a angariar fundos para a aquisição de Unidades Móveis de Mamografia.

E aquele grupo de mulheres vitoriosas tinha também outra mensagem muito importante a passar: agora uma notícia de cancro da mama não é inevitavelmente uma notícia fatal.

Um Encontro que foi ao mesmo tempo um alerta e uma mensagem de esperança, através de mulheres que todos conhecemos e que têm uma história com final feliz para contar – como Simone de Oliveira ou Alice Vieira – até todas aquelas que partiram do seu problema pessoal para fundar associações para ajudar outras, como o Movimento Vencer e Viver ou a Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Uma das minhas preocupações primeiras foi chamar a atenção para as dificuldades imensas de todos os que têm de lidar com a deficiência: os que a sofrem e todos os seus familiares e amigos.

Em maio de 2008 o Encontro foi precisamente sobre essa realidade que não pode deixar ninguém indiferente.

Os casos de abnegação de mães que fizeram do conforto possível na vida do seu filho/a a razão de viver é uma inspiração para todos nós, numa época que às vezes é apontada como um tempo de egoísmo por vezes doentio.

De norte a sul do país, incluindo Madeira e Açores, vieram mães partilhar os medos e as lutas, as derrotas e as vitórias e principalmente a aprendizagem, até de amor, que é ter um filho diferente.

Todas juntas aprendemos que, se não baixarmos os braços e deixarmos crescer o coração, podemos, na medida do possível, resolver o nosso problema e ajudar muitos outros pais a percorrer o caminho. Assim aconteceu com a Maria Antónia da CEDEMA, a Paula da Raríssimas, que, do zero, construíram o Telhadinho e a Casa dos Marcos.

Tive a certeza que os meus Encontros em Belém não eram apenas uma forma simpática de estarmos juntos e trocarmos opiniões sobre assuntos importantes para todos os intervenientes, com um dos projetos que muito admiro: o Movimento Pais-em-Rede.

Em maio de 2008, notei que era possível ir mais longe nos resultados concretos. Havia mães que talvez não se conhecessem muito bem mas que, de uma forma liberta, puderam conversar umas com as outras e chegar à conclusão que fazia muito sentido estarem todos “Juntos por Pessoas Especiais”.

A ideia nasceu em maio e o Movimento Pais-em-Rede formalizou-se em novembro do mesmo ano. Com “asas nos pés”, como diria a Luísa Beltrão. Quando tivemos um novo encontro de trabalho, com 24 mães e pais, em setembro de 2010, o Pais-em-Rede era já uma realidade viva.

No momento atual, em 2015, abrange o país de norte a sul e tem 24 núcleos e 2545 associados.

A rede está lançada; “pesca” uma forma diferente de trabalhar pelas pessoas especiais e sei que vai continuar.

Ligado à minha preocupação com os deficientes estava, e está, o problema das acessibilidades. O Salvador Mendes de Almeida e a sua Associação travam há muito uma luta com resultados (ainda não suficientes) nessa área. E eu, quando olhava para o Palácio de Belém, sentia-me frustrada por não ter acessos para pessoas de mobilidade reduzida ou, pior ainda, para cadeiras de rodas.

Em 2009, depois de muitas chamadas de atenção para essa falha imperdoável na Residência Oficial do Presidente da República, consegui trazer os meus amigos até à Sala das Bicas para a inauguração “solene” de uma plataforma elevatória que o Arquiteto Pedro Vaz conseguiu “encaixar”, o que não é fácil num edifício do século XVI e aqui lhe presto a minha homenagem. Homenagem que alargo ao “encaixe” de um elevador até ao primeiro andar, que se apresentou como uma tarefa talvez ainda mais difícil, mas concluída com pleno êxito.

O Palácio de Belém tem agora os seus acessos adequados à mobilidade reduzida, pois também as rampas do Pátio dos Bichos foram trabalhadas nesse sentido, logo no ano de 2008.

A proteção das crianças em risco está a tornar-se um tema cada vez mais grave e que exige muito a atenção de toda a sociedade.

Foi esse o objetivo do Encontro de 2009, em que reunimos responsáveis por instituições de acolhimento que abrangiam desde bebês – Ajuda de Berço – a adolescentes mães solteiras – Ajuda de Mãe – até instituições que levam os jovens a um patamar mais elevado de maioridade e à integração social completa como a Novo Futuro ou as Aldeias SOS.

A ideia deste Encontro especial foi que todas estas mulheres que têm a seu cargo um grupo, que pode ir de cerca de vinte ou trinta crianças até mais de uma centena, fossem consideradas como Mães. Aliás é essa a filosofia das Aldeias SOS, e da Novo Futuro, onde as crianças e os jovens são integrados em grupos familiares, assumindo uma estrutura próxima da de uma família de sangue. Uma forma de homenagear mulheres que dão toda a sua vida a tantos filhos que as veem como um apoio forte numa vida desestruturada.

Nestes apoios maternais a Casa Sol desempenha desde 1992 um papel muito especial, porque ampara crianças órfãs e com um problema de saúde que a sociedade tem ainda mais dificuldade em enfrentar e solucionar: a SIDA.

Também as mães adotivas foram chamadas a reunir-se e falar sobre as suas experiências pessoais. A adoção é uma temática sempre melindrosa e tive ocasião de contactar, através de amigos, com as dificuldades que implica, apesar das afirmações de que o processo tem sido agilizado nos últimos anos. Chamá-mos-lhe Mães do Coração, porque é um processo de escolha onde o que deve estar em primeiro lugar é o afeto, ainda mais gratuito e disponível do que num filho de sangue. Neste caso, nem nos interrogamos sobre as dificuldades: aceitamo-las, apenas.

Demos também lugar a jovens mulheres empreendedoras em várias áreas: agricultura, porcelanas, têxteis, moda, cortiça e quero frisar aqui que o bom vinho português parece-me estar agora nas mãos das mulheres, e muito jovens, uma coisa que seria impensável na minha geração.

Mas de todos estes Encontros, o mais difícil, pelo peso que representa e que qualquer mãe/pai entende, foi o que me levou a ouvir as dores de alma de quem perde um/a filho/a.

Quero aqui prestar homenagem à Emília Agostinho, que fundou a Nossa Âncora e durante anos a dirigiu. Ajudou com a sua experiência pessoal muitos que, sem a partilha de uma palavra amiga de quem sofreu uma dor semelhante, teriam tido muita dificuldade em ultrapassar essa ausência. A dor permanece, mas o facto de nos confrontarmos com alguém que passou pelo mesmo e é capaz de

nos ouvir e deixar-se envolver e tentar envolver-nos na esperança ajuda muito. Foi um Encontro de lágrimas com sorrisos tristes, onde aprendemos muito sobre as capacidades do ser humano de continuar a amar para lá da presença física. Agradeço muito a todos terem-me deixado partilhar um pouco das vossas memórias. Eu, que não conheci a minha Mãe e admirava muito a força da minha avó materna, senti que estar com e ouvir todas essas mães e esses pais em luto era também uma oportunidade para homenagear as mulheres que me fizeram. No dia 19 de março de 2015, quando fui inaugurar a sede da Laços Eternos, que deu continuidade à Nossa Âncora, senti que essa tarefa tão necessária continuava em boas mãos com o Dr. Carlos Céu e Silva e dei um abraço especial à Ana Cristina Farias, que mais uma vez me ensinou como é possível levantarmos-nos do chão quando não nos sentimos sós.

Maria Cavaco Silva

Almoço de Homenagem à resistência das mulheres portuguesas, no Mês Internacional do Cancro da Mama

Palácio de Belém, 26 de outubro de 2007

Por ocasião do Mês Internacional do Cancro da Mama, Maria Cavaco Silva homenageou a resistência das mulheres portuguesas.

Num almoço que ofereceu no Palácio de Belém a 17 mulheres, agradeceu a dedicação e o empenho que têm dado exemplarmente a esta causa.

No evento em que participaram responsáveis de associações, voluntárias, técnicas e figuras públicas, estiveram presentes: Alice Santos Miranda, Alice Vieira, Ana Maria Syder Santiago, Anne Godden, Conceição Maria Cunha Matos, Gabriela Freire, Manuela Heitor, Manuela Maria, Manuela Rilvas, Maria Augusta Amado, Maria Beatriz Sequeira Santos, Maria Fernanda Romba, Maria José Gonçalves, Maria Manuel Brito, Patrícia Tomás, Simone de Oliveira e Sofia Abreu.

Encontro com Mães de Filhos Diferentes

Palácio de Belém, 14 de maio de 2008

Encontro com um grupo de Mães de Filhos Diferentes – crianças, jovens e adultos portadores de doenças raras e deficiências profundas.

Participaram neste Encontro: Alice Cabral, Ana Félix da Costa, Carla Vieira de Faria, Carmo Teixeira, Catarina Porto, Dina Teresa Lopes, Élia Gonçalves, Elsa Carla Cunha Noia Gouveia, Fátima Carvalho, Helena Costa Félix de Moraes, Joaquina Teixeira, Luísa Beltrão, Manuela Viveiros, Maria Antónia Machado, Maria de Jesus Poeiras, Maria Leonor Borges, Odete Reis e Paula Costa.

Encontro “Unidos vencemos barreiras”

Palácio de Belém, 3 de fevereiro de 2009

Encontro subordinado ao tema “Unidos vencemos barreiras”, no qual participou um grupo de pessoas com mobilidade reduzida.



Almoço de Homenagem à resistência das mulheres portuguesas, no Mês Internacional do Cancro da Mama, Palácio de Belém, outubro de 2007



Encontro com Mães de Filhos Diferentes, Palácio de Belém, maio de 2008



"Juntos por Pessoas Especiais" – Reunião de Trabalho com responsáveis do Movimento Pais-em-Rede, Palácio de Belém, setembro de 2010

Os participantes no Encontro debateram vários temas relacionados com a sua condição e visitaram depois, na companhia da Dr.^a Maria Cavaco Silva, várias salas do Palácio. O acesso dos visitantes foi facilitado pela existência de uma plataforma elevatória apropriada para cadeiras de rodas, recentemente instalada. Estiveram presentes: Ana Paula Reis, Bento Amaral e Carmo Amaral, Filomena Franco, Filipe Nascimento, João Durão e Laura Durão, Mafalda Ribeiro, Paulo Azevedo, Salvador Mendes de Almeida e Carolina Magalhães.

Encontro com mulheres responsáveis por instituições de acolhimento de crianças e jovens

Palácio de Belém, 26 de maio de 2009

Encontro com mulheres de todo o País responsáveis por instituições de acolhimento de crianças e jovens em situação de risco ou de abandono, que se viram privados de ambiente familiar ou do usufruto dos seus direitos básicos. Participaram no Encontro: Ana Cristina Pinho, Dina Maria Ribeiro Costa, Elisa Brito, Fátima Serrano, Gabriela Menezes, Isabel Mégre, Joana Prata, Luísa Tavares Moreira, Madalena Teixeira Duarte, Maria da Luz Costa Silva, Marisa Fernandes, Nídia Machado Abreu, Paula Menezes, Sandra Anastácio, Teresa Almeida e Teresa Santos.

Reunião de Trabalho com responsáveis do Movimento Pais-em-Rede, subordinada ao tema "Juntos por Pessoas Especiais"

Palácio de Belém, 24 de setembro de 2010

Reunião de trabalho com responsáveis do Movimento Pais-em-Rede, subordinada ao tema "Juntos por Pessoas Especiais".

Este movimento cívico, de âmbito nacional, é constituído por uma rede de famílias e cidadãos solidários, cujo objetivo é promover a inclusão de pessoas portadoras de deficiência e integrá-las na sociedade com um projeto de vida pessoal.



Encontro "Unidos vencemos barreiras", Palácio de Belém, fevereiro de 2009



Encontro com mulheres responsáveis por instituições de acolhimento de crianças e jovens, Palácio de Belém, maio de 2009



"Juntos por Pessoas Especiais" – Reunião de Trabalho com responsáveis do Movimento Pais-em-Rede, Palácio de Belém, setembro de 2010



Encontro com Mães de Filhos Ausentes, Palácio de Belém, maio de 2011

Participaram na Reunião: Ana Félix da Costa, Ana Cristina Batista dos Santos, Carmen Vitória de Magalhães Mendes, Celeste Marques Carvalho, Cláudia Teresa Martins Gomes Mendes, Daniela Godinho, Eugénia Maria Magalhães, Fabienne Corre, Francisca Janeiro, Helena Cristina dos Santos Sabino, Henrique Mota, Ilda de Jesus Brites Correia Taborda, Isabel Maria Monteiro, Luís Santos, Luísa Beltrão, Mara Galante, Margarida Rosário, Maria do Carmo Cotta, Maria da Conceição Batista, Maria de Fátima Meireles, Marta Carta de Matos Flor, Sara Martins e Teresa Maria Aguiar de Oliveira Ramalho.

Encontro com Mães de Filhos Ausentes – Mulheres que perderam prematuramente os seus filhos

Palácio de Belém, 25 de maio de 2011

Encontro com Mães de Filhos Ausentes – Mulheres que perderam prematuramente os seus filhos e que, através da ajuda solidária, contribuem hoje para que outras Mães possam lidar melhor com este tipo de situações.

Neste Encontro estiveram: Alda Caixeiro, Ana Silva, Clara Rodrigues, Dulce O'Neill, Dulce Silva, Emília Maria, Maria João Dias, Maria João Machado, Maria José Dinis, Odete Marques da Costa, Paula Beliz, Teresa Bizarro e Teresa Santos.

Encontro com Mães Adotivas

Palácio de Belém, 9 de maio de 2012

Encontro com Mães Adotivas – Mulheres oriundas de vários pontos do país, algumas também com filhos biológicos, que adotaram crianças em diferentes idades e em circunstâncias diversas.

Participaram neste Encontro: Ana Paula Amorim, Ana Sousa, Celsa Ribeiro e Margarida Serra Cristina Henriques, Isabel Monteiro, Leonilde Lopes, Maria Emília Figueiredo, Maria da Conceição Bénard Guedes, Maria da Glória Fernandes, Maria Mota, Olga Vilas Boas e Patrícia Fernandes.



Encontro com Mães Adotivas, Palácio de Belém, maio de 2012



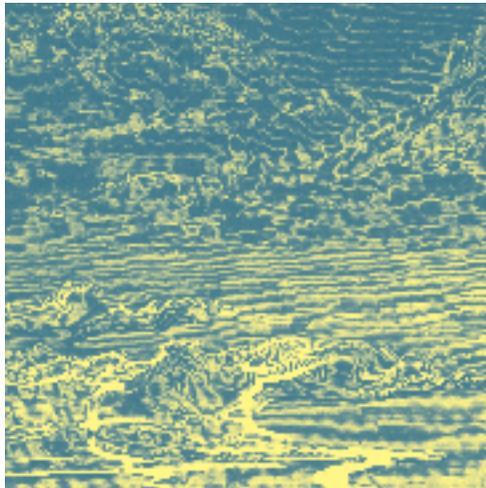
Encontro "A Mão Feminina no Empreendedorismo", Palácio de Belém, maio de 2013

Encontro “A Mão Feminina no Empreendedorismo”

Palácio de Belém, 23 de maio de 2013

Encontro com um grupo de Mulheres Empresárias que deram continuidade a empresas familiares, sob o tema “A Mão Feminina no Empreendedorismo”. Participaram no Encontro: Ana Luísa Roque, Celeste Violas, Cláudia Silva Matos Pinheiro, Diane Villax, Isabel Gonçalves Folhadela Furtado, Leonor Freitas, Mafalda Guedes, Maria Manuel Poças Maia, Paula Amorim, Paula Roque, Rita Cardoso Pinto, Rita Nabeiro, Sandra Isabel Correia, Teresa Mendes e Vera Fino.





UM CHÁ PORTUGUÊS

Achei que a mulher do Presidente da República devia ter um gesto especial para com todas as Embaixatrizes residentes no nosso país.

O mais simpático, para a imagem de um país conhecido pela sua hospitalidade, seria receber as senhoras à volta de um chá com notas muito portuguesas na ementa. E um apontamento cultural para se iniciar a conversa com um ponto de partida agradável.

Dadas as condições logísticas, foi necessário “dividir o mundo”, não ao meio, como no Tratado de Tordesilhas, mas em três.

Começámos com a Europa, os Estados Unidos da América e o Canadá, continuámos a viagem com a região latino-americana e a CPLP e encerrámos com a zona mais populosa do mundo: Médio Oriente, Ásia e África.

Foram momentos de convívio muito descontraído e agradável, em que muitas senhoras que, normalmente, se encontram mais em circunstâncias oficiais, tiveram ocasião de trocar impressões com mais vagar, diante de uma chávena de chá – neste caso chá bem português, dos Açores, como referi com orgulho –, sobre vivências culturais e experiências de vida mais intimistas do que é possível num banquete formal.

Num breve apontamento de boas-vindas, falei sempre do nosso papel como complemento muito importante, sob o ponto de vista cultural e afetivo, da construção de pontes que os nossos maridos fazem de uma forma institucional. Digamos que eles o fazem por obrigação, nós podemos dizer que o fazemos por devoção.

Salientei o gosto da amizade entre povos e culturas, próximos e distantes, da troca de experiências que mostram que o ser humano não é tão diferente como às vezes nos querem fazer acreditar.

O objetivo era precisamente conhecermo-nos melhor e eu até achava que Portugal merecia ser mais conhecido do que era na realidade. Apesar do mundo agora estar mais aberto com a Geração Erasmus e a diluição de fronteiras que leva os jovens a escolher trabalhar em qualquer parte.

O mundo da guerra e da luta não diz nada às mulheres, porque são elas que sofrem mais no corpo e na alma as suas consequências nefastas, como vemos todos os dias nas notícias.

Os homens fazem a guerra. As mulheres curam as feridas.

E aproveitei para lhes falar de um mundo que Portugal inventou há muitos séculos e que, apesar dos erros, teve uma abordagem que muitos eruditos ainda hoje reconhecem como original: os portugueses, com a sua genuína curiosidade, abriram-se ao diferente, ao outro. Daí *Os Lusíadas* serem uma epopeia que canta o "admirável mundo novo". Partiram, ficaram, casaram, tiveram filhos.

Ulisses, o herói grego, afinal só queria voltar para casa...

Que fossem todas muito felizes no nosso país.

Que falassem de nós nos seus países.

Que se deixassem envolver na nossa maneira especial de estar no mundo e que continuassem a beber chá dos Açores e a ouvir Fado.

Maria Cavaco Silva

Encontro com as Embaixatrizes dos países da Europa e da América do Norte representados diplomaticamente em Portugal, o primeiro de vários com cônjuges de Embaixadores de outras regiões do mundo

Palácio de Belém, 18 de novembro de 2014

As Embaixatrizes visitaram o Museu da Presidência da República, tendo depois assistido a uma apresentação do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Seguidamente, foi servido um “chá português”.



Encontro com as Embaixatrizes dos países da Europa e da América do Norte representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, novembro de 2014

Encontro com as Embaixatrizes dos Países de Língua Oficial Portuguesa e da América Latina representados diplomaticamente em Portugal, o segundo de vários com cônjuges de Embaixadores de outras regiões do mundo

Palácio de Belém, 24 de fevereiro de 2015

As Embaixatrizes visitaram o Museu da Presidência da República, tendo depois assistido a uma atuação da cantora cabo-verdiana Celina Pereira. Seguidamente, foi servido um “chá português”.



Encontro com as Embaixatrizes dos países de Língua Oficial Portuguesa e da América Latina representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, fevereiro de 2015

Encontro com as Embaixatrizes dos países do Médio Oriente, da Ásia e África representados diplomaticamente em Portugal, o terceiro de vários com cônjuges de Embaixadores de outras regiões do mundo

Palácio de Belém, 22 de abril de 2015

As Embaixatrizes visitaram o Museu da Presidência da República, tendo depois assistido a uma atuação da fadista Carolina. Seguidamente, foi servido um “chá português”.



Encontro com as Embaixatrizes dos países do Médio Oriente, da Ásia e África representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, abril de 2015



Encontro com as Embaixatrizes dos países da Europa e da América do Norte representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, novembro de 2014



Encontro com as Embaixatrizes dos países de Língua Oficial Portuguesa e da América Latina representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, fevereiro de 2015

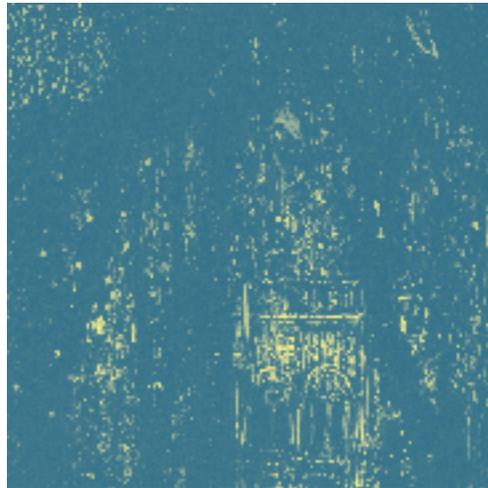


Encontro com as Embaixatrizes dos países do Médio Oriente, da Ásia e África representados diplomaticamente em Portugal, Palácio de Belém, abril de 2015





NOITES DE POESIA



NOITES DE POESIA

*Vouloir immobiliser la vie, c'est la damnation du sculpteur (...)
ainsi, l'éternelle mobilité de l'univers fait sans doute l'étonnement du créateur*
Marguerite Yourcenar, in *Le Temps, ce grand sculpteur*

Parto da poesia que existe na prosa francesa de Yourcenar para as letras e poemas portugueses que ouvi ao longo dos cinco anos em que a Dr.^a Maria Cavaco Silva me desafiou, me convidou a ser uma espectadora privilegiada dos serões-tertúlia do Dia da Poesia, para reforçar esta ideia de que nunca poderemos suspender o tempo, nem agir sobre ele, imobilizando-o para o fazer perdurar nos momentos que escolheríamos reviver uma e outra vez.

O escultor esculpe a pedra ou trabalha o ferro para na sua forma imobilizar a vida, mas a quem não foi concedido este dom não é possível esculpir momentos ou fragmentos de vida vivida. A memória das pedras não é, no entanto, mais forte nem mais pesada que a memória das palavras. Também não é mais sólida que a memória dos homens, embora por vezes nos possa parecer que sim. Vem tudo isto a propósito de momentos que apetecia ter presentes, materializados e expostos aos nossos olhos e a todos os sentidos. Momentos vividos entre poetas, autores, atores, músicos e cantores, todos eles interpretando a vida, representando muito do que de melhor se escreveu e disse, se cantou e tocou em português nos últimos séculos.

Ao longo de seis anos, coube-me o papel de moderar, por assim dizer, as intervenções espontâneas de poetas, autores, intelectuais e pessoas mesmo especiais que se reuniram no Palácio de Belém ano após ano. Assisti a seis grandes noites de música e poesia, orquestradas pela Dr.^a Maria Cavaco Silva e pela sua criativa equipa. Se me pedissem para eleger a melhor destas noites, não saberia escolher porque todas foram excecionais. Cada uma revelou o melhor dos nossos maiores poetas, e em todas a música elevou as vozes ao alto.

Descobri nestes serões-tertúlia do Dia da Poesia novos poetas, novos auto-

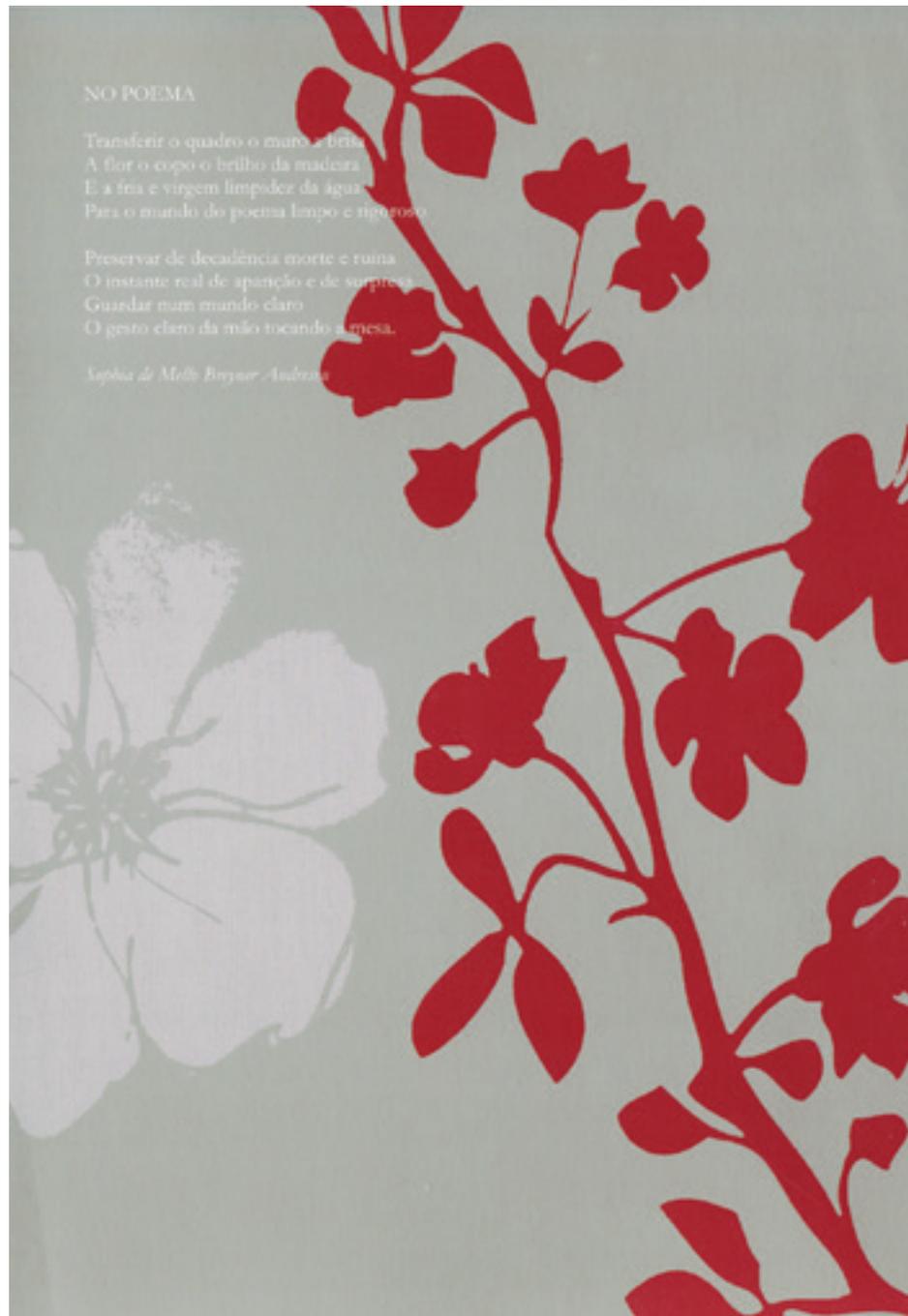
res, mais cantores e outros músicos. Foi também para isso que serviram estes encontros: para revelar, para encantar, para nos levar a todos mais longe.

Agora, que estes anos passaram e não podemos voltar a juntar no mesmo lugar todos os que por ali passaram, sei que poderemos sempre ouvir as gravações e fazer a música tocar e as palavras soar, mas não é a mesma coisa.

Podemos voltar a ouvir a *Carta da Corcunda ao Serralheiro* ou *Tabacaria*, de Pessoa, ditas em alto da primeira à última linha por vozes que ficam a fazer eco para sempre, mas não podemos regressar ao momento em que todos as ouvimos ao mesmo tempo, em presença, na mesma exaltação e comunhão.

Se fechar os olhos consigo ver e ouvir com uma nitidez impressionantes os instantes em que o Vasco Graça Moura se levantou para dizer poemas naquele palco improvisado, perante uma plateia silenciosa. Comove saber que estive sempre ali, ao longo dos anos. Todos menos um. No último já não estava entre nós e, por isso, tudo lhe foi dedicado. Merecida homenagem, a que lhe fizeram filhos e netos, amigos, conhecidos e desconhecidos, todos eles convidados por uma anfitriã capaz de elevar a música e as letras a patamares mais e mais altos.

Laurinda Alves



Noites de Poesia, capa do programa de 21 de março de 2010

Noite de Poesia

21 de março de 2010

Poesia – Terra de Minha Mãe, dizia Eugénio de Andrade.

Poesia, terra de nossa mãe, dizemos nós em Portugal.

Gostamos de ser chamados Terra de Poetas.

Somos? Não somos?

Pelo sonho é que vamos e nós gostamos de sonhar.

Poesia é sonho mas também é suor e lágrimas. E sangue.

O sangue que nos corre nas veias e faz de nós aquilo que somos. Ou queremos ser.

Celebremos hoje, com vozes e cantos, a Terra da Mãe de todos nós.

Maria Cavaco Silva

PROGRAMA

A noite começa com a Emília Silvestre que veste a pele da Corcunda da *Carta da corcunda ao serralheiro* de Fernando Pessoa.

Depois a Mariana Montez diz o poema *Liberdade* de Fernando Pessoa.

O Ricardo Ribeiro canta a *Entrega* de Pedro Homem de Mello, acompanhado à viola pelo Pedro Jóia.

A Beca do Amaral homenageia o seu conterrâneo, Vitorino Nemésio, dizendo o poema *Para que me deixem*.

A Joana Amendoeira canta *Trago o teu fado* de Pedro Rapoula.

A Filipa Leal diz-nos *Hoje, também os carros dançam* da sua autoria.

O Rodrigo Costa Félix canta o *Soneto da Fidelidade* de Vinicius de Moraes, um poeta do outro lado do mar da língua portuguesa.

A Simone de Oliveira lembra Nuno Morais e diz *Hora de deitar*.

A Ana Sofia Varela canta *Cuidei que tinha morrido* de Pedro Homem de Mello.

E para algo diferente, a Inês Jacques vai dançar ao som de *Welcome to Elsinore* de Mário de Cesariny.

O Vitor de Sousa traz *Amor sem tréguas* de António Gedeão.

A Carmo Rebelo de Andrade diz o *Soneto*, também de António Gedeão.

O Tiago Torres da Silva vai dizer *Vou num rio* da autoria de... Tiago Torres da Silva.

A Lara Li canta o *Barco Negro* de David Mourão Ferreira.

A Eunice Muñoz diz-nos a *Tabacaria* de Pessoa.

O Salvador Taborda canta o *Fado Maluda* lembrando Rosa Lobato Faria.

O Ruy de Carvalho escolheu Eugénio de Andrade e vai dizer-nos *A Mãe*.

A Katia Guerreiro canta Fernando Tavares Rodrigues e o poema *Ponham flores na mesa*.

E depois continuamos com todos os que, entre amigos, quiserem partilhar poemas seus ou de outros, nesta noite especial, neste Dia Mundial da Poesia.

Apresentação: Laurinda Alves

Guitarra Portuguesa: Mário Pacheco

Viola de Fado: Pedro Pinhal

Contrabaixo: Rodrigo Serrão

Agradecimentos:

Aldeia da Luz, Ana Sofia Varela, B&G, Beca do Amaral, Carmo Rebelo de Andrade, CEPA, Emília Silvestre, Eunice Muñoz, Filipa Leal, Inês Jacques, Isabel Rocha e Mello, Joana Amendoeira, Katia Guerreiro, Lara Li, Laurinda Alves, Mariana Montez, Pedro Jóia, Ricardo Pais, Ricardo Ribeiro, Rodrigo Costa Félix, Ruy de Carvalho, Salvador Taborda, Simone de Oliveira, Tiago Torres da Silva, Vitor de Sousa, Zut Produções.

Lucros da venda do CD a favor das Irmãs

Missionárias de São Pedro de Claver.



Tertúlia no Palácio de Belém no Dia Mundial da Poesia, março 2010



Ruy de Carvalho, Eunice Muñoz e Victor de Sousa



Salvador Mendes de Almeida



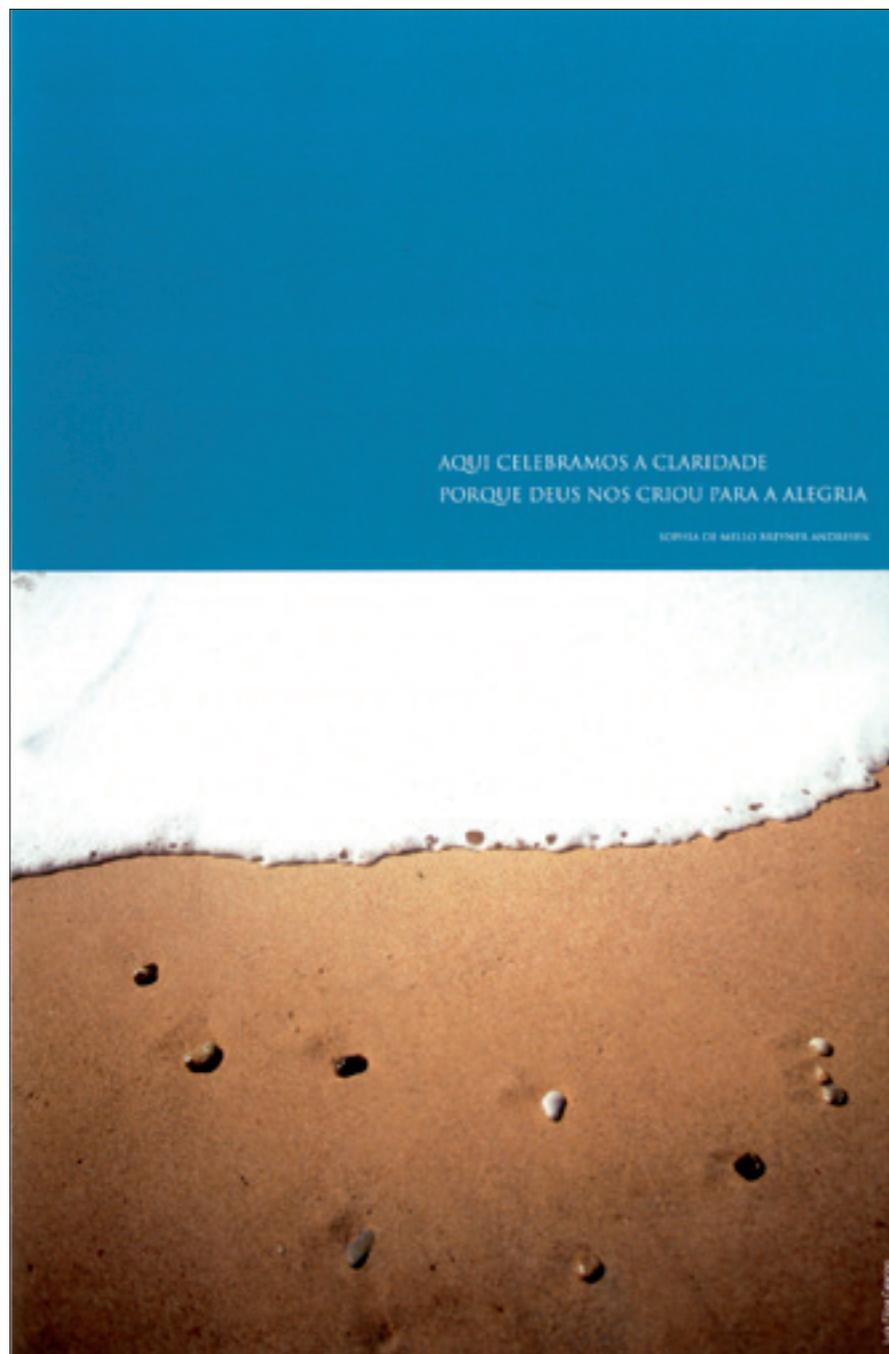
Emília Silvestre



Vasco Graça Moura



Joana Carneiro



Noites de Poesia, capa do programa de 21 de março de 2011

Noite de Poesia – Do Mar e outras Águas

21 de março de 2011

*Será possível, no nosso mundo angustiado,
Celebrar a alegria?
O estarmos aqui hoje, a dar música e voz às palavras
Dos nossos poetas, mostra que, para lá de perdas
E ausências, há sempre lugar para a celebração da Páscoa
Quando os homens querem cantar em harmonia.*

Maria Cavaco Silva

PROGRAMA

Maria Cavaco Silva *Caminho para o mar*

(Maria Cavaco Silva)

Emília Silvestre *Da minha língua vê-se o mar*

(Vergílio Ferreira)

Mafalda Arnauth *No teu Poema* (José Luís Tinoco)

Mariana Montez *Excerto do Canto V d'Os Lusíadas*

(Luís de Camões)

Pedro Moutinho *Sem sentido* (Manuela de Freitas)

Daniel Costa Lourenço *Argonauta*

(Daniel Costa Lourenço)

Joana Machado *Minha cabeça* (3ª parte)

(Herberto Helder)

Pedro Ferro *Jeux d'eau* (Maurice Ravel)

Catarina Wallenstein *Educação Sentimental*

(*Livro do Desassossego*) (Bernardo Soares)

Cuca Roseta *Triste Sina* (Jerónimo Bragança)

Pedro Caeiro *Na ribeira do Eufrates assentado*

(Luís de Camões)

José Rebola tema original composto para esta noite

(José Rebola)

Alice Vieira *Sobre os surdos ruídos da casa*

(Alice Vieira)

José Carlos Vasconcelos *Meu artesanato é de gaiotas*

(José Carlos Vasconcelos)

Teresa Lopes Alves *Tive um coração, perdi-o*

(Amália Rodrigues)

Maria Andresen *Costa Oeste* (Maria Andresen)

Martim Sousa Tavares *Prelúdio Op. 28 n.º 15 Goutte*

de pluie (Frédéric Chopin)

José Manuel Barreto *Volta atrás vida vivida*

(João de Freitas)

Pedro Almendra, Pedro Frias e Emília Silvestre

Excerto de A Castro (António Ferreira)

Raquel Tavares *Nocturno* (Pedro Homem de Mello)

António Zambujo *Janela virada p'ro mar*

(Frederico de Brito)

Lídia Franco *Tenho campo, tenho flores,*
Horas de vida perdida,
Fui ao mar buscar sardinhas (Amália Rodrigues)
Nuno Júdice *Receita para fazer o azul* (Nuno Júdice)
Mísia *Presságios de Alfama* (Vasco Graça Moura)
Filipa Leal *A cidade líquida* (Filipa Leal)
Vasco Graça Moura *Sôbolos rios que vão*
(Luís de Camões)
Simone de Oliveira e Katia Guerreiro
Amor sem tamanho (Pedro R.)

Apresentação: Laurinda Alves

Guitarra Portuguesa: Luís Guerreiro
Viola de Fado: Pedro Pinhal
Contrabaixo: Francisco Gaspar

Músicos em *No teu Poema*

Piano: Hélder Godinho

Músicos no tema original de José Rebola
Guitarra: Filipe Ferreira

Músicos em *Volta atrás vida vivida e Nocturno*

Guitarra Portuguesa: Miguel Amaral
Viola de Fado: Paulo Faria de Carvalho

Músicos em *Presságios de Alfama*

Violino: Luís Cunha
Guitarra Portuguesa: Sandro Daniel Costa
Viola de Fado: Daniel Pinto

Agradecimentos:

Aldeia da Luz, Alice Vieira, António Zambujo, B&G, Casa do Marquês, Catarina Wallenstein, CEPA, Cuca Roseta, Daniel Costa Lourenço, Daniel Pinto, Emília Silvestre, Filipa Leal, Filipe Ferreira, Isabel Rocha e Mello, Joana Machado, José Carlos Vasconcelos, José Manuel Barreto, José Rebola, Katia Guerreiro, Laurinda Alves, Lídia Franco, Luís Cunha, Mafalda Arnauth, Manuel Rosa, Manuel Tur, Maria Andresen, Mariana Montez, Martim Sousa Tavares, Miguel Amaral, Mísia, Nuno Júdice, Paulo Faria de Carvalho, Pedro Almendra, Pedro Caeiro, Pedro Ferro, Pedro Frias, Pedro Moutinho, Proteína Design, Raquel Tavares, Ricardo Pais, Sandro Daniel Costa, Simone de Oliveira, Teatro Nacional de São João, Teresa Lopes Alves, Vasco Graça Moura e Vasco Sacramento.

Lucros da venda do CD a favor da Ação Qualidade de Vida, desenvolvida pela Associação Salvador.



Maria Andresen



Alice Vieira



Beca Amaral



Nuno Júdice



Simone de Oliveira e Katia Guerreiro



Noites de Poesia, capa do programa de 21 de março de 2012

Noite de Poesia – Do Silêncio e outras ilhas

21 de março de 2012

*Há arquipélagos de silêncio no navegar da vida
O poeta guarda silêncios e caminha sobre a água contra
o ruído doloroso do mundo.*

Maria Cavaco Silva

PROGRAMA

Maria Cavaco Silva *Caminho para Petra*

(Maria Cavaco Silva)

Lurdes Norberto *Amiga, Os versos que te fiz*

e *Ódio* (Florbela Espanca)

Romana Petro *Poema à Mãe* (Eugénio de Andrade)

Joana Pessoa *Canção de embalar* (José Afonso)

Ricardo Carriço *Mulher Mãe* (Maria Helena Torrado)

Mariana Montez *Poema* (Eugénio de Andrade)

Tiago Patrício *A caligrafia das aves* (Tiago Patrício)

Elisa Rodrigues *Estranha forma de vida*

(Amália Rodrigues)

Inês Fonseca Santos *As coisas lentas*

(Inês Fonseca Santos)

Filipa Leal *A Casa* (Filipa Leal)

Inês Pedrosa *Quando nos comovíamos* (Inês Pedrosa)

Marco Rodrigues *Acho inúteis as palavras*

(António de Sousa Freitas)

Maria João Luís *O sentimento dum ocidental*

– *Avé-Marias* (Cesário Verde),

Homenagem a Cesário Verde (Mário Cesariny de

Vasconcelos) e *A Lua de Maria Sem* (João Monge)

Carmen Dolores *O Tejo é mais belo* (Alberto Caeiro)

e *Os atacadores* (Alexandre O'Neill)

Maria Teresa Belo *Ácidos e óxidos* (Ruy Belo)

Raquel Tavares e Pedro Jóia *Deste-me um beijo e vivi*

(Vasco de Lima Couto e João Dias)

Ana Moura *Fado Loucura* (Frederico de Brito)

Mísia *Tarde longa* (Lídia Jorge)

Apresentação: Laurinda Alves

Músico em *Canção de Embalar* e *Tarde Longa*

Piano: Carlos Azevedo

Músico em *Estranha forma de vida*

Piano: Júlio Resende

Músico em *Deste-me um beijo e vivi*

Guitarra: Pedro Jóia

Músicos em *Fado Loucura*

Guitarra Portuguesa: Ângelo Freire

Viola de Fado: Pedro Soares

Baixo: Filipe Larsen

Agradecimentos:

Aldeia da Luz, Ana Moura, Ângelo Freire, B&G,
Carlos Azevedo, Carmen Dolores, CEPA,
Diana Valente Perfeito, Elisa Rodrigues, Filipa Leal,
Filipe Larsen, Inês Fonseca Santos, Inês Pedrosa,
Isabel Rocha e Mello, Joana Pessoa, Júlio Resende,
Laurinda Alves, Lurdes Norberto, Marco Rodrigues,

Maria João Luís, Maria Teresa Belo, Mariana Montez,
Mísia, Pedro Jóia, Pedro Soares, Proteína Design,
Raquel Tavares, Ricardo Carriço, Romana Preto,
Sons em Trânsito, Suzana Cheong, Tiago Patrício
e Vasco Sacramento.

Lucros da venda do CD a favor da Congregação
das Irmãzinhas dos Pobres, de Lisboa.



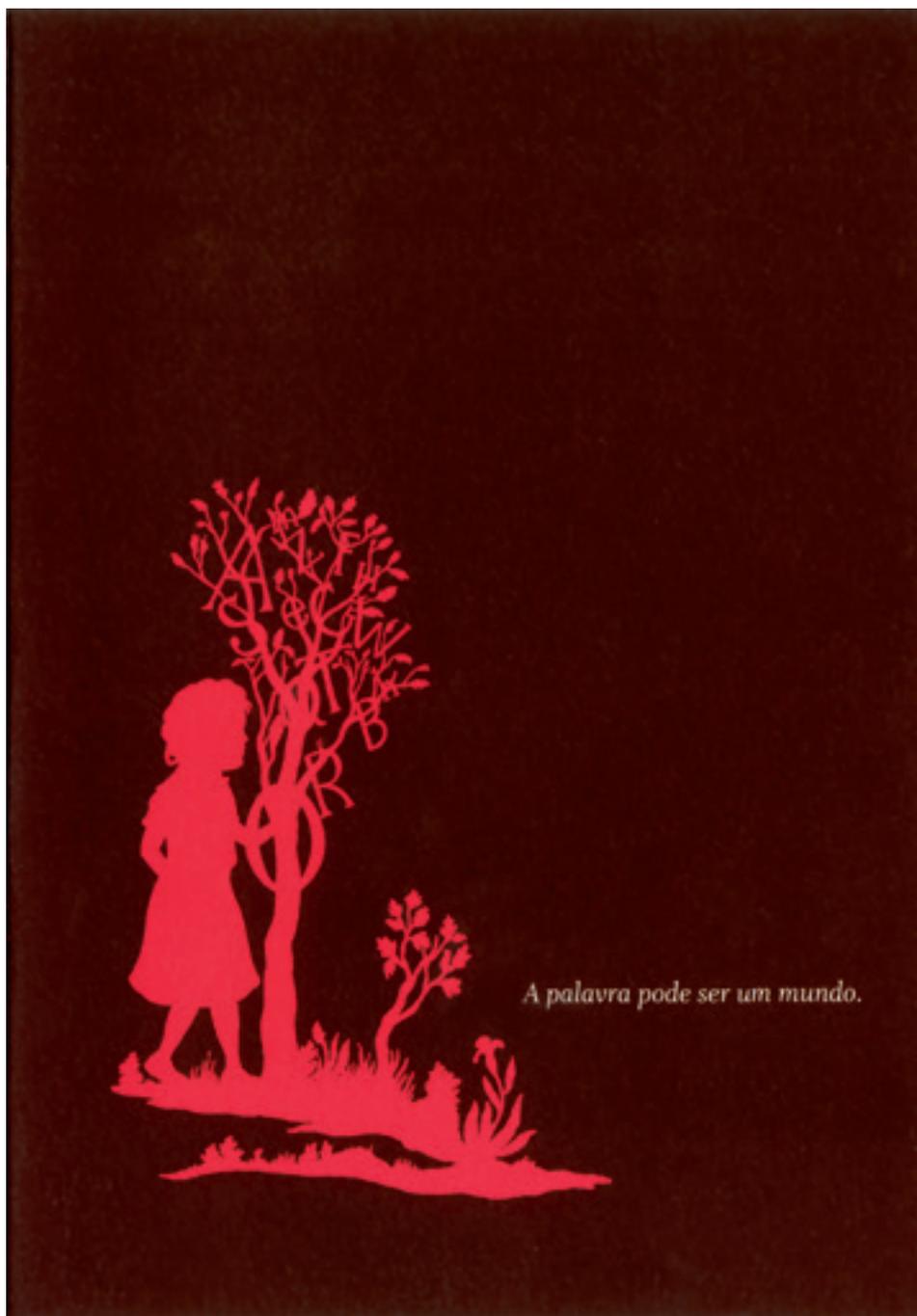
Maria João Luís



Carmen Dolores



Teresa Belo



Noites de Poesia, capa do programa de 21 de março de 2013

Noite de Poesia – A palavra pode ser um mundo

21 de março de 2013

A ideia nasce. A palavra recusa-se.

A ideia, teimosa, procura.

Bebe luz, cor e som pelos sentidos ávidos e atentos.

A palavra deixa-se envolver no turbilhão que a persegue e fascina.

Conquistada, rende-se.

Faz-se berço, onde a ideia, cansada e feliz, repousa.

Maria Cavaco Silva

PROGRAMA

Introdução: Maria Cavaco Silva

Maria Cavaco Silva *O Presépio* (Maria Cavaco Silva)

Mariana Montez *Provincianas* (Cesário Verde)

Alice Goretti Pina *Sento-me Aqui* (Alice Goretti Pina),
A Casa (Conceição Lima)

João Luís Barreto Guimarães *Os talentos do sr. Lopes,*
O que o sr. Lopes pensa do mérito, O sr. Lopes e a placa
(João Luís Barreto Guimarães)

Gisela João *Meu Amigo Está Longe* (Ary dos Santos)

Ana Zanatti *Alexandre o Grande* (Ana Zanatti)

Emília Silvestre *Estremeço se Dizem Bem*
(Bernardo Soares), Trigesimo Sexto Poema

d’*O Guardador de Rebanhos* (Alberto Caeiro)

Nuno Júdice *O Cristo Esquecido* (Nuno Júdice)

Leonor Xavier *Aqui em Aegina Senhor,*

Aqui em Hierápolis (Leonor Xavier)

Tulipa Ruiz *Sushi* (Tulipa Ruiz e Luiz Chagas)

Manuela Eanes *Carta a Ângela* (Carlos de Oliveira),
Canção de Guerra (Sebastião da Gama do livro *Cabo*
da Boa Esperança), *Bucólica* (Miguel Torga)

Francisco José Viegas *Envelhecer*
(Francisco José Viegas), *A poesia vai acabar...*
(Manuel António Pina)

Inês Fonseca Santos *O meu jardim, disse ele.*
(Inês Fonseca Santos)

Dalila do Carmo *Retrato de Actriz*
(Eugénio de Andrade), *Epidauro*
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Maria Ana Bobone *Auto-Retrato*
(Música: Maria Ana Bobone; Letra: Rodrigo Serrão)

Pedro Rapoula *Os meus primeiros passos em volta*
(Filipa Leal)

Celina Pereira *Um poema diferente* (Onésimo Silveira)

Eunice Muñoz, Poema de Ruy Belo

Maria Ana Bobone *Mandó da Despedida*

(Música: Tradicional Goesa; Letra com adaptação
para português por: Manuel Bobone)

Celina Pereira *Avé Maria no Morro*

(Herivelto Martins)

Maria Cavaco Silva: Saudação Final

Apresentação: Laurinda Alves

Músicos em *O Meu Amigo Está Longe*

Guitarra Portuguesa: Ricardo Parreira

Viola: Rogério Ferreira

Baixo: Francisco Gaspar

Músico em *Sushi*

Violão: Gustavo Ruiz

Músico em *Auto-Retrato e Mandó da Despedida*

Contrabaixo: Rodrigo Serrão

Músico em *Avé Maria no Morro*

Piano: José Afonso

Separadores

Poemas de Gullar Por Gullar *Fica o Dito por Não Dito*

(Ferreira Gullar)

Documentário *Manuel António Pina – Um Sítio*

Onde Pousar a Cabeça

(uma ideia de Alberto Serra, realização de Ricardo

Espírito Santo, produção de Terra Líquida)

Produção executiva: Isabel Rocha e Mello

e Ana Bustorff Martinho

Agradecimentos:

Aldeia da Luz, Alice Gorette Pina, Ana Zanatti,
B&G, Carlos Azevedo, Celina Pereira, CEPA,
Dalila do Carmo, Emília Silvestre, Eunice Muñoz,
Gisela João, Gustavo Ruiz, Francisco Gaspar,
Francisco José Viegas, HM Música, José Afonso,
João Luís Barreto Guimarães, Filipa Leal,
Inês Fonseca Santos, Isabel Rocha e Mello,
Laurinda Alves, Leonor Xavier, Manuela Eanes,
Maria Ana Bobone, Mariana Montez,
Miguel Capucho, Nuno Júdice, Pedro Rapoula,
Pommelo Produções Artísticas,
Ricardo Espírito Santo, Ricardo Parreira,
Rogério Ferreira, Tulipa Ruiz, Terra Líquida.

Lucros da venda do CD a favor da Associação Nossa
Senhora Consoladora dos Aflitos, de Lisboa.



Fernando Pinto do Amaral



Francisco José Viegas



Afonso Boura Cardoso



Maria Leonor Xavier





*A poesia é uma viagem
para (des)vendar mistérios.*

Noite de Poesia – A poesia é uma viagem para (des)vendar mistérios

21 de março de 2014

Secreta e permanente

a palavra nasce

Como o acender de uma lâmpada d'óleo

trémula e lenta

e depois se fixa

luminosa no céu imenso

imutável na gloriosa majestade da vida

Excerto de “Varuna” in *Bonsoir, Madame*, Manuel de Castro.

PROGRAMA

Introdução: Maria Cavaco Silva

Maria Cavaco Silva *Caminhos de Água*

(Maria Cavaco Silva)

Mariana Montez *Lisboa Ausente* (Pedro Rapoula)

Maria José Maya *O meu olhar é nítido*

como um girassol (Alberto Caeiro),

A língua portuguesa (Ary dos Santos)

Mafalda Ribeiro *Obrigada*

Celeste Rodrigues *Abandono* (Letra: David Mourão

Ferreira; Música: Joaquim Campos)

Paula Lobo Antunes *Aqueles que têm nome*

e nos telefonam (Al Berto),

Contribuição para a Estatística

(Wisława Szymborska)

João Luís Barreto Guimarães *Bagagem Perdida*

(João Luís Barreto Guimarães)

Mané Ribeiro *Bocados que Sou* (Tiago Galvão Teles)

António Machado *Viagem à Ilha do Farol*

(António Maria Machado)

Ana Lains *Eu* (Letra: Florbela Espanca;

Música: Miguel Rebelo), *Passagem*

(Letra: António Ramos Rosa;

Música: Diogo Clemente)

Nuno Júdice *In Memoriam, Prelúdios e Variações*

(Nuno Júdice)

Filipe Vargas e Alex d'Alva Teixeira

(Poemas de Álvaro de Campos, Alexandre O'Neill,

José Tolentino Mendonça, Ruy Belo e Alex d'Alva

Teixeira)

José Pedro Paço d'Arcos *Evasão, Última Viagem*

(Anrique Paço d'Arcos)

Trio Major 7 e Maria João *Primeiro* (Diogo Lopes)

Elsa Noronha *Andam Bailarinos no Tejo*

(Elsa Nêga Nór), *Quenguêlêquêse* (Rui de Noronha)

Mariana Gray de Castro *Viajar! Perder países!*
(Fernando Pessoa), *Viajar? Para viajar basta existir.*
(Bernardo Soares)
Teresa Landeiro *Primavera* (David Mourão Ferreira)
Espaço a espontâneos mediado por Laurinda Alves
Celeste Rodrigues *Silêncio, Cala-te Vento*
(Letra: Jorge Rosa; Música: Raúl Ferrão)
Maria Cavaco Silva: Saudação Final

Apresentação: Laurinda Alves

Músicos em *Eu e Passagem*

Piano: Paulo Loureiro

Acordeão: Carlos Lopes

Músicos em *Primeiro*

Piano: Diogo Lopes

Saxofone Tenor: Pedro Balaeiro

Voz: Maria João

Músicos em *Abandono*

Guitarra Portuguesa: Paulo Parreira

Guitarra Portuguesa: Gaspar Varela Silva

Viola: Pedro Pinhal

Músicos em *Primavera*

Guitarra Portuguesa: Paulo Parreira

Viola: Pedro Saltão

Músicos em *Silêncio, Cala-te Vento*

Guitarra Portuguesa: Paulo Parreira

Viola: Pedro Pinhal

Produção executiva: Isabel Rocha e Mello
e Ana Bustorff Martinho

Agradecimentos:

Aldeia da Luz, Alex d'Alva, Ana Lains, António
Machado, B&G, Carlos Lopes, Celeste Rodrigues,
Diogo Lopes, Emília Silvestre, Espelho de Cultura,
João Luís Barreto Guimarães, José Pedro Paço d'Arcos,
Fadoando, Filipe Vargas, Gaspar Varela Silva, Isabel
Rocha e Mello, Laurinda Alves, Mafalda Pereira,
Mané Ribeiro, Maria João, Maria José Maya, Mariana
Grey de Castro, Mariana Montez, Nuno Júdice, Paula
Lobo Antunes, Paulo Loureiro, Paulo Parreira, Pedro
Balaeiro, Pedro Pinhal, Pedro Rapoula, Pedro Saltão,
Teresa Landeiro.



Laurinda Alves



Diogo Lopes



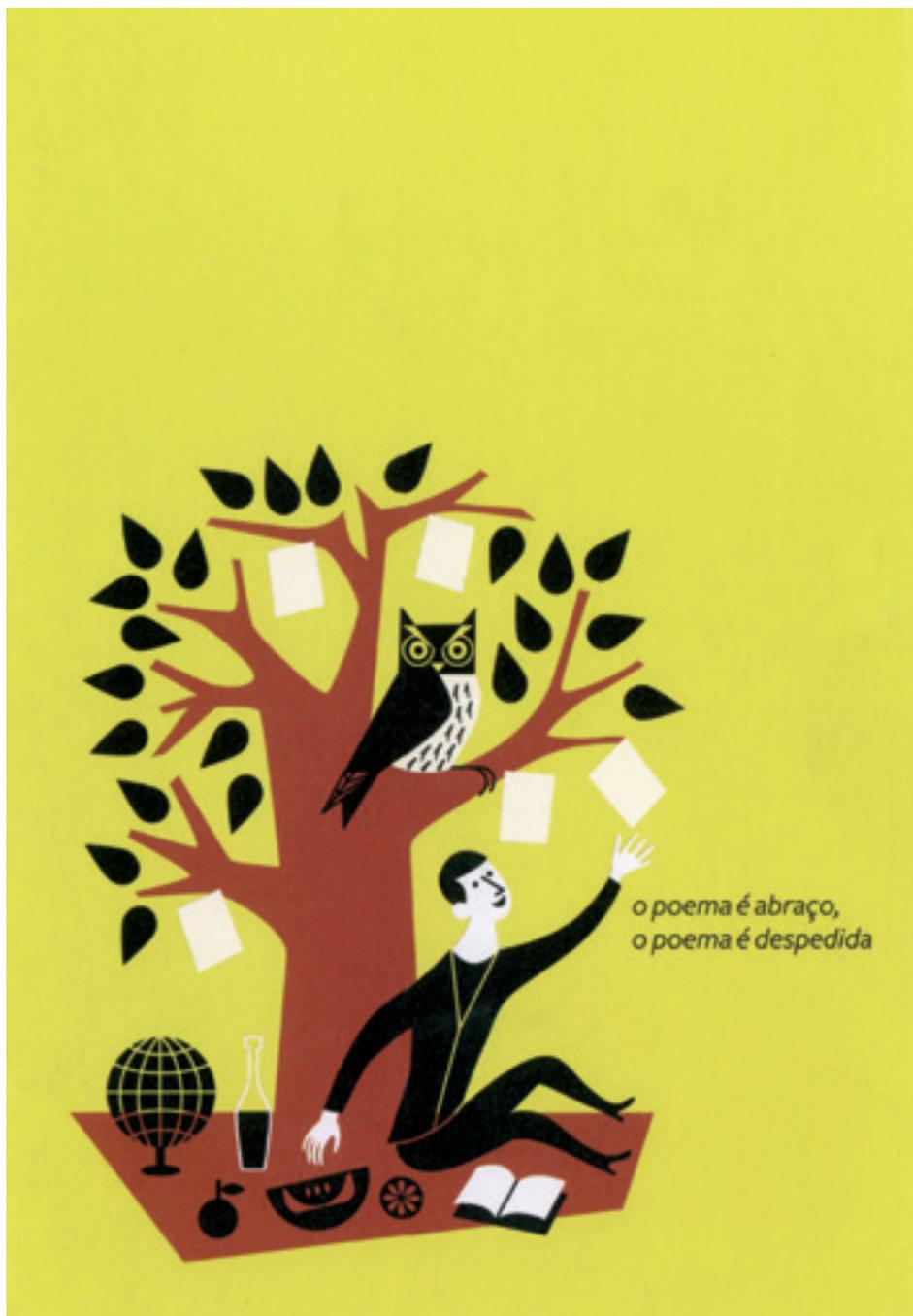
Celeste Rodrigues



António Machado



Maria Cavaco Silva



Noites de Poesia, capa do programa de 21 de março de 2015

Noite de Poesia – O poema é abraço, o poema é despedida

21 de março de 2015

*na verdade, o poema é um ruído
das nuvens interiores. (...)*

(...)

*na verdade, o poema
é um ruído modelado
de gente.*

Excerto de “o fim do inverno” in *Poemas com Pessoa*s, Vasco Graça Moura,
Quetzal Editores, 1997.

PROGRAMA

Vídeo: Vasco Graça Moura *Sóbolos rios que vão*
(Luís Vaz de Camões), Noite da Poesia no Palácio
de Belém, 2011.

Maria Cavaco Silva *Gaiivota* (Vasco Graça Moura)

Katia Guerreiro *As Quatro Operações*

(Letra: Vasco Graça Moura, Música:

Tiago Bettencourt e Pedro de Castro)

Mariana Montez *Longe de Casa* (José Carlos Barreto)

Afonso Reis Cabral Excerto de *Cartas a um jovem
poeta* (Rainer Maria Rilke)

Antonieta Lopes da Costa Excerto de *Tríptico*

(Herberto Hélder), Poema de Joaquim Manuel

Magalhães

Maria Alzira Seixo Poema de David Mourão Ferreira

Pedro Kayapó (Pedro Dias) Excertos de *Canto de*

Amor e *Canto de Rua* (Carlos Paredes)

Janeiro com participação de Pedro Kayapó

(Pedro Dias) *Canção do Erro* (Letra e Música: Janeiro)

Joana Graça Moura *Para uma canção de embalar*

(Vasco Graça Moura)

Jorge Reis Sá *Poema ao Filho, Buracos de Verme,*

Pátio (Jorge Reis Sá)

Francisca Graça Moura Poema de Vasco Graça Moura

Tiago Patrício *Uma questão de tempo* (Nuno Júdice),

O nome do poema (Tiago Patrício)

Duarte *Não é, mãe?* (Duarte), *Fado Escorpião*

(Letra: Duarte; Música: Fado Meia Noite)

Mafalda Ribeiro *Sou de Vidro* (Lídia Jorge)

Pedro Rapoula *Pedro, lembrando Inês* (Nuno Júdice)

Raquel Marinho *Poema em Linha Recta*

(Álvaro de Campos)

Vasco Graça Moura Poema de Vasco Graça Moura

Fernando Pinto do Amaral *Uma pequenina luz*
(Jorge de Sena)
Teresa Lopes Alves *d'Obra* (Letra: Cila Sant'Ana;
Música: Mário Pacheco)
Filipa Leal *Os Meus primeiros passos em volta*
(Filipa Leal)
Ana Lopes Gomes *A Princesa de Braços Cruzados,*
Gosto das Cebolas (Adília Lopes)
Emília Silvestre *O suporte da música, Blues da morte*
de amor, Soneto do amor e da morte
(Vasco Graça Moura; Música: Ricardo Pinto)
José Tolentino Mendonça *Lisboa vista da Lua*
(José Tolentino Mendonça)
Diogo Dória *Barcarola, Leda e o Cisne, dolphins*
& mermaids, como a sentir as tuas mãos
(Vasco Graça Moura)
Katia Ribeiro *Até ao fim* (Letra: Vasco Graça Moura;
Música: Tiago Bettencourt)

Apresentação: Laurinda Alves

Músicos em *As Quatro Operações,*
Até ao Fim e Fado Escorpião
Guitarra Portuguesa: Luís Guerreiro
Viola: Pedro de Castro
Viola baixo: Francisco Gaspar

Músicos em *d'Obra*
Piano: Ruben Alves

Produção executiva: Isabel Rocha e Mello
e Ana Bustorff Martinho

Agradecimentos:

Afonso Reis Cabral, Aldeia da Luz, Ana Geraldo,
Ana Lopes Gomes, Antonieta Lopes da Costa,
B&G, CEPA, Diogo Dória, Duarte, Emília Silvestre,
Fernando Pinto do Amaral, Filipa Leal,
Francisca Graça Moura, Francisco Gaspar,
Isabel Rocha e Mello, Janeiro, Joana Graça Moura,
Jorge Reis Sá, José Tolentino Mendonça,
Katia Guerreiro, Laurinda Alves, Luís Guerreiro,
Mafalda Ribeiro, Maria do Rosário Sousa Machado,
Maria Alzira Seixo, Mariana Montez, Nuno Júdice,
Pedro de Castro, Pedro Kayapó (Pedro Dias),
Pedro Rapoula, Raquel Marinho, Ricardo Pinto,
Ruben Alves, Teresa Lopes Alves, Tiago Patrício, UAU,
Vasco Graça Moura.

Ilustrações:

Tiago Albuquerque



Mafalda Ribeiro



Vasco e Francisca Graça Moura



Filipa Leal



Mariana Cavaco Silva Montez



Joana Graça Moura



Presidente Aníbal Cavaco Silva e Afonso Reis Cabral



Maria Cavaco Silva lê o poema inédito de Vasco Graça Moura *gaivota de Júlio Pomar*, março de 2015

gaviota de júbilo prouan
para quem a tribul Carne e Silva

eu fui assim descobria
de jogar, de jogar,
a matéria algavica
da gaviota e do urau:
o brincar nas fronteiras
para o seu vos claro
— falácia, alfarobricas,
acícias, lenha de ar —,

vinda do céu do sul
num leve golpe de asa
esta gaviota azul
pôs-a à entrada da casa

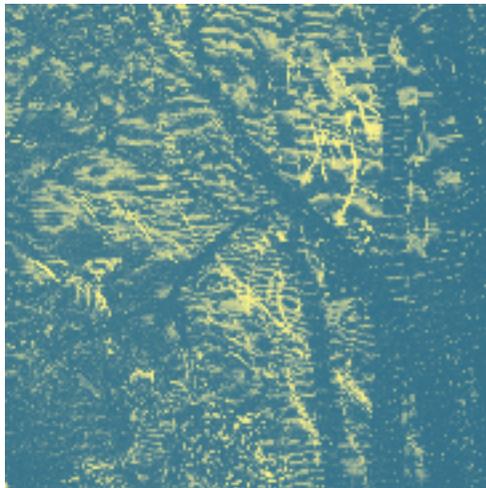
a mostrar que a querresem
esta luz, esta osmo,
porque quem o merecem
sua dona e seu dono.

Vau Vau Mura
13.8.2000





EXPOSIÇÕES DE PRESÉPIOS



EXPOSIÇÕES DE PRESÉPIOS

Com a presença da Dr.^a Maria Cavaco Silva no Palácio de Belém, o Museu da Presidência da República pode contar, desde a primeira hora, com um apoio e um incentivo muito especiais.

As diversas iniciativas do Museu, no domínio expositivo, pedagógico e da animação cultural mereceram, da Dr.^a Maria Cavaco Silva, um olhar atento e um acompanhamento interessado que muito contribuíram para o sucesso dessas ações. Esteve presente em várias inaugurações, visitas guiadas e cerimónias promovidas pelo Museu, trazendo consigo novos públicos e acrescida divulgação.

Na esfera da ação social desenvolvida pela Dr.^a Maria Cavaco Silva, não raras vezes o Museu foi chamado a dar o seu contributo, programando visitas e atividades de animação cultural para acolher grupos escolares, associações e cidadãos provenientes de meios sociais e culturais desfavorecidos ou com necessidades educativas especiais. A estreita colaboração com a agenda da Primeira Dama, neste domínio, proporcionou, em muitas ocasiões, a oportunidade para trazer ao Museu públicos diferenciados, permitindo promover, através de ações direcionadas, uma experiência integradora de sensibilização para a história e para o exercício da cidadania.

Uma referência muito particular deve ser feita ao conjunto de exposições realizadas pelo Museu, tendo como base a riquíssima e diversificada coleção de presépios da Dr.^a Maria Cavaco Silva. Estas mostras, que assinalavam anualmente a quadra natalícia, prosseguiram propósitos solidários, por indicação expressa da Dr.^a Maria Cavaco Silva, e tiveram lugar em vários distritos do país e também em Espanha, na cidade de Cáceres. Constituíram também uma oportunidade para promover a arte presepista nacional, de grande valor etnográfico, e valorizar o trabalho de muitas instituições de solidariedade social.

Ultrapassando meio milhar de peças, a coleção integra presépios provenientes de todos os continentes (Uzbequistão, Timor-Leste, França, Estados Unidos da América e Guiné-Bissau como exemplos dos cinco continentes), fruto das suas

viagens em funções de representação e de uma recolha afetiva e informada ao longo dos tempos. Sendo do conhecimento público o seu gosto por esta forma de expressão artística e cultural, são muitas as entidades, associações, artistas e personalidades que têm contribuído, com doações, para o enriquecimento desta coleção.

Generosamente, a colecionadora pôs estas peças à disposição do Museu da Presidência da República que tem gerido este acervo, procedendo à sua inventariação, conservação, empréstimo e divulgação, sob a coordenação da Dr.^a Mafalda Villani, pertencente à equipa técnica do Museu.

Como Diretor do Museu da Presidência da República, e em meu nome pessoal, sinto-me honrado com a possibilidade que me é dada, neste breve texto, de agradecer publicamente à Dr.^a Maria Cavaco Silva a amável e profícua colaboração estabelecida com o Museu ao longo de uma década.

Diogo Gaspar

Exposição "Presépios em Belém"

Palácio de Belém, 11 de dezembro de 2006

“A minha relação com o Presépio é muito antiga.

Os ritos de Natal da minha infância giravam apenas à volta do Presépio e do Menino Jesus. Todas as casas encenavam o Nascimento do Menino Jesus. De acordo com a tradição, fora S. Francisco de Assis, o *Poverello*, a sentir-se pela primeira vez atraído pelo mistério de Belém, ao ponto de querer pô-lo vivo frente aos olhos, com certeza admirados, dos seus conterrâneos.

Nas aldeias do Algarve – falo dessas porque as outras não conhecia – o presépio era uma infinita série de pequenas figuras toscas e coloridas a retratar o dia a dia imaginário das pessoas, o que quase abafava o centro óbvio: o Menino, Maria e José. Na cidade, pelo menos na minha casa, as coisas não corriam com essa franqueza e ingenuidade e lembro-me de um ano, sentindo a falta de uma representação que eu achasse condigna do evento, me ter posto a esculpir um presépio à mão, com o material disponível – plasticina. Não saiu grande coisa, mas a intenção foi ótima e fiquei muito orgulhosa.

O Menino descia infalivelmente a chaminé, que fora esfregadíssima para que não ficasse rasto do petróleo ou do carvão com que se cozinhava, e depunha os seus presentes, poucos e muito desejados, no sapatinho das meninas e dos meninos bem comportados. Tudo muito simples, muito em família, muito sentido.

O segundo presépio da minha vida chegou, com uma imensa ternura, no ano em que nasceu o nosso primeiro filho (no caso foi uma filha).

Já havia coisas diferentes, as pessoas dedicavam-se a esculpir com as mãos a cena de Belém, mais de acordo com o que a alma livremente lhes pedia.

E ali estava, numa montra do bairro de Campo de Ourique, um presépio tão pequeno e infantil que não hesitei. Levei-o logo para casa e retomei a paixão antiga. Ofereci-o à minha filha quando nasceu a minha primeira neta.

Daí para cá, com tanto mundo e tantos Natais percorridos, tem sido dar largas ao desejo.

Costumo dizer que não tenho uma coleção de presépios porque não tenho espírito de colecionador.

Os meus presépios representam para mim muito mais do que isso. Marcam um trajeto de vida que me levou a muitos lugares e me fez encontrar muita gente magnífica.

São, sobretudo, uma troca de afetos. As pessoas sabem deste meu gosto especial e oferecem-me presépios. Eu sei que as pessoas sabem deste meu gosto especial e, quando acho a situação a jeito, ofereço-lhes presépios.

Neste primeiro Natal em Belém é natural que os meus presépios tenham, por assim dizer, ‘saído à rua’.

Agradeço comovidamente a todos os Municípios e às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira que quiseram partilhar comigo este gosto e hoje estão aqui também, em tão grande número e com tanta qualidade, a fazer-me companhia.

Bem-hajam e Bom Natal para todos!”

Maria Cavaco Silva

Exposição “Olhares sobre Jesus Menino”

Palácio de Belém, 8 de dezembro de 2007

“ **O** Menino Jesus é sempre uma história de infância.
A d’Ele e a nossa.

Nas minhas memórias desse tempo, o Menino era a companhia mais importante do Natal para todas as crianças.

Tudo girava à volta da figura pequenina que se fizera Homem por amor aos homens.

Não havia velhotes vestidos de vermelho com barbas brancas.

Não havia trenós.

Não havia renas.

Não havia árvores cheias de luzes coloridas.

Aliás, os tempos do pós-guerra não eram nada propícios a luzes, numa Europa devastada que lambia as suas feridas e mal tinha o que comer.

Mas no meio das ruínas lá longe e da penúria cá dentro, o Natal era muito Natal. Muito ligado à figura do Menino.

Talvez as feridas ainda por sarar dessem um sentido mais íntimo à figura do Bebê que trazia no Seu Nascimento uma promessa de Salvação.

Se o homem tinha perdido o senso, talvez a criança lhe desse força para o recuperar.

Pelo menos na minha família e nos meus amigos era assim.

A minha avó materna rodeava o Menino de 'searinhas', com trigo a germinar em pires de algodão molhado.

Esse verde tenro na aridez do inverno encantava-me. Para ela era um pedido de colheitas fartas que matassem a fome dos homens.

Na cidade era o Menino que punha os presentes de Natal dentro dos sapatinhos muito engraxados para a ocasião.

Nos dias a seguir ao Natal, a conversa entre os mais pequenos começava sempre com: 'O que te deu o Menino Jesus?'

E eram muitos os que acreditavam que o Menino descia do seu trono celestial para, nesses dias mágicos, ficar mais próximo dos homens.

Como mais tarde aprendi com Fernando Pessoa/Alberto Caeiro, Ele foi durante toda a minha infância um Menino que dormia dentro da minha alma e brincava com os meus sonhos.

Ao ponto de O ouvir sempre descer a chaminé na noite de 24 de dezembro.

Sei que o Menino Jesus continua muito presente nas nossas tradições natalícias.

Aqui prestamos uma homenagem sentida ao Menino Jesus, com a ajuda preciosa do Patriarcado de Lisboa, que tão generosamente colaborou neste nosso desejo de darmos ao vosso Natal imagens diversas do Menino.

Bem-hajam todos os que trabalharam para a realização deste sonho.

Bom Natal para todos!"

Maria Cavaco Silva

Exposição "O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva"

Palácio Sotó Mayor, Figueira da Foz, 9 de dezembro de 2009

A receita da Exposição reverteu a favor do Centro Social da Cova e Gala.

“**C**omo todas as coisas importantes do mundo, o Natal é uma história de ‘Era uma vez...’.

Na minha infância essa história era diferente da que contamos hoje, apesar de, bem feitas as contas às palavras, irmos sempre encontrar o que verdadeiramente interessa e importa.

Era uma vez um Menino que tinha nascido em Belém, numa noite muito fria mas luminosa de estrelas e anjos. Havia muito tempo mas esse Nascimento mudara de tal maneira o mundo que todos os anos o mundo mudado se unia em celebração como vida desse momento mágico.

Havia sapatos na chaminé, cheios de esperança de brinquedos e guloseimas. Havia, principalmente, uma Criança que vinha todos os anos, no inverno, iluminar a vida de muitas outras crianças, pobres como Ela.

Nada de Pai Natal, renas, ruas iluminadas e lojas a atraírem pessoas como borboletas enfeitadas.

Sendo tudo muito simples, as figurinhas do presépio tornavam-se com naturalidade um centro de atração para grandes e pequenos.

Talvez seja desta memória de Natais de tempos muito difíceis dum pós-guerra cheio de mãos vazias e de um gosto antigo pelas imagens ingénuas de barro colorido que acompanharam tantas gerações, que nasceu este meu encanto que não se explica, apenas se vive.

Venho partilhar convosco, com muita alegria, algumas peças que os anos e os caminhos da vida me puseram nas mãos.

Não gosto de chamar aos meus presépios uma coleção. Porque acho que é um pouco mais do que isso. Uma troca de afetos e de experiências.

Cada um deles tem uma história que guardo na arca do tesouro.

Este, branco e dourado, é mexicano e foi oferecido por uma senhora norueguesa. Aquele, colorido e maneirinho, foi trazido da Bretanha por um padre que levou em troca um de pau-preto, angolano, que lhe iluminou a cara toda.



Presépio do Arco, Sofia Ramalho

Vindos de longe e de perto, materiais vários e mãos sempre envolvidas de alma e coração na tarefa de contar essa história de ‘Era uma vez...’ que mudou o Mundo há mais de 2000 anos.

Que vos dê tanta alegria vê-los como me deu a mim partilhá-los convosco. Bom e Santo Natal para todos.”

Maria Cavaco Silva

“**C**onfesso que o presépio da minha velha casa de família é uma das mais queridas recordações da infância! Acontece-lhes o mesmo? Porque será? O encanto começa no mistério: Deus poderoso feito Menino! Depois, a ternura da Mãe... A atenção de S. José...

Foram estes os antecedentes do presépio. Era só isto o que representavam, em fresco, as pinturas dos primeiros séculos cristãos.

Os artistas da Idade Média juntaram, nas suas tábuas, outras cenas referidas nos Evangelhos: o anúncio aos pastores, a vinda dos Magos, os coros dos Anjos... Mas o presépio com figuras em relevo foi S. Francisco de Assis quem o montou pela vez primeira, em 1223. Fê-lo com figuras vivas e juntou o burro e o boi, inspirado no verso de um salmo, onde se diz que o burro e o boi conhecem o seu dono, ao contrário dos homens, que não conhecem Deus...

Nos séculos seguintes o presépio espalhou-se pela Europa e, em cada região, ganhou cores locais.

Como foi que o conceberam os portugueses?

Antes de mais, colocando a cena em paisagem portuguesa: os nossos montes e regatos, onde Belém e Jerusalém se misturam com moinhos de vento e fontanários... Mais tarde, e nisso foram exímios Machado de Castro e Barros Laborrão, também os costumes das gentes portuguesas compõem o quadro de vida em que o Menino é adorado: o gaiteiro e a mulher dos ovos misturam-se com os pastores e fazem cortejo com os Magos, passando todos ao lado da matança do porco... É um encanto contemplar isto tudo nos presépios da Estrela, da Sé de Lisboa ou da Misericórdia de Torres Novas.

Não há erro teológico nesta conceção. É que Deus fez-se Menino justamente para dar salvação e sentido à vida humana, tal como nós a vivemos!

Que os presépios se multipliquem, nas casas, vilas e cidades, e, a par da arte, manifestem esta verdade aos olhos extasiados das crianças... e dos adultos!”

† **Albino Cleto, Bispo de Coimbra**

Exposição “O Presépio – Colecção de Maria Cavaco Silva”

Santa Casa da Misericórdia do Porto, 8 de dezembro de 2010

A receita da Exposição reverteu a favor do Colégio Barão de Nova Sintra.

“**N**atal é a descida do Mistério à terra dos homens.
Daí a sua permanente atração, mesmo para aqueles que recusam o milagre. Talvez hoje, nos nossos dias de velocidade e insensatez, seja no Natal que encontramos tudo o que fomos perdendo ao longo do tempo e da vida.
O Natal é a nossa arca da memória.
Nessa arca mágica está o Menino Jesus doce e terno da nossa infância, que nos trazia os brinquedos, poucos e pobres, pela chaminé da cozinha abaixo.
Maria, a mulher-menina e mãe, que soube dizer o Sim que mudou a história da humanidade.
José, o homem que conseguiu acreditar no impossível.
A ceia com filhoses e arroz-doce.
Os perus que passeavam vivos nas ruas dos velhos bairros da cidade.
A Missa do Galo no frio escuro da noite.
O calor bom de estarmos juntos em silêncio a olhar as estrelas.
A terra gelada a dormir debaixo da camada de neve.
O céu a cantar o *Gloria* com os Anjos.
O quotidiano dos homens que fazem do seu trabalho um ato de louvor ao Pai.
O Presépio, que S. Francisco tão bem percebeu na sua profundidade mística, é a representação do que de mais importante acontece no Natal.
Sei que o presépio continua a ser para muitos a encenação desse momento único em que o Céu desceu à Terra, num ato de Amor Universal.
Daí o fascínio que sempre senti por essa representação, por vezes tão ingénua, do Nascimento do Jesus Menino. Fascínio esse que tenho o gosto de partilhar convosco hoje aqui na Misericórdia do Porto.



Natividade, Maria Antonieta Roque Gameiro

Que esta viagem que vão fazer comigo por visões tão diferentes, materiais tão diversos, países perto e longe, seja um momento bom de preparação para o Natal.

Um Santo Natal para todos.”

Maria Cavaco Silva

“Presépio para Contemplar – Presépio para Continuar

Congratulo-me com a feliz iniciativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto e do Museu da Presidência da República, que assim oferecem à contemplação de muitos portuenses, e de quantos quiserem vir, a Coleção de Presépios da Senhora Dr.^a Maria Cavaco Silva.

A proximidade do Natal convida-nos de novo a concentrar a atenção e o coração em tudo o que se passou na gruta de Belém de Judá. Nasceu um Menino, filho de Maria, guardado por José. Ouviram-se Anjos, vieram pastores e acorreram magos do Oriente. Pastores, gente pobre e disponível ao anúncio; magos, gente que procurava e não desistia.

Estes foram os que acorreram. Hoje acorremos nós, igualmente disponíveis e imparáveis. Porque a novidade que aquele Menino trouxe ao mundo é inesgotável e precisamos dela tanto hoje como então. Um dos nossos clássicos de seiscentos chamou-lhe o ‘eterno Menino d’inda agora’ e assim o recebemos nós. Para que a sua imensa luz e caridade nos batam no rosto e as irradiemos depois, como ao anúncio angélico ouvido no Presépio: ‘Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado!’”

† **Manuel Clemente, Bispo do Porto**

“Presépios que Simbolizam a Paz

A Santa Casa da Misericórdia do Porto e o Museu da Presidência da República associaram-se, em boa hora, para a realização desta exposição da coleção de Presépios da Senhora Dr.^a Maria Cavaco Silva.

O seu espírito atento de colecionadora permitiu juntar um conjunto de tipologias das mais variadas de Presépios, todos com um denominador comum: a ideia de família como símbolo universal de paz.

O Pai, a Mãe e o Menino Jesus, além dos outros participantes no Presépio como os Reis Magos, são a expressão viva de um sentimento que nos envolve a todos. Queremos e desejamos ‘paz na terra aos homens de boa vontade’.

Não podemos, então, desistir de enviar uma mensagem a todos aqueles que, no seu dia a dia, têm de lutar contra a exclusão social.

Neste final de ano, onde a crise económica e social muito se agravou, esta exposição apresenta-se com uma mensagem de esperança e otimismo no nosso futuro coletivo.

O futuro é representado pelo Menino Jesus e, por isso mesmo, decidimos que a generosidade dos nossos visitantes reverta a favor das crianças do Colégio do Barão de Nova Sintra.

A Cidade do Porto merece usufruir desta mostra num espaço de referência do seu Centro Histórico, onde há mais de quinhentos anos os homens-bons fazem Misericórdia.

O Presépio será, pois, um símbolo de paz num tempo difícil que tem de ser de solidariedade para com os nossos concidadãos.”

António Manuel Lopes Tavares, Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto

Exposição “O Presépio – Colecção de Maria Cavaco Silva”

Casa Palácio de los Becerra, Cáceres, 14 de dezembro de 2011

Jantar de beneficência realizado a favor da Campanha de Natal da Cáritas Diocesana de Coria-Cáceres.

“ **A** minha história com os presépios é muito antiga. Sei que é antiga porque me lembro de sempre ter tido uma grande atração por essa maneira simples de celebrar o Natal. Sei que vem de longe este interesse, não posso dizer com rigor quando começou. Claro que a história do colecionismo é mais recente. Colecionismo apenas no sentido de tentar juntar presépios que tivessem algum significado na sua relação com o meu país, com as pessoas que me foram atravessando a vida, com a minha família, com os meus amigos.



Presépio da Parra, terracota policromada, Barcelos, Mistério

Quando era menina, em Lisboa, os Natais estavam muito marcados por uma situação de grandes dificuldades, provocada por um pós-guerra trágico, de uma barbárie que devastara a Europa no seu solo e na sua alma.

As pessoas erguiam-se a pulso, reconstruindo no seu dia a dia o muito que fora destruído.

Havia pouco, apesar de Portugal ter sido fisicamente poupado ao furacão.

O presépio aparece-me logo, nos Natais da minha infância, como um meio possível, autêntico e barato, de celebrar a festa da Natividade.

Os materiais disponíveis eram pobres e facilmente perecíveis, o que explica que nenhum, dos vários presépios feitos por mim na minha meninice, tenha chegado até hoje.

Mas resta-me viva a memória do envolvimento familiar que representava o desejo de celebrar condignamente a época.

No Algarve, onde às vezes ia passar o Natal, o presépio era uma festa de beleza cheia de significado. As figurinhas simples e coloridas de barro ficavam de ano para ano, mas tudo o que se punha à roda era fruto de uma imaginação em permanente esforço para se renovar. Os frutos coloridos, as searas verdes feitas com trigo embebido em algodão molhado, os materiais colhidos no campo que faziam ao Menino uma moldura natural, em tudo semelhante ao que as pessoas tinham na sua vida de todos os dias.

Nalguns dos presépios em exposição vão ainda encontrar vestígios, talvez mais elaborados, mas perseguindo a mesma ideia, dessa atitude de apanhar material, no campo ou nas praias, a que se dá depois um arranjo estilístico, ao gosto do artista.

Quando nasceu a minha filha, a primogénita, renasceu em mim o gosto pelo Presépio. Eu agora vivia a minha natividade e queria celebrá-la com todas as memórias boas que guardava dos Natais antigos. Notei, no entanto, que nessa época, não era nada fácil encontrar Presépios. Quando finalmente consegui comprar aquele que posso considerar o primeiro Presépio da minha idade adulta, fiquei muito feliz. É um Presépio adequado a um bebé, e já está nas mãos da minha filha. Dei-lho quando nasceu a sua primeira filha. Uma história sem fim à vista... A situação de escassez de Presépios no mercado não existe hoje. Por todo o mundo, eruditos ou populares, em diferentes materiais, há uma vasta escolha.

Pelas voltas que a vida dá, vi-me, a partir de certa altura, confrontada com a realidade que aqui está exposta hoje, e já estive noutros espaços e várias vezes: eu, afinal, quase sem sentir, tinha uma vasta coleção de Presépios.

Coleção que é feita de tudo o que está aqui recordado e de muito mais que não se pode escrever em poucas palavras.

Muitas viagens, muitas pessoas que deixaram rasto na minha vida, outras a quem eu talvez também tenha deixado uma memória feliz.

A minha coleção de Presépios é o resultado de muitos anos e muitos encontros. Quando os olho, viajo pelos países de onde vieram, recordo as pessoas que estão na sua origem.

Achei graça verificar que quase todos os meus Presépios me foram oferecidos. Porquê? Porque, mais tarde ou mais cedo, todos os que compro acabam por ser oferecidos por mim. Estranho? Nem por isso. Isto só quer dizer que não sou uma colecionadora típica. Sou apenas um ponto de encontro de Presépios do mundo: os que estão partem, os que vêm ficam.

É esta uma das originalidades dos Presépios que aqui dou a ver.

Cada um tem uma história que sei de cor e recordo com gosto.

Não as posso contar, senão isto não seria, com certeza, apenas o texto introdutório que queria escrever.

Quero apenas chamar a atenção para um grupo de peças que me é particularmente caro: cerca de duas dezenas, feitos em instituições que se dedicam à melhoria da vida de pessoas, de todas as idades, atingidas por variadas patologias que lhes dão diversas incapacidades. É a minha causa. Elas e o seu trabalho são o meu orgulho.

Que vos dê tanto gosto visitar os meus Presépios como me deu juntá-los ao longo de uma vida que tenho a ousadia de considerar feliz.

Para todos um Santo Natal!”

Maria Cavaco Silva

“**L**a Fundación Mercedes Calles y Carlos Ballesterero está, una vez más, a la altura de las circunstancias. Una nueva exposición – esta vez de un tema tan entrañable como la Navidad – nos invita a mirar con esperanza al mundo y a los hermanos.

En esta ocasión, la exposición sobre la Navidad se hace desde la perspectiva de los ‘El Bélen – Colección Maria Cavaco Silva’, que son auténticas obras de arte de los ceramistas portugueses – barristas son llamados allí –, que alcanzaron un enorme prestigio a lo largo de la Historia del país vecino. Existen noticias de un presepio en el Monasterio del Salvador, en Lisboa, de mediados del Quinientos. También tenemos noticias de que en el siglo XVI en la Iglesia de Santa Catalina del Monte Sinaí (Lisboa), había otro presepio del ‘barrista’ Sebastián de Arteaga. Sin embargo, fue en el siglo XVIII cuando se inicia, por todo Portugal, una verdadera expansión de este arte singular. Destacan en esta época dos grandes ceramistas o ‘barristas’, auténticos maestros en este arte, Machado de Castro y Antonio Ferreira. Del primero, hay dos presepios en Lisboa (Basílica de la Estrella y en la Sede Patriarcal). Del segundo, también en Lisboa, podemos admirar, en grandes proporciones, el que está en la Iglesia de la Madre de Dios. Pero, no solo tiene arraigo en las Iglesias de Portugal, sino también en conventos y en hogares particulares.

Me encanta todo lo relacionado con la Navidad, tan es así, que poseo una colección de Belenes, que sigo ampliando. Por todo ello, alabo la iniciativa de la Fundación Mercedes Calles y Carlos Ballesterro, que pone al alcance de la ciudadanía de Cáceres una exposición, que, a buen seguro, será un deleite para todos. Que esta iniciativa sirva para que desde las Instituciones, desde las familias, desde las aficiones particulares y desde la Asociación Belenista Diocesana, se de un colorido especial a este tiempo del Año Litúrgico donde celebramos que Dios, nada más y nada menos, se hizo Carne y habitó entre nosotros.

Desde estas líneas deseo mostrar mi agradecimiento a la Doctora Maria Cavaco Silva, Esposa del Presidente de Portugal, país vecino y hermano al que tanto quiero y admiro, por la deferencia que ha tenido de ceder para ser expuesta, esta hermosa colección particular de belenes.”

† **Francisco Cerro Chaves, Obispo de Coria-Cáceres**

“ **C**on motivo de la Navidad 2011, año en el que se conmemora el XXV aniversario de la declaración de Cáceres ciudad Patrimonio de la Humanidad por la UNESCO, la Fundación Mercedes Calles y Carlos Ballesterro se complace en organizar la exposición ‘El Bélen – Colección Maria Cavaco Silva’, proce-

dente de la colección privada de la Excma. Sra. Dr.^a Maria Cavaco Silva, Esposa del Presidente de la República de Portugal, cedida por el Museu da Presidência de Lisboa en la que se halla depositada.

Por ello queremos expresar nuestro agradecimiento a la Dr.^a Maria Cavaco Silva por aceptar nuestra invitación y traer a Cáceres tan importante colección, que nunca antes salió de Portugal, así como por prestar su apoyo personal a la celebración de los XXV años de ciudad patrimonio.

Es pues un hito importante para nuestra ciudad, unida a Portugal tradicionalmente por historia, vecindad, cultura y entendimiento. Por el pasado y también por el presente, como se demuestra con la existencia en Cáceres de una de las cuatro sedes del Instituto Camões en España, junto a Madrid, Barcelona y Vigo, que realiza actividades culturales y formativas en lengua portuguesa por todo el mundo. Idioma que en Cáceres puede cursarse en la Universidad de Extremadura, en el Instituto de Idiomas y en Institutos de Educación Secundaria.

Una muestra más de unión entre nuestros pueblos es que ambos celebramos la Navidad con el montaje de pesebres o belenes que conmemoran el nacimiento del Niño Jesús. La tradición belenista en Portugal se remonta a bajo-relieves en sarcófagos y miniaturas de biblias del siglo XV. Pero su máximo esplendor fue en el siglo XVIII, con la Ilustración, alcanzada en la escuela de Mafra, extendiéndose posteriormente por Estremoz, Barcelos y el resto de Portugal.

La colección que presentamos es de belenes artesanales, todos ellos realizados a finales del pasado siglo XX y en este mismo siglo XXI. Proceden de toda la geografía portuguesa, entre los que destacan los de Estremoz, Barcelos, Mafra, Madeira, Azores, Évora, Oporto y Viseu. También otros de Greccio (Italia), España, Polonia, Francia, Alemania, Rusia, Kurdistán, Filipinas, Mozambique, Angola, Brasil, Perú, Venezuela, México, Chile, El Salvador, Ecuador y Argentina entre otros.

Es por tanto una gran muestra de arte popular que se inició al celebrarse la Navidad con estas representaciones plásticas en Greccio, en el Lazio italiano, y se extendió por el mundo cristiano. Fue cuando San Francisco de Asís, recogiendo antiguas tradiciones, conmemoró por primera vez en la Nochebuena de 1223, celebrando una misa nocturna en un pesebre con el buey y la mula.



Presépio na Aldeia, Castelo Branco, Jorge Mendes e Ricardo Zorro

Cuenta San Buenaventura que San Francisco, fiel a su regla de estricta pobreza, humildad, sencillez y cercanía al pueblo, cantó el Evangelio y realizó la predicación sobre el nacimiento de Cristo, hijo de Dios, en circunstancias tan humildes como las que en aquel momento se reproducían, es decir, en una fría noche de invierno, en el interior de una cueva, resguardado en el lugar donde comían los animales que, junto al Niño, lo calentaban con su aliento.

La tradición belenista está tan extendida en España que será muy interesante ver en Cáceres esta colección de Presepios, Pesebres o Misterios, hechos en Portugal y otros países, con una misma idea, pero con concepciones plásticas muy distintas y con materiales tan diversos como el barro, terracota, madera, vidrio, corcho, hierro, bronce, cartón, tela y la cerámica.”

Luis Acha Iturmendi, Director de la Fundación Mercedes Calles y Carlos Balletero

Exposição “O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva”

Convento de Santo António, Loulé, 1 de dezembro de 2012

A receita da Exposição reverteu a favor da Associação Existir.

“**C**om alegria regresso à terra onde vi a primeira luz – essa luz algarvia que sempre me ficou colada à alma – para partilhar com os meus conterrâneos uma paixão antiga: os presépios.

Quando me perguntam a origem deste apego à tradição do Menino Jesus nas palhinhas, vêm-me à memória imagens muito antigas, ligadas à religiosidade simples da minha avó materna.

Talvez seja desse mundo rural, com a sua união aos ritmos naturais da vida e da morte, da primavera e do inverno, que nasceu essa necessidade de dar sentido ao Natal com a encenação do nascimento do Deus Menino.

A vida foi mais longe do que eu alguma vez poderia imaginar e sempre nos nossos Natais familiares houve a presença afetiva do presépio. De vários presépios. Até que, quase sem eu dar por isso, tinha comigo um mapa-mundo narrativo das várias maneiras dos homens viverem esse momento fundador da civilização ocidental. Timor, Curdistão, Brasil, Estados Unidos da América e Rússia, Moçambique e Angola, Tailândia.

E há ainda uma geografia sentimental onde as cidades e os rios são os pontos de luz marcados pelos trabalhos daqueles que, com mais dificuldades físicas ou intelectuais, chegam, com esforço e persistência, mais longe do que muitos de nós. A esses meus amigos especiais e a todos os que com eles trabalham agradeço as lições de vida que me têm dado.

Uma infinidade de geografias e de materiais. Ingenuidade e erudição. Portugal e o Mundo que os portugueses foram descobrindo. O Mundo que foi também descobrindo Portugal.

Uma troca afetiva de pontos de vista, desejos de tolerância, paz.

Humildade do Santo de Assis que primeiro encenou a Noite Mágica.

Orgulho na partilha que faz do Homem um caminhante em busca do sentido profundo da fraternidade.

Tudo isto é o Natal que quero viver convosco na viagem pelo mundo colorido dos meus presépios.

Santo e Feliz Natal!”

Maria Cavaco Silva

E quando eles ali [em Belém], se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. (Lc 2, 6-7)

Foi há dois mil anos...

O Natal celebra o mistério acontecido na Pessoa de Jesus, nascido em Belém...

Ele é o Cristo, o Emanuel, o Deus connosco! É Epifania – manifestação do próprio rosto de Deus, que assume a nossa condição humana.

No Seu rosto visível espelha-se todo o amor de Deus por cada ser humano.

O Natal continua, hoje e sempre, a acontecer no coração de quantos acolhem Aquele, cuja mensagem intemporal persiste para além do passar dos séculos e dos milénios... refletida de modo tão diverso pelas diferentes culturas, a que as variadas representações do Presépio nos transportam.

O Natal acontece em todos os que se decidem a celebrar, atualizando em cada tempo e lugar, esta forma ‘solidária e fraterna’ de Deus proceder connosco.

O Natal ensina-nos, na presente conjuntura nacional, a ‘relativizar diferenças pessoais e divergências coletivas’ e a ‘absolutizar a pessoa humana e o bem comum’.

O que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos...

o que as nossas mãos tocaram do Verbo da Vida... isso vo-lo anunciamos... (1Jo 1-3)

Em boa hora a Câmara Municipal de Loulé e o Museu da Presidência da República conjugaram esforços para dar a conhecer esta excelente coleção de Presépios da Sr.^a Dr.^a Maria Cavaco Silva, proporcionando a todos os que a visitarem a oportunidade de melhor ‘celebrarem o Natal e se deixarem contagiar pela sua mensagem’, solidários com a Instituição Existir.”

† **D. Manuel Neto Quintas, Bispo do Algarve**

“**A** cidade de Loulé orgulha-se de apresentar a exposição ‘O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva’, numa iniciativa conjunta do Museu da Presidência da República e da Autarquia de Loulé. À semelhança de anos transatos, e no âmbito da colaboração frutuosa que se tem verificado entre as duas instituições, nomeadamente na área cultural, a mostra assume especial importância, quer pela notável execução artística, quer sobretudo pela sua vertente de solidariedade, revertendo as receitas a favor da Associação Existir, de que a Dr.^a Maria Cavaco Silva é Madrinha e a cuja causa tem dedicado o seu voluntarismo.

Sendo o presépio, desde tempos ancestrais, um dos símbolos mais belos e representativos do espírito de Natal, tal como este é entendido e vivido pelo mundo cristão, ele é também, pela diversidade de elementos e visões culturais que integra, um desafio à imaginação e criatividade dos que a ele se dedicam, resultando em verdadeiras obras de arte de que estes são exemplo a não perder. Num tempo em que as dificuldades apelam à solidariedade e união de todos, em que a família ocupa um lugar de relevo no espaço dos afetos e do convívio, esta Exposição, para a qual reitero desde já o convite, é bem o reflexo da harmonia e da esperança que nunca devemos perder.”

Sebastião Francisco Seruca Emídio, Presidente da Câmara Municipal de Loulé

Exposição "O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva"
Museu do Abade de Baçal, Bragança, 8 de dezembro de 2013

A receita da Exposição reverteu a favor do Lar de S. Francisco.

“**F**oi com muita alegria que recebi a sugestão de que os meus Presépios este Natal viessem para o Museu do Abade de Baçal em Bragança.

Do Sul – Loulé, no ano passado – ao Norte – Bragança, em 2013. Uma viagem que não é muito longa, porque Portugal é um país muito aconchegado, mas que une os seus dois extremos diferentes. Mas que se querem bem.

Eu sou algarvia e gosto muito de Trás-os-Montes, onde tenho muitos amigos e até familiares.

Foi com Torga que, muito nova ainda, comecei a conhecer e a amar este Reino Maravilhoso, que é o coração de toda a sua vasta obra. Diz ele que ‘fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores’.

Seguindo este raciocínio, Portugal tem os pés dentro de água, no mar do Algarve. Também com Miguel Torga descobri que, com palavras apenas, se pode construir um belíssimo e humaníssimo Presépio. No conto ‘Natal’, de *Novos Contos da Montanha*, o velho e cansado Garrinchas, um mendigo filósofo que não se deixa humilhar pelas contrariedades extremas da vida, acaba por ter uma Consoada magnífica no alto da serra nevada, com uma boa companhia:

‘A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José’.

Talvez seja este espírito que, sem eu dar por isso, esteve sempre na origem da minha paixão pelos Presépios.

Paixão antiga que não morre, antes se vai sempre acendendo mais e mais, à medida que o seu sentido íntimo cresce dentro de mim.

Depois passa para um desejo de perceber como os outros veem e sentem, no meu País e pelo mundo fora, essa cena aparentemente tão simples mas fundadora de toda a civilização ocidental.

Creio que, no tempo da minha infância, a história do Presépio em Trás-os-Montes seria muito semelhante à que eu vivia em Lisboa ou no Algarve.

Figurinhas coloridas e muito ingénuas, num cenário enriquecido por mate-



Presépio de Cáceres, Espanha, Maria de Jesus Alvarez Cancho

riais recolhidos no campo ou à beira-mar, como ainda vemos hoje nas belíssimas lapinhas dos Açores, de que vão encontrar alguns exemplos na minha coleção.

Os Natais do pós-guerra, que ainda recordo como muito frugais, eram celebrados com a chamada ‘prata da casa’ que, apesar de pobre, tinha sempre a preocupação de reunir toda a família à volta de uma mesa mais abundante e mais doce do que no dia a dia.

Eu achava sempre mais atraentes os presépios conseguidos na aldeia, principalmente os da minha avó materna, do que o nosso, que eu fazia em Lisboa. Mas fazia-os sempre, talvez com pouca arte, mas muita devoção.

Recordo uma época longa em que não me foi muito fácil encontrar Presépios, situação que hoje está ultrapassada.

Há presépios populares, eruditos, de materiais tão variados que é sempre um enorme gosto visitar as muitas exposições que se fazem ao longo do país, nesta época do ano.

Para lá de tudo e mais importante do que tudo, a minha coleção tem-me permitido visitar, mundo fora, outras coleções e conhecer pessoas que me têm enriquecido muito.

Tenho aprendido tanto com esta história antiga de milénios e nova em cada Natal! Natal que é sempre o mesmo mas sempre outro, quando procuramos abrir o nosso coração a todos os que têm menos calor do que nós na noite magnífica de dezembro.

Aqueles a quem falta o essencial por razões várias e que, infelizmente, continuam a ser muitos neste século XXI de altas tecnologias, mas de muitas solidões, desesperos, faltas de amor.

Olhar para o Presépio tem também de ser olhar para nós próprios e exigirmos mais da nossa caminhada no mundo.

Este ano, numa viagem a Lima, no Peru, houve um ‘colega’ – chamemos-lhe assim – que me abriu a porta de sua casa para partilhar comigo a sua coleção, ao pé da qual a minha é muito humilde.

Soube que aí o Menino se chama Manuelito e às noites foge para ir brincar com os meninos pobres da cidade. Quando regressa, traz os joelhos feridos e um espinho no pé.

Foram até hoje as imagens mais enternecedoras que vi do Menino Deus.
 Que me fizeram lembrar o meu Menino que descia pela chaminé na noite de 24 de dezembro para me pôr no sapatinho uma prenda pequenina, mas que iluminava todo o meu Natal de criança.
 O mundo precisa muito que os homens queiram curar as feridas dos joelhos do Manuelito e lhe arranquem o espinho do pé.
 Aqui, em Bragança, sei que o Menino está em boas mãos e acompanhado por corações compassivos.
 Que tenham tanto gosto em visitar os meus Presépios como eu tive em partilhá-los convosco.
 Desejo a todos um Natal muito aconchegado no coração infinitamente misericordioso do Menino Jesus.”

Maria Cavaco Silva

“**O** *Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina.*
 (Jo 1, 9).

Falar do Natal de Jesus é narrar sobre a luz, sobre um convite à visão. É a descrição do imenso amor de Deus que condescende em revelar-se àqueles cujo anseio fundamental é ‘ver’ a Deus, isto é, aceitar a vocação de ver o invisível. E esta revelação é de tal modo forte que se torna presença ‘e o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco’ (Jo 1, 14). Jesus é o Emanuel, o Deus-connosco, o Deus que procura a nossa sede de encontro com Ele. Mas Ele apenas pode revelar-se àqueles que lhe disponibilizam o olhar. Para onde olhar, então, se não para a realidade que nos envolve? É mesmo aí que Deus se encontra. É aí que Ele quer fazer festa connosco.

A necessidade de representar plasticamente o Natal revela esta sede humana que procura ver o invisível através do visível. Os presépios são espaços de contemplação da vida de Deus, mas também da vida humana, da nossa própria vida encontrada por Deus. São lugares onde podemos encontrar muitas coisas que perdemos; não apenas um ‘recuperar’ da infância, mas também a transfiguração daquelas realidades banais, do dia a dia, que se podem tornar novidade quando iluminadas pelo milagre da presença de Deus! Porque o Na-

tal é também um convite a nascer. Nos presépios encontramos um desafio a deixar nascer o homem novo que Deus quer. O Presépio é um espaço para nos descobrirmos a nós mesmos, frágeis, desnudados, mas enriquecidos do essencial. A procura de Deus é também uma atenção ao outro, àquele Jesus que nasce às vezes como um ‘incómodo’ na nossa vida, mas a pode tornar experiência de bondade, um lugar de comunhão e de paz. A experiência do Natal fortifica em nós a capacidade de descodificar a imagem de Deus nos rostos sofredores, nos pobres, nos doentes, naqueles que são a manifestação das suas chagas, da sua pobreza e da sua simplicidade e a tecer relações solidárias e de proximidade. O presépio é um mostruário de relações, um jardim de afetos!

Agradeço de coração à Sr.^a Dr.^a Maria Cavaco Silva esta partilha tão significativa que faz com a cidade de Bragança e o Nordeste Transmontano, numa promoção dos autênticos valores do Natal, na solidariedade cristã e no encontro de Deus que, fazendo-se homem, quis amar-nos com um coração de carne.

Ver e acolher a possibilidade do impossível é a grande interpelação do Presépio, como escreveu o poeta A. Silesius, que nasceu num dia de Natal: ‘Cristo poderia nascer mil vezes em Belém mas tudo seria em vão até que Ele nascesse em mim.’”

† **D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda**

“**É** com enorme honra e satisfação que o Município de Bragança se associa à Exposição ‘O Presépio – Colecção de Maria Cavaco Silva’, promovida pelo Museu da Presidência da República, tendo, nesta época de amor e esperança, presenteado os Brigantinos com um importante conjunto de presépios, de distintos artistas contemporâneos e de artesãos com um percurso profissional reconhecido.

O Presépio, palavra de origem latina que significa ‘local onde se recolhe o gado’, é, desde tempos remotos, e de entre as várias manifestações e símbolos do espírito do Natal, aquela que eventualmente mais sobressai, como sendo a mais popular e a mais universal.

Também no Concelho de Bragança o Presépio tem uma presença significativa, nos lares das famílias e nas instituições, transportando, através da comemoração do nascimento, sentimentos tão nobres como o amor, a esperança e a solidariedade.

Ciente dessa importância, a Câmara Municipal de Bragança, com o intuito de enaltecer esta manifestação cultural e sensibilizar os Brigantinos para a integração do Presépio neste momento tão significativo do ano, tem promovido um concurso de presépios, este ano na XII edição, desafiando a imaginação e criatividade de cidadãos e instituições.

Que nesta época, tão especial e simbólica, renasça a esperança num futuro melhor e numa sociedade mais justa, solidária, fraterna e com ações mais próximas dos cidadãos, que correspondam às suas expectativas e respondam às suas reais necessidades.”

Hernâni Dinis Venâncio Dias, Presidente da Câmara Municipal de Bragança

“**A** carinhar a iniciativa de trazer a Bragança uma exposição de presépios da coleção da Dr.^a Maria Cavaco Silva é algo de que o Crédito Agrícola da Região de Bragança e Alto Douro muito se orgulha.

Por um lado, saliento a diversidade dos presépios apresentados, desde os mais simples aos mais elaborados, nacionais ou estrangeiros, passando também pela multiplicidade de materiais utilizados, que conferem a esta Exposição uma riqueza cultural única.

Por outro lado, sendo o Crédito Agrícola um Banco que conhece bem a região e as pessoas que nela habitam, temos consciência que é fundamental assumir uma participação ativa, promovendo e divulgando iniciativas que enriqueçam a vida cultural das populações. Aproveito para endereçar a todos um Santo e Feliz Natal, fazendo votos que ao visitarem esta Exposição sintam, tal como eu, o coração cheio de paz e serenidade.”

Adriano Diegues, Presidente do Conselho de Administração do Crédito Agrícola da Região de Bragança e Alto Douro

Exposição “O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva”

Igreja de São João Baptista, Castelo de Vide, 29 de novembro de 2014

A receita da Exposição reverteu a favor da Conferência de S. Vicente de Paulo de Castelo de Vide.

errras antigas têm muita História e muitas estórias.



Natividade, Lisboa, Maria João Monteiro

“**T**erras de fronteira têm muitos encontros e desencontros. Que fazem a História e as estórias.

Castelo de Vide é as duas coisas.

Está num Alentejo que trocou o ouro da planura pelo aconchego verde da vide. Se o céu tão alto da planície nos dá uma sensação de respirarmos mais e melhor, com mais liberdade, aqui o verde luminoso dá-nos uma primeira sensação de estranheza e depois um conforto bom para o olhar e para a alma.

Terra antiga, muito antiga, e terra de raia.

Terra com gentes que se aproximam e se afastam ao correr das luas, mas que guarda uma identidade orgulhosa de ser, estar, permanecer. Para lá dos ventos do mundo, as raízes que ficam.

O Natal, como costume dizer, é sempre uma História de encanto, de ‘Era uma vez...’

Ao chegar-me o convite para partilhar convosco alguns presépios da minha coleção, senti-me honrada.

Uma terra antiga de história e lenda bem merecia olhar para esta paixão, agora não muito secreta, que vem caminhando comigo há já muitos anos.

Porque o Natal é uma História milenar, com muitas histórias lá dentro.

Ela própria, a História, também é uma fronteira.

AC – Antes de Cristo

DC – Depois de Cristo

Uma fronteira no Tempo, uma fronteira civilizacional. Mas também um mundo sempre novo, de vivências individuais e coletivas que, pelo menos uma vez no ano, tenta fazer alguma coisa boa por nós, mesmo que andemos tontos e dispersos o resto do ano.

Queremos tanto regressar à magia da noite em que o Menino Jesus descia pela chaminé e vinha pôr brinquedos no sapatinho engraxado que lá tínhamos deixado com o coração aos pulos.

Os presépios (todos os colecionadores o sabem) são viagem, são paixão, são um vício que se pode transformar em virtude.

Na Igreja de S. João Batista muitos vão ter a oportunidade, durante esta época natalícia, de conhecer muitos artesãos e artistas que com as suas mãos dão alma ao seu Natal.

Que passa também a ser o nosso Natal.

Paramos, olhamos, e na variedade dos materiais e das formas encontramos uma maneira muito pessoal de cada um nos dar o seu encontro com a chegada do Menino, a luz do Mundo, o Caminho dos Homens.

É um mundo rico de cores e de memórias, cheio de marcas dos homens a tentarem ir ao encontro do Mistério.

Confesso-vos que também os meus olhos veem neles sempre novas histórias humanas lindas. De perto e de longe, do meu país e de tantos outros países.

A minha coleção de Presépios é uma história de viagens, de ternura – o Papa Francisco pede-nos tanto que nos entreguemos à ternura –, de momentos felizes.

É com emoção que vos convido a deixarem-se envolver pela magia simples destas peças que tenho o gosto de partilhar convosco.

E quero chamar a vossa atenção para alguns amigos muito especiais que nos dão com os seus presépios verdadeiras lições de persistência. Na vida e na arte.

As peças que lhes saíram das mãos são verdadeiras histórias de amor.

E o Natal é isso – uma bela História de Amor.”

Maria Cavaco Silva

“**A**proxima-se o Natal com todo o seu fascínio e encanto. Para o preparar, multiplicam-se iniciativas, fazem-se exposições, anima-se o ambiente, construimos o Presépio dentro e fora de nós. Nos Presépios aliamos cultura e fé, percebemos a dimensão bela e terna do Amor de Deus por nós, afirmamos a centralidade da pessoa no contexto da criação, apreciamos a simplicidade da verdadeira grandeza e tudo relativizamos perante o eterno e absoluto. Nos Presépios, a família torna-se presente em toda a sua beleza e encanto, a cultura do encontro ganha mais força e sentido, a solidariedade e a paz acontecem. E tudo sempre iluminado pela luz deste Menino, o Menino do Presépio, o Menino Deus, o Salvador do Mundo, o centro do cosmos e da história, o princípio e o fim. De forma variada e rica, esta Exposição oferece-nos uma belíssima amostra de fé, arte e cultura a testemunhar o acontecimento, a mística e a magia do Natal. Santo Natal para todos.”

† **Antonino Eugénio Fernandes Dias, Bispo de Portalegre-Castelo Branco**

“**T**er a honra de desfrutar da Coleção de Presépios da Senhora Dr.^a Maria Cavaco Silva constitui um momento histórico para Castelo de Vide. Desde logo porque a Coleção encerra uma singular beleza artística na pluralidade dos exemplares, permitindo qualificar, extraordinariamente, a oferta cultural do Município e da região durante a presente quadra natalícia. Porém, deverá, sobretudo, relevar-se o gesto de coesão social e territorial intrínseco à aprovação da itinerância da Exposição ‘O Presépio’ a um território rural de baixa densidade, como é o caso presente.

Entendemos, pois, que a anuência para a realização desta Exposição num concelho periférico é um óbvio sinal de louvável solidariedade para com todos aqueles que dificilmente poderiam ter a oportunidade de contemplar ao vivo a fantástica Coleção.

Assim, registamos o nosso profundo e público agradecimento, quer à generosidade da proprietária, quer ao Museu da Presidência da República, pela disponibilidade e atitude demonstradas, permitindo, deste modo, que a mensagem de paz, de família e de esperança, subjacente ao significado universal do Presépio, acalentem no presente ano, de forma redobrada, todos os nossos concidadãos.

Por fim, importa sublinhar a missão caritativa da Exposição, porquanto esta também procura atenuar os efeitos da pobreza e da exclusão, visando que as suas receitas sejam um contributo para a obra social da Conferência de São Vicente de Paulo.

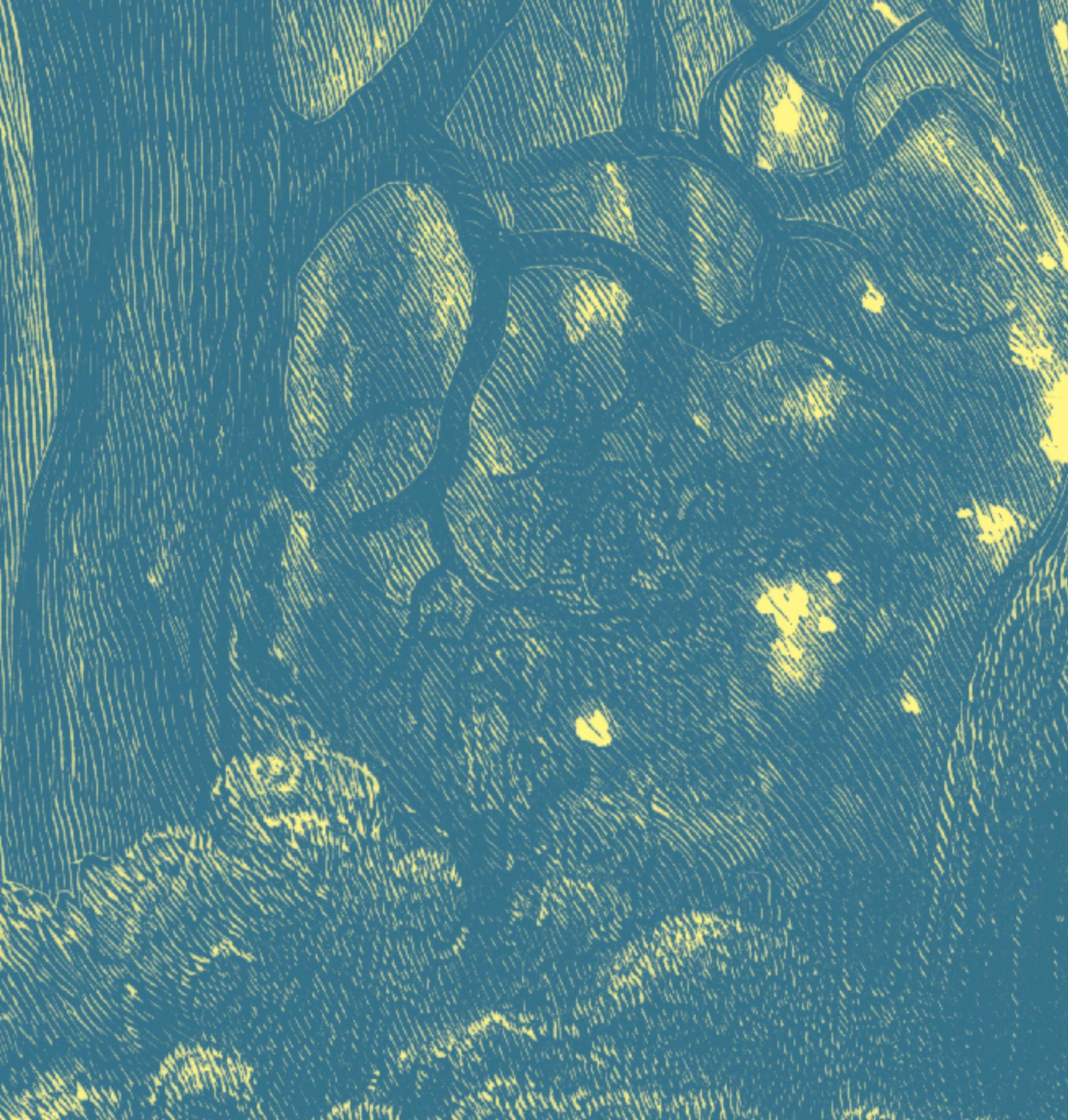
Ou seja, neste Natal algumas famílias e pessoas serão tocadas pela bondade, graças ao fervor de todos aqueles que acreditam nos valores da solidariedade e fraternidade, sempre resplandecentes em cada Presépio.

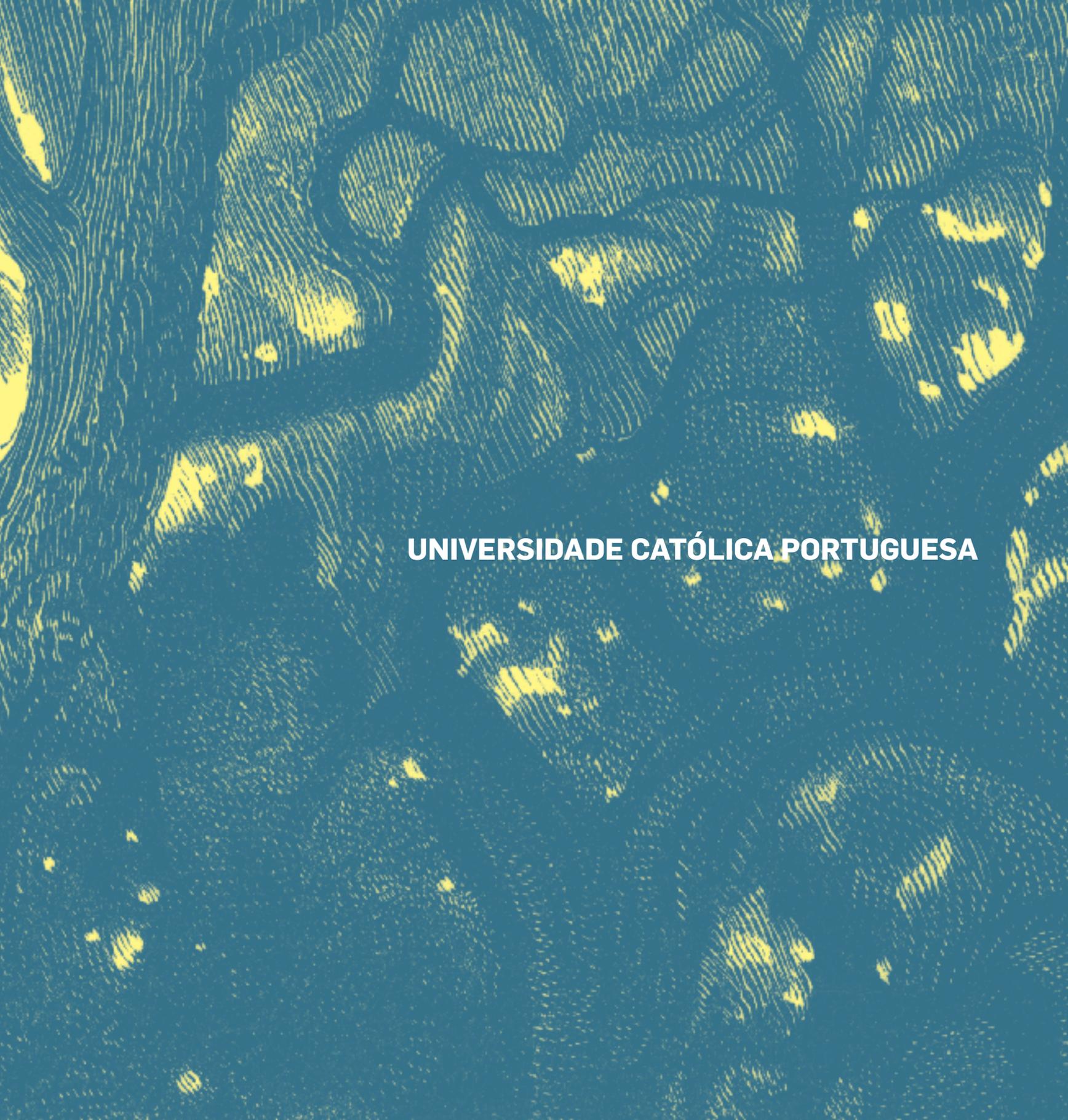
A todos, muito obrigado. Votos de um Feliz Natal.”

António Pita, Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide

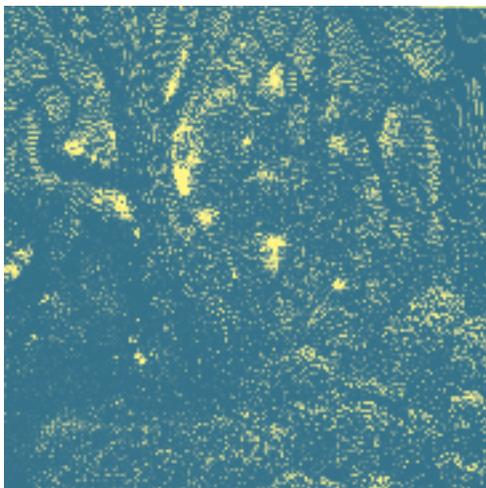
Exposição “Contemplar a Glória – Representação da Natividade na Arte Contemporânea”, que integra cerca de 40 presépios da coleção pessoal da Dr.^a Maria Cavaco Silva

Museu de Arte Sacra e Etnologia, Fátima, 10 de fevereiro de 2015





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Um outro Tempo. Um outro Olhar

Quando fui visitar a história da Universidade Católica Portuguesa para nela integrar a minha história com a Universidade Católica Portuguesa, verifiquei, com um certo espanto, que tinha chegado lá mais no princípio da vida da Universidade do que pensava.

O reconhecimento oficial da Universidade Católica Portuguesa pelo Estado é de 1971, ano em que parti para Inglaterra com a família para a Universidade de York. Regressámos em 1974, dez dias antes da Revolução, e três anos depois de várias circunstâncias felizes que não comandeí, iniciava o meu encontro com a Universidade que ainda hoje consideramos, o meu marido e eu, que faz parte das nossas vidas. É a nossa casa. Talvez ainda mais minha do que dele, porque, devido às ondas do mar da vida, acabei por estar cá durante mais tempo.

Por exemplo, durante os dez anos em que ele foi Primeiro-Ministro, eu estive sempre cá. Como calculam, durante esses dez anos ele só vinha quando era convidado... e podia aceitar o convite.

Estive cá com os reitores Prof. Bacelar, D. José Policarpo, Prof. Isidro Alves, Prof. Braga da Cruz.

Meu Deus, estive cá com todos! Será que isto faz de mim uma relíquia?

Faz pelo menos que eu seja alguém que pode partilhar convosco memórias de um tempo em que aconteciam coisas que nem vos passam pela cabeça.

Como calculam, nos anos subsequentes ao 25 de Abril os tempos não eram fáceis.

Também não o são agora, eu sei, mas havia nessa época talvez um pouco mais de exotismo.

Um mundo sem computadores nas mãos dos professores nem dos alunos. Sem telemóveis, sem Internet. Imaginam esses tempos de barbárie?!!!

Façam um esforço.

Quando cá cheguei para dar Língua e Cultura Portuguesa do então chamado Ano Propedêutico aos cursos de Filosofia e Teologia, havia apenas este edifício

onde agora nos encontramos, mas muito menos elaborado nos seus interiores. À volta campos vazios, sem prédios nem estradas. Dava aulas no 3º andar e era sem espanto que assistíamos, como se estivéssemos na aldeia, a sementeiras, a searas a ondular e à ceifa, lá por alturas dos exames finais. Em dias de sorte passavam rebanhos com pastores e cão de guarda.

Eu vinha de autocarro da Avenida Infante Santo (ainda hoje moro no mesmo sítio) e descia no Hospital de Santa Maria. Fazia o caminho a pé até à Universidade e parecia-me deixar para trás a cidade e entrar num mundo rural de ciclos sazonais de vida, que me encantava.

Quando entrava na porta da Universidade – a mesma porta que atravesssei hoje – abria-se um mundo de saber, ainda muito íntimo e familiar.

Recém-chegada de uma Universidade inglesa, eu encontrava em Portugal, com surpresa e agrado, o mundo que deixara para trás e não sabia que existia no meu país. Uma Universidade fora de portas com a calma, a paz e o silêncio de um *campus* britânico.

Avisei que isto eram memórias de uma história tão antiga que os tempos até pareciam bárbaros. Talvez não imaginassem que eram tão antigos, por eu estar viva, e não tão decrepita assim, na vossa frente...

À época havia muita agitação no meio universitário e a Universidade Católica aparecia como um oásis onde continuava a haver aulas normais, em paz e sossego, com professores empenhados em ensinar e alunos empenhados em aprender.

Éramos poucos e o ambiente, além de calmo e pacífico, era muito caseiro.

Na altura, quem me orientava pelos meandros da casa era um franciscano austero e simpático a quem chamava familiarmente Padre Montes. O Padre Montes sabia onde estava tudo, onde eram as aulas e as salas. Era ele o dono, chame-mos-lhe assim, do curso de Filosofia.

Sabia até onde estava o giz e o pano do pó com que limpávamos a secretária e a cadeira se, por acaso, nos quiséssemos sentar sem ficarmos com a roupa branca de giz.

Não havia auxiliares de limpeza e os professores faziam, de boa vontade, o que fosse preciso para que as aulas funcionassem bem. E funcionavam muito bem, mesmo sem computadores.

O Padre Montes, que é uma memória amiga desses tempos na Católica, é D. António Montes Moreira, Bispo de Bragança, que vai ser substituído no dia 2 de outubro por D. José Cordeiro, o Bispo mais jovem de Portugal (quarenta e quatro anos), que tirou o curso de Teologia e Filosofia no Porto. Se o tivesse tirado aqui, teria sido meu aluno.

Outro colega que recordo com saudade (deixou-nos em 2010) é o Prof. Costa Freitas, uma figura muito presente no Curso de Filosofia e um grande Mestre para muitas gerações de filósofos desta casa. Fazíamos os exames orais juntos e aprendi muito com a sua sabedoria.

Isto são alguns apontamentos breves dos meus primeiros anos nesta casa que considero minha e que vai ser também vossa nos próximos anos, num tempo muito diferente daquele que recordo agora.

Mas atrás de tempo, tempo vem e, se fiquei aqui até 2008, claro que assisti a muitas alterações, não só físicas mas também de funcionamento.

A Universidade foi crescendo em sabedoria e em edifícios, enquanto à sua volta o espaço ia encolhendo de tal maneira que hoje não resta memória dessa largueza de horizontes rurais que encontrei quando aqui cheguei nos anos setenta do século passado.

No princípio dos anos oitenta fui convidada para dar também as aulas de Língua e Cultura Portuguesa aos alunos do Ano Propedêutico do Curso de Direito, que à época estava integrado na Faculdade de Ciências Humanas.

Nessa altura as aulas eram separadas – Filosofia e Teologia de manhã, na ala esquerda do edifício, e Direito à tarde, na ala direita do edifício – o que fez com que a minha vida na Universidade passasse, com grande alegria minha, a ser muito mais intensa. Além de mais aulas, tinha também muitos mais alunos, com interesses, vidas e pontos de vista muito diferentes.

Fazia adaptações das obras que íamos estudando às turmas que tinha na frente, e foi um tempo de grande enriquecimento humano para mim. Espero que também para os alunos. Esta é uma esperança permanente dos professores e acho que quem perde esta esperança deve deixar de ensinar.

Eram os tempos áureos do curso de Direito na Universidade Católica.

Depois do 25 de Abril de 74, a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa foi das mais atingidas pela loucura subsequente à revolução, e os pais dos filhos

que queriam mesmo estudar e tirar o curso sabiam que aqui tinham essa garantia. Continuávamos a ter ótimos professores, empenhados em trabalhar, e essa fama, e realidade, fez o *boom* do curso nesses anos ainda agitados nas universidades do Estado.

Havia exames de aptidão e os candidatos atingiam cerca de sete centenas para vagas que pouco passavam de cento e cinquenta.

Nesse tempo fazia e corrigia os testes de Português, que era uma das cadeiras exigidas no exame de entrada.

Com a adaptação às novas realidades do ensino, o passo seguinte foi a junção, no Ano Propedêutico, dos cursos de Filosofia, Teologia e Direito nas mesmas aulas teóricas, o que foi mais um avanço no interesse e dinamismo dos nossos encontros, porque os diferentes pontos de vista já se podiam confrontar diretamente.

Sempre fiz questão, mesmo nas aulas teóricas, de dar espaço às opiniões dos alunos. Em Língua e Cultura Portuguesa não via o Professor aquele tempo todo – aulas de duas horas – a falar sozinho. E, apesar de sermos muitos, sempre conseguíamos trocar pontos de vista ordeiramente e com proveito para todos.

Nos anos noventa, a Universidade decidiu que não tinha condições para continuar com o curso preparatório de entrada e o Ano Propedêutico acabou. Foi nessa altura que fui convidada para outra atividade, ainda ligada à Língua Portuguesa, mas muito diferente. Estava a ser lançado o Programa Erasmus e desafiaram-me a dar aulas aos alunos, agora todos estrangeiros.

Foi uma nova etapa no meu enriquecimento pessoal.

Digamos que esta história de um encontro que durou anos, com bom aproveitamento dos dois lados, foi muito de se medir por FIB.

O que é isto do FIB?

Sabem daquele país que decidiu introduzir a medida da felicidade do seu povo? O país é o minúsculo Butão, lá para o lado dos Himalaias. Nos anos setenta, um jovem Rei de dezoito anos teve a ideia de que afinal a riqueza pode não ser tudo na vida. Porque não medir também a felicidade dos povos?

Parece-me uma boa ideia, principalmente em tempos como os que vivemos hoje, em que temos que mudar de vida e pensar mais no que somos do que no que temos. Mas afinal o Butão não é um grande exemplo, porque o Rei (que já não é o mesmo) é muito rico e o povo nem por isso... Bem prega Frei Tomás!

Mas o que quero dizer-vos é que o meu FIB na Universidade Católica Portuguesa foi altíssimo.

Trabalhei cerca de três décadas nesta casa, sem olhar muito para a folha de pagamentos. E fui muito feliz.

Quando passei para o ensino de Português para Estrangeiros, no Programa Erasmus, foi como se tivesse começado a viajar de graça dentro das paredes da sala de aula.

Tive que mudar de agulha para o ensino de português e cultura portuguesa para estrangeiros e foi com muito prazer e proveito que o fiz.

Jovens vindos de tantos países, da Europa primeiro, e do mundo, mais tarde, abriram-me novos horizontes de oportunidades para ensinar de maneira diferente alunos que, inevitavelmente, iam aprender de maneira diferente.

Visitávamos museus e palácios, fazíamos festas nas aulas com música e comida dos vários países presentes, levava-os a minha casa para lancharem comigo e saberem como era uma casa normal de uma família portuguesa normal.

Era uma festa. Mas, atenção, aprendiam mesmo a falar e escrever português, cada um de acordo com as suas possibilidades. Um italiano provavelmente mais do que um russo ou um polaco.

Mas havia uma certa imprevisibilidade no aproveitamento, dependendo das motivações pessoais de cada um. Tive um aluno islandês que arranjou uma namorada alentejana. Passava férias com ela na aldeia do Alentejo e tínhamos conversas muito interessantes, comparando a vida na Islândia à vida na aldeia alentejana. Havia na aula várias opiniões sobre a capacidade de adaptação do homem, que é muita, principalmente quando se é muito jovem, a circunstâncias tão diversas.

Não sei como terminou a história de amor, mas o islandês teve ótimo aproveitamento em Português...

Em 2006 houve uma alteração na minha vida – a 9 de março o meu marido tomou posse como Presidente da República – que teve influência na minha relação com esta casa.

Levei até ao fim o curso Erasmus que tinha em mãos (nunca me passou pela cabeça desistir a meio do ano letivo), mas durante esses meses percebi que era difícil, mesmo impossível, conciliar a vida de professora com a de mulher do Pre-

sidente, que tem muitas solicitações. Ou fazia uma coisa ou outra. Tentar as duas deixaria pontas soltas nos dois lados, o que não ia com a minha maneira de ser. Mais uma vez, a Universidade Católica e eu provámos ter uma relação sólida. Propuseram-me vir, até à reforma, dar aulas-conferência sobre temas da nossa literatura, à minha escolha.

Aceitei logo e, com enorme gosto, voltei à minha casa de sempre com um tema que me era e é muito caro: Casas de Letras.

Nessa série, escolhi abordar a temática da importância da casa em três dos nossos grandes autores.

Assim regresssei ao convívio, que tanto prazer me dá, com uma assembleia estudantil, e não só, que estava disposta a ouvir-me divagar sobre a relação de Sophia de Mello Breyner Andresen com o mar – A Minha Casa é o Mar – de Agustina Bessa-Luís com a paisagem exterior e interior do Douro – A Casa da Sibila – e a paixão de Cesário Verde pela cidade – A Minha Casa é Lisboa.

Tenho de confessar-vos que estas três incursões posteriores às aulas diárias já foram feitas com o auxílio de suporte informático. Novos tempos, novas tecnologias. Essas conferências e o facto de estar de novo aqui hoje mostram que a Universidade Católica Portuguesa sabe que pode contar comigo e que tenho sempre gosto em responder às suas chamadas.

As minhas memórias não têm nada a ver com as vossas memórias, quando as quiserem partilhar daqui a uns anos.

Os tempos são outros, a Universidade é outra, o mundo é outro. Mas desejo-vos que, quando daqui a muitos anos alguém vos perguntar coisas sobre a vossa passagem pela Universidade Católica Portuguesa, possam dizer como eu vos digo hoje:

Há muitas histórias que posso contar sobre a Universidade onde estudei. Mas, talvez o mais importante que posso dizer é que, com momentos bons e maus, como em todo o lado, é ainda hoje uma casa de que guardo memórias muito felizes.

Maria Cavaco Silva

Abertura Solene do Ano Letivo da Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa, 12 de setembro de 2011

Aulaw-conferência sobre Sophia de Mello Breyner Andresen
 “A Minha Casa é o Mar”

Universidade Católica Portuguesa, 24 de outubro de 2006

Cada poeta tem o seu mundo poético pessoal e intransmissível que pode não ter nada a ver com o mundo real, porque é sempre uma transfiguração, ou uma forma sublimada de dar aos outros aquilo que vê, sente ou entende desse mundo real.

O mundo poético de Sophia é superlativo e, apesar de transfigurado, traz-nos um rosto – o seu.

Um rosto que é também o seu nome – sabedoria. A sabedoria da procura permanente de si, dos outros, de Deus, do Mundo.

E, no Mundo, sem dúvida que o espaço privilegiado é o Mar.

Até os títulos dos seus livros iniciais – *Dia do Mar* (1947), *Coral* (1950), *Mar Novo* (1958) – marcam essa relação íntima com o mar.

Mar que geograficamente (em 1967 surge uma coletânea de poemas reunidos sob o título *Geografia*) abrange o Norte de Portugal, na praia da Granja, o Algarve e a Grécia, irmanados na mesma visão mediterrânica de luz, de azul, *de pedra e cal* (título de um poema de *Geografia*).

A praia da Granja é o paraíso, onde a sua antiquíssima ascendência dinamarquesa encontra uma razão de ser em poesia e em realidade:

“Mar”

I
*De todos os cantos do mundo
 Amo com um amor mais forte e mais profundo
 Aquela praia extasiada e nua,
 Onde me uni ao mar, ao vento e à lua*

II
*Cheiro a terra as árvores e o vento
 Que a Primavera enche de perfumes
 Mas neles só quero e só procuro
 A selvagem exalação das ondas
 Subindo para os astros como um grito puro*



Sophia de Mello Breyner Andresen

Poesia I (1944)

Esta “selvagem exalação das ondas” é nitidamente um mar do Norte, que lhe corre nas veias, mas com o qual não tem uma ligação física.

A praia da Granja é, portanto, o mar inicial. Só mais tarde virá a descobrir o fascínio mediterrânico do Algarve, onde encontra também um reflexo maravilhado da sua Grécia bem-amada.

Também Manuel Teixeira Gomes, algarvio, escritor e Presidente da República, encontra na costa algarvia uma imagem da Grécia antiga, que lhe provocou magníficas páginas sobre essa descoberta.

Essa relação íntima com o Mar surge transcendentalizada logo em “Inscrição”, de *Livro Sexto* (1962):

*Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar*

Uma afirmação com esta força faz dos momentos vividos junto do mar a plenitude total, absoluta. Instantes possíveis de encontro com o divino ainda no lado de cá da vida. Daí a necessidade de recuperar, quando na eternidade, aqueles que se perderam porque vividos longe do espelho da eternidade na terra, a sua aproximação mais visível ao infinito: o Mar.

Portanto a relação de Sophia com o mar é também uma relação religiosa, no sentido mais amplo e mais puro do termo.

Relembremos os versos de Fernando Pessoa:

*Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu*

Logo, o Mar é a minha casa aqui e no outro lado do abismo.

Aí ficou, de lado, com os pés um em frente do outro como as figuras dos desenhos do Egipto, com o lado direito do seu corpo colado à pedra da arriba e o lado esquerdo já banhado pela respiração fria e rouca do abismo. Sentia que as ervas e as raízes a que se segurava cediam lentamente com o peso do seu corpo. Compreendia que agora era ela que ia cair no abismo. Viu que, quando as raízes se rompessem não se poderia agarrar a nada, nem mesmo a si própria. Pois era ela própria o que ela agora ia perder.

Compreendeu que lhe restavam somente alguns momentos.

Então virou a cara para o outro lado do abismo. Tentou ver através da escuridão. Mas só se via escuridão. Ela, porém, pensou:

– Do outro lado do abismo está com certeza alguém.

E começou a chamar.

“A Viagem”, *Contos Exemplares* (1962)

Em 1964, quando recebe o Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores pelo seu *Livro Sexto*, Sophia revela:

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria

.....
Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real ficou preso.

Como consequência lógica desta atitude do poeta e do artista perante o mundo:

Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo.

E a paixão pela Grécia não se resume à paixão estética, como em Manuel Teixeira Gomes, mas:

Vemos que no teatro grego o tema da justiça é a própria respiração das palavras. Diz o coro de Ésquilo:

Nenhuma muralha defenderá aquele que, embriagado com a sua riqueza, deruba o altar sagrado da justiça.

Pois a justiça se confunde com aquele equilíbrio das coisas, com aquela ordem do mundo onde o poeta quer integrar o seu canto. (Arte Poética III, pág. 7/8)

Esta preocupação que Sophia aponta ao teatro grego é também a respiração de todas as palavras, ao longo de toda a sua obra.

O altar sagrado da justiça é a ordem do mundo onde esta poeta quer integrar o seu canto.

Um canto que parece ter nascido e vivido de uma luminosa relação apolínea com a vida. A sua filha Maria Andresen, também poeta, revela que uma das coisas que muito marcaram os seus cinco filhos (*Filhos e versos / como os dáas ao mundo?*, Jorge de Sena) foi precisamente essa vocação para a luz e para a alegria.

Num povo considerado taciturno não é de menosprezar esse traço de carácter. Para lá da ligação a uma geografia do mundo exterior onde o mar tem um lugar central – mas onde não podemos ignorar a força do jardim, Grécia, Algarve, ilhas, navegação, praia, arquipélago –, o caminho parece levar-nos para uma entrada concreta em casa, outro dos espaços sagrados da sua obra.

No princípio

A casa foi sagrada –

Isto é habitada

Não só por homens e por vivos

Mas também por mortos e por deuses.

Ilhas (1989)

Numa das várias homenagens que se publicaram na altura da sua morte, em julho de 2004, um dos seus tradutores para inglês, Richard Zenith, recorda que a entrevistou para uma revista literária americana em 1991, e que ela lhe disse:

A poesia é uma coisa inesgotável, uma coisa vital. Começa com a nossa relação com os objetos, com a vida quotidiana, e essa relação é mítica. Sem o pensamento mítico, o homem não consegue habitar o mundo.

Relembremos mais uma vez Fernando Pessoa e o seu célebre verso do poema “Ulisses”, na *Mensagem*:

O mito é o nada que é tudo

Também a linguagem sagrada primeira do homem é mítica, e Sophia sabe-o, talvez melhor do que qualquer outro poeta do nosso tempo.

Essa relação com a vida quotidiana e com os objetos surge num texto que provavelmente muitas mulheres terão dificuldade em entender como uma relação mítica com os objetos e com o quotidiano.

Era complicado. Primeiro deitou os restos de comida no caixote do lixo. Depois passou os pratos e os talheres por água corrente debaixo da torneira. Depois mergulhou-os numa bacia com sabão e água quente e, com um esfregão, limpou tudo muito bem. Depois tornou a aquecer água e deitou-a no lava-loiças com duas medidas de sonasol e de novo lavou pratos, colheres, garfos e facas. Em seguida passou a loiça e os talheres por água limpa e pô-los a escorrer na banca de pedra.

As suas mãos tinham ficado ásperas, estava cansada de estar de pé e doíam-lhe um pouco as costas. Mas sentia dentro de si uma grande limpeza como se em vez de estar a lavar a loiça estivesse a lavar a sua alma.

A luz sem abat-jour da cozinha fazia brilhar os azulejos brancos. Lá fora, na doce noite de Verão, um cipreste ondulava brandamente.

O pão estava no cesto, a roupa na gaveta, os copos no armário. O vaivém, a agitação e o tumulto do dia repousavam.

Havia um grande sossego. Tudo estava arrumado e o dia estava pronto.

“O Silêncio”, *Histórias da Terra e do Mar* (1984)

Reparem, no entanto, na frase-chave: “mas sentia dentro de si uma grande limpeza como se em vez de estar a lavar a loiça estivesse a lavar a sua alma”. Está aqui o segredo: podemos viver tudo a outro nível, e tudo terá um outro sentido que leve o nosso dia a dia mais longe e mais alto.

E parece-lhe que entre ela e a casa e as estrelas fora estabelecida desde sempre uma aliança.

Mas qualquer coisa vem quebrar essa harmonia e essa aliança: um grito na noite, vindo de outra mulher que, lá fora, sofre.

É o apelo para ir ao encontro do outro, que obrigará Joana, a protagonista deste conto, a sair da paz da sua casa para dar outro sentido à vida, porque sem solidariedade nada é nosso, nem a nossa casa.

A imagem mais antiga do quarto frente ao mar com a maçã vermelha em cima de uma mesa (reparar na tonalidade bíblica desta maçã) vai ser desenvolvida no conto “A Casa do Mar” de *Histórias da Terra e do Mar*, de 1984, em que se puxa pormenorizadamente um fio de memória cheio de ressonâncias míticas.

Há na casa algo de rude e elementar que nenhuma riqueza mundana pode corromper, e, apesar do seu halo de solidão e do seu isolamento na duna, a casa não é margem mas antes convergência, encontro, centro.

Quem das janelas do corredor olha para fora e vê o muro de granito, as árvores na distância e os telhados a oeste, aquilo que vê aparece-lhe como um lugar qualquer da terra, como um acidente, um lugar ocasional entre o acaso das coisas.

Mas quem do quarto central avança para a varanda e vê, de frente, a praia, o céu, a areia, a luz e o ar, reconhece que nada ali é acaso mas sim fundamento, que este é um lugar de exaltação e espanto onde o real emerge e mostra seu rosto e sua evidência.

Pelo gesto de dobrar o pescoço e de sacudir as crinas, as quatro fileiras de ondas, correndo para a praia, lembram fileiras brancas de cavalos que no contínuo avançar contam e medem o seu arfar interior de tempestade. O tombar da rebentação povoa o espaço de exultação e clamor. No subir e descer da vaga, o universo ordena seu tumulto e seu sorriso e, ao longo das areias luzidias, maresias e brumas sobem como um incenso de celebração.

E tudo parece intacto e total como se ali fosse o lugar que preserva em si a força nua do primeiro dia criado.

“A Casa do Mar”, *Histórias da Terra e do Mar* (1984)

Fio esse que termina com “a força nua do primeiro dia criado”, do *Génesis*, como se a memória criadora pudesse ir até ao princípio do mundo.

Aliás esta ideia de sagrado e de paraíso relacionado com a casa é recorrente. Em “A Viagem”, a casa que surge ao casal na sua caminhada existencial é o Templo.

Então o homem avançou o ombro direito e arrombou a porta. Mas a casa estava vazia.

Era uma pequena casa de camponeses. Uma casa nua, onde só estavam escritos os gestos da vida. Havia uma cozinha e dois quartos. Num rebordo da parede de cal estava colocada uma imagem; em frente da imagem ardia uma lamparina de azeite; ao lado, alguém poisara um ramo de flores bentas na Páscoa.

Não havia ninguém na cozinha. Não havia ninguém nos quartos. Não havia ninguém nas traseiras, onde as roupas secavam, dependuradas no arame, gesticulando na brisa.

No forno a cinza ainda estava quente e em cima de uma mesa havia vinho e pão.
– *Tenho fome – disse a mulher.*

Sentaram-se e comeram.

“A Viagem”, *Contos Exemplares* (1962)

As flores bentas na Páscoa. A fome de outra coisa. Os elementos eucarísticos do pão e do vinho, que matam essa fome espiritual.

As muitas casas que atravessam a sua obra são, por um lado, um arquétipo, a Casa Primordial, a casa que se sonha e para a qual se caminha sempre, mesmo sabendo que durante esta vida não se vai chegar lá. Por outro, no entanto, são uma acumulação de memórias, das várias casas que a Vida habitou e cujos elementos se guardam.

Numa entrevista de 1986 a Eduardo Prado Coelho, Sophia explica isto:

Tenho muita memória visual e lembro-me sempre das casas, quarto por quarto, móvel por móvel, e lembro-me de muitas casas que desapareceram da minha vida, como por exemplo a casa dos meus avós que foi leiloada, vendida, as coisas dispersas.

É esta dualidade da “casa arquétipo mais casa real” que me parece resolver-se na Casa mítica, isolada e separada do mundo, de modo a criar “nela uma unidade, um mundo”.

Essa casa que “é construída de pedra e cal e a sua frente está virada para o mar”.

Onde:

Dentro de casa o mar ressoa como no interior de um búzio.

.....

A casa é aberta e secreta, veemente e serena.

Todas estas citações são tiradas de “A Casa do Mar”, esse conto estranho, onde as coisas tomam o lugar das pessoas ausentes.

Esta Casa do Mar é afinal a Casa do Pai.

Vemos, portanto, que a Casa e o Mar formam uma unidade sagrada.

A sua epígrafe de vida é uma frase do bisavô dinamarquês, que mais uma vez une estas duas realidades:

A minha casa é o caminho do mar.

Em “Saga” (de *Histórias da Terra e do Mar*), onde homenageia os seus ancestrais vindos do mar do Norte, a neta Joana perguntou ao avô Hans – esse bisavô de Sophia – porque é que está sempre a olhar para o mar e a resposta é precisamente essa:

Porque o mar é o caminho para a minha casa.

Mas Hans, com a sua fuga de Vig, a ilha, atrai sobre si a maldição e será para sempre proibido de regressar à Casa do Pai.

Quando morre, exige que em cima da sua sepultura seja construído um navio naufragado. O símbolo do seu fracasso de homem aparentemente bem-sucedido na vida, no amor, nos negócios, mas que falhou o objetivo mais importante: o encontro consigo próprio, com a sua alma.

Neste aspeto, Sophia afasta-se do seu bisavô porque, desde sempre, parece saber onde está, quem é, para que veio.

Escreve numa sala grande e quase vazia

Não precisa de livro nem de arquivos

A sua arte é filha da memória

Diz o que viu

E o sol do que olhou para sempre o aclara.

Sophia/Sibila.

Para esta escrita a palavra tem que ser justa, pura, certa, pesada. Em suma, sagrada.

*Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
Que de longe muito longe um povo a trouxe
E nela pôs a sua alma confiada*

*De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse.*

“Com Fúria e Raiva”, *O Nome das Coisas* (1977)

Mais uma vez temos o toque genesíaco no poder criador da palavra. É esta a palavra de Sophia. Sophia pertence a uma estirpe de poetas que leva tão a sério o seu ofício que nele se esgota. Sophia é totalmente poeta em todos os gestos da sua vida e tem o “toque de Midas”, não para transformar em ouro mas para fazer poesia de tudo aquilo que a atravessa. Atenção, no entanto, esta poesia não é confessional. Numa entrevista de 1989, afirma: *Eu sou um poeta muito anticonfessional. Creio que não há nada de confessional na minha poesia.* Qualquer seu leitor atento sabe que isto é verdade.

*A minha vida é o mar o Abril a rua
O meu interior é uma atenção voltada para fora
O meu viver escuta
A frase que de coisa em coisa silabada
Grava no espaço e no tempo a sua escrita*

*Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro
Sabendo que o real o mostrará*

*Não tenho explicações
Olho e confronto
E por método é nu meu pensamento*

*A terra o sol o vento o mar
São minha biografia e são meu rosto*

*Por isso não me peçam cartão de identidade
Pois nenhum outro senão o mundo tenho
Não me peçam opiniões nem entrevistas
Não me perguntem datas nem moradas
De tudo quanto vejo me acrescento*

*E a hora da minha morte aflora lentamente
Cada dia preparada*

Geografia (1967)

Isto, no entanto, parece-me próximo de uma autobiografia poética.

A sua inscrição no quotidiano é diferente de qualquer outra que eu tenha conhecido.

A sua filha Maria dizia num depoimento de 1999, quando Sophia ganhou o Prémio Camões, que a sua mãe tinha, aos oitenta anos, uma maior avidez de mar ou de luz do que de mais livros. Aliás, costumava dizer que não era leitora, mas sim escritora.

Eu costumava mandar a Sophia todos os Natais um breve cartão em que lhe assinalava com palavras curtas a minha admiração e a passagem dessa época festiva. Não esperava resposta, claro.

Para meu espanto, em junho de 1989, recebo um livro – *Ilhas* – com uma dedicatória em que me agradece as Boas Festas e se queixa da confusão do seu quotidiano, remetendo-me para o poema “Fúrias”:

Escorraçadas do pecado e do sagrado
Habitam agora a mais íntima humildade
Do quotidiano. São
Torneira que se estraga atraso de autocarro
Sopa que transborda na panela
Caneta que se perde aspirador que não aspira
Táxi que não há recibo extraviado
Empurrão cotovelada espera
Burocrático desvario

Sem clamor sem olhar
Sem cabelos eriçados de serpentes
Com as meticulosas mãos do dia a dia
Elas nos desfiam

Elas são a peculiar maravilha do mundo moderno
Sem rosto e sem máscara
Sem nome e sem sopro
São as hidras de mil cabeças da eficácia que se avaria

Já não perseguem sacrílegos e parricidas
Preferem vítimas inocentes
Que de forma nenhuma as provocaram
Por elas o dia perde seus longos planos lisos
Seu sumo de fruta
Sua fragrância de flor
Seu marinho alvoroço
E o tempo é transformado
Em tarefa e pressa
A contra tempo

Ilhas (1989)

Bem mais próximas do nosso dia a dia, estas fúrias, do que as gregas a que, apesar de tudo, Sophia regressa em *Musa* (1994):

“Ménades”

*As antigas fúrias tinham as pupilas vermelhas
Os cabelos eriçados de serpentes
As mãos pesadas a boca sequiosa
De puro sangue a cara tatuada*

Musa (1994)

Imprevisível Sophia!

Até a mim, algarvia de todos os costados do lado da alma, faz descobrir a beleza secreta do Algarve:

Vais pela estrada que é de terra amarela e quase sem nenhuma sombra. As cigarras cantarão o silêncio de bronze. À tua direita irá primeiro um muro caído que desenha a curva da estrada. Depois encontrarás as figueiras transparentes e enroladas; mas os seus ramos não dão nenhuma sombra. E assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca. Até chegares às muralhas antigas da cidade que estão em ruínas. Passa debaixo da porta e vai pelas pequenas ruas estreitas, direitas e brancas, até encontrares em frente do mar uma grande praça quadrada e clara que tem no centro uma estátua. Segue entre as casas e o mar até ao mercado que fica depois de uma alta parede amarela. Aí deves parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até ao fim. E olha bem o branco, o puro branco, o branco de cal onde a luz cai a direito. Também ali entre a cidade e a água não encontrarás nenhuma sombra; abriga-te por isso no sopro corrido e fresco do mar. Entra no mercado e vira à tua direita e ao terceiro homem que encontrares em frente da terceira banca de pedra compra peixes. Os peixes são azuis e brilhantes e escuros com malhas pretas. E o homem há-de pedir-te que vejas como as suas gueltras são encarnadas e que vejas bem como o seu azul é profundo e como eles cheiram realmente, realmente a mar. Depois verás peixes pretos e vermelhos e cor-de-rosa e cor de prata. E verás os polvos cor de pedra e as conchas, os búzios e as espadas do mar.

E a luz se tornará líquida e o próprio ar salgado e um caranguejo irá correndo sobre uma mesa de pedra. À tua direita verás então uma escada: sobe depressa mas sem tocar no velho cego que desce devagar. E ao cimo da escada está uma mulher de meia idade com rugas finas e leves na cara. E tem ao pescoço uma medalha de ouro com o retrato do filho que morreu. Pede-lhe que te dê um ramo de louro, um ramo de orégãos, um ramo de salsa e um ramo de hortelã. Mais adiante compra figos pretos: mas os figos não são pretos mas azuis e dentro são cor-de-rosa e de todos eles corre uma lágrima de mel. Depois vai de vendedor em vendedor e enche os teus cestos de frutos, hortaliças, ervas, orvalhos e limões. Depois desce a escada, sai do mercado e caminha para o centro da cidade. Agora aí verás que ao longo das paredes nasceu uma serpente de sombra azul, estreita e comprida. Caminha rente às casas. Num dos teus ombros pousará a mão da sombra, no outro a mão do Sol. Caminha até encontrares uma igreja alta e quadrada.

Lá dentro ficarás ajoelhada na penumbra olhando o branco das paredes e o brilho azul dos azulejos. Aí escutarás o silêncio. Aí se levantará como um canto o teu amor pelas coisas visíveis que é a tua oração em frente do grande Deus invisível.”

“Caminho da Manhã”, *Livro Sexto* (1962)

Da família de Hölderlin (tantas vezes se fez esta aproximação) Sophia pertence aos raros cujo rasto poético é também um rasto sagrado que nos faz sentir, quando a lemos, que:

*Sobe do destino uma sede de Ti.
Não somos só isto que se torce
Com as mãos cortadas aqui.*

Mar Novo (1956)

Com ela somos todos a Menina do Mar que dança, ri e bate palmas com os amigos, na felicidade suprema de não estar sozinha e estar em casa.

Maria Cavaco Silva



Aula-conferência sobre *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís, intitulada "A Casa da Sibila", Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, março de 2007

Aula-conferência sobre *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís
 “A Casa da Sibila”

Universidade Católica Portuguesa, 6 de março de 2007

Escreve Sophia de Mello Breyner Andresen no seu poema “Inscrição” de *Livro Sexto* (1962):

*Quando eu morrer voltarei para buscar
 os momentos que não vivi junto do mar.*

Agustina Bessa-Luís, recentemente, afirmou numa entrevista:

Não percebo quando as pessoas dizem que gostam de mim. Eu não gosto da maioria das pessoas.

No primeiro caso, temos uma relação com o mundo.

No segundo caso, temos uma relação com as pessoas.

Talvez estas duas afirmações sejam uma porta de entrada importante para o mundo destas duas mulheres grandes da literatura e cultura portuguesas contemporâneas.

Uma relação com o mundo, uma relação com os outros.

Quando publica *A Sibila* em 1954, Agustina é uma jovem autora ainda sem visibilidade. A partir daí entra na história da literatura, ganhando logo dois prémios – Delfim Guimarães e Eça de Queiroz – e passa a ser considerada um nome a registar no mundo das letras.

Ainda hoje, e já com uma obra vastíssima, o romance *A Sibila* continua a ser uma espécie de imagem de marca da autora, um texto fundador, onde parece já estar todo o génio que faz dela o vulto ímpar que conhecemos.

Numa época em que ainda impera o neorrealismo, *A Sibila* surge como um romance muito original. Há uma voz de mulher, a narradora, Germa: “E, bruscamente, Germa começou a falar de Quina” (pág. 9), que nos vai falar principalmente de mulheres, no mundo em mudança dos séculos XIX/XX.

Sendo esse mundo visto através dos olhos femininos, não será de estranhar que no seu centro esteja uma casa.

E a análise que me proponho fazer convosco hoje, e que nos vai levar a um



Aula-conferência “A Casa da Sibila”,
 Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, março de 2007

Portugal que altera o seu centro, girará muito à volta dessa casa que, através de dois séculos e vicissitudes várias, permanece como qualquer coisa de imutável, que ajuda as pessoas a manterem algumas coordenadas, que não as deixem completamente à deriva.

O romance começa precisamente com uma referência muito concreta à casa e a uma data – 1870 – que não é a da sua construção, como seria de esperar, mas da reconstrução, após um incêndio que a reduziu a cinzas.

Saberemos depois que a data da reconstrução após o incêndio é mais importante do que a da sua fundação, apesar de se registar que toda a quinta pertence à mesma família de lavradores há mais de dois séculos. E isto não é um apontamento para ignorar.

Porquê a importância da data da reconstrução gravada na varanda? Porque é essa a data em que Maria da Encarnação, a mãe da protagonista – Joaquina Augusta, sempre referida como Quina – toma definitivamente posse da casa como senhora do lugar, apesar de muito jovem ainda. Feitas as contas tinha apenas vinte anos (não esquecer que o marido, Francisco Teixeira, era muito mais velho), mas uma força indomável para enfrentar contrariedades e amar um homem que se manteve durante toda a vida um conquistador inveterado. No fim do romance regressamos à mesma casa e à mesma varanda, onde a sucessora de Quina se balança, como no princípio, numa velha *rocking-chair*. Regressa-se à casa inicial, mas entretanto percorreu-se um século na história de uma família de lavradores de Entre Douro e Minho.

No espaço não se foi muito longe; mantivemo-nos na região, com pequenas escapadelas de alguns intervenientes na história a outros sítios, onde não queriam ir e tinham razão, porque quase todos se deram mal.

Se o ciclo narrativo, apesar de caótico, como sabem todos os que leram a obra, abre e fecha na Casa da Vessada, isso tem um significado, com certeza. Que mais não seja fazer-nos encontrar alguma referência permanente numa narrativa que nos exige uma atenção redobrada, para não perdermos completamente o fio à meada.

Na leitura de *A Sibila* somos confrontados – e no meio do século XX isso com certeza estabeleceu uma maior perplexidade no leitor, habituado a narrativas neorealistas bastante mais organizadas – com uma ficção francamente desarrumada.

Mas entremos na Casa da Vessada, para tentarmos perceber os seus segredos. Todas as casas, principalmente se são antigas como esta, têm segredos. Os segredos dos que as habitam.

Na casa há chegadas, partidas, nascimentos, mortes. Só a casa permanece. Arde. Soçobra economicamente. Recupera. Cai de novo.

Irá levantar-se de novo? Aí está uma pergunta para a qual não vamos ter resposta dada pelo narrador. Só a que nós, leitores, quisermos dar, se tivermos interesse nisso.

A casa não é só o edifício que atravessa o tempo. Vai para lá dele, alargando-se no espaço de uma propriedade que, de acordo com as vicissitudes da vida, altera as suas fronteiras, alargando-as e encolhendo-as.

A casa é também um lar no sentido mais íntimo do termo.

Ninguém mais, naquela casa, manteria viva a brasa do lar ou abriria as portas dos quartos, para que o sol, juntamente com a pragana do cereal e o cheiro dos morangueiros bravos, entrasse, fazendo a atmosfera densa, calorosa, humana (pág. 230).

São pensamentos de Quina, com a aproximação pressentida e sabida da morte. Ora lar, e parece que neste caso também propriedade, são coisas de mulheres. Assim, ligadas a esta casa muito especial de *A Sibila* temos três gerações de mulheres: Maria da Encarnação, durante muito tempo a matriarca da família Teixeira, Joaquina Augusta, sua filha e sucessora, e Germana *um tipo fatídico das degenerescências, o artista, o produto mais gratuito da natureza e que se pode definir como uma inutilidade imediata* (pág. 8), o último elo dessa cadeia feminina que atravessa o tempo, e que podemos, sem grande receio de erro, associar à própria autora Maria Agustina (Ferreira Teixeira) Bessa-Luís.

Numa entrevista publicada em 1992, Agustina diz:

Ir às festas e feiras com a minha tia, a Sibila, agradava-me. Ela falava com gente interessante que tinha dramas em casa e questões no tribunal, isso era um romance vivo extraordinário.

Temos aqui a confissão do “nascimento da romancista” através do contacto com a sua tia, a Sibila.

Vemos, portanto, que um dos eixos da narrativa é este triângulo feminino que atravessa três gerações e que podemos considerar ancorado na Casa da Vessada.

Maria da Encarnação, a primeira mulher dominadora, que nos aparece logo nas primeiras páginas, inaugura, por assim dizer, a relação da família Teixeira com a Casa da Vessada.

Criança ainda, apaixonou-se por Francisco Teixeira, com quem casará onze anos mais tarde, com poucas ilusões sobre o que será o seu matrimónio com o maior conquistador das redondezas, mas com total determinação em enfrentar o que a vida trouxer.

E a vida será muito longa e terá como segundo passo decisivo, estranhamente só após duas semanas de estarem já casados, a tomada de posse da Casa da Vessada, a casa do seu marido.

Essa mesma noite a Casa da Vessada recebeu a sua nova ama (pág. 12).

O primeiro passo dera-o Maria onze anos antes quando, menina de nove anos, se apaixonara por ele num encontro premonitório numa tarde tempestuosa de inverno.

Ei-la aos vinte anos senhora e dona duma casa que nessa altura contava mais de um século na mesma família, e casada com um homem que lhe vai dar muitos amargos de boca.

Pouco depois da sua chegada, a casa arde totalmente.

Não restava um tabique, um fio de bragal: o fogo apenas poupou os caldeiros de ferro que, esbraseados, tinham rolado sobre os charcos do quinteiro (pág. 18).

Este incêndio tem um papel muito forte na trama, a nível real e simbólico.

É precisamente no momento da chegada de Maria à casa – nem sequer temos grandes referências à família anterior de Francisco Teixeira, pais e irmãos – que se dá uma derrocada total com o incêndio e surge a necessidade de reconstrução. Uma espécie de renovação, como se a chegada da *nova ama* impusesse uma mudança profunda na ordem das coisas.

Numa leitura simbólica dos acontecimentos, a chegada de Maria da Encarnação à Casa da Vessada em 1870 significa um novo começo, e portanto o fogo consome o passado.

O reinado de Maria instala-se. Orgulhosa, tímida, de uma lealdade à prova de

todas as traições, ela amará o marido inconstante durante toda a sua longa vida e viverá mais tempo viúva do que casada.

Durante o seu domínio, a casa irá começar uma era de uma certa prosperidade sob o signo do feminino.

Ela não permitia crítica alguma a Francisco Teixeira mas *todos sabiam que era por culpa da sua boémia, os seus regalos de amigos, a sua franqueza em pagar adutores e parasitas, que a sua casa se afundava* (pág. 35).

Só depois da sua morte, as mulheres poderão dedicar-se totalmente à recuperação do património desbaratado pelos homens que, como se afirma, *não têm aproveitadoiro*.

Usa-se o plural “mulheres” porque nesta altura já Maria da Encarnação não governava sozinha.

Por altura da adolescência, aos quinze anos, Quina adoece gravemente e longamente. Essa doença, que marca a passagem à idade adulta, marca também a aquisição do estatuto de mulher de virtude, de sibila.

Para Quina, talvez mais importante do que isso, é ter conquistado finalmente o afeto da mãe e ser aceite por ela como sua igual. Ficarão até ao fim da vida lado a lado e nunca mais frente a frente, como duas rivais.

Será sob o domínio destas duas mulheres, mãe e filha, libertas da presença nefasta e predadora do masculino, que a propriedade irá recuperar a prosperidade.

Resta a terceira mulher, Germana, o *tal produto mais gratuito da natureza*.

Que papel lhe está reservado?

Fechar o ciclo da prosperidade. Na sequência sagrada dos laços de sangue que estabelecem a passagem do património, ela será a única herdeira de Quina.

Mas quando a encontramos a baloiçar-se na velha *rocking-chair* numa casa deserta, a cheirar a maçã, com o seu primo Bernardo, essa casa está apenas fortuitamente habitada e nela morreu a brasa do lar.

Essa brasa ardente que dá vida à casa e à propriedade é afinal personificada humanamente nas pessoas que a habitam e governam, principalmente as mulheres, e entre as mulheres Joaquina Augusta (Quina).

Nenhum outro ser humano terá uma relação tão íntima e tão longa com a Casa da Vessada como a Sibila.

Maria da Encarnação tomará conta da Casa e da propriedade só aos vinte anos. Os homens vão e vêm. São dispersos, destruidores de vidas femininas, com aventuras que levam à bastardia do sangue, põem em risco o património, que não sabem acautelar. Francisco Teixeira é um pinga-amor sem correção. Os três filhos não saem melhores.

Abílio tem uma aventura nefasta no Brasil da qual só sai para vir morrer a casa.

João e Abel vão viver para o Porto, marcando o início do êxodo rural a que o século assiste.

A emigração e a fuga para as cidades começam a desertificação das aldeias, cujo apogeu estamos a viver nos nossos dias, com graves consequências de desenvolvimento, sobretudo no interior do país.

Restam as mulheres, como as conservadoras, as guardiãs da família, das casas, das propriedades, das tradições, das memórias. Em suma, as guardiãs do templo. O templo é a Casa da Vessada, Quina a sua sibila, a sua sacerdotiza.

Só ela cumprirá todo o seu ciclo de vida intimamente ligado à casa e à quinta. Nesta casa nasce em 1877.

Era uma menina de aspecto pouco viável, roxa, moribunda, e que apresentava no pulso esquerdo uma mancha cor de sépia, motivada pelo facto de sua mãe ter sido salpicada de fígado de porco, por ocasião duma matança, estando ela nos primeiros tempos da gravidez. Era a segunda filha que vingava num matrimónio de sete anos, porque os primeiros concebidos não atingiam o termo num organismo muito violentado por desesperados jejuns, angústias de mulher jovem que tem por marido o maior conquistador da comarca (pág. 9).

Nela passa a infância, numa relação pouco afetiva e conflituosa com a mãe. Uma vez que Quina apanha uma tarefa exagerada da mãe, por razão de pouca monta, Francisco Teixeira vem em sua defesa e acusa *concretamente a mulher da sua parcialidade de coração* (pág. 31).

Nela conquistou o seu estatuto de sibila, numa difícil passagem à vida adulta que a põe às portas da morte, mas lhe dá finalmente o amor e o respeito da mãe. Nela morre o pai, arrastando com a sua morte o destino=casamento das suas

duas filhas. Com o património arruinado, Justina, a mais velha, perde o noivo e faz um casamento que lhe destruirá a vida.

Quina, mais independente já, decide-se pela solidão e pelo exercício do poder, cujo sabor experimentou a partir da adolescência.

É no momento em que decide cortar em definitivo com a hipótese de casamento que temos um primeiro registo de uma atividade que será mais uma imagem de marca de Quina e do seu poder: a oração.

Baixinho, Quina começou a rezar, como era costume estabelecido nas noites de apreensão e insónia, quando se temia um infortúnio, quando a alma, bruscamente inquieta, voltava a sua potência para a oração. Não era uma prece litúrgica. Era mais. Era um clamor doce, imperativo e quente, um alento de fé tão cheio de pura espiritualidade como só se encontra nesses clãs primitivos, para quem a solidão e a natureza são excelsas formas de pensamento e apelos de união com o mistério protector e terrível.

.....

Abençoi os nossos campos, para que eles tenham água e nos dêem pão. Abençoi a nossa casa, o nosso gado, os nossos criados. Abençoi os nossos frutos, que tudo aconteça para bem. Levai para longe a fome, a peste, a guerra e os amigos que mentem. Fazei-nos humildes na riqueza, orgulhosos na desgraça, sábios em desejar, corajosos em receber a ofensa, valentes em cumprir a vida e a morte. Abençoi também os nossos moinhos e os caseiros deles, que não pagam a renda há tanto tempo...

Era este o estranho condão de Quina. A sua prece, cheia duma verbosidade genuína, era como um improviso de melodia, sempre viva e sempre tocante, e em que o aspeto ingénuo ficava sepultado sob a força trágica da insistência, do impulso místico, duma espécie de ordem apaixonada, violenta, porém, fundamentalmente, resignada e triste.

Abençoi os nossos gostos, para que sejam nossos brinquedos e não cadeias. Abençoi as nossas dores, para que elas sejam experiência e não castigo...
(pág. 43).

Este é o primeiro momento de oração que a narrativa regista, numa noite de

grande tensão e angústia em que a vida da protagonista sofre uma reviravolta. Mulher de fibra, como a sua mãe Maria, Quina não se deixa tratar como vítima e corta com um seco – *Não me fale mais nisso* – as tentativas desajeitadas da mãe para remediar o que não tem remédio.

A partir daqui fica traçado o destino de Quina e a prece da noite vem selá-lo com a marca de uma aliança com o mistério indizível que ajuda os homens a aceitarem os tropeços da caminhada na vida.

Mais do que uma vez se fará referência a este dom excepcional de Quina, que acrescentará ainda mais o seu prestígio na comunidade rural em que se move. Para uns esse dom é indiscutível, como para a sua irmã Estina que, num momento de particular angústia, quando desaparece a sua filha louca, limita-se a pedir: *Reza, tu podes!* Quina reza, mas nesse caso não pôde.

Para outros, nem tanto. Mas todos no fundo parecem temer esse mistério que rodeia esta mulher *sibilina e delicada*.

Há uma ligação entre Quina e a Casa da Vessada como não há a mais nenhuma das personagens, nem mesmo a Maria da Encarnação, sua mãe. Esta só chega aos vinte anos. Quina fará nela todo o seu percurso de vida.

De tal maneira que o corpo de Quina e o corpo da casa a partir de certa altura parecem confundir-se.

Lá nasce. Lá passa a infância, dormindo com os irmãos no grande leito que é comparado ao ventre materno.

Dormia ela na larga cama de ferro, que era ninho de todos os irmãos, na idade em que o calor e o sono são ainda como que a continuação do seio materno (pág. 27).

Lá sofre. Tem derrotas e vitórias.

Descobre a sua condição de mulher de virtude. Descobre a sua arte masculina para gerir e aumentar o património que os homens tinham desbaratado.

Lá entrega-se finalmente ao amor gratuito a um filho adotivo que lhe entra na vida quando atinge o ponto alto do prestígio: aos cinquenta e oito anos.

Esta casa será a pele da sua pele, a alma da sua alma.

De modo a não poder sentir-se viva quando se afasta dela.

Ao ir tratar-se ao Porto da doença que a vai matar, tudo lá entra em conflito com ela, nada faz sentido e apanha o mais leve pretexto para regressar.

A noite era suave; ouviam-se os sopros felinos dos mochos nos covis dos troncos, e um branco luar dava a toda a paisagem uma expressão abandonada e casta; da nebulosidade verde emergiam as formas dos casebres com os seus fogachos que pareciam escumar dos janelos talhados a esmo na pedra. A Casa da Vessada, com a sua grande eira clara e nela o ovalado das medas, com as suas velhas varandas e pináculos de barro nas esquinas do telhado, estava escura, sem um pingo de luz a tremer para lá das vidraças salpicadas de azul. Pela primeira vez, Quina via aquela casa fechada e vazia, como amarrotada entre a treva e já feita ruína, recordação, passado. E teve a impressão de estar a assistir a alguma coisa irremediavelmente acontecida e afastando-se dela; os seus passos deixaram de roçar o solo, não ouviu mais o deslize das suas chinelas na caruma vidrada, e a pequena plataforma do sopé do monte pareceu-lhe impossível de ser ultrapassada. Via, sob o belo luar, os copos lilases das flores que, sem pedúnculo, surgiam da terra e eram iguais a pequenas tubas; pedras marmóreas brilhavam; um espinheiro, que bulia levemente, ficou de súbito quieto, e os seus ramos, de tão imóveis, davam a ilusão de mudar de forma e palpitar. E, no imenso silêncio, vibrou o toque duma campainha cujo eco, mais penetrante do que o som original, se desdobrou noutros ecos, se enovelou com eles, formando um turbilhão de rumor argentino extraordinariamente poderoso, mas que não dava a impressão de ser captado pelos ouvidos. O volume daquele som, que se comunicava com o de milhões de pequenos crótalos de prata que ao mesmo tempo se chocavam entre si pelo efeito da própria vibração, enchia todo o vale, ocupava todo o espaço, como um sólido. Sentia-se, sem se ouvir. Contudo, não era a recordação dum som, era a sua natureza que aflorava a todos os nervos e se podia localizar nalgum ponto, na vertente do monte, na atmosfera tranquila e azul; sobre os campos onde a seara crescia, com as suas folhas ásperas agora cinzentas na obscuridade e arqueadas como gadanhas. Rapidamente, Quina deixou-se escorregar pela ladeira, cujo saibro era igual a um rasto de farinha, e achou-se na vereda entre lódãos que atravessava a quinta. Via, agora, o telhado de lousa do moinho, serpenteado pelas heras, e, mais à margem, mais

longe, o pombal e a fronde das macieiras do pomar. O repique em turbilhão das campainhas abafava-se, ia ficando para trás. Em breve ela chegou ao caminho, rente ao qual os muros das cortes exalavam o bafo do gado; e não as ouviu mais. (pág. 199/200)

Este regresso ao lar, que está já todo carregado da premonição da morte, é um dos momentos mais belos e mais fortes de *A Sibila*.

A casa é ainda e também a própria voz do amor, sentimento a que esta mulher tem tanta dificuldade em entregar-se.

Toda a casa, para Quina, era a doce evocação do pai – da sua voz quente e cheia de paciente expressão, um tanto trocista; do seu pequeno vulto, seco e ágil, aquele seu movimento de felino em repouso, as suas pupilas onde havia sempre uma astúcia, uma defesa, uma ternura generosa que dedicava como uma recompensa, mas sem o que há de vexame ou até estímulo na recompensa. Todo o seu coração conhecia ainda aquele conforto furtivo, amoroso, inquieto, da presença do pai (pág. 209).

É finalmente na casa que Quina, depois de resolvidos os conflitos internos com o património e com a situação de cada um dos herdeiros – Germa e Custódio – na sua vida e na sua alma, se entrega à morte que a esperava há muito.

Assim decorreu a noite, a vela ficou reduzida, queimou uma borda do seu encaixe de papel, para continuar depois a arder, imóvel, ovalada, como a chama do Espírito Santo. Quina abriu os olhos, e disse em voz audível algumas palavras que não eram delírio, nem oração, porque o tempo de oração estava no fim, e toda a sua alma se projetava num abismo inefável, se dispersava para entrar na composição magnífica do cosmo. Um sentido, nela, permanecia cintilante e que, portanto, sofria – era o amor. Era a sua inesgotável dádiva de ternura, que sempre timidamente desviara da terra para confiar ao mistério, ao que não é mesmo esperança, e que jamais trai e engana. Os passos ouvia-os agora mais sonoramente: eles vinham, e todas as portas se abriam à sua frente. Como repeli-los e como não amá-los também? Sentiu que os joelhos se lhe esfriavam

e como que um banho de gelo a ia atingindo até à cintura, e subindo; as mãos guardavam algum calor, mas não as movia mais. Um sopro mais brusco do vento fez entreabrir as portas da varanda, e Quina, num último olhar, abrangeu aquele céu esverdeado do amanhecer e que era imenso, e que, como em ondas do espaço, continuava mesmo através dos mundos, das estrelas vivas ou extintas. Os seus lábios emudeceram, e o som dos passos deteve-se, por fim, sobre o seu coração. A mão, um instante depois, deslizou e ficou fora do leito, com a palma voltada para cima, numa atitude toda confiante no seu abandono, cortando de través o bastãozinho de luz que escorria sempre, sereno, até à porta; via-se-lhe no pulso a mancha arruivada, que ela, no mais inviolável segredo de si própria, acreditara sempre uma marca de predestinação (pág. 234).

A Sibila fecha na sua casa o ciclo que lá iniciara setenta e três anos antes. No seu lugar fica outra hipótese de Sibila que, baloiçando-se na velha *rocking-chair*, só tem à sua frente pontos de interrogação, na casa que *fortuitamente habita*.

Quando Joaquina Augusta finalmente se entrega ao cosmos na casa que também a viu chegar é como se se despisse das terras, das paredes, dos móveis, de todo esse mundo de que foi *alma mater* durante muitos anos.

Aliás, os móveis da Casa da Vessada, eles próprios imutáveis mas atingidos como os seres humanos pela degradação provocada pelo passar do tempo, são um elemento muito especial deste mundo cheio de significados profundos, a estabelecer contraste com o “bezerro de oiro” que se cultua na cidade.

Um crucifixo, dentro dum oratório negro com filamentos doirados e porta onde sempre faltara o vidro, deixava ver a silhueta pálida com efeitos de carne desgarrada, semelhantes a lágrimas de cera que escorrem. Os cravos de madeira pintados com purpurina brilhavam fracamente; terços bentos, de contas brancas e azuis pendiam dos braços de Cristo. A cómoda, arquivo de escrituras, resguardo dos oiros, com o seu espelhinho de engonços voltado de forma a não poder reflectir o rosto de alguém, ficava frente ao leito, sob o olhar de Quina. Tudo era um tanto sujo, usado e possuindo essa patina melancólica, familiar e simpática, das coisas que atravessam várias gerações, sem serem substituídas – coisas que

o homem escravizou a si, dando-lhe apenas um direito de duração, menos que de conforto, menos que de elegância. Onde todos os objectos têm essa evidência de servidão, pode existir espírito; mas onde as coisas possuem apenas um cunho de consideração e de valia material, existe somente o bezerro de ouro (pág. 178).

Quem percebe isso é Custódio ou Emílio. Apesar de muito limitado intelectualmente, pelo instinto ele foi capaz de apanhar a força e a necessidade de permanência do mundo que habita. Ele sabe que os estranhos não entendem nada desse mundo e isso implicará a sua própria destruição.

Por isso empenha-se em fazer “melhorias” na casa que já não é dele, mas que continua a ser o único ponto de referência que lhe resta para enfrentar a vida sem Quina.

Quando Germa o expulsa de casa expulsa-o da vida e ele suicida-se de uma maneira bárbara.

Pela força do sangue, a casa, no entanto, será entregue a quem não a pode entender, porque há muito cortou os laços com o mundo que ele representa. Esse mundo está irremediavelmente condenado.

Quando a Sibila morre é também a Casa da Sibila que morre com ela. Com as suas terras, as suas paredes restauradas após o incêndio de 1870, o seu lar, a sua alma.

A morte de Quina marca uma fronteira no Portugal de meados do século XX: o êxodo do campo para a cidade.

O desaparecimento de todas as Quinas da ruralidade portuguesa é também o princípio da morte anunciada de todas as casas rurais e de todo um modo de vida a que estamos a assistir aqui, cinquenta anos passados, com a desertificação humana desse mundo que agoniza e para cuja agonia ainda não encontramos solução.

A morte da Casa da Vessada é afinal a morte de um mundo que nenhum de vocês conheceu.

Maria Cavaco Silva

Para este trabalho foi utilizada a 5ª edição de *A Sibila*, Guimarães & Cª Editores.

Aula-conferência sobre Cesário Verde "A Minha Casa é Lisboa"

Universidade Católica Portuguesa, 28 de fevereiro de 2008

Soube há relativamente pouco tempo que Eduardo Serra, um fotógrafo de nome internacional como diretor de fotografia de filmes tão famosos como *Diamante de Sangue* ou *Rapariga com Brinco de Pérola*, vem a Lisboa rodar um documentário sobre Fernando Pessoa na sua relação com Lisboa.

Quando li a notícia, desejei tanto que Eduardo Serra, cujo trabalho admiro muitíssimo, fizesse também um documentário sobre a relação de Cesário Verde com Lisboa. Esse documentário substituiria qualquer artigo ou qualquer aula sobre o tema e com grande vantagem.

Falhada esta hipótese, quero convidar-vos para tentarem passear com Cesário Verde pela Lisboa dos finais do século XIX.

Na falta de melhor, peço que me aceitem como intermediária e guia desse passeio.

Cesário nasceu (e morreu) cedo demais. Daí o facto de, durante a sua curta vida, não ter sido reconhecido o seu talento ímpar, coisa que o perturbou e fez sofrer – Porque não se referem aos meus poemas, porque fazem como se eu não existisse literariamente? Talvez apenas, ou principalmente, uma questão de tempo errado.

Se formos ler o que se escrevia, e era apreciado e louvado, no tempo de Cesário, logo percebemos que era pouco provável que ele fosse entendido.

Há um momento em que parece haver um cruzamento nos destinos dos dois mais importantes vultos literários, e que mutuamente se influenciaram, da época: Cesário Verde e Eça de Queiroz. Na década de 70 são publicados – e razoavelmente marginalizados – o conto de Eça *Singularidades de uma rapariga loira* e o poema *Num bairro moderno* de Cesário Verde. A esta distância é-nos fácil avaliar a grandeza e as características inovadoras das obras em causa. Infelizmente, na altura estavam ambas fora de tempo.

O que o tempo, porém, não conseguiu reparar durante a vida foi a injustiça feita a Cesário Verde. Se Eça ainda viveu o suficiente – até 1900 – para sentir o



Aula-conferência "A Minha Casa é Lisboa", sobre Cesário Verde, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, fevereiro de 2008



Aula-conferência "A Minha Casa é Lisboa", sobre Cesário Verde, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, fevereiro de 2008

sabor da glória, Cesário, que morre em 1886 aos trinta e um anos, desaparece praticamente como um desconhecido. A sua vingança, chamemos-lhe assim, será póstuma, quando o mais internacional dos poetas portugueses depois de Camões, Fernando Pessoa, o admira e lhe chama mesmo, através do seu heterónimo Álvaro de Campos, *ó Cesário Verde, ó Mestre...* e, sob o heterónimo Alberto Caeiro, escreve este poema n' *O Guardador de Rebanhos*:

*Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.
Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos ...
Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...*

José Joaquim Cesário Verde nasce em Lisboa, em fevereiro de 1855 (Eça nasce em 1845), numa família razoavelmente abastada de comerciantes. Este pormenor é importante para compreendermos alguns aspetos marcantes da sua poesia. O pai tem uma loja de ferragens na Rua dos Fanqueiros, onde Cesário trabalhará também. Para lá do comércio, a família possui ainda uma quinta em Linda-a-Pastora, com atividade agrícola, a que o poeta também se dedicará, e que ajudará a construir a fase campestre da sua poesia a que Fernando Pessoa/Alberto Caeiro é tão sensível, como vimos.

Não estamos, portanto, perante o artista tipicamente romântico, alheio à vida real e avesso ao mergulho no concreto. A dicotomia cidade/campo, que constitui um aspeto muito interessante da sua poesia, está à partida marcada pelos locais das diferentes residências e atividades familiares.

Em cartas ao melhor e quase único amigo, Silva Pinto, que tratará da organização e publicação póstuma d'*O Livro de Cesário Verde*, há referências diretas a essas várias atividades que não o deixam ocupar-se *exclusivamente* da literatura:

Cá vou vivendo cheio de trabalho comercial ou Eu por aqui me afasto da literatura; amando-a ainda muitíssimo, não penso exclusivamente nela.

Reparar bem no exclusivamente.

Talvez seja este considerar-se em primeiro lugar um profissional do comércio, e a literatura ser apenas uma fuga, que dá à sua poesia a ligação às coisas, ao concreto, que ainda hoje constitui um dos seus maiores fascínios:

A mim o que me rodeia é o que me preocupa, confessa a Silva Pinto.

Por outro lado, tem também um feitio que não se comprazia nos langores românticos ainda em moda:

Eu sou frio, pausado, calculista como todas as organizações criadas neste meio comercial (mais uma vez o confidente é Silva Pinto) porque: *amigos íntimos, íntimos, só tenho um: és tu.*

Outro aspeto a não esquecer na família de Cesário é o drama de saúde que a atinge de uma forma violenta: todos os filhos, exceto um, morrem jovens. Um em criança e todos os outros vítimas de tuberculose. Maria Júlia com dezoito anos, Joaquim Tomás em poucos dias, da chamada tísica galopante, com vinte e quatro anos, e o próprio poeta com trinta e um anos.

Mas nem isto faz Cesário entregar-se à desgraça e se, no poema *Nós*, assinala a tragédia que é *Morre o filho primeiro que o pai!*, parece que a morte sucessiva dos irmãos lhe dá ainda mais vontade de reagir, de trabalhar. E quando chega a sua vez não se entrega sem luta, escrevendo numa carta a Macedo Papança:

As melhores, as próprias melhoras que medicamentos chamam e espicaçam com o agulhão da sua química e que eu estímulo com a agulhada da minha vontade, essas mesmas vão ronceiras.

É este o homem, o jovem, que vai dar uma volta à poesia portuguesa nas décadas de 70/80 do século XIX.

Um dos aspetos mais revolucionários dessa poesia advém precisamente duma atenção fascinante e fascinada às coisas. Cesário confessa-se um pintor: *Pinto quadros por letras, por sinais (Nós)*, e a sua poesia pinta a cidade e o campo de uma maneira que nos faz lembrar alguns pintores impressionistas, que ele não deve ter visto (ou talvez tenha, numa viagem de negócios a Paris e Bordéus em 1883), mas cuja sensibilidade inovadora andava no ar e ele partilha, talvez sem o saber.

Através do olhar e da palavra, utilizada de uma forma tão original que inventa a modernidade, Cesário vai transformar para sempre, tal como Eça, a nossa maneira de ver Lisboa. Hoje falamos da Lisboa de Cesário, da Lisboa queirosiana. É como se ele nos tivesse deixado quadros soltos que evocam Renoir, Monet, Courbet, Utrillo, Pissarro.

É o que acontece em *Num bairro moderno*, um poema de 1877; Cesário tem apenas vinte e dois anos, mas já começara a trabalhar aos dezassete na loja de ferragens do pai, na Rua dos Fanqueiros.

Essa loja de comércio dava à família um desafogo económico que permite a Cesário Verde ser um *dandy*, na linha deixada em aberto por Almeida Garrett. Este poema inaugura a poesia verdadeiramente cesariana, em duas características fundamentais: o passeio e a cidade.

É uma inovação esta poesia peripatética, chamemos-lhe assim, utilizando a expressão que Aristóteles inventou para a sua pedagogia filosófica.

O poema é uma sucessão de breves apontamentos, quadros dados de uma forma rápida, sucinta, mas extremamente eficaz. O facto de Cesário Verde dizer que não gostava de escrever em prosa explica-se por esta capacidade única de, em ritmo e brevidade, ser-lhe possível dar totalmente aquilo que lhe interessa. Marca o tempo – 10 horas da manhã – o que não é pormenor para ignorar num poeta que se quer realista.

Dessa hora vão resultar muitos pormenores importantes a nível de luz, cor e movimento.

O matizam e a larga rua macadamizada que fere a vista (na 1ª estrofe).

É o repouso sossegado que ainda reina pelos *rez-de-chaussée*.

E é, principalmente, uma cena que ainda hoje é única na poesia portuguesa e a que eu ainda assisti num bairro de Lisboa, no século passado.

Um dos encantos dos países em que se considera o desenvolvimento lento, talvez seja este dos séculos se misturarem: o século XIX entrou pelo XX, como agora o XX ainda está a encontrar-se com o XXI.

Uma vendedeira de legumes, frágil e pequena, totalmente desproporcionada face à giga que carrega, faz o seu negócio matinal.

Assistimos à transfiguração, por alguns considerada surrealista, do conteúdo vegetal que a pobre vendedeira, magra e enfezada, carrega, num corpo humano.

*Subitamente – que visão de artista! –
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnaís?!*

*Bóiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.*

*E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injectados.*

*As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos – ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas – os rosários de olhos.*

*Há colos, ombros, bocas, um semblante
 Nas posições de certos frutos. E entre
 As hortaliças, túmido, fragrante,
 Como dalguém que tudo aquilo jante,
 Surge um melão, que me lembrou um ventre.*

*E, como um feto, enfim, que se dilate,
 Vi nos legumes carnes tentadoras,
 Sangue na ginja vívida, escarlate,
 Bons corações pulsando no tomate
 E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.*

A transfiguração do real é uma das características mais marcantes da poesia de Cesário.

Porque a realidade é apanhada muitas vezes como pretexto para uma visão de artista que aqui se refere concretamente, e tem, portanto, que ser purificada, alterada, transformada. Em suma, transfigurada.

A transfiguração que aqui temos é a do conteúdo vegetal – que a vendedeira, magra e enfezada – carrega num corpo humano monstruoso.

O símile lembra-me sempre os quadros de outro grande inovador, neste caso na pintura, o italiano do século XVI Giuseppe Arcimboldo.

O ser humano de Cesário Verde no poema não será surrealista porque é uma criação consciente e os surrealistas querem uma escrita automática do subconsciente e do inconsciente. Portanto o resultado pode ser surrealista, mas não o processo. Esta poesia deambulatória por Lisboa, a sua cidade para o bem e para o mal, corta de uma forma tão radical com o que estava em moda – ainda o romantismo e o ultrarromantismo – que lhe traz problemas de aceitação pelos seus contemporâneos. Isto magoa-o a sério.

Ainda hoje, conquistado o lugar de relevo que merece nas nossas Letras, espantame a irrupção da sua poesia originalíssima, única, nos finais do século XIX.

A deambulação arrasta consigo, por vezes, o que podemos considerar uma narrativa, pessoal ou ficcionada.

É o que encontramos em *Noite Fechada*, de 1879.

É uma Lisboa noturna, de um passeio de namorados referidos como “nós”, e que tem provocado várias leituras autobiográficas.

O eu poético tem aqui uma companhia que é tão atenta à realidade quanto ele: *tudo atentavas, tudo vias!*. Neste passeio, agora noturno, podemos marcar locais por onde vão passando os namorados.

*Lembras-te tu do sábado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?*

*Bem me lembro das altas ruazinhas,
Que ambos nós percorremos de mãos dadas:
Às janelas palravam as vizinhas;
Tinham lívidas luzes as fachadas.*

*Não me esqueço das cousas que disseste,
Ante um pesado templo com recortes;
E os cemitérios ricos, e o cipreste
Que vive de gorduras e de mortes!*

.....

*E assim ao meu capricho abandonada,
Errámos por travessas, por vielas,
E passámos por pé duma tapada
E um palácio real com sentinelas.*

Se *Num Bairro Moderno* é, chamemos-lhe assim, o primeiro grande poema de Lisboa, *Cristalizações* e a obra-prima *O Sentimento dum Ocidental* são o apogeu da relação de Cesário Verde com a cidade.

Cristalizações, de 1879, é um hino à cidade que se entrega, entusiasmada, a obras intensas que, espera-se, a vão modernizar historicamente. É preciso

não esquecer que estamos em pleno Fontismo, época a que Fontes Pereira de Melo, o Ministro das Obras Públicas, fica ligado pelo seu dinamismo construtor. Em *Cristalizações* sentimos os sons, o frio, ouvimos os gritos das peixeiras, os maços e as marretas dos calceteiros.

*Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
 Vibra uma imensa claridade crua.
 De cócoras, em linha os calceteiros,
 Com lentidão, terrosos e grosseiros,
 Calçam de lado a lado a longa rua.*

.....

*Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!
 Tomam por outra parte os viandantes;
 E o ferro e a pedra – que união sonora! –
 Retinem alto pelo espaço fora,
 Com choques rijos, ásperos, cantantes.*

*Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
 Cuja coluna nunca se endireita,
 Partem penedos; cruzam-se estilhaços.
 Pesam enormemente os grossos maços,
 Com que outros batem a calçada feita.*

.....

*Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
 Que vida tão custosa! Que diabo!
 E os cavadores pousam as enxadas,
 E cospem nas calosas mãos gretadas,
 Para que não lhes escorregue o cabo.*

*Povo! No pano cru rasgado das camisas
 Uma bandeira penso que transluz!
 Com ela sofres, bebes, agonizas;
 Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
 E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!*

É uma cidade mercantil, contente. Ainda.

Há um prazer dinâmico nos passeios pela cidade e no registo do que vai encontrando.

A cidade tem uma energia que parece atraí-lo e desafiá-lo. Uma energia gélida e metálica de inverno que se liga a um ritmo citadino de trabalho, agitação, movimento, obras, progresso.

É uma cidade luminosa, gélida, sonora, onde os calceteiros põem uma nota dissonante. São filhos do campo que vieram procurar uma vida melhor na capital. Não estão em casa. Cesário está.

Lisboa é a sua cidade e, mesmo quando mais tarde a recusar, ela continuará a ser a sua casa. Onde, depois de uma fuga para Linda-a-Pastora, numa tentativa de ultrapassar a tuberculose que já matara a irmã e o irmão, virá também a morrer, atacado pela mesma praga que “mata o filho primeiro que o pai”.

O poema de Lisboa por excelência é *O Sentimento dum Ocidental*.

É uma sinfonia em quatro andamentos – Ave-Marias, Noite fechada, Ao Gás, Horas Mortas – e, ao contrário de *Num Bairro Moderno*, começa ao anoitecer. Mas a deambulação, aqui, é solitária e vai desde o cair do dia até de madrugada.

Atinge-se a mestria total da forma de dar o mundo em pinceladas que apanham rapidamente o tudo e o pequeno nada.

O poema é uma vertigem. De gente: carpinteiros, calafates, varinas, padres, soldados, costureiras, floristas. De espaço: as ruas, o Tejo, um couraçado inglês, as lojas, as cadeias, os andares, as tascas, os cafés, as praças e um alargamento inesperado, que nos leva ao verso *Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!* De tempo: voa da atualidade ao século XVI – *Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!* –, refere um inquisidor severo, a Idade Média e alude enigmaticamente a uma *raça ruiva do porvir*.

*Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero;
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.*

*Na parte que abateu no terremoto,
Muram-se as construções rectas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.*

*Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutro ascende, num pilar!*

A visão disfórica que temos agora da cidade já anuncia o futuro corte que o poeta vai fazer com ela no seu mais longo poema *Nós* (de 1882).

O Sentimento dum Ocidental é publicado para celebrar o Tricentenário de Camões e passa razoavelmente ignorado pelos críticos.

O caminho do poema é avançar na escuridão até horas mortas.

O tom inicial diz-nos logo que o sentimento deste ocidental vai estar longe dos outros poemas citadinos, onde encontrámos luz, obras, movimento, entusiasmo. Agora, de acordo com o sentimento negativo de melancolia, *spleen*, desistência, a cidade, também ela, está enjoada, doente.

Só são felizes os que partem.

Os carpinteiros saltam como morcegos, os calafates estão enferruscados, as varinas são um cardume negro que descarrega também o carvão.

Ficaram para trás os reflexos de luz de *Cristalizações*.

Mais uma vez é-nos possível seguir o itinerário do passeio noturno: Largo do Chiado, Largo Camões, lojas da Baixa que Cesário tão bem conhecia, os cais que servem para a evocação de Camões.

Temos uma Lisboa cheia de focos de infeção, que repele e atrai ao mesmo tempo, uma Lisboa que prepara o corte necessário que Cesário e os seus terão de fazer por razões de saúde.

A triste cidade é também aquela que lhe permitiu escrever uma poesia enérgica e otimista, aquela que lhe tange os sentidos excitados e sacudidos:

*E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!*

Cristalizações

A cidade que passou do Passeio Público romântico e queirosiano para uma Avenida da Liberdade que se queria mais cosmopolita e arrojada.

Cesário Verde viveu numa época de transformações muito intensas na cidade que amou e temeu ao mesmo tempo.

Quando começou a assustar-se com os focos evidentes de infeção que iam destruindo a sua família, pareceu-lhe encontrar o renascimento e a salvação no campo. Um campo não lírico nem idealizado, mas também ele industrial e lucrativo como a loja de ferragens donde vinham os proventos para a desafogada vida da família Verde.

*Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.*

Nós

Cesário desejou uma vida eterna:

*Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!*

O Sentimento dum Ocidental

Não se cumpriu o seu desejo e a vida foi demasiado curta para o muito que havia ainda para escrever, para registar.

Ninguém, ou quase ninguém, o entendeu:

*Ah! Ninguém entender que ao meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!*

Nós

Ninguém entendeu o seu olhar lúcido sobre as coisas, ninguém entendeu as novas portas que estava a abrir às palavras. O ritmo *staccato*, as enumerações inusitadas, os adjetivos em séries imprevisíveis. Era cedo demais.

Deambulámos com Cesário Verde por uma Lisboa que ainda não desapareceu completamente.

Com as suas palavras iluminadas, mas concretas, conseguimos visualizar uma cidade que o atraiu e afastou ao mesmo tempo.

Uma cidade que se transformava e o transformou.

Faço-vos uma sugestão: agarrem na máquina fotográfica (digital, claro) e partam à descoberta da Lisboa de Cesário Verde, que ainda está por aí à vossa espera.

Como estava ainda a fascinar os pintores de Lisboa do século XX que pintavam uma Lisboa cesariana. Almada Negreiros na Gare Marítima de Alcântara tem um tríptico onde encontramos as varinas de Cesário, de que Almada tanto gostava também.

Nomes como Vieira da Silva, Bernardo Marques ou Carlos Botelho dão-nos uma Lisboa onde podemos ainda reconhecer, furtivamente, o vulto de Cesário a esgueirar-se por entre as ruas.

Maria Cavaco Silva



Colóquio Liberdade Religiosa no Mundo: Direitos das Comunidades e Dignidade Humana, Lisboa, junho de 2006

5

Colóquio “Liberdade Religiosa no Mundo: Direitos das Comunidades e Dignidade Humana”, organizado pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

Fórum Picoas, Lisboa, 27 de junho de 2006

“ Meus Amigos

Acabámos de ouvir a apresentação do *Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo*.

Tomámos contacto com uma realidade que alguns teimam em ignorar, falsamente confortados pela tranquilidade que sentem à sua volta.

Aprendemos que a Igreja sofre. Muitos crentes continuam a sofrer e precisam da nossa ajuda.

Aprendemos que o mártir não é só a longínqua vítima dos leões no circo romano que tantos de nós vimos em filmes de época, tão na moda quando eu era criança.

Mártires são contemporâneos nossos, homens e mulheres, até crianças, que sofrem a perseguição e a opressão, que são vilipendiados e agredidos e que até perdem a vida por amor a Deus.

O Padre Werenfried, o criador da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, disse um dia:

‘A nossa missão consiste apenas em enxugar as lágrimas de Cristo, onde quer que ele chore’.

Não podemos fingir que ignoramos que ainda hoje Cristo chora.

Chora pelos Homens que sofrem.

Chora pela Igreja que sofre.

Temos de incluir no nosso projeto de vida algum tempo para enxugar essas lágrimas de Cristo.

A liberdade religiosa é a garantia de que cada indivíduo pode viver a sua fé e de que, vivendo-a, pode ser integralmente pessoa.

Ela funda-se na convicção de que cada ser humano possui o direito inviolável de praticar a religião que entender ou de não praticar nenhuma religião.

Que violência pode atacar mais radicalmente a consciência de cada pessoa do

que impor-lhe formas de vida que negam as suas convicções mais profundas, como é, para um crente, viver sem viver a sua fé?

O Papa João Paulo II defendeu que na liberdade religiosa se encontra o verdadeiro teste do respeito dos direitos fundamentais, porque ela é 'o coração dos direitos humanos' dado que 'a religião exprime as aspirações mais profundas da pessoa humana, determina a sua visão do mundo, orienta o seu relacionamento com os outros; fundamentalmente, oferece a resposta à questão do verdadeiro significado da existência, tanto no âmbito pessoal como social'.

Temos de concordar com o saudoso Santo Padre: como pode, com efeito, respeitar e promover outros direitos fundamentais um Estado que não respeite e promova a liberdade religiosa?

A liberdade de praticar uma religião, de deixar de a praticar ou de não praticar nenhuma religião é uma opção fundamental de todos os seres humanos, que deve ser totalmente respeitada pelos poderes públicos.

Por isso, a eliminação de todas as formas de intolerância e de discriminação fundadas na religião tem de ser um objetivo de todos os homens de boa vontade.

Este Colóquio vem dar voz àqueles que a não têm. O Dr. Rogério Alves deu o exemplo tão adequado d'*O Processo de Kafka*. O condenado que não sabe o porquê da sua condenação.

Àqueles a quem se recusa a liberdade da fé e a liberdade de denunciar a sua situação.

O silêncio é para eles uma segunda opressão, porque quem, por não poder falar, não é ouvido, julga que está só.

Sentir-se só no meio do sofrimento é uma terceira opressão, porventura a mais dolorosa de todas.

Dar-lhes voz, na medida das nossas possibilidades, mostra, a eles como aos seus opressores, que os perseguidos não estão sós. Sentir a alegria da existência de companheiros – somos nós neste momento, mesmo longínquos, mesmo só em espírito – é uma força que lhes queremos transmitir, que temos obrigação de lhes transmitir.

Iniciativas como esta são, portanto, um modo de dar mais alma àqueles que teimam em resistir.

Agradeço aos organizadores desta iniciativa, à qual não tive dúvidas em me associar.

Desejo a todos a continuação de um bom trabalho. Mas, sobretudo, desejo do fundo do coração que os vossos trabalhos sejam mais do que uma trágica enumeração de violações da liberdade religiosa.

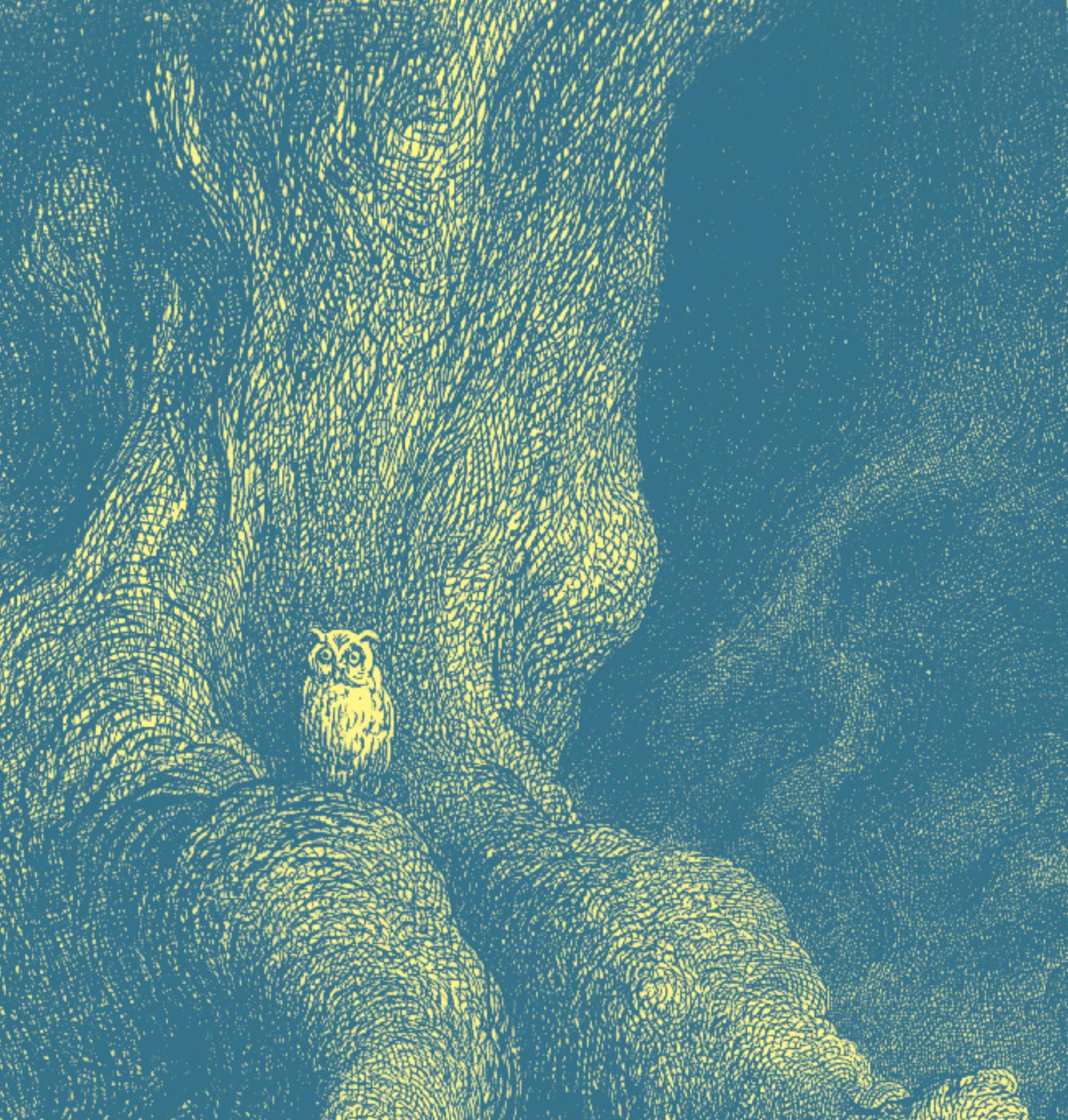
Gostaria, penso poder dizer que todos nós gostaríamos de ouvir algumas palavras de esperança. Que neste Colóquio sejam proferidas essas palavras.

Que possamos alegrar-nos com Estados que reconhecem, por fim, na liberdade da fé um dos garantes da felicidade dos Homens. Que nos possamos congratular com líderes de diferentes religiões que encontram um sinal divino na convivência mutuamente respeitadora entre os crentes.

Acredito num mundo sem mártires. Quero acreditar num mundo em que os Homens não sofram tormentos em virtude da sua fé, qualquer que ela seja.

Esses são os meus votos. E, se os meus votos se cumprirem, talvez só se torne necessário realizar mais um Colóquio sobre a Liberdade Religiosa no Mundo: aquele no qual nos reuniríamos todos em alegria, porque, pelo menos por uma Igreja que sofre, já não tínhamos mais lágrimas de Cristo para enxugar.”

Maria Cavaco Silva





EMBAIXADORA DA LÍNGUA PORTUGUESA



EMBAIXADORA DA LÍNGUA PORTUGUESA

É com um gosto muito particular que hoje estou convosco neste II Simpósio de Estudos de Língua Portuguesa.

Talvez alguns dos muitos que felizmente estão aqui saibam que durante muitos anos fui professora de português na Universidade Católica Portuguesa, tanto para alunos portugueses como, depois, para alunos do Programa Erasmus, que vinham de muitos países, não só da Europa, como de zonas bem mais longínquas como Argentina, Venezuela, Estados Unidos da América. Foi uma experiência riquíssima e que me marcou muito.

Desde que o meu marido foi eleito Presidente da República, que, com muito gosto, me assumi como uma espécie de Embaixadora de Boa Vontade da minha amada Língua Portuguesa. Aproveito as viagens oficiais para entrar em contacto com aqueles que ensinam e aprendem a nossa língua e a nossa cultura por esse mundo fora.

Dei uma aula na Casa de Pablo Neruda, no Chile; em Berlim, fui a uma escola onde tive o prazer de verificar que os alunos que estudavam português eram todos vindos dos PALOP; fui a uma Universidade em Ankara à aula de um jovem Leitor e poeta que está a fazer um excelente trabalho junto dos jovens turcos. Enfim, glosando o poeta, "se mais mundo houver, lá chegarei..." sempre com a alma em festa por poder partilhar o meu gosto por esta língua que nós, os portugueses, partilhamos agora com mais sete países independentes.

O português autonomizou-se há mais de setecentos anos, e nele convivem há séculos duas grandes literaturas e, nas últimas décadas, estão a emergir outras que, apesar da sua juventude, já possuem obras e autores internacionalmente reconhecidos. A língua portuguesa continua a ser a nossa pátria, como queria Fernando Pessoa ou como, antes dele, já dizia Eça de Queirós: na língua reside verdadeiramente a nacionalidade.

Mas hoje, o português tornou-se uma pátria feita de muitas pátrias, um espaço aberto onde comunicamos e onde florescem diversas literaturas, cada uma delas moldando e enriquecendo à sua maneira a língua comum.

A língua de Camões e Vieira, de Guimarães Rosa e Sophia de Mello Breyner, é agora também a língua de Pepetela, Agualusa e Mia Couto, para referir apenas alguns dos que atualmente vêm sendo traduzidos, com mais frequência, em dezenas de outras línguas.

Não podemos nem queremos subestimar o valor dessa herança, que é um motivo de justificado orgulho para os mais de 200 milhões de falantes do português, mas que deve ser também encarada como um património que estimamos, preservamos e queremos dar a conhecer aos outros.

O simples facto de tantos milhões de pessoas comunicarem em português, seja como língua materna, como língua oficial, ou como segunda língua, faz com que seja imperativo garantir o seu ensino e a sua divulgação a nível internacional.

O português tem de afirmar-se como uma "língua global". É uma língua que se pode ouvir nos quatro cantos do mundo e, por isso mesmo, justifica-se que muitos outros se sintam motivados a aprendê-la como língua estrangeira.

Caros colegas

O vosso contributo para a realização destes objetivos nacionais foi até hoje, e vai decerto continuar a ser no futuro, não apenas inestimável mas também imprescindível.

Sem a vossa dedicação e o vosso saber, não estaríamos certamente a assistir ao crescente interesse, um pouco por todo o mundo, em aprender português e em conhecer a qualidade e a singularidade de cada uma das literaturas que em português se escrevem.

Quero, por isso, deixar aqui bem expressa e vincada a gratidão de todos aqueles que falam a língua portuguesa, pelo vosso trabalho e por tudo quanto ele representa para o nosso e os vossos países.

Muito obrigada a todos. Tenho a certeza de que este alargadíssimo Simpósio vai ser um êxito, para bem da língua que todos, com orgulho, partilhamos.

Maria Cavaco Silva

II Simpósio de Estudos de Língua Portuguesa

Évora, 6 de outubro de 2009



Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, China, maio de 2014



Casa-Museu de Pablo Neruda, Isla Negra, Chile, novembro de 2007

O Mar na Poesia Portuguesa

Casa-Museu de Pablo Neruda, Isla Negra, Chile, 8 de novembro de 2007

“Quando me perguntaram, durante a preparação da Visita de Estado ao Chile, o que achava de dar uma aula na Casa de Pablo Neruda, a minha resposta foi logo, sem pensar nem me atardar muito, que sim.

A Universidade Católica Portuguesa ainda estava muito viva dentro de mim. Lá continuava a dar aulas ocasionais para todos os que quisessem assistir e, claro, o tema era sempre a literatura portuguesa.

Íamos ter um encontro especial, numa casa muito especial.

O encontro era com alunos portugueses que estavam a fazer Erasmus em universidades chilenas e alunos chilenos da Universidade de Santiago que estavam a aprender a literatura e a cultura portuguesas através da nossa língua.

Desafio irrecusável para a minha alma de professora.

Ainda hoje guardo memórias magníficas desse encontro na Casa da Isla Negra. A casa era mágica, muito em cima das pedras negras onde vinha rebentar a espuma das ondas. Por isso, o tema escolhido foi ‘O Mar na Poesia Portuguesa’, que desenvolvi desde o século XIII até ao século XX.

Casa vivida. Casa-museu. Onde ao longo de uma vida repartida se tinham acumulado memórias e objetos que não obedeciam a um colecionismo com pés e cabeça. Havia de tudo um pouco. Com uma forte ligação ao mar. Conchas, figuras de proa, artefactos de pesca, vidros coloridos.

Na sua dispersão, o sentido era a ligação a um homem que deixara rasto na vida, na arte, na atividade cívica.

E que, depois dos exílios vários a que a política o tinha obrigado, viera descansar num jardim sobre as ondas com a sua terceira e última mulher – Matilde.

O tema impôs-se pela casa e pela sua situação: o Mar na Poesia Portuguesa. Com a ajuda de todos os jovens que estavam já cheios do ambiente único que se respirava naquele lugar, fizemos uma viagem marítima desde as Cantigas de Amigo até Fernando Pessoa, passando por Camões, claro, Sophia Andresen e muitas outras vozes de mar da nossa literatura, toda ela tão cheia de maresia como a Casa mágica de Pablo Neruda na Isla Negra.



Casa-Museu de Pablo Neruda, Isla Negra, Chile, novembro de 2007



Escola Josina Machel, Maputo, Moçambique, março de 2008

A receptividade dos jovens proporcionou uma tarde de alegre convívio entre chilenos e portugueses. Os chilenos faziam o seu melhor a ler poemas dos nossos autores e os portugueses aplaudiam e colaboravam com entusiasmo, também com leituras de poetas chilenos.

Há gravação de som, mas como foi uma aula vivida e muito viva, não há documentos escritos, como na Universidade Católica Portuguesa.”

Maria Cavaco Silva

Regresso a uma escola que também foi “minha”

Escola Josina Machel, Maputo, Moçambique, 25 de março de 2008

“Vivi um momento muito emocionante na cidade de Maputo, em Moçambique, na Visita de Estado que o meu marido fez, no mês de março de 2008.

Muitos anos antes, jovem casal em que o marido tinha sido mobilizado para o chamado Ultramar como Aspirante Miliciano, a cidade, então Lourenço Marques, recebeu-me como eu desejava ser recebida: com trabalho.

Havia dois liceus no mesmo edifício: o de rapazes, que se chamava Liceu Salazar, e o de raparigas, que se chamava Ana da Costa Portugal.

Nessas duas escolas dei aulas de português, inglês e até francês, durante dois anos, enquanto o meu marido cumpria o seu serviço militar obrigatório.

Foram tempos em que tudo era novidade, porque África era-nos completamente desconhecida e, apesar da situação complicada que se vivia já no Norte do país, esse primeiro contacto com uma realidade tão diferente do nosso mundo em termos de vivência diária, pessoas, clima, paisagem, foi uma experiência que nos marcou para sempre e nos deixou saudades.

No meu caso essas saudades estavam muito ligadas às escolas onde tinha trabalhado.

Quando regressámos em 2008 e fui recebida numa escola que agora tinha mais de oito mil alunos e num tempo que tinha recuperado a paz, foi como se de repente os anos tivessem desaparecido e eu fosse de novo a professora de pouco mais de vinte anos que tinha sido muito feliz a dar aulas ali.

Por isso, quando me perguntaram como me sentia naquele momento tão es-



Escola Josina Machel, Maputo, Moçambique, março de 2008

pecial, praticamente não consegui falar. A custo disse: ‘Só me apetece chorar!’.
Claro que as lágrimas que me dificultavam a fala eram de alegria, das memórias que regressavam, de ver como o país estava a caminhar pelos seus próprios pés e a cuidar da educação do seu futuro.

E naquele momento a escola voltava a ser também minha, tão minha quanto deles. Eles que só sabiam de mim porque lhes tinham contado que aquela senhora que era agora mulher do Presidente da República de Portugal tinha, há muitos, muitos anos, sido professora ali.

Estavam a receber com cânticos de boas-vindas a mulher de um Presidente. Eu estava a regressar ao passado e foi dessa experiência que falei no encontro que tive a seguir com os professores e alguns alunos e tenho a certeza que o meu regresso à escola Josina Machel em 2008 foi um dos momentos mais fortes na minha vida de professora.

Regressei a Moçambique em 2012, para o Encontro da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Mais uma vez preparei uma visita à Escola Josina Machel, com o objetivo concreto de partilhar alguns livros da minha biblioteca pessoal, ligados à literatura e ao estudo da língua. O encontro foi mais íntimo, com um grupo de professores e alguns alunos.

Uma das professoras veio ter comigo e disse-me: ‘Fui sua aluna nos anos sessenta. Ainda recordo as suas aulas e se hoje sou professora a si o devo. Consigo encontrar a minha vocação’.

Mais um pequeno momento inesquecível na ‘minha’ Escola Josina Machel.”

Maria Cavaco Silva

Alemanha

Escola Oficial Europeia de Berlim, 5 de março de 2009

Notícia publicada no jornal Mundo Português a 16 de março de 2009

“Foi um dia diferente para os alunos de português da Escola Europeia de Berlim. No passado dia 5 de março de 2009 e no âmbito da visita do Presidente da República português à Alemanha, receberam uma visita muito especial: Maria Cavaco Silva.

Foi num ambiente de festa que a Primeira Dama revelou estar orgulhosa e feliz por estar em Berlim ‘com uma verdadeira representação do mundo português’.

Dezenas de alunos da Escola Oficial Europeia de Berlim receberam a visita de Maria Cavaco Silva no dia 5 de março e fizeram questão de presentear-lá com poemas, música, flores e, acima de tudo, muitos e muitos sorrisos.

Nesta escola há quem tenha nascido em Portugal, há quem seja filho de pais portugueses mas já tenha nascido na Alemanha, há brasileiros, moçambicanos, angolanos, guineenses e cabo-verdianas. E claro, há alemães. Mas o mais importante é que há uma coisa que os une: uma vontade imensa de falar e escrever português e conhecer melhor a cultura portuguesa.

Maria Cavaco Silva não quis deixar de incentivar esta escolha e fez-se acompanhar nesta visita por Gonçalo M. Tavares, talentoso escritor português que tem recebido vários prémios internacionais, e Simonetta Luz Afonso, Presidente do Instituto Camões, que ofereceu vários livros a esta escola.

Foi uma aula diferente. Simpática e visivelmente feliz por estar ali, Maria Cavaco Silva explicou que se sentia muito honrada em ouvir a sua língua junto de alunos de várias nacionalidades: ‘é com muita alegria que verifico que há muitos jovens, e outros já não muito jovens, que falam muitíssimo bem a minha língua, a nossa língua’, começou por dizer a Primeira Dama para fazer logo de seguida um pedido. ‘Quando estiverem a falar português nunca se esqueçam que é uma língua extremamente importante. A terceira maior, depois do inglês e do espanhol, a nível europeu’, contou aos alunos.

Maria Cavaco Silva enalteceu a importância da CPLP lembrando que não é apenas a língua que une milhões de pessoas, é também uma relação afetiva. ‘Nós temos um grupo que chamamos de CPLP, um grupo de povos de língua portuguesa, que inclui oito países e que vai desde a América Latina, à África, à Ásia, atualmente com a presença de Timor’, começou por dizer, acrescentando que ‘para lá da língua que nos une, nós temos uma relação afetiva muito forte com esses povos que continuam a entender-se a falar português. É como se não tivéssemos cortado os laços de intimidade que estabelecemos com eles ao longo de séculos. Continuamos a preocuparmo-nos, eles continuam a gos-

tar de vir a Portugal, continuamos a gostar de estar com eles, continuamos a gostar de ir passar férias lá ou a ter contactos económicos. É sempre qualquer coisa de especial!'.

A Primeira Dama lembrou os recentes acontecimentos na Guiné para exemplificar esta ligação: 'quando acontece alguma coisa, quando acontece algo de mau nesses países, como aconteceu agora na Guiné, uma coisa tremenda, nós em Portugal sentimos isso sempre como se fosse um pouco de nós que tivesse sido atingido, que tivesse sido ferido', disse.

Maria Cavaco Silva falou da importância da língua portuguesa ao longo dos séculos perante uma plateia que a ouvia atentamente. E falou também do escritor José Eduardo Agualusa para explicar como a língua portuguesa é bonita, diversificada e se pode entranhar no nosso corpo, no nosso mundo. 'Há uns dois ou três dias deu uma entrevista em que dizia o seguinte: *interesso-me desde há muito pelas diferentes variantes da língua portuguesa. Uma das coisas mais interessantes da nossa língua é a forma como ela se espalhou por geografias e se conseguiu afeiçoar a elas. Afeiçoou-se como os rios se afeiçoam à terra*', leu para os alunos Maria Cavaco Silva.

Os alunos de português da Escola Europeia de Berlim leram recentemente *O Cavaleiro da Dinamarca* de Sophia de Mello Breyner Andresen, algo que a Primeira Dama não esqueceu na sua conversa com os estudantes. E aproveitou a narrativa deste livro para lembrar que muitas vezes é a falta de comunicação que provoca a discórdia e muitas vezes a guerra. 'A língua é sempre uma ponte que nós estabelecemos para os outros', disse ainda.

Maria Cavaco Silva fez questão de perguntar aos alunos quais as razões que os levaram a escolher língua portuguesa. Com alguma timidez, natural da idade, alguns alunos explicaram que são razões familiares que muitas vezes estão por trás da escolha do português. Patrick, um dos alunos presentes, referiu também que a maioria dos pais querem que os filhos aprendam duas línguas e o português acaba por ser uma escolha natural por razões profissionais.

Antes de Gonçalo M. Tavares falar com os alunos, Simonetta Luz Afonso resumiu a história deste Instituto da Língua e explicou a todos os presentes a sua importância na divulgação da língua e cultura portuguesas. Depois foi a

vez do galardoado escritor falar aos alunos. O autor de *Jerusalém* referiu que este seu livro já foi traduzido em alemão e irá sair brevemente nas livrarias na Alemanha. Uma notícia que deixou todos visivelmente felizes!

No final da aula e depois de receber um quadro como recordação da sua presença na Escola Europeia de Berlim, Maria Cavaco Silva foi rodeada pelos alunos que quiseram tirar uma fotografia com a esposa do Presidente da República português. Depois saiu da sala com um sorriso no rosto de quem tinha gostado desta experiência. Por momentos a sala de aula confundiu-se com uma de qualquer escola em Portugal, já que apenas se ouviam palavras portuguesas entre os presentes. E não eram só os alunos que estavam visivelmente felizes com a presença de alguém tão ilustre e que tinha proporcionado uma manhã tão agradável.

Miguel Bernardo era um dos professores presentes e falou com *O Emigrante/Mundo Português*. Há um ano e meio a viver a sua experiência no estrangeiro, contou ao nosso jornal que os Alemães mostram muito interesse em aprender português. ‘Eles começam bastante cedo e acaba por ser mais fácil’, disse. Com 31 anos, Miguel Bernardo confidenciou ainda que acabou por ir para a Alemanha ‘um bocadinho por acaso. Era professor em Portugal e acabei por descobrir este trabalho e acabei por ficar’.

Num total de 870 alunos que estudam na Escola Europeia de Berlim, 67 são portugueses. Nesta escola, situada na Beuthstr. em Berlim, os alunos podem escolher entre nove diferentes combinações de línguas: alemão com Espanhol ou Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polaco, Russo, Turco e, claro, com Português.”

Turquia

Universidade de Ankara, 12 de maio de 2009

Notícia publicada no jornal Expresso a 12 de maio de 2009

“Maria Cavaco Silva defendeu hoje que ‘não há ponte mais sólida’ do que a língua, perante perto de meia centena de alunos turcos da Universidade de Ankara que começaram a aprender português há três meses.



Universidade de Ankara, Turquia, maio de 2009

‘É a maior alegria que eu posso ter: ver jovens na outra ponta da Europa a tentar aprender a minha língua, a língua de grandes poetas (...) a língua de Fernando Pessoa, a língua de Camões’, afirmou Maria Cavaco Silva, que acompanha o Presidente da República na Visita de Estado que este efetua desde hoje e até sexta-feira à Turquia.

Na Universidade de Ankara, a mulher do Chefe do Estado assistiu à assinatura de um protocolo entre este estabelecimento de ensino e o Instituto Camões com o objetivo de criar um curso de *Minor* em Estudos Portugueses e manter o Leitorado de Língua e Cultura Portuguesa na universidade turca.

Em seguida, Maria Cavaco Silva assistiu a uma aula do Leitor Tiago Paixão que, desde fevereiro, desenvolve com um grupo de 45 alunos um projeto com ‘novíssimos poetas portugueses’.

‘O objetivo do projeto é fazer chegar às mãos dos leitores turcos aquilo que de mais recente se faz em poesia em Portugal’, explicou um dos alunos, num português lido mas compreensível.

Todos os meses o Leitorado edita uma publicação que, em cada número, apresenta um novo poeta português. Dentro de dois ou três anos, será publicada uma antologia em livro, a primeira de poesia portuguesa na Turquia, com nomes como José Luís Peixoto, Paulo José Miranda, Catarina Nunes de Almeida, Rui Alberto, entre outros.

‘Se eu me sinto mais rica e emocionada e felicíssima por vos ouvir falar tão bem dos nossos poetas, o enriquecimento para todos vós é muito grande porque aprender uma língua nova é entrar também num mundo novo que está aberto a todos’, referiu.

A mulher do Chefe de Estado salientou que o português ‘é uma língua que dá pontes para a África, para a América Latina, para o Oriente’.

‘Não há ponte mais sólida, apesar de extraordinariamente frágil, do que uma língua, não há ponte mais rica para vos unir ao resto do mundo, novíssima hoje aqui na vossa aula mas velhíssima na Europa’, sublinhou.

O pouco tempo de aulas ou a timidez dos alunos fez com que ainda não conseguissem responder ao apelo de boas-vindas de Maria Cavaco Silva. Ou, pelo menos, em português.

‘Bienvenida’, saudou uma das alunas.

Ainda assim, no final da aula, e questionados sobre se entenderam as suas palavras, Maria Cavaco Silva ouviu um ‘sim’ em coro, que disse enchê-la de orgulho.

‘Não como mulher do Presidente da República, isso é apenas um acidente de percurso, mas como professora que eu fui a minha vida inteira’, salientou.”

China

Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, 16 de maio de 2014

Notícia publicada no jornal Expresso a 16 de maio de 2014

“Maria Cavaco Silva dá aula de poesia a alunos chineses.

A mulher do Presidente da República falou sobre Sophia de Mello Breyner e Camões.

A aula de poesia da Primeira Dama portuguesa resultou em pleno, perante a vintena de alunos chineses presentes na sala.

Maria Cavaco Silva deu esta sexta-feira uma aula de poesia a alunos chineses. Foi na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, a alunos da licenciatura em Estudos Portugueses, e versou sobre Sophia de Mello Breyner Andresen, a sua ‘poeta preferida’, e Camões, o ‘pai da poesia portuguesa’, como afirmou.

Falou devagar. Fez os estudantes recitar. E brincou com eles. Apresentou Sophia como ‘a poeta da luz, da água e da beleza’, e Camões como ‘o poeta do amor’ – porque os alunos eram jovens e ela própria ‘estava sempre apaixonada por muitas coisas’.

‘É a descoberta do amor com Camões, a descoberta do mundo com Sophia e a descoberta destes magníficos alunos’, disse a mulher do Presidente da República durante a curta aula, que durou cerca de meia hora.

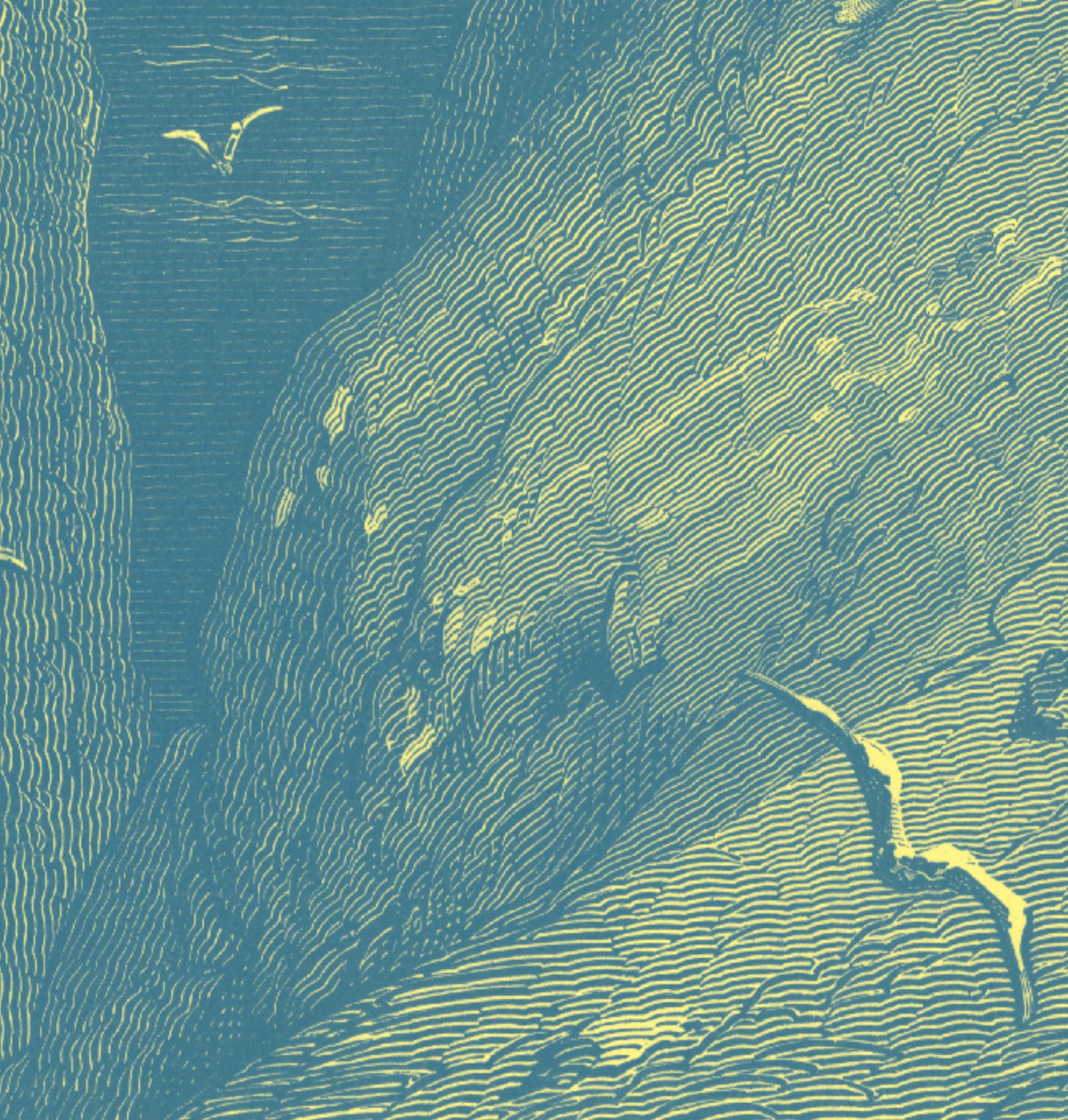
A iniciativa, que resultou do grande pendor na língua e na cultura que Cavaco também quis imprimir nesta visita oficial, resultou em pleno perante a vintena de alunos presentes na aula. Em diferentes anos, surpreenderam pela correção com que falavam o português.

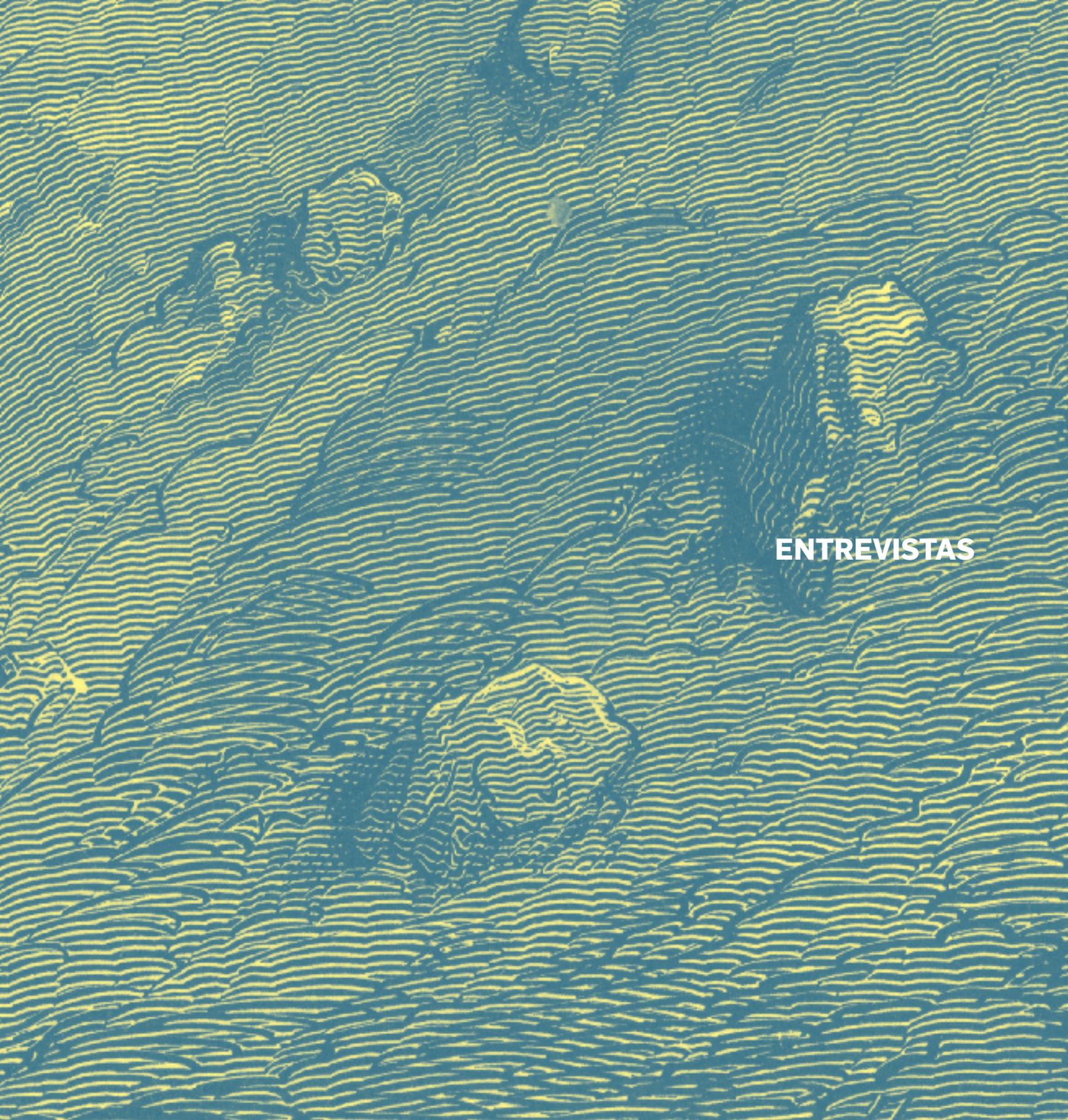


Todos adotaram nomes portugueses, como é costume na China. Assim, Rui, já no quarto ano, considerou a aula 'bastante boa' e Mário, com mais algumas dificuldades de expressão na língua, 'surpreendente'. 'Ela é muito boa professora, ensina muito bem', concordaram ambos.

Maria Cavaco Silva, professora universitária já reformada, disse que tinha pensado a aula como ponto de partida bilingue (os alunos leram um poema de Sophia em português e em chinês) e como uma oportunidade de 'trazer a paixão suprema pela poesia portuguesa'.

Aos jornalistas, revelou depois que achava importante que também os jovens portugueses aprendessem chinês. Questionada sobre o facto de tantos jovens terem de sair do país, respondeu que 'nós saímos sempre, é a abertura a um mundo de oportunidades.'"





ENTREVISTAS



Revista “Visão”, 7 a 13 de dezembro de 2006

Texto de **Áurea Sampaio e Sónia Sapage** | Fotografias de **Gonçalo Rosa da Silva**

“Não caímos aqui de para-quedas”

Diz que não vai ter posição pública sobre o aborto, mas defende que a atual lei é boa. É contra a legalização da prostituição e contra as quotas, porque não se sentiria bem a ocupar um lugar apenas para cumprir uma percentagem. Eis Maria Cavaco Silva, sem tabus.

O gabinete ainda está tal e qual a sua antecessora o deixou. Um tapete de Arraiolos, meio remendado, uns sofás desbotados, de cor indefinida, e uma cortina pesada que não ajuda a deixar passar a luminosidade. Maria Cavaco Silva, sessenta e oito anos, bem desejaria renovar o espaço, a seu gosto. Mas o orçamento não dá para essas extravagâncias. A opção foi acrescentar elementos que ajudem a criar um ambiente mais personalizado: fotos da família, alguns quadros, um candeeiro e flores. Durante quase duas horas, a Primeira Dama, ou melhor, a mulher do Presidente da República, como prefere ser tratada, não se furtou a nenhuma pergunta. Na sua primeira entrevista desde que chegou a Belém, assume-se politicamente como sendo de centro-esquerda, solta uma gargalhada quando a qualificam de católica-conservadora e propõe-se ser mais pró-ativa do que reativa, nas funções que vai desempenhar até ao final do mandato de Cavaco Silva. Por agora, em vez de poemas, dedica-se a escrever os seus próprios discursos a lápis, em pequenas folhas que manda guardar religiosamente. Mas não abdica de continuar a receber os netos, ao fim de um dia de trabalho. Como aconteceu, depois de falar com a *VISÃO*.

É verdade que lhe chamavam Delgadinha por ter sido apoiante de Humberto Delgado?

[*Gargalhada*] Verdadíssima. Em 1958, tinha vinte anos e estava na Universidade. Eu era muito revolucionária e, quando Humberto Delgado se candidatou, houve um entusiasmo fantástico e eu embarquei muito na onda do entusiasmo. E como, fisicamente, era muito magrinha, os meus amigos da Faculdade de Letras começaram a chamar-me *Delgadinha*.

Enquanto apoiante, teve alguma participação ativa?

Quando, agora, olho para trás, acho que não fazia grande coisa. Todos nós fazíamos muito pouco, na altura. Conversávamos muito, barafustávamos muito, seguíamos as notícias com muito entusiasmo, mas atividades políticas como nós as entendemos hoje... nem havia base para isso. Não havia estruturas.

Nunca andou a angariar apoios?

Não, não. Era muito mais na base da conversa.

O que a entusiasmou em Humberto Delgado?

A ideia de mudança e aquela frase-chave: “Obviamente, demito-o!”. A hipótese de, pela primeira vez, podermos assistir a umas eleições a sério era extremamente entu-

siasmante para a juventude daquela época. Depois, o que veio a acontecer não foi propriamente isso.

Disse, numa entrevista, que desde muito nova foi uma pessoa politizada. De que forma se interessava pela política?

Era, essencialmente, tomando partido. Porque, no fundo, restava muito pouco. No meio universitário, no meu grupo de amigos, acabei por ser um bocadinho prejudicada, porque a Faculdade de Letras, naquela altura, estava tomada por pessoas que eram muito conservadoras, especialmente o professor Gonçalves Rodrigues. E eu fui prejudicada por isso.

Prejudicada como?

Em termos de nota. Fui prejudicada. Quando acabei o curso e defendi tese, é que comecei a perceber determinadas coisas que tinham acontecido, em termos de notas. Mais tarde, vieram dizer-me que para me passarem a carta de curso tinham ido informar-se junto de alguém, na PIDE. Portanto, houve ali algum registozinho que ficou das minhas ingenuidades políticas. Porque eu não era perigosa, como calculam.

Nessa altura, não participou em greves?

Não me lembro de nenhuma greve, na minha faculdade. E, provavelmente, se houvesse greve, eu não participaria, porque gostava imenso de ir às aulas. Achava que isso não era uma forma muito inteligente de apoiar a Revolução. Muito pelo contrário, trabalhar, insistir, é que é a forma de ser revolucionário. Isso de parar, não é comigo. Isso enquadra-se numa frase sua: “Acordei muito cedo para uma situação com a qual não concordava”. Como encarava, na altura, o Antigo Regime?

Encarava muito mal. E, a propósito, lembro-me de uma cena que me marcou, ainda antes de entrar para a Fa-

culdade. Estava de férias no Algarve, em casa de um dos meus avós, quando uma senhora me disse que tudo o que eu era ao Salazar o devia. E eu respondi: “Não, não!”. Havia muito a ideia de que os jovens que conseguiam ter uma situação promissora e singrar na vida – e, nessa altura, a minha vida era considerada interessante, pois já estava no Liceu, era muito boa aluna e, na aldeia, toda a gente o sabia – ao Salazar o deviam. Eu barafustei imenso, dizendo que não, que o devia a mim e aos meus, que estavam a lutar comigo. Havia essa tendência de atribuir as coisas boas ao Salazar e isso nunca me passou pela cabeça.

Sentia-se da oposição?

Completamente! Não interessava se éramos comunistas ou não. O que interessava é que nos sentíamos todos da oposição.

Viveu três anos em Inglaterra, em York, onde o seu marido foi tirar o doutoramento. Quando chegou lá, sentiu a diferença, o choque cultural, político e social?

Sim, sim. Sobretudo o político. Pela primeira vez, e tínhamos longas conversas sobre isso, sentíamos que estávamos a viver numa democracia e isso foi extremamente interessante.

E contribuiu para a sua aprendizagem democrática?

Para a nossa aprendizagem democrática! Sem dúvida nenhuma. Pela primeira vez, estávamos os dois a viver o dia a dia numa democracia adulta. Havia manifestações de estudantes contra a Ministra da Educação, que, na altura, era a Margaret Thatcher. Nós adorávamos aquilo. *[Risos]* Como é que viu o 25 de Abril? Ainda estava em York?

Não, já tínhamos regressado. Estávamos em York, no 16 de março. E, mais uma vez, ficámos muito excitados. Tínhamos lá um pequeno rádio, em que ouvíamos as notícias de Portugal, mas ouvia-se mal. Não tínhamos tele-

fone em casa, recebíamos uma assinatura do *Expresso* e, mais uma vez, pensámos: “Não há dúvida. Isto é eterno. O homem [Salazar] já se foi embora, já morreu e, pelos vistos, o Marcello não conseguiu aquilo que desejávamos e agora houve uma nova tentativa e nada feito”. Quando desembarcámos em Lisboa, a 14 ou 15 de abril, não sabíamos muito bem como estava a situação. Envolvemo-nos na grande preocupação de passar duas crianças da escola inglesa para a portuguesa e nem tivemos muito tempo para nos sentarmos, com o nosso grupo de amigos, a comentar o assunto. Conseguimos arranjar um colégio e os meninos iam começar as aulas precisamente na manhã de 25. Nesse dia, por volta das seis e meia ou sete horas, recebemos um telefonema do meu tio, que começava a sua atividade de inspetor da Carris muito cedo, a dizer: “Não mandem as crianças para a escola. Há qualquer coisa no ar”.

Foi a alguma manifestação?

Fui, a várias. Uma de que me lembro, onde fui com o meu marido, foi aquela da Fonte Luminosa, a apoiar o Dr. Mário Soares, que estava a defender, com unhas e dentes, o caminho para a democracia.

Como encarou a entrada do seu marido na política?

Mal, obrigada.

Porquê?

Fundamentalmente por isto: o meu marido tinha investido na carreira de professor universitário. Toda aquela preparação tinha sido longa, dura, mas vitoriosa e, quando fui confrontada com o professor a entrar na política, não estava preparada para isso. Eu até achava que ele não teria jeito... E nunca mais me esqueci da frase que disse ao Sá Carneiro: “Então o meu marido investe uma vida inteira para ser professor universitário, já fez o dou-

toramento, a agregação, está à beira de ser professor catedrático, e agora vai para Ministro das Finanças?”. E a resposta foi: “Professores universitários há muitos, mas para Ministro das Finanças, eu só quero o seu marido. E isso é mais importante para o País do que ele ser professor universitário”. Não tive resposta para lhe dar. Ele estava rigorosamente convencido de que o Aníbal era muito importante para Portugal. E o Sá Carneiro pensava, sobretudo, em termos de País.

Isso significa que ainda tentou interferir junto de Sá Carneiro para ver se ele retirava o convite?

Disse o que achava que tinha de dizer, porque gosto de dizer o que penso.

E, antes disso, quando o professor Cavaco se filiou no PSD?

A filiação num partido não tem problema nenhum. Era o processo cívico, normal e democrático, uma conquista que a Revolução nos tinha dado. Quando eu digo “mal, obrigada” é quando vejo as coisas no concreto, como Ministro das Finanças. Isso de estar filiado num partido, ter reuniões à noite até às quinhentas, dar o seu apoio técnico, não levantava problema nenhum. Eu achava que o meu marido era muito bom tecnicamente, mas, na altura, eu não sabia, e ele também não, que tinha tanto jeito para a política como tem, afinal.

Porque não se filiou também?

Eu não posso filiar-me. Não posso, porque não quero. Nem tenho clube de futebol nem partido. Quero estar com a cabeça completamente livre.

Se lhe pedissem para se definir politicamente, dir-se-ia de direita ou de esquerda?

[Pausa] Já fui de esquerda, quando era muito necessário. Agora, diria que sou de centro-esquerda.

Porque se define de centro-esquerda?

A esquerda corresponde mais a um ideal de pouca concretização. Com a direita não me identifico, porque, apesar de não ter partido, tomo atenção ao que eles vão dizendo e fazendo e não me identifico com os de direita. De maneira nenhuma. Também não me identifico com as posições dos partidos completamente à esquerda. Há determinados valores que me permitem dizer que sou de centro, porque são o fiel da balança, o equilíbrio da virtude. E de esquerda porque, como me sinto muito afastada do que os partidos de direita defendem, prefiro dizer que sou de centro-esquerda.

Por causa das políticas sociais, por exemplo?

Completamente. Políticas sociais, valores éticos, valores familiares e mesmo religiosos. É por aí que eu me defino. **Mas, normalmente, são a direita e os conservadores que se identificam mais com os valores da religião ou da família...**

Mas porque é que os valores de família não de ser conservadores? Poderão ser conservadores no sentido em que conservam determinadas coisas que eu considero fundamentais.

É interessante a forma como se define, porque há quem a considere uma católica conservadora. Sente-se confortável com esse fato?

Não sabia que diziam isso, mas até me dá vontade de rir. É um fato capaz de me ficar um bocadinho largo. Largo ou estreito, não sei. Agora, há a tendência para se dizer que se a pessoa é católica, é logo conservadora. Eu sou conservadora em determinados aspetos que é bom conservar: os valores familiares e a luta pela solidariedade, de uma forma consciente. Mas a definição de conservadorismo está hoje muito ligada à família, dada a desagrega-

ção familiar a que todos nós assistimos. Se calhar, chamam-me isso porque tenho um casamento de quarenta e três anos, o que, agora, é uma raridade. Mas é preciso ver que esse casamento não é nem de conveniência nem de fachada. É um casamento de amor.

Tem dado uma ajuda preciosa ao seu marido. Em 1985, depois de ele vencer o Congresso da Figueira da Foz, ajudou-o a escrever o discurso da vitória. Conte lá esse episódio.

Lembro-me perfeitamente disso. O hotel era péssimo, o quarto era muito pequenino e nós não tínhamos onde escrever. Escrevíamos em cima da cama. E como aquilo foi completamente inesperado, não havia discurso, nem tempo nenhum para o escrever. Então, ele disse-me: “Ajuda-me aqui”. E deu-me uns temas. Deve ter-me dado os que sentia que eu era capaz de desenvolver, talvez juventude, já não me lembro. Eu creio que ele tem essas folhas guardadas. Há umas com a letra dele e outras com a minha. Depois, fizemos a montagem.

Ajudou-o a escrever outros discursos?

Fundamentalmente, eu faço a verificação dos discursos de um ponto de vista da construção de frases, vírgulas, pontuação. O meu marido escreve muito bem.

Incentivou-o a escrever a autobiografia política. Porque achou isso importante?

Ah, era muito importante por uma questão de história. As pessoas que tiveram a experiência que o meu marido teve têm a obrigação cívica de a registar. Não era muito um hábito, em Portugal, felizmente vai sendo mais.

Alguma vez conseguiu que o seu marido mudasse de ideias em relação a uma política?

Não. Acho que corre essa ideia que eu, às vezes, governo por interposta pessoa. É errada.

É mais uma questão de as pessoas se influenciarem mutuamente.

Já disse e é verdade: as pessoas que têm uma relação tão longa e uma relação que é francamente boa, influenciam-se uma à outra. Mas essa influência vem *a priori*, já faz parte da nossa vivência.

Quando o professor ganhou as primeiras eleições, alguma vez pensou que ele ia ficar dez anos no Governo?

Não, até porque toda a gente dizia que aquilo era uma coisa passageira.

Desse período todo, qual foi o momento mais difícil que viveu?

Houve vários momentos difíceis. Toda a gente fala na questão da Ponte. Esse foi um momento espetacular, já com a influência de uma comunicação social que trabalhava de forma diferente, com helicópteros. Teve impacto na população, mas talvez não tenha sido o mais difícil.

Não se lembra de nenhum?

Não, de momento, não.

Nos momentos de contestação, alguma vez aconselhou o seu marido a sair?

Não me lembro de o ter feito. E também não acho que os momentos de contestação sejam os momentos para sair, muito pelo contrário, são os momentos para ficar.

A certa altura, a família mudou-se para São Bento. Isso para muita gente é uma situação glamourosa...

[*Gargalhada*] Só para quem não foi lá.

Gostou?

Não, não era nitidamente uma situação glamourosa, era francamente má, sob o ponto de vista habitacional. Vivíamos lá em cima, nas águas-furtadas, em condições más, mas foi necessário. O andar, na Travessa [do Possolo], tinha, e continua a ter, más condições de segurança, mas

havia outra razão: os meus filhos eram muito jovens, estavam a iniciar a faculdade, e o meu marido estava tantas horas em São Bento, que nunca se encontravam. Ali, talvez eles se conseguissem encontrar.

Tendo origens familiares modestas, sentiram-se preparados para entrar num mundo completamente diferente, para lidar com questões protocolares?

Uma pessoa nunca está preparada para tudo na vida, mas, em democracia, isso acontece muitas vezes. Tanto um como outro tínhamos uma preparação cultural muito forte e isso é meio caminho andado. Agora, preparados para os protocolos, não estávamos.

Tiveram alguma ajuda?

Não. Preparação protocolar não havia, nem creio que haja.

Nem nunca a solicitou?

A quem? Nem saberia... Não sei se o Lech Walesa solicitou, ou o Lula, cujo *background* era bem mais problemático, nesse aspeto, do que o nosso.

Começou a dar aulas aos vinte e dois anos e passou por muitas escolas...

Passei. Comecei a dar aulas, ainda antes de entregar a tese, num colégio que era perto do Maria Amália, As Droteias. Comecei muito cedo a dar explicações, que eram um meio para ajudar as pessoas com fracos recursos a avançar. Eram as explicações, a isenção de propinas e as bolsas de estudo.

Beneficiou sempre de tudo isso?

De bolsas de estudo não, mas nunca paguei propinas e, como era boa aluna, comecei, desde cedo, a ser solicitada para dar explicações. Depois, quando entreguei a tese, o primeiro sítio para onde fui trabalhar foi o Liceu Passos Manuel. No ano seguinte, fui para uma espécie de um

prolongamento do Liceu Dona Leonor, o Rainha Dona Amélia, e, depois, para o D. João de Castro. A seguir, fui para Moçambique e aí trabalhei no Liceu Salazar, para rapazes, e no Dona Ana da Costa Portugal, para meninas. **Quando vai para York, dá aulas de Português a estrangeiros...**

Com a preocupação de não ganhar um *penny*, porque era proibido. Tínhamos de assinar um papel logo no aeroporto.

... e quando regressa a Portugal vai, passado pouco tempo, dar aulas para a Universidade Católica, onde ficou até agora. Qual foi a sua experiência profissional mais gratificante?

A Universidade Católica é a minha casa.

Como professora, como vê o ensino da língua, hoje?

Estamos a assistir a uma grande revolução na utilização da língua. E o momento em que essa revolução se dá é sempre confuso. Essa revolução advém da introdução das novas tecnologias, dos computadores... Alguém já disse que a revolução que Saramago faz na linguagem se deve à influência do computador, mas não concordo. Até porque, quando ele escreve o *Memorial do Convento*, em 1982, os computadores ainda não tinham a importância que têm hoje. Agora, há toda uma comunicação através do SMS, portanto, estamos em plena mudança. Temos de esperar para ver.

Gosta de Saramago?

Gosto. *O Memorial do Convento* é um romance extraordinário. Depois há outros de que já não gosto tanto. Mas, para mim, o *Memorial* é um marco na Literatura Portuguesa.

Continua a escrever poemas?

Agora tenho escrito mais discursos.

Escreve os seus discursos?

[*Risos*] Tenho ali uma pilha de folhinhas destas [*mostra um pequeno bloco-notas*] escritas a lápis e costumo mandar guardá-las que é para se alguém disser que não fui eu a escrever, aí estão os papéis a provar que fui.

Porque nunca publicou os seus poemas? Acha que são maus?

Talvez não sejam suficientemente bons.

Que pensou no dia da tomada de posse, quando subia a rampa do Palácio do Belém?

Nessa altura, não se pensa nada, nem se sente. Tem que se fazer, faz-se, mas tem de haver um certo distanciamento. Até porque, se se pensa demais, corre-se o risco de ficar paralisado.

Mas sentiu mais agora ou em 1985, quando o seu marido chegou a Primeiro-Ministro, que ia haver uma mudança radical na sua vida?

Em 1985, sem dúvida.

Agora sente-se mais preparada?

Sim, já há toda uma estrada. Como costumamos dizer, o meu marido e eu, aqui, onde estamos, não caímos de para-quedas. Em 1985 tínhamos, de facto, aterrado, sem saber muito bem o que nos estava a acontecer. Não é que houvesse, da nossa parte, qualquer atitude inconsciente, porque nenhum de nós o é, mas, nessas circunstâncias, será bom pensar: estamos aqui para fazer o melhor que soubermos e pudermos. Temos certas capacidades, portanto, vamos pô-las ao serviço do País.

Em 2004, no lançamento do 1º volume da *Autobiografia do seu marido*, confessou que se sentiu aliviada, quando ele saiu da política. E atualmente, sente-se como o “criminoso” que voltou ao lugar do crime?

Não, o local é diferente. [*Risos*]

Que papel teve neste regresso?

Nenhum. Se o meu marido chega à conclusão de que o caminho é candidatar-se a Presidente da República, eu não me vou pôr a dizer: “Não, nem penses nisso...”.

Ajudou-o, por exemplo, a pesar os riscos de uma derrota?

Riscos de uma derrota? Não havia riscos nenhuns, se houvesse a derrota continuávamos a nossa vida que estava tão boa, tão saborosa, a viajarmos, a irmos a Veneza celebrar o aniversário do nosso casamento...

Mas não lhe custou a derrota de 1996?

[Pausa] Não.

Disse uma vez que o facto de ser mulher do Primeiro-Ministro não lhe conferia qualquer poder. E agora?

Poder, acho que não, mas posso ter mais utilidade, enquanto mulher do Presidente da República. Até porque, nos dez anos que estivemos em S. Bento, eu estava tão envolvida no meu trabalho, tinha um horário tão pesado na Universidade Católica, com tantos alunos e tanto que fazer... O que é que eu fazia lá? Acompanhava-o quando podia.

Então aqui pode ter outro papel, não é um mero ornamento?

Não, aliás, não tenho feitiço para ornamento.

O facto de não haver uma retribuição patrimonial para estas funções, não diminui esse papel?

Mas como é que se dava uma retribuição à mulher do Presidente? Não estou a ver como.

Não considera o seu papel aqui como um trabalho?

É um trabalho.

Então por que razão não podia ser, legalmente, consagrado um vencimento?

Legalmente já há uma conquista, que é este sítio onde es-

tamos. A D. Maria José [Ritta, mulher de Jorge Sampaio] foi a primeira a ter um gabinete com uma secretária e uma adjunta. É uma grande conquista. É provável que seja injusto, pois a mulher do Presidente tem uma dose enorme de despesas que acabam por cair em cima do ordenado do PR, como é lógico, mas não estou a ver como se ultrapassa isso. Até pode haver um PR que não tenha mulher e, nesse caso, se fosse viúvo, solteiro ou divorciado, saía mais barato.

A mulher do PR tem uma agenda própria?

Tem.

E é uma agenda complementar à do PR, ou não há qualquer articulação?

No meu caso, a mulher do PR tem duas atividades paralelas. Uma é de acompanhamento quando acho que a minha presença poderá ser boa para a ação do Presidente, sobretudo nos domínios da cultura e da solidariedade. Outra é a minha agenda própria e pessoal, que é de complementaridade.

E quais são os temas centrais dessa sua agenda?

Tudo o que seja solidariedade social. Gosto de o fazer e as pessoas também esperam que a mulher do Presidente lhes leve esse suplemento de afeto. E, claro, atividades culturais.

Esse mero complemento/prolongamento da atividade do seu marido não acaba por traduzir as clivagens de género que existem na sociedade?

Nos locais onde vou, as pessoas veem que a minha atividade traduz uma presença pessoal, forte, e que sei o que estou a fazer. Mas a mulher do PR não foi eleita, tem de ser apenas um complemento, se o entender. As pessoas sabem que, quando ela aparece, pode dar-lhes visibilidade, mas apenas porque ela é mulher do Presidente. Por isso, tenho a preocupação de escolher as causas mais

escondidas, mais pobres. Depois, há atividades que já iniciei, mas não vou falar ainda sobre isso... em que quero ser não apenas reativa, mas pró-ativa.

Criticaria a mulher de um PR que optasse pela sua profissão e não aceitasse cumprir este tipo de papel?

Achava isso perfeitamente normal, sobretudo se fosse jovem e ainda estivesse longe da reforma. Agora, se o povo acharia, já não lhe sei dizer.

Há mesmo igualdade de oportunidades entre homem e mulher, em Portugal?

Agora, já acho. As pessoas dizem que a mulher tem de ser sempre melhor que o homem para chegar aos lugares...

Como explica, então, que, sendo cada vez mais as mulheres maioritárias, em termos de grau académico, a isso não corresponda igual presença em lugares de topo?

Já há muitas.

Podem apontar-se quase a dedo. Nas empresas, então...

Para já, talvez não queiram. Lá está a questão das quotas. Não se pode obrigar as pessoas a irem para determinados lugares porque são mulheres, mas, sim, porque têm capacidades. Depois, há aquela questãozinha biológica a que não conseguimos dar a volta: ter os filhos nove meses na barriga, querer amamentá-los e, apesar de haver cada vez maior partilha de tarefas em casa, há determinadas coisas...

Mas a maternidade não devia ser considerada uma função social?

Sem dúvida nenhuma.

Então, a mulher não deve ser penalizada por isso.

Totalmente de acordo e espero que consigamos as condições para lá chegar.

Acha que as mulheres, por exemplo, não estão nas administrações das empresas porque não querem, ou porque não são consideradas socialmente disponíveis para essas funções? É que se não são consideradas socialmente disponíveis, tal quer dizer que a sociedade não as encara de forma igualitária.

Mas os homens e as mulheres não são iguais.

Em termos de igualdade de oportunidades não deveriam sê-lo?

Acho que as pessoas têm de fazer as suas escolhas. Quando querem, seguem as suas carreiras.

Concorda com a existência de quotas para a participação das mulheres na vida política?

Para cumprir uma percentagem? Não me sentiria bem.

É católica praticante e eu pergunto-lhe: qual é a sua relação com a Igreja? Segue acriticamente as posições da hierarquia?

Não tenho que concordar rigorosamente com todas as posições da hierarquia.

O aborto está na agenda político-social. Qual é a sua posição sobre o assunto?

Não vou ter posição pública. Digo-lhe apenas que temos uma boa lei.

E sobre a legalização da prostituição?

Sou contra.

Qual a marca que quer deixar em Belém?

Ainda estou aqui há pouco tempo. A marca vai-se fazendo com o caminho que se vai percorrendo.

Não tem um programa?

Por dentro.

Então tem uma agenda escondida.

A minha agenda é pública. Sei aquilo que quero fazer. Não posso vir dizer, ao fim de oito meses, que quero isto

ou aquilo, até porque as coisas não dependem só de mim, mas de muitas circunstâncias. Quando chegar ao fim, ver-se-á o que consegui fazer.

Há alguém lá fora ou cá dentro que constitua um padrão ou uma referência para si?

Não me reajo por padrões. Eu sou aquilo que sou e as pessoas cumprem de acordo com a sua personalidade e o seu trajeto de vida.

À queima-roupa

Nos primeiros oito meses, já recebeu 176 convites e 267 cartas e *e-mails*. O que mais lhe pedem é ajuda financeira.

Quantas solicitações já teve desde que chegou aqui?

Até 30 de novembro, 176.

E aceita todas?

Não.

Qual o critério?

Quando chega um convite passível de aceitação, é pedida uma opinião à Casa Civil.

O que rejeita logo?

Só se for algo disparatado. Mas não posso responder cabalmente, pois não me chega tudo.

Como é que uma pessoa que nunca foi apreciadora de eventos sociais convive agora com essas obrigações protocolares?

Tem de se fazer, faz-se.

Quantas cartas já recebeu?

267 cartas e e-mails, em oito meses.

O que mais lhe dizem as pessoas que lhe escrevem?

Pedem ajuda.

Financeira?

Sim. E, às vezes, de uma forma muito concreta.

Tem assessor de imagem?

Não.

Não acha isso importante?

Para quê um assessor de imagem? Só tenho de ser aquilo que sou.

Aceita de bom grado conselhos sobre a sua indumentária?

[*Risos*] Só aceito os conselhos que vêm ao encontro daquilo de que eu gosto.

Passa muito tempo a provar vestidos?

Mais do que desejaria.

O que mudou no seu guarda-roupa desde que está em Belém?

A quantidade.

E os comentários constantes sobre a sua roupa, incomodam-na?

Não os leio, sequer.

Se a convidassem a ir à ModaLisboa, ia?

Não sei, vamos lá ver.



Revista “ACTIVA”, março de 2008

Texto de **Alice Vieira** | Fotografias de **Rui Vasco**

“Tenho saudades das viagens românticas com o meu marido”

Podem vê-la pelos supermercados. Não se acanhem: deem-lhe uma palavrinha, que ela gosta. Podem até pedir-lhe opinião sobre lâmpadas, assunto em que é perita. Poderia ter continuado a carreira universitária, mas escolheu ficar junto do marido. Chama-se Maria Cavaco Silva e é Primeira Dama de Portugal.

De uma simplicidade desarmante, a nossa conversa decorreu entre chávenas de chá, algumas gargalhadas, numa tarde a ameaçar chuva e a fazê-la recordar os tempos de Inglaterra. Onde foi muito feliz. E onde conseguiu a suprema proeza de pôr os ingleses a comer sopa.

É mulher do Presidente da República. Influencia-o nas decisões que ele toma?

Claro! Tal como ele me influencia a mim. É impossível um casal com este longo trajeto não se influenciar mutuamente. Temos uma ligação fortíssima, estamos casados há quarenta e quatro anos!

Então não deixa o trabalho sempre do lado de lá da porta...

Tentamos levar aqui a vida que levávamos antes. Quando fomos viver para S. Bento, eu disse: “Aqui no segundo andar não entra o Primeiro-Ministro”. E tentávamos que o resto ficasse de fora. Ainda ontem os meus filhos comentavam: “O pai tinha nessa altura uma vida difícil, mas chegava a hora de jantar e perguntava sempre pelos nossos testes, sabia todos os exames que fazíamos, nun-

ca se esquecia de nada”. Esse foi o nosso objetivo quando decidimos ir viver para S. Bento.

A determinada altura eu comecei a ficar com os cabelos em pé – calma aí! – este menino e esta menina nunca encontram o pai, e isso não é aconselhável. Portanto, a saída era irmos todos viver para S. Bento. Mesmo que ele subisse mais tarde, via-os sempre e conversavam, e eles ainda hoje recordam a atenção que ele lhes dava, apesar das preocupações e do cansaço. E posso dizer que isso é o cimento da nossa família.

Em alguma altura pensou que ia chegar aqui?

É muito difícil encontrar uma altura concreta. Quando da primeira eleição para Presidente, em 1996, o meu marido candidatou-se por dever nacional e partidário. Dizia: “Ninguém no partido me vai perdoar se eu não me candidatar agora”. Mas não tive ilusões: sabia que era para perder. Tinha havido um trajeto difícil, as pessoas estavam muito zangadas. E quando efetivamente ele perdeu, respirei fundo e pensei: “Vamos para casa, isto acabou”. Depois, quando é que eu tive a sensação de que se calhar as coisas não tinham acabado, isso não lhe consigo dizer.

Mas em jovem, por exemplo...

Ah, não! Nessa altura, nunca tal coisa me passou pela cabeça! Nunca! De resto, eu pertencço àquela geração dos anos 40 em que havia uma noção na juventude de que o Salazar era eterno! De que as coisas nunca iriam mudar! E a nossa ida para York (tínhamos pouco mais de trinta anos) foi um investimento muito sério para o meu marido cumprir o sonho da sua vida: chegar a professor catedrático. Quando, em 1980, ele toma posse no governo de Sá Carneiro como Ministro das Finanças, acabara de fazer o exame. Estava pronto para ser professor catedrático, tinha quarenta anos, e esse tinha sido o investimento da sua vida.

Com a sua licenciatura em Filologia Germânica, via-se a seguir o seu marido também numa vida académica...

Era isso mesmo. Até porque pouco tempo depois de termos chegado de Inglaterra eu estava a dar aulas na Universidade Católica.

Como foi a sua vida em York?

Difícil, claro. O *campus* era afastado da cidade, numa aldeia, e assim que cheguei, pensei, e agora o que é que eu faço aos meus filhos? Tinham quatro e cinco anos. Disseram-me que os levasse à escola da aldeia, e eu lá fui, e expliquei o que estávamos lá a fazer. A diretora disse-me que os deixasse lá ficar logo nesse dia. Assim, com esta facilidade toda, sem pedir documentos, sem pedir nada. E ficaram. E tenho a certeza de que foi uma vida muito feliz para eles.

Foi uma vida feliz também para si, mas de muito trabalho...

Claro! Em Portugal tinha tido sempre a ajuda de uma empregada, mas lá... Eu uma vez estava a falar disso com a mulher de um professor inglês, mais velha do que eu, e ela olhou para mim espantada, e disse: “Empregada? Ah,

sim, os meus pais ainda me falaram nisso, depois da Primeira Guerra ainda havia; agora depois da Segunda, nem pensar!” Trabalhei muito, a tomar conta das crianças e da casa, a cozinhar, e a passar a ferro mas queria fazer outras coisas. O pior é que, assim que nós chegávamos à universidade, havia um documento que nós, as mulheres dos estudantes, tínhamos de assinar, em que nos comprometíamos a não ganhar nem um tostão. Por isso olhei em meu redor a ver o que é que poderia fazer. E fiz muita coisa. Havia lá o Language Teaching Center, que tinha italiano, espanhol – mas português nem pensar! Então decidi: não há cá ninguém que ensine português? Ensino eu.

Ouvi dizer que a vossa casa era uma mini-embaixada portuguesa, onde nem sequer faltava o caldo-verde...

Era mesmo! Eu cozinhava brutalidades, levava imensas coisas daqui (bacalhau, feijão, grão) e dava imensos jantares aos colegas! Naquela altura, em Inglaterra, era tudo verdadeiramente “incomível”! Então eu fazia uns panelões de sopa (era uma coisa que eles nem sequer sabiam que existia...) e muitos colegas que passavam perto de nossa casa sentiam o cheiro, e perguntavam: “Maria, tens sopa?” E eu dizia “tenho, podes entrar”, e eles levavam uma tigela, e iam mais reconfortados... Eu até dizia que aquilo era a sopa dos pobres...

Viajaram muito nesses anos?

Muito, e foi muito enriquecedor para os meus filhos. York era a nossa placa giratória: de lá partíamos para outros países. Aproveitávamos sempre as férias da Páscoa e, em vez de irmos a Portugal, íamos conhecer outros lugares, a Escócia, a Noruega, a Dinamarca. Para não falar de outros lugares de Inglaterra, como, por exemplo, a região dos *moors*, que é a minha paixão!

A região das irmãs Brontë...

Outra das minhas paixões, sobretudo tudo o que diz respeito a Emily e ao *Monte dos Vendavais*. Não podia estar em Inglaterra e não ir ver os lugares que determinaram a sua vida.

Para uma algarvia, o clima britânico devia ser difícil de aguentar...

Nem queira saber... A falta de sol, a escuridão logo a meio da tarde, foi muito complicado. Mas eu via os meus filhos tão felizes, bem embrulhados a brincarem sempre lá fora, sem estarem minimamente perturbados com a chuva ou a falta de sol, que também acabei por me habituar. E também aproveitava o tempo para escrever um diário.

Para um livro de memórias, daqui a uns tempos?

Não, nunca será para publicar. Mas é o registo destes anos, a memória de mim e do tempo vivido, para um dia deixar à família. E isso continuo a fazer.

Falando do tempo vivido. Como foi a sua infância?

Sobre a minha infância pairou sempre a sombra terrível da tuberculose. Que naquele tempo era um estigma. A minha mãe morreu de tuberculose muito pouco tempo depois de eu ter nascido, tinha o meu pai vinte e poucos anos, e eu fui criada por uma tia a quem, segundo me contaram, a minha mãe, antes de morrer, me confiara. “Cria-a tu – terá ela dito –, porque a minha mãe não a vai criar como eu queria que ela fosse criada.” Depois andei em bolandas, de casa em casa, até que acabei por deixar S. Bartolomeu de Messines e vim parar a Lisboa, a esta aldeia que é Campo de Ourique, onde fui criada por um tio fabuloso! Foi como se eu tivesse tido dois pais – ele e o meu pai verdadeiro (que foi sempre um homem extraordinariamente infeliz)!

E que recorda dessa sua infância em Campo de Ourique?

Recordo-me de ser uma criança muito sozinha. E recordo-me da vontade enorme que sentia de aprender a ler. Perto da nossa casa havia uma escolinha e, se se pagasse vinte escudos, podia-se ir para lá. Ainda hoje me lembro de mim, muito pequenina, com aquela nota verde na mão. Mas a leitura foi uma descoberta e um fascínio! A partir do momento em que aprendi a ler, nunca mais me senti sozinha. Eu contei isto agora, numa escola onde fui, e até levei alguns dos meus livros desse tempo. Eram uns livros muito pequeninos, quadrados...

A coleção “Joaninha”!

Exatamente! E ainda havia outros, sem ilustrações nenhuma, com palavras difíceis, e eu lia aquilo tudo e, como tinha poucos, tinha de ler sempre os mesmos, e sabia-os de cor. Os livros foram sempre a minha companhia. E faziam-me sonhar, e imaginar coisas diferentes. Nunca me esqueci de um que se chamava *A Bruxa do Bosque*. Era a história de um menino que enfrentava a bruxa e que, para a vencer, se ia transformando em várias coisas até que, de repente, se transformou num morango. Lembro-me do meu ar espantado: um morango?! Como seria um morango? Está a ver... Em Lisboa, no Pós-Guerra, onde é que havia morangos? Eu nunca tinha visto um morango! Era mesmo preciso pôr a imaginação a funcionar. As dificuldades eram tantas, que nos tornaram mais argutos e mais capazes para a vida!

E hoje, tem tempo para ler?

Tenho. Não tanto como lia antes, mas tenho sempre tempo para um livro.

Deve ocupar mais o seu tempo com outras coisas.

As saídas constantes...

... E, onde quer que eu vá, as pessoas esperam sempre de mim umas palavras.

Tem alguém que lhe escreva os discursos?

Não. Sou eu quem escreve tudo. Ao princípio, confesso, senti algum receio. Pensei: meu Deus, vou ter de fazer discursos sobre tudo, falar sobre assuntos diferentes, sobre coisas que não domino, vou ter de pedir ajuda. Mas rapidamente percebi que não era isso que as pessoas queriam de mim. Discursos técnicos, isso é com o meu marido. De mim querem uma presença de afeto, de compreensão, e isso não me é difícil, porque eu interesso-me verdadeiramente pelas pessoas e pelos seus problemas. Cheguei à conclusão de que as pessoas não querem discursos, não querem que eu vá para lá cheia de números. O que elas querem é que eu seja eu. E é isso que eu sou. E, para isso, não preciso de mais ninguém. Muitas vezes nem levo nada escrito. Vou tomando apontamentos daquilo que outros disseram, de coisas que me chamaram a atenção e, depois, é sobre isso que falo.

Desde que chegou aqui, há muitas coisas que deixou de fazer. Não pode dizer “agora vou ali tomar um café”...

Não gosto de café.

Pronto, então um chá...

Bebo litros de chá aqui.

Então, digamos, não pode pegar no casaco e dizer “vou ali comer um pastel de nata”...

O pastel de nata é que vem ter comigo...

Tem a liberdade que tinha?

Bom, é verdade que não tenho, mas devo dizer-lhe que tenho muito mais do que o meu marido – e uso-a. Vou fazer compras ao supermercado.

Vai? Mas com outras pessoas atrás de si...

Não. Vou com um segurança, mais nada. Depois a minha adjunta telefona-me: “mas por onde é que anda?”. E eu: “ando no supermercado”. E ela grita: “mas não pode!”.

E eu continuo. Ela já sabe que não abduco de ter os pés na realidade. E também vou muitas vezes ao hipermercado comprar lâmpadas. Sou muito esquisita com as lâmpadas, com a disposição dos filamentos, e só há umas de que eu gosto, e é preciso procurá-las. Aqui, no Palácio, por exemplo, as lâmpadas estão todas erradas...

Alterou alguma coisa desde que aqui está?

Não há dinheiro para nada, quanto mais para remodelações! Mas tudo o que está nas paredes é meu. E as fotografias nas prateleiras. Dos meus filhos, dos netos, aquela ali tirada durante uma viagem a Veneza com o meu marido... Olhe, disso é que eu tenho muitas saudades: das viagens românticas com o meu marido. Disso é que eu verdadeiramente sinto falta. Porque continuo a ir aos supermercados quando me apetece, continuo a comprar as lâmpadas de que gosto, e as pessoas veem-me e vêm falar comigo. Não vou à Fnac porque sempre comprei os meus livros na livraria da Universidade.

Continua a ir à Universidade?

Não com a frequência com que ia, mas ainda lá vou muitas vezes, e todos os anos vou dar uma aula especial. Foi um acordo que estabelecemos. Quando o meu marido tomou posse, a 9 de março, eu tinha o meu curso todo a andar e disse: “Eu vou terminar de dar o meu curso”. E em junho terminei. E depois pensei no que iria fazer, porque durante os dez anos em que o meu marido foi Primeiro-Ministro eu sempre dei aulas e trabalhei muito. Como sabe, o ordenado dos políticos nunca foi muito grande, e o meu ordenado fazia falta em casa. E a mulher do Primeiro-Ministro não recebe tantas solicitações. Mas agora percebi que as coisas iam mudar.

Ser Primeira Dama é diferente?

Muito. Sobretudo porque acho que o meu dever é acom-

panhá-lo nas viagens que faz. Quando um Presidente da República viaja, está a representar Portugal, e acontece que este Presidente tem uma mulher, uma mulher que o ama e que ele ama e que quer estar ao seu lado. Quantas vezes, quando ele era Primeiro-Ministro, eu não o pude acompanhar porque tinha aulas. Ele ia e eu ficava. Mas agora tenho outra idade e quero estar com o meu marido.

A sua profissão ficou para trás?

Agora as minhas prioridades são outras. É claro que isto não é nenhum cargo, eu não fui eleita para coisa nenhuma, mas as pessoas vêm ter comigo e tenho de lhes dar atenção. Eu não posso, evidentemente, ir a tudo, mas há nas pessoas um verdadeiro desejo de terem a mulher do Presidente com elas. Aqui percebi que podia ajudar as pessoas pelo simples facto de estar a seu lado e ter um gesto de afeto. As pessoas estão carentes de afeto, e isso eu posso dar-lhes. E é o que eu tenho feito.

Foi isso que quis dizer quando estabeleceu, como seu lema, “dar voz a quem não tem voz”?

É verdade. As pessoas convidam-me não porque eu tenha alguma coisa para lhes dar, mas porque só a minha pre-

sença, às vezes, já é uma ajuda. Onde eu vou, vai a Comunicação Social, e essa é uma maneira de dar visibilidade a problemas que, doutra maneira, talvez não a tivessem. Não tenho mais nada para dar, mas isto posso dar.

Recebe muito correio?

Muito. Imensos pedidos, relatos de situações terríveis... Infelizmente, muitas vezes não podemos fazer nada, mas vou fazendo o que posso. Afligem-me muito os problemas relacionados com a deficiência. São situações dramáticas, as instituições lutam com imensas dificuldades, há muita falta de sítios para acolher os deficientes quando os pais morrem. Mas as coisas evoluíram muito desde o tempo da minha infância. Ainda me lembro do medo que sentia quando à noite ouvia os gritos do louco da aldeia...

Quando sair daqui de que é que vai ter saudades?

Aquilo que aqui me dá mais alegria é poder chegar à alma das pessoas. As pessoas virem ter comigo e agarrarem-me nas mãos e dizerem-me coisas que me aquecem o coração. Essa troca de afetos é o mais importante de tudo. Se consegui chegar mesmo às pessoas, então a minha presença aqui fez sentido.



Revista “Notícias Magazine”, 7 de dezembro de 2008

Texto de **Sofia Barrocas** | Fotografias de **Reinaldo Rodrigues**

As horas de Maria

Tem uma agenda própria e uma agenda do marido. Quer ser a voz dos que não a têm e abraçou um conjunto de causas com o objetivo de lhes dar visibilidade para que a sociedade lhes dê atenção. Cumpre as funções protocolares que dela se esperam e garante que se empenha a fundo na resolução dos problemas que lhe apresentam. Não esquece que além de mulher do Presidente da República também é mãe e avó. São assim os dias de Maria Cavaco Silva no Palácio de Belém.

Profissão: Primeira Dama. Uma expressão de que Maria Cavaco Silva não gosta nada: “Sou a mulher do Presidente da República. Não há tradição de chamar Primeira Dama às mulheres dos presidentes na Europa”. E é uma profissão? Maria Cavaco Silva ri-se: “Embora não remunerada...” Os dias no Palácio de Belém (e fora dele) estão sempre bem preenchidos. A mulher do Presidente da República (“só depois da revolução é que as mulheres dos presidentes portugueses são chamadas para uma atividade mais marcada”, sublinha) organiza-se à volta de duas agendas: a das atividades do marido nas quais participa (47 por cento) e a sua própria agenda (53 por cento) – foi pelo menos a contabilidade feita no último “ano presidencial”, que vai de março a março (foi no mês de março que Aníbal Cavaco Silva tomou posse). Há uma terceira agenda, talvez a mais importante mas que dificilmente leva a melhor sobre as outras, que é a agenda familiar. Maria Cavaco Silva faz questão de conseguir manter a união e os encontros da família.

No Palácio em família

Com um marido sempre ocupado, dois filhos, um genro e uma nora, quatro netos e um quinto quase a nascer, não é fácil conseguir conciliar tantos interesses e atividades diferentes. Às quartas-feiras os netos vão lancha com os avós ao Palácio presidencial. Tomam chá, “adoram castanhas e Pastéis de Belém e têm sempre pão”. É uma avó preocupada com as questões da alimentação, tão preocupada que o neto Afonso, de dez anos, lhe disse há pouco tempo: “Já não posso ouvir essa da dieta mediterrânica”. Maria Cavaco Silva mostra-se horrorizada com o facto de haver crianças pequenas que já têm elevados níveis de colesterol (“embora também tenha a ver com questões genéticas”) e com o aumento crescente da obesidade e de doenças como a diabetes infantil. “Sempre tive uma alimentação boa e cuidada, mas isso aconteceu naturalmente. Em minha casa sempre houve e há sopa e salada a todas as refeições. E consegui transmitir essa preocupação aos meus filhos. Quando cheguei aqui ao Palácio

a primeira coisa que pedi na cozinha é que nas nossas refeições houvesse sempre uma salada”, conta.

Os netos mais novos gostam de jogar à bola no jardim e de vez em quando o avô aparece e entra no jogo – “no outro dia meteu um golo fantástico”. Aos domingos, o jantar de família na casa de Lisboa é sagrado. Embora Maria Cavaco Silva saiba que à medida que os netos crescem será cada vez mais difícil tê-los sempre todos juntos: “Os mais velhos [Mariana, doze anos, e Afonso, dez] começam a ter a sua vida social própria, vão para casa de amigos, já passam alguns dias fora”. Está feliz com a perspetiva de começar o ano com mais um bebé na família: João Vicente é o nome escolhido pelo filho, Bruno, e pela nora, Perpétua, para este “presente” de 2009. Os netos, nota-se, são uma força sempre presente. No gabinete de trabalho da mulher do Presidente da República há fotografias de todos e em cima da mesa há sempre uma jarra com cinco rosas (“as minhas flores preferidas”), uma por cada neto. Casada há quarenta e cinco anos, faz questão de passar com o marido todo o tempo que pode: regra geral almoçam juntos no Palácio de Belém “e fazemos o ponto da situação. Falamos muito os dois”. Os temas, claro, são os mais variados, desde a coordenação das respetivas agendas à família, da situação política a temas internacionais, assuntos não faltam. “Obrigatório” é também o chá que ambos gostam de tomar juntos todas as tardes e o jantar, que se esforçam para que seja em casa sempre que possível. Os olhos brilham quando diz com orgulho: “Temos uma relação muito forte. Ainda hoje continuamos a ser namorados”. Nem sempre é fácil, claro, manter um casamento tantos anos. Mas Maria Cavaco Silva acha que hoje os casais se esforçam pouco para ultrapassar os obstáculos que a vida faz as relações enfrentarem: “É bom

que exista a possibilidade de as pessoas se divorciarem. Há relações que não dão mesmo certo”, mas lamenta que tantas uniões se desfaçam “em nome de um suposto direito à felicidade que ninguém sabe bem o que é”. Não tem dúvidas de que “é na desagregação da família que está a origem de muitos dos atuais problemas sociais”.

Trabalho de gabinete

A mulher do Presidente da República não tem um *staff* próprio. Nem tal faria muito sentido, quando o Presidente dispõe de um gabinete com assessores especializados para as mais diversas áreas: “Trabalhamos em perfeita sintonia com o gabinete do Presidente da República”. O plural engloba Margarida Mealha, “exemplar único”, como afirma Maria Cavaco Silva, que desempenha quase todas as funções junto da mulher do Presidente – para as ajudar, está ainda a secretária, Fernanda Graça.

Margarida Mealha esforça-se por deixar livres as manhãs da “Dr.^a Maria”, que são ocupadas no “despacho”: leitura do correio (a seleção é feita por Margarida Mealha, que o abre de véspera), resposta a *mails* e apreciação dos muitos convites e solicitações a pedir a presença da mulher do Presidente. Maria Cavaco Silva gosta também de aproveitar as manhãs para escrever os discursos que vai fazer (“têm de ser claros e curtos para que a mensagem passe”) e estudar os assuntos que vai abordar nas suas atividades. Margarida Mealha diz que a “Dr.^a Maria é compulsiva” no estudo dos temas. A própria confirma: “Leio tudo o que há para ler sobre um determinado assunto. É verdade que também tenho uma enormíssima curiosidade por tudo, o que ajuda muito”.

A informação chega-lhe também através da imprensa e da televisão, na qual praticamente só vê os telejornais.

E não dispensa a leitura de revistas estrangeiras como a *L'Express* ou a *Newsweek*.

É ainda durante as manhãs que Maria Cavaco Silva se esforça por cumprir as três sessões de ginástica e as sessões de fisioterapia no pequeno ginásio da residência (instalado ainda durante a Presidência de Jorge Sampaio), no qual há aulas regulares abertas a todos os que trabalham no Palácio de Belém. “É muito importante fazer exercício. Fisicamente, estas funções são muito duras. Mas gostaria de dizer a todas mulheres com mais idade: ‘Mexam-se, pela vossa saúde’”, diz Maria Cavaco Silva, que lamenta nem sempre ter tempo para cumprir com o objetivo das três sessões de ginástica por semana. Todas as “abertas” na agenda são aproveitadas para um dos seus grandes prazeres: ler. Recentemente acabou o último livro de Maria Velho da Costa (que leu logo todo no próprio dia em que o recebeu), sua amiga e antiga colega de curso, a quem escreveu um pequeno bilhete de agradecimento no qual dizia: “Continuas a ser a rainha da prosa portuguesa contemporânea”. Mas tem pena que no meio de tanta edição haja “tanta coisa que não presta”.

As “causas”

As tardes são dedicadas às funções de mulher do Presidente (como, por exemplo, acompanhar a mulher de um Chefe de Estado que esteja em visita oficial a Portugal enquanto o marido está em reuniões) e às suas “causas”. Umas já “herdadas” de projetos iniciados pelas anteriores “primeiras damas” – Maria Cavaco Silva recorda que, na qualidade de mulher do Primeiro-Ministro, fazia questão de acompanhar Maria Barroso a muitas das suas atividades de agenda –, outras que lhe tocaram o coração, outras porque acha mesmo que deve abraçar: “A mulher

do Presidente não pode nem deve dizer que não. As pessoas querem muito sentir que são ouvidas”. Faz questão de dizer que “quero ser a voz dos que não são ouvidos, um aconchego. Tenho muita noção da responsabilidade que estas funções implicam e tenho trabalhado com muito empenho para tentar dar a volta a problemas que parecem insolúveis ou para dar respostas a quem nunca teve nenhuma. Gosto de acompanhar o trabalho do meu marido no que posso e sempre me esforcei para o conseguir. Senti sempre que dois é melhor do que um”. Não faz ideia se o facto de um candidato à Presidência ser ou não casado tem alguma influência no comportamento dos eleitores, mas reconhece que a figura do “casal” tem muita força no imaginário das pessoas, nas suas referências: “Foram séculos, milénios, a viver com a estrutura mental do rei e da rainha. As pessoas apreciam que haja uma figura que lhes recorde o lado mais maternal...” Ri-se: “Por alguma razão não há nenhuma história que comece por ‘Era uma vez um Presidente da República que tinha uma filha muito bonita...’”.

Entre as “causas” que abraça, Maria Cavaco Silva está particularmente empenhada na problemática das pessoas com deficiência. Fala do drama que é hoje para os pais a sobrevida dos seus filhos deficientes – “quem tomará conta deles quando os pais morrerem?” – e explica que procura dar todo o apoio que consegue às pessoas que se esforçam para conseguir maior qualidade de vida para os deficientes em Portugal – como é o caso do apoio à Associação Raríssimas (“estes não me procuraram, eu é que li sobre eles numa revista”) ou à fundadora da CEDEMA, uma associação de apoio a deficientes mentais profundos adultos: “É impressionante a luta destas pessoas para ultrapassar os obstáculos, para fazerem coisas que são da responsa-

bilidade de nós todos”. Lembra que foi já na Presidência do marido que foi instalado no Palácio de Belém um elevador que permite o acesso de pessoas em cadeiras de rodas às instalações. As iniciativas destinadas a crianças, sobretudo as que estão em situação de maior vulnerabilidade, também podem contar com o seu alto patrocínio e com todo o apoio que lhes puder dar, como acontece com a Casa do Caminho, em Matosinhos, a Associação Novo Futuro. “Temos de acordar para a realidade das crianças institucionalizadas, temos de tentar que haja o menor número possível de crianças nesta situação.” “Vou por instinto, sinto onde devo estar, onde devo ir.”

Os cuidados paliativos, o estudo e o alívio da dor crónica são também áreas de especial interesse para a mulher do atual Presidente da República: “Os cuidados paliativos dão-nos o direito a morrer com dignidade, sem dor. E este direito é uma mensagem de esperança”. Maria Cavaco Silva recorda-se bem do sofrimento horrível do seu próprio pai, doente terminal com um cancro, que há mais de trinta anos morreu no meio de uma dor atroz porque “os médicos não davam morfina para aliviar as dores, diziam que causava dependência...”, e essa recordação leva a empenhar-se na divulgação das possibilidades que hoje existem para minorar o sofrimento das pessoas.

Ironia feminina

A ciência e as artes também podem contar com o seu apoio. É presença frequente nas galas de entrega dos prémios L’Oréal a jovens mulheres cientistas: “São extraordinárias, têm de ser mulheres, ter menos de trinta anos e ser doutoradas”. No discurso que fez numa destas entregas de prémios pôs a plateia feminina a rir quando recordou o célebre poema de Kipling *Se...* – “se fores

isto..., se fores aquilo...”, para concluir, “Então és um homem, meu filho” – e ironizou: “Se fosse um poema escrito para mulheres, a lista de obrigações seria com certeza muito mais extensa”. Também não gosta que lhe perguntem se concorda com o axioma “Por detrás de um homem de sucesso há sempre uma mulher inteligente”. Maria Cavaco Silva garante que essa mulher nunca está atrás, está sempre ao lado. Como esteve sempre ao lado de Aníbal Cavaco Silva. De certa forma, abdicou do seu próprio percurso profissional para acompanhar o marido, sobretudo a partir do momento em que foram para Inglaterra, embora tenha conseguido quase sempre manter-se no ativo como professora, a sua profissão, que adorou exercer e que só deixou de vez aos setenta anos, até porque se tornava cada vez mais difícil compatibilizar as funções letivas com as exigências da agenda da Presidência da República. “Não estou nada arrependida de ter feito esta opção. Tive uma ‘carreira’ muito interessante.” “Carreira” essa que continua pelo menos enquanto o marido for Presidente da República. Não faz nenhum balanço desta sua atividade de “mulher de”, mas confessa que hoje é uma pessoa que se comove mais e com mais facilidade, “vejo muitas coisas horríveis”. O melhor que retira destes anos todos é perceber que “há tanta gente tão interessante no meu país, a fazer coisas que ninguém consegue imaginar”. Das oportunidades que teve – e que possivelmente não teria tido se o percurso do marido tivesse sido outro – destaca os dois encontros, pessoais, com o Papa João Paulo II.

Quando a **nm** lhe pergunta se quando era uma jovem estudante alguma vez lhe ocorreu que um dia poderia estar a desempenhar funções junto da mais alta figura da hierarquia do Estado, Maria Cavaco Silva conta a história

do regresso da família a Inglaterra para o doutoramento *honoris causa* do então Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva pela Universidade onde tinha feito a sua pós-graduação. Foram todos, acompanhados por uma pequena multidão de jornalistas, ver a casa onde tinham vivido há quase trinta anos. A casa estava diferente, era uma resi-

dência de estudantes, espantados com todo aquele aparato que tinha desaguado na sua pacata rua. Quando um dos jornalistas esclarece um estudante grego que aquela tinha sido a casa do então Primeiro-Ministro de Portugal e lhe pergunta se achava que também poderia um dia chegar a ser Primeiro-Ministro da Grécia, a resposta foi simples: *Why not?*



Revista "Vogue", outubro de 2009

Texto de **Leonor Xavier** | Fotografias de **Pedro Ferreira**

Papel Principal

Não tem uma função definida na Constituição, mas a sua face, o seu estilo e a sua personalidade estão presentes no ambiente do Palácio de Belém. Ao lado do Presidente da República, defende causas de cidadania e encara os problemas de quem não tem voz. Intensa, a relação de amor e de cumplicidade que vivem está presente em todos os gestos e nas palavras de Maria Cavaco Silva.

Passar o portão da Calçada da Ajuda para entrar no Palácio de Belém implica a formalidade devida à Presidência da República, com o registo do nome, o motivo da audiência, a hora confirmada. Corredores e átrios, escadas e patamares seguem-se, contínuos e diferentes, entre a ala do Palácio onde funcionam expedientes e serviços, e o espaço conhecido por residência, onde o Presidente e a sua mulher vivem os momentos possíveis de privacidade nos infinitos atos públicos. O percurso é longo para quem siga o caminho até ao fim, absoluto é o silêncio do ambiente, curtos e leves são os passos, austera é a expressão do segurança que acompanha até ao destino.

O destino, agora, é uma grande porta que se abre, uma sala onde várias pessoas estão de pé, sérias. Há uma outra porta aberta para a varanda, sobre o fundo verde do jardim, o azul do céu em tarde esplendorosa. E há a distância cortada por passos que se aproximam. Um vestido claro, de seda. Braços abertos de receber. Olhos rasgados de riso no sorriso de boas-vindas. Maria Cavaco Silva,

interrompendo por minutos a sessão de fotografias, que tem de ser perfeita nas minúcias, revela espontaneamente o fundo de humor e boa disposição, o à-vontade e a facilidade de comunicação que os mais próximos lhe reconhecem. Logo de volta à tarefa de ser fotografada, sem complicação, cumpre as posições, os ângulos, os movimentos que lhe são pedidos, aceita sugestões, acrescenta o que a todos pareça ficar melhor. Gosta de saber-se assim, bonita, no cenário da tarde.

Primeira Dama seria por nós chamada se usássemos a fórmula norte-americana para falar da mulher do Presidente da República no desempenho das suas funções de Estado. Ela tem lugar marcado em cerimónias oficiais, assento em sessões públicas, em debates e iniciativas várias, intervém em acontecimentos culturais, nos problemas sociais, nas questões de solidariedade. Mas, em Portugal, nem as suas funções nem o seu estatuto estão constitucionalmente definidos. A mulher do Presidente inexistia, não tinha nome nem citação nos tempos da Pri-

meira República. Hoje, é respeitada e reconhecida como presença e influência nos grandes atos de cidadania. Diversas na sua maneira de ser, Manuela Eanes, Maria Barroso, Maria José Ritta deixaram a marca do seu tempo no Palácio de Belém. E, a partir de 22 de janeiro de 2006, quando se tornou mulher do Presidente da República, Maria Cavaco Silva ali tem deixado os traços do seu estilo e da sua personalidade.

Sensibilidade e humor, facilidade de comunicação, uma curiosidade imensa por tudo e todos os que a rodeiam são traços de temperamento que lhe são conhecidos. Independente, porque sempre trabalhou, é contida porque não hesita em usar a liberdade de exprimir-se quando lhe ocorre pronunciar-se sobre algum assunto. Discreta sobre a sua vida privada, é expansiva na ternura pelos filhos e netos. A relação de amor intenso no casamento adivinha-se e sente-se perto dela.

Terminada a sessão de fotografias, daí a pouco, faz-se, em grupo, com secretariado, assessoria e segurança, o trajeto inverso pelo interior do Palácio. Deixam-se os aposentos da residência até chegar ao espaço de trabalho, onde se encontra uma discreta sala, destinada aos encontros de Maria Cavaco Silva com quem lhe peça audiência. Sentada agora junto a uma pequena mesa redonda, ofereceu e vai tomando um copo de água, comenta a sessão de fotografias como uma das inerências próprias da sua agenda. Começa a conversar sobre as suas circunstâncias, sem deixar de reconhecer que a Maria José Ritta, sua antecessora em Belém, se deve a criação de um gabinete de apoio para assessorar a mulher do Presidente da República.

“A mulher é o fogo da casa”, diz. “O Presidente é um pai, a mulher é uma espécie de mãe, que tem o lado afetivo. O homem no lugar de Presidente tem de estar muito centrado nas crises, nas complicações. Se em algum lado pode respirar, é pelo lado da mulher, afetuosa e compassiva.” Ao longo da conversa, confirma-se sobre ela a opinião da escritora Maria Velho da Costa, sua colega na Faculdade de Letras: “Entre a Maria e o marido, há, de facto, um apego mais do que um companheirismo. Ela mantém uma disciplina e uma contenção com áreas de fragilidade, o que é uma das grandezas de uma pessoa”.

Não tem o poder por adereço que lhe enriqueça a personalidade, usa pouca maquilhagem, é despojada e simples na maneira de vestir. Mas apresentar-se bem, conforme os mais diversos momentos da vida pública, é um dos deveres da mulher do Presidente. Maria Cavaco Silva cumpre-o. “Não sendo particularmente atenta à moda, agora sou a mulher do Presidente, represento as mulheres portuguesas. É importante o meu aspeto, tenho de dar uma imagem de mim que seja a melhor possível. Devo estar maquilhada, penteada. Passei a dar mais atenção a este lado no estrangeiro, sei que não se pode estar arranjada nem de mais nem de menos. Também quero vestir-me bem, de maneira a que as pessoas me sintam próxima, sem gastar muito dinheiro. Em França, será diferente, há os grandes costureiros, que criam modelos para a mulher do Presidente.”

Lembra a sua real condição de mulher que sempre trabalhou. “Toda a minha vida foi o ensino, todo o meu trajeto é aberto aos outros. Estou centrada na família, nos alunos, eles são importantes. O meu marido foi dez anos Primeiro-Ministro e eu sempre trabalhei. Só me reformei

no ano passado, já depois de ele ser Presidente. A Universidade Católica manteve-me até eu completar o tempo de trabalho para a reforma. Nessa altura, apresentei três temas de Literatura: “A Minha Casa é o Mar”, para falar de Sophia de Mello Breyner, “A Casa da Sibila”, para falar de Agustina Bessa-Luís, “A Minha Casa é Lisboa”, para falar de Cesário Verde. Gosto de ensinar e penso que as aulas são uma forma importante de comunicar.”

Maria Alves, ou Mariá, como assinava o diminutivo falado do seu nome, foi a melhor aluna do seu curso na Faculdade de Letras de Lisboa. Já nos seus tempos de estudo lhe era conhecida a vivacidade intelectual, a atenção aos acontecimentos culturais, o interesse por uma conferência ou uma exposição. Com a tese de licenciatura sobre a saudade na poesia de Hölderlin, demonstrou o estudo de uma obra complexa e difícil, e a sua fluência na língua alemã. Por isso, Maria Cavaco Silva teve o elogio do Presidente da República Federal da Alemanha Richard von Weizsäcker numa visita oficial a Portugal na época em que o marido era Primeiro-Ministro.

Entende a divulgação da importância da língua portuguesa no mundo como um dever de Estado, a que aplica a sua vocação para o ensino. “Sendo mulher do Presidente da República, em visita oficial tive várias intervenções no estrangeiro. No Chile, na Ilha Negra, onde fica a Casa de Pablo Neruda. Na Alemanha, em Berlim. Na Turquia, em Ankara, para apoiar um Leitor de português numa universidade. E no Liceu de Maputo, onde dei aulas em 1963. No fim dos anos 80, havia guerra, a escola estava órfã, toda degradada. Quando lá fui e vi, só me apeteceu chorar. Voltei, agora, dei uma aula, emocionei-me.”

A parte feminina dos afetos ajuda-a a enfrentar os problemas sociais e a imaginar iniciativas de solidariedade que resolvam as situações mais difíceis. “Dar voz a quem não tem voz” é o lema que criou. “Porque as pessoas não têm visibilidade, mas têm direito a ser ouvidas, e muitos que têm voz não são quem mais merece.” Entre as causas a que se tem dedicado, a prevenção do Cancro da Mama. “Há um grupo de senhoras que vem almoçar comigo, todas tiveram cancro e venceram-no. Podem ajudar a conseguir que outras mulheres passem a ir às consultas, façam os exames.” Também está empenhada em acabar com as barreiras que impedem os deficientes motores de mover-se nas cidades e tem reunido com mães de filhos deficientes gravíssimos para encontrar os melhores meios de chamada de atenção para uma causa tão difícil de levar ao fim. Com a distinção e o respeito que tem atribuído às mulheres que dirigem instituições dedicadas à criança, ela demonstra que a situação das crianças é prioritária na sua vida.

O percurso de Maria Cavaco Silva é semelhante ao de tantas outras mulheres do seu tempo, mas singular. “Todo o meu trajeto é diversificado e rico, tenho uma experiência positiva que toda a gente sabe. Sou órfã desde que tinha um ano, vítima da praga do princípio do séc. XX, que foi a tuberculose. Na minha família, morreram duas mulheres, de aneurisma e tuberculose, e éramos quatro órfãos, três rapazes e uma rapariga. Na aldeia, tudo se resolvia também em família; eu fui criada por uma irmã do meu pai e os outros foram criados por outra tia. Mais do que com a morte, lidei com a orfandade, com o facto de ser normal que houvesse crianças órfãs, tudo órfãos de mãe, porque as mulheres eram frágeis e morriam.”

Quando fala da vida privada, Maria Cavaco Silva também corresponde à descrição daqueles que a conhecem há muitos anos. Extrovertida, bem-disposta, sempre atenta às datas de festa, aos bons e maus momentos dos amigos, sem deixar o convívio com os mais modestos. Assim, vai dizendo: “Nós conseguimos ter uma vida recatada e manter um grande equilíbrio entre as vidas pública e privada. Os meus netos vêm lanchar connosco amanhã à tarde; todas as quartas-feiras, o avô arranja um bocadinho para estar com eles. Temos os nossos rituais, estamos juntos nas férias, fazemos um jantar de família ao domingo. Gosto muito que seja importante para os nossos meninos lancharem aqui, a meio da semana, porque não pode haver distanciamento excessivo dos avós. Eu ia sempre buscá-los à escola à tarde.

Com ternura, recorda os primeiros tempos de casada, o marido recém-formado, o sentido de missão que sempre lhe conheceu. “Ele era de Económicas, eu também comecei logo a trabalhar. Fomos três anos para Inglaterra para ele fazer o doutoramento, não nos separámos. Era conhecido que um doutoramento em York abre portas, ele teve propostas em Lisboa e voltou. ‘O meu país precisa de mim’, disse-me. Quando foi Ministro das Finanças era muito novo, tinha trinta e dois anos. Eu não percebia muito bem o que estava a acontecer e perguntei ao Sá Carneiro: ‘Vai tirá-lo de professor?’. O Sá Carneiro respondeu: ‘Professores catedráticos haverá muitos, mas, neste momento, o que eu quero é o seu marido no Ministério das Finanças.’ Eu mantive a minha profissão. Acho que tudo o que me aconteceu foi diferente daquilo que planeei, mas tudo correu bem”.

Para uma mulher de fé, poderá o curso dos acontecimentos ter correspondido a um plano divino? “Sim, pode ter a ver”, admite, para continuar a sua avaliação, reafirmar os mesmos e inalterados princípios de vida. “À medida que os anos vão passando, adquirimos sabedoria. Uma das vantagens da nossa geração foi estarmos habituados a viver com dificuldades económicas. Durante dez anos, enquanto ele foi Primeiro-Ministro, continuei a ser professora na Universidade Católica, com muito gosto. Ele sempre me apoiou e eu contribuí para o equilíbrio da vida familiar, porque não somos ricos. Seria muito mais complicado se ele tivesse sido eleito Presidente em 1996 porque a mulher do Presidente tem solicitações e eu não poderia dar aulas. Em 2006, quando chego à Presidência, mantenho o vínculo de trabalho até chegar à reforma.” O sentimento é de paz no tempo presente. “A vida tem sido muito boa comigo, não estou zangada com nada do que me aconteceu. Amamo-nos, temos respeito um pelo outro, há uma harmonia nas decisões, uma partilha das contas bancárias. Institucionalmente, a minha função não existe, mas eu trabalho, escrevo os meus discursos.” Mulher do Presidente da República, está afastada das questões de Estado, mas acompanha os acontecimentos em primeira mão. “Coisas tristes há sempre e acabamos por saber mais do que as pessoas sabem normalmente. Coisas boas há muitas, eu ando por aí, tenho acompanhado o meu marido nestes três anos e tal. No plano da solidariedade, é bom sentir o afeto e a confiança das pessoas, sentir que estão genuinamente a querer partilhar. Eu não tenho dinheiro, mas a ajuda mais importante e mais bonita que tenho encontrado, sem saber que existia, vem de milhares e milhares de pessoas que dão o seu tempo em voluntariado total.”

Entre as coisas boas, lembra um almoço nos Estados Unidos. “Encontrei um jovem, Craig de Mello, que ganhou um Nobel (de Medicina, em 2006), almoçou connosco, falámos, foi um momento bom.” Diz que a sua atriz fetiche é Audrey Hepburn e fala da Rainha Isabel como uma pessoa que dá prazer encontrar. Tem tido encontros com a Rainha Sofia. “Passámos um fim de semana juntos, são muito próximos de nós e o Rei fala um português impecável, o contacto é muito fácil.” Outro contacto fácil tem sido com o Presidente do Brasil. “O Lula também é muito próximo. Fomos aos duzentos anos da chegada de D. João VI ao Brasil. Foi muito bonito.”

Sobre a memória que de si deixará em Belém, não sabe. “Isso é futurologia.” Se é amada pelas pessoas? “Por aquelas com as quais eu me encontro, acho que sim; as outras, não sei.” Já o tempo chega ao fim, vai acabando a tarde, anuncia-se a despedida. Uma última palavra, uma frase ou um desejo são pedidos a Maria Cavaco Silva, em modo de remate. “Talvez o que quero dizer para terminar seja que uma das coisas que me têm dado muita alegria aqui é poder deixar os afetos e as emoções à solta, junto das pessoas.”



Revista “Única” (jornal “Expresso”), 6 de março de 2010

Entrevista de **Cândida Santos Silva** e **Luísa Meireles** | Fotografias de **Luiz Carvalho**

“Não sou bicho careta”

Tem fama de ser uma mulher conservadora, mas só “naquilo que vale a pena”.

Maria Cavaco Silva, há quatro anos em Belém, não faz planos excessivos.

Está preparada para tudo, até para mais um mandato.

É a companheira, o apoio que o marido não dispensa nos eventos sociais ou políticos. Com ela, ele descontraí. E nota-se. Com sentido de humor e à-vontade, quebra o protocolo, provocando dores de cabeça à segurança. Mas também abrindo o passo ao Senhor Presidente... Maria Cavaco Silva, professora toda a vida, setenta e um anos, avó de cinco netos, mulher que não gosta de comparações e que prefere pensar pela sua cabeça. Uma literata, assume. Nunca se filiou num partido nem se deixou tentar pela política: “Não seria feliz!”. Mas afirma-se politizada desde sempre, desde os tempos em que lhe chamavam “Delgadinha”, por apoiar com entusiasmo Humberto Delgado – o que lhe terá custado a atenção da PIDE. Quanto ao marido, revela que a sua mobilização antecipada para Moçambique antes de terminar o curso pode ter tido a ver com a agitação estudantil do início dos anos 60, na qual o então jovem estudante de Económicas se viu envolvido. A política acabou por lhes “cair em cima da cabeça”, mas a contragosto, diz. Tornou-se Primeira Dama por acréscimo, porque na sua vida “aconteceu tudo aquilo que não tinha planeado”. Hoje, está em paz com o seu papel. Muito mais do que quando tinha quarenta

anos e era a mulher do Primeiro-Ministro. Recebeu-nos em Belém, numa sala que herdou da sua antecessora e que remodelou por completo. “Tal como estava, não tinha nada a ver comigo.” Colocou-lhe quadros de Graça Morais, Gracinda Candeias e José de Guimarães. E também um presépio da sua coleção, com mais de 300, uma lapinha dos Açores. No escritório, semeado de fotografias dos netos e do marido, destaca-se um estandarte com os sete pecados sociais de Gandhi: “política sem princípios”, diz o primeiro deles. Em cima da secretária, o *Jornal de Letras*, companheiro antigo que assina religiosamente, e o último livro de Rosa Lobato de Faria. E rosas brancas, sempre.

Como é que se sente no papel de Primeira Dama?

Dadas as circunstâncias e a idade com que cheguei aqui, sinto-me bastante mais tranquila e com mais à-vontade do que se tivesse acontecido há uns anos. O trajeto já feito ajudou bastante. Sinto-me razoavelmente em paz com o papel de Primeira Dama. Não aprecio a designação, mas aceito-a. O termo correto é mulher do Presidente.

Foi mais difícil ser mulher do Primeiro-Ministro?

Foi bem mais difícil. Éramos bastante mais jovens. O papel de Primeiro-Ministro é para pessoas jovens, com sangue na guerra, com força, com vontade de fazer coisas. Depois, o Presidente tem mais um papel de acalmia, de paz, de dar tranquilidade e passar uma certa mensagem de serenidade.

Esse deve ser o desafio de um Presidente da República?

Vejo o papel do Presidente nessa linha. Deve ser o elemento apaziguador do país, o fiel da balança. A mulher do Presidente segue também essa linha.

Na altura em que o seu marido foi Primeiro-Ministro, disse que a mulher não tinha qualquer tipo de poder. Hoje, como Primeira Dama, tem poder?

[*risos*]. A mulher do Primeiro-Ministro ou do Presidente poderão parecer, mas não são figuras de poder. Nenhuma tem poder. A mulher do Presidente tem é alguma força de imagem e, com a sua presença, chama a atenção das pessoas para determinadas causas. Desde que entrei aqui, o meu lema tem sido “Dar voz a quem não tem voz”. Sou muito sensível ao voluntariado, e o papel da Primeira Dama é um pouco esse. Posso mostrar os aspetos terríveis da realidade, mas também o papel positivo de tantas pessoas que nestas circunstâncias tentam, com boa vontade, ajudar os mais frágeis.

Foi esse o papel que escolheu?

Dou todo o meu tempo voluntariamente. Era, aliás, um projeto antigo. Sempre desejei dedicar-me ao voluntariado quando me reformasse. Estava programada para ter um papel de professora voluntária numa universidade de terceira idade. Mas, como o homem põe e Deus dispõe, arranjei outro voluntariado, que é este e que exerço com muito gosto.

Tem uma agenda própria, mas desde o início que afirmou que iria estar o mais possível ao lado do seu marido. Até disse aos jornalistas para se habituarem a isso.

Tem conseguido cumprir?

Essa é uma das vantagens de estar na Presidência na idade da reforma. Tenho mais tempo. Combinámos desde o início que tentaríamos estar o mais possível juntos. Herdei o gabinete da minha antecessora. Em São Bento, não tinha o apoio de ninguém. Mas, nessa altura, continuei a trabalhar. Os meus alunos não tinham culpa de eu ser a mulher do Primeiro-Ministro.

Os seus ex-alunos dizem que era muito exigente...

Muito. Os professores que querem cumprir a sua missão a sério têm de ser exigentes. Era professora de Língua, Cultura e Literatura Portuguesas, uma das áreas fundamentais em termos de formação.

Como é que olha para o ensino do português hoje?

Agora já não olho [*risos*]. Não gosto de falar sobre o que não acompanho. Estive mais de trinta anos na Universidade Católica e estou desligada do ensino há algum tempo.

Durante os anos que foi professora universitária, acompanhou várias gerações de alunos. Como é que iam chegando?

Chegavam cada vez mais mal preparados. Talvez por as turmas serem grandes, ou haver mais dispersão de interesses. É difícil mostrar-lhes a importância da língua. Davam imensos erros.

É a favor do acordo ortográfico?

Não somos donos da língua. Não podemos nem devemos ficar sozinhos. Agora que tenho netos com treze e onze anos, e estão a aprender português, vejo que é bastante mais fácil para eles escrever “ato” ou “projeto” sem o c. Costumo fazer um exercício com as crónicas do Francisco

José Viegas, feitas já com as novas regras. Vou assinalando as palavras, e não são tantas assim. Ainda me lembro bem de escrever “quási”. Quando se passou para “quase”, gostei. Há à volta de 200 milhões de falantes, com uma onda enorme de gente a falar português do Brasil. Acho que faz sentido.

Dá o seu Alto Patrocínio a muitas causas, como os deficientes, as doenças raras...

As doenças raras estavam muito escondidas. Mal aqui cheguei, li uma entrevista dada pela Paula Costa [responsável pela Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras] e fiquei atenta e impressionada com o assunto. Fez-se um clique e percebi o que queria fazer: falar do que estava mais escondido. Mas também fiquei bastante marcada quando recebi mães de filhos deficientes. Entre elas, vinha uma mãe adotiva que tinha escolhido uma criança profundamente deficiente. Ser raro é ser muito precioso.

Pensa criar alguma instituição, tal como Manuela Eanes fez com a criação do Instituto de Apoio à Criança?

Penso continuar a dedicar-me a estas áreas em regime de voluntariado e chamar a atenção para questões difíceis. Agradeço sempre às pessoas que dedicam a sua vida a estas missões. Como mulher do Presidente da República, quero que este agradecimento seja um reconhecimento do país pelo trabalho que fazem.

Recebe muitos pedidos de ajuda? É difícil dar solução?

Recebo. Não temos dinheiro, mas tentamos orientar. Tenho-me empenhado na construção de lares que recebam os filhos e os pais quando estes, por idade ou por doença, também já não podem ajudar.

Uma outra preocupação que tem manifestado é para com a mulher, o seu papel na sociedade, a violência do-

méstica... É a favor da introdução das quotas na política?

Sempre tive uma certa dificuldade com as quotas, mas em determinadas circunstâncias entendo que sejam necessárias. Pertença a uma geração que faz a passagem da senhora que não trabalha para a mulher que o faz em pleno. Tenho consciência que, se tivesse ficado no Algarve, o meu trajeto não teria sido este. Para mim, era bastante natural ser mulher e poder trabalhar. Talvez por isso tenha bastante dificuldade em aceitar as quotas. A minha geração achou que teria de ser capaz, que tinha de lutar. Alguém disse que as mulheres, para trabalharem, têm de ser muito melhores do que eles, mas graças a Deus é tão fácil [*risos*]. Quando tinha dez anos, declarei solenemente que queria continuar a estudar. Estava a ser educada por tios, porque a minha mãe tinha morrido quando eu era bebé. Tinha vindo para Lisboa, e as pessoas sugeriam a Escola Comercial. Eu declarei, pirralha, que não senhor, que queria ir para o Liceu.

O que era para si o Liceu?

Não sabia bem. Mas era muito importante para mim. Devo ter insistido tanto com os meus tios que fui para o Liceu Maria Amália, onde estive sete anos. Ser professora foi um desejo que se manifestou desde bastante cedo.

Foi uma mãe trabalhadora. Acha que a atual licença de maternidade é suficiente?

Infelizmente, ainda não é possível ir mais longe. Quando trabalhava no Liceu, nem se falava nisso. Evoluiu-se muito, mas ainda não chega. A minha nora já teve mais tempo e ainda teve direito a uma coisa muito importante, um horário reduzido para amamentação. O meu último neto mamou doze meses.

O que pensa sobre o aborto?

Não deve ser utilizado como meio de contraceção. Re-

pugna-me. Ainda ontem o meu marido estava a ler uma notícia sobre uma mulher de vinte anos que já tinha feito três abortos, e eu disse-lhe logo: “Cá está mais uma a usar o aborto como contraceção!”. As pessoas têm de ser bem informadas. No último referendo, houve uma coisa que não funcionou bem, quando se dizia que as mulheres iam para a prisão. Já nenhuma mulher era penalizada. O aborto tem de ter uma componente fortíssima de educação. Aí, ainda falhamos muito. Uma mulher com vinte anos que já fez três abortos não sabe o que está a fazer. Não sabe que está a privar um ser do bem extraordinário que é a vida. Eu fui uma criança inviável. A minha mãe já estava doente quando nasci, foi uma das vítimas da praga da tuberculose, como agora as há da SIDA. Fui separada dela aos quatro meses, quase morta. Quase me puseram de lado, centrando as atenções nela. Tendo sido uma criança inviável e tendo este prazer pela vida, sou muito sensível a isto. Visito muitas instituições e, numa delas, vi uma criança de doze anos grávida pela segunda vez! Se não fossem as instituições de solidariedade social, como estaríamos? É difícil lidar com esta crise tremenda, com o desemprego e a desestruturação familiar.

Que reparos lhe merece a nova lei do divórcio?

Tenho a indicação concreta que ela tem aspetos muito negativos. Com a questão da guarda conjunta, as crianças são ainda mais usadas como armas de arremesso, puxadas para cada um dos lados. Por outro lado, há cada vez mais mulheres a recorrer ao Banco Alimentar. A mulher em Portugal, quando há um divórcio, fica com todos os encargos. Eles vão-se embora, têm o direito a ser felizes – todos nós temos, eu até gosto muito de ser feliz –, mas estas mulheres veem-se de um momento para o outro abandonadas.

A lei acentuou estas questões?

Não sei. Mas a desestruturação provocada pelo divórcio tem tido influência na nova pobreza. Garantem-me que sim.

O seu marido vetou a lei. Passou na Assembleia...

E o Governo diz que vai fazer umas emendas, porque admitiu que havia ali umas falhas. É evidente que já não faz sentido nenhum o mundo da minha infância, da senhora na sua casa e o marido com as suas amantes lá fora. Esse mundo ainda bem que acabou. As mulheres, hoje, exigem mais da relação. Sou de uma geração em que já quero um casamento a sério, com afeto, com partilha.

E o seu também já vai sendo uma raridade...

Sim. Estamos casados há quarenta e seis anos. É uma espécie em vias de extinção [risos].

É contra ou a favor da legalização da prostituição?

Nunca tinha pensado nisso. Automaticamente, diria contra, sem grande reflexão. Já tive aqui um encontro com uma senhora que me deixou arrepiada com um dos grandes dramas da nossa época, o tráfico humano. Será que com a legalização vamos lutar contra isso? Não sei. A violência doméstica é também outra coisa que me espanta. O número de jovens com relacionamentos violentos é uma coisa assustadora. Hoje, há meninas com quatorze e quinze anos que pensam que os namorados lhes batem por amor. Fazem falsas interpretações do afeto.

Diz de si que não é uma mulher conservadora. No entanto, defende certos valores...

Costumo dizer que se deve conservar aquilo que vale a pena. Como um casamento de quarenta e seis anos [risos]. Acho que há uma certa confusão com a ideia de conservador. Dizem que é bicho careta ou quadrado. No que se deve conservar, sou conservadora e não tenho receio de o afirmar.

Por oposição, quais são os aspetos em que é mais liberal?

[*Volta-se para a assessora e pergunta: “Quais são os aspetos em que sou mais liberal?” Gargalhada geral.*] Gosto de preservar a família, aquele núcleo em que somos amados porque sim. Sou uma mulher aberta, gosto de discutir as coisas. As minhas aulas nunca foram conservadoras, eram abertas a várias discussões. Costumo até dizer que as coisas mais importantes que aprendi na vida foi através da literatura e da cultura, os elementos fundamentais das minhas aulas. Não sou bicho careta.

Considera-se conservadora do ponto de vista político?

Nesse ponto, não me preocupo. Nunca quis seguir uma carreira política.

Nem nunca se filiou...

Nem faz sentido. O meu marido, que me conhece, dizia logo: “Nem pensar!”. O cartão andaria sempre lá e cá, lá e cá. Não sou capaz de obedecer a coisas que não me fazem sentido. Gosto muito de pensar pela minha própria cabeça. O lado partidário nunca me fascinou.

Mas teve influência?

O meu marido tem muita influência em mim e eu nele, como é evidente, mas daí até eu fazer política por interposta pessoa, que é uma das coisas que provavelmente pensam que acontece, isso não. Ele toma as suas decisões de acordo com aqueles que tem à sua volta para o aconselharem. Gosta de falar com a família quando toma uma decisão importante e fá-lo antes de a declarar aos outros. Quando chegou a altura em que começou a sentir que achava que tinha de se candidatar porque as pessoas estavam à espera – estou a falar de 2005, e eu honestamente pensava que aquilo tinha acabado em 1996 (aliás, foi muito falado esse meu sorriso de orelha a orelha quando anunciaram que Cavaco não tinha ganho) –, ninguém da

família deu palpites. Eu digo: “Tens de seguir o teu caminho”, porque acho que isso é muito importante. Não seria capaz de viver com uma pessoa que eu tivesse impedido de fazer fosse o que fosse, tal como não gosto que me impeçam de fazer aquilo que acho que é importante.

Mas quando ele entrou na política foi diferente...

Ah, tinha quarenta anos, e nessa altura temos grandes ilusões! Não aos setenta! Disse uma frase que ainda hoje recordo. Ele tinha acabado de fazer o exame para o doutoramento quando foi convidado para ser Ministro, em 1980. Devem ter-me dito: “O seu marido vai para a política!”. E eu um dia disse esta: “Só por cima do meu cadáver!”. Agora acrescento: “Vejam lá o estado em que está o meu cadáver”.

Chegou a ter uma conversa com Sá Carneiro?

Várias. Nós encontrávamo-nos, e eu achava o Dr. Sá Carneiro um homem interessantíssimo, com uma força e uma energia que me fascinavam. O país precisava daquela energia para dar a volta. E um dia, já se estava a perceber o que ia acontecer, falei com ele e disse-lhe: “Por amor de Deus, Senhor Dr., vai impedir a carreira de um ótimo professor de Economia!”. Ele respondeu-me, tranquilamente: “Professores de Economia há muitos, mas eu acho que o seu marido tem de ser o meu Ministro das Finanças”.

E calou-a?

Completamente. Portanto, o cadáver tem-se aguentado bem.

Mas sempre foi uma mulher politizada?

Desde os tempos de Humberto Delgado. E continuo a interessar-me. Mas aquela atividade concreta, ser Deputada, ser Ministra ou Secretária de Estado, não me faz sentido nenhum. Não seria feliz! Há uma certa ânsia de liberdade na minha cabeça que não se conjuga, pelo menos com a ideia que tenho, com o papel político mais concreto no dia a dia.



Gosta de política?

Nós não somos aquele estilo de casal que está sempre a martelar na política. Quando estamos juntos, conversamos sobre os filhos, os netos – já são cinco, e há pessoas que acham que é ótimo que o meu marido vá tratar dos netos, porque agora não tem muito tempo [*risos*]. Uma das coisas que eu e os meus filhos achamos extraordinário tem a ver com o tempo em que estávamos em São Bento. Fomos viver para lá por causa dos filhos, na altura estavam na Faculdade, e eu também tinha imensas aulas. O meu marido tinha uma vida difícil, mas chegava à noite e perguntava sempre se tinha corrido bem o teste, o exame, o dia... Fixava tudo. Como hoje em relação aos netos.

Ele não desliga?

Não, nunca desliga da vida familiar. Nem quer. É um homem de família, até por signo. Costumam dizer que o Caranguejo é muito centrado na casa, nos filhos e na mulher. Lembro-me de uma história que o próprio Eng.^o Guterres contava, que era tão obcecado pela política que quando chegava a casa continuava com aquela coisa na cabeça e às vezes se fechava na casa de banho para poder continuar a remoer. O meu marido não é nada assim.

Foi criada por uns tios...

Sim, uma tia, irmã do meu pai. Todas as memórias que tenho da minha mãe recebi-as da minha avó. Depois, tenho uma ligação muito forte ao Algarve, pelas longas férias que lá passava, com a minha avó, o meu pai...

Foi nessas férias que conheceu o seu marido?

Não me lembro de não o conhecer. Éramos um grupo de jovens da aldeia, íamos para a praia dos Olhos d'Água, onde vivíamos bastante em comunidade. A minha tia não teve filhos. No fundo, era filha única, uma sobrinha

muito especial que ela nunca adotou. Não me ensinou a chamar-lhe mãe, mas dizia sempre “a minha filha”. O meu pai voltou a casar e teve dois rapazes. O meu irmão mais velho tem menos dez anos que eu, mas chamo-lhe “o mano velho”.

Foi também esse papel que assumiu quando o seu marido veio para Lisboa...

Sim, nessa altura era eu “a mana velha”.

Iam juntos para a Faculdade?

A Faculdade de Letras ficava no Largo da Academia das Ciências. O meu marido andava no Instituto Comercial, que era na Rua das Chagas. Ele tinha mais a mania de apanhar o elétrico.

Ele não foi viver para casa dos seus tios?

Mais tarde. Antes, estive em vários quartos no Bairro Alto. Era habitual nesse tempo. Por isso digo que o meu trajeto está influenciado pelo facto de eu ter vindo para Lisboa e morar sempre no bairro de Campo de Ourique e ter tido a oportunidade, sem grandes acréscimos, de estudar. Era muito boa aluna e nunca paguei propinas nos sete anos de Liceu nem na Faculdade. Tive sempre notas para ter a chamada “isenção de propinas”. Já o pai do meu marido tinha outros meios, e tinha mesmo de ter para o pôr em Lisboa a estudar. Era muito caro.

Quando é que o seu marido veio para Lisboa?

Deve ter vindo com dezassete anos, depois de fazer a Escola Comercial lá em baixo. O meu sogro vinha ver o filho e, a partir de certa altura, ficou perturbado, porque umas vezes ele estava num quarto, outras noutra, às voltas no Bairro Alto, e teve medo que isso tivesse influência nos estudos. Às tantas, teve uma conversa com o meu tio, de quem era amigo, pediu-lhe ajuda, e é quando vai lá para casa. Mas depois saiu, quando co-

meçámos a namorar. “Namora, vai embora”, disse logo a minha tia quando tomou conhecimento. E lá voltou ele ao circuito dos quartos.

O que é que a atraía no jovem Cavaco Silva?

Talvez as possibilidades que via naquela pessoa e que ainda não estavam realizadas. Via todo um mundo diferente do meu, porque eu era toda literata e ele era mais concreto, de números. Mas também um mundo extremamente afetivo, porque o é muito, e no fundo era ainda um mundo em construção. Não me enganei. Ele tinha vinte e quatro anos e eu vinte cinco quando nos casámos. Éramos os dois muito jovens. Havia uma certa maturidade num jovem dessa idade que se sentia capaz de assumir um compromisso desses. As pessoas agora fogem ao compromisso, mas na nossa época o compromisso era para a vida. Íamos casar pela Igreja e não havia divórcio. Portanto, era um passo definitivo.

E ele, o que viu em si?

Não se explica, não sei, têm de lhe perguntar a ele...

Quando mais tarde foi professora, conta-se que as suas alunas lhe gabavam o namorado...

Isso foi no Liceu Rainha D. Amélia, onde trabalhei. Deve ter sido em 1961-1962. Eu era muito nova e parecia ainda mais. Deram-me turmas com meninas mais crescidas, e elas ficaram fascinadas com a professorinha. Abriam-se muito. Depois as mães vinham ver-me, para conhecer a professora de que elas falavam tanto. Eu aproveitava para passar mensagens, entre elas essa, de que não interessava que fosse um homem bonito. E quando um dia ele me foi buscar, as alunas no dia seguinte comentaram que eu falava assim porque estava “bem servida”. Ele era alto, magro, tinha uma boa figura e uma cara interessante.

Foi também isso que a fascinou?

Na altura, achava que não, mas é capaz de ter sido também. Com aquela intelectualite toda...

De que conversavam?

Oh, tantas coisas! Íamos muito ao cinema, éramos cineclubistas os dois, aliás depois fizemos imensos filmes em África, e falávamos de política também. Era um tema vibrante na altura, e às vezes as pessoas esquecem-se disso. **Diz-se que o seu marido só entra na política depois do 25 de Abril...**

São histórias que fazem carreira e que são falsas. Eu tive problemas, mas achava que a política – aquela coisa de os meus amigos me chamarem a “Delgadinha”, por andar entusiasmada com o Humberto Delgado – era completamente inócua. Militância só no sentido de que falávamos muito e juntávamo-nos. Eu pertencia à JUC, e a Igreja também era um elemento. Enfim, aquilo tudo era vibrante e entusiasmante, mas inócuo. Quando defendi tese e recebi o diploma, disseram-me que a PIDE tinha feito perguntas sobre mim.

Chegou a ter ficha na PIDE?

Pelos vistos, tinha, mas não sei. Ao meu marido também aconteceu uma coisa que não era normal acontecer porque deixavam acabar o curso aos estudantes e só depois é que eram mobilizados. E a ele não o deixaram acabar.

Acha que foi por razões políticas?

Não sabemos. O meu marido fez também o curso completo do Instituto Comercial, três anos, antes de ir para a Universidade, o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, porque queria ter logo uma arma de trabalho. Isso atrasou-o. Ele já tinha chumbado um ano, como é público e notório, quando era pequenino no Algarve. Estava convencido que o iam deixar acabar, de tal maneira que estávamos a programar o casamento para

quando acabasse. Casámos mais cedo, em 1963, para podermos ir para Moçambique. Ele entrou na agitação estudantil de 1962. Há até um retrato em que aparece na multidão. Pode ser essa a razão, porque os outros tiveram adiamento e ele não. A verdade é que foi mobilizado com um ano para acabar.

Acaba o curso em Moçambique?

Tivemos sorte, ficámos em Lourenço Marques. Os amigos daqui mandavam-lhe os apontamentos. Depois, pagando com o dinheiro dele, veio de avião no mês de férias a que tinha direito e fez os exames fora de época, como militar. Com notas ótimas, porque era muito bom aluno! Quando viemos, foi logo dar aulas, tinha sido convidado. O seu sonho era ser professor catedrático. E, quando cumpriu, foi interrompido. Mas voltou, volta sempre.

Mas prosseguiu outro sonho, não?

Acho que não fazia parte dos sonhos. Quando ele fala do sonho de infância é ser professor. Em 1980 é Ministro das Finanças, e as outras coisas vêm todas por acréscimo. Mesmo esta.

A política fascinou-o?

Não sei se ele se fascinou pela política. Que ele achou em 1980 que era importante levar a teoria à prática, enquanto Ministro das Finanças, sim. Havia um certo entusiasmo para fazer coisas numa altura em que era preciso para o País.

E deu-lhe uma ajuda, quando o ajudou a escrever o discurso da Figueira da Foz...

Sim, fizemo-lo em cima da cama, não havia espaço no quarto. Ele ainda hoje deve ter os papéis guardados...

Ainda o ajuda a escrever os discursos?

Não precisa. Aquilo foi uma questão de necessidade. Não estávamos à espera que acontecesse o que aconteceu,

não vínhamos preparados, as pessoas não acreditam nisto, mas a verdade é que nos caiu assim completamente em cima da cabeça. No outro dia tinha de escrever um discurso, não havia computadores, eram papéis, foi a lápis e a tinta. Esse discurso criou a lenda que eu lhe escrevia os discursos, mas foi pura necessidade, porque ele escreve muito bem.

Quem escreve os seus?

Sou eu e faço questão que sejam breves. Quero chegar às pessoas. A presença da mulher do Presidente deve ser afetiva, com a qual as pessoas se sintam bem e tranquilas.

As pessoas tomam-na como uma delas?

É esse o meu objetivo. Costumo contar uma história que aconteceu na casa de uma grande amiga minha a quem fui visitar e que tinha uns homens a pintar a casa. Cheguei lá – nessa altura eu era a mulher do Primeiro-Ministro –, e os homens olharam para mim e no fim disseram-me: “Ah, Senhora Dr.^a, nunca pensámos que fosse tão simplória”. Eu costumo dizer que é um dos melhores elogios que recebi na vida, porque eles não sabiam o que queria dizer “simplório”.

Quando se tornou a mulher do Presidente, recebeu alguma preparação protocolar?

Talvez devesse ter tido, mas não tive.

Tem uma empatia conhecida com a Rainha Sofia...

Sim, mas já nos conhecemos desde os outros tempos. É uma senhora da minha idade, temos netos, filhos e muitas coisas em comum, cultural e linguisticamente, brincamos as duas a falar em alemão.

É verdade que a Princesa Letizia lhes confidenciou que estava grávida?

Sim, foi uma necessidade. Quando chegámos em setembro de 2006, na nossa primeira Visita de Estado, a Princesa estava no princípio da gravidez e estava muito

aflita, num almoço que os Reis deram. Nós tínhamos mais uma coisa a seguir e ela já não conseguia ir. Veio ter comigo e disse-me que não ia “porque estava *embarazada*”. Foi nitidamente uma necessidade, ela não quis que levássemos a mal. O Príncipe Felipe veio ter com ela e exclamou: “E tu disseste?!”. A partir dali divulgaram a notícia.

Tem um casamento de quase cinquenta anos e uma relação muito próxima. O romantismo existe ainda entre vocês?

Claro! E é fundamental. Costumam perguntar qual é o segredo, mas não gosto de me apresentar como exemplo. Cada pessoa é aquilo que é e cada um saberá como deve gerir a sua relação de maneira “a não deixar morrer o fogo”.

Ainda consegue manter o ritual de receber os netos duas tardes por semana em casa?

Tento, mas eles já estão crescidos e têm imensas atividades na escola. Fazemos questão no jantar de domingo, quando é possível.

O que é que está a ler?

Estou a ler *A Leitura Infinita*, de José Tolentino Mendonça, que foi meu aluno, e a *Evocação de Sophia*, de Alberto Vaz da Silva. Acabei de ler *Os Anagramas de Varsóvia*, de Richard Zimler, e o último de Dominique Lapierre, *Um Arco-Íris na Noite*, sobre a África do Sul.

Não leu o *Caim*?

Não, mas não quer dizer que não leia. Tenho estado muito interessada no tema dos judeus e do Holocausto. É um tema forte e que não devemos ignorar, para não se cair num buraco semelhante.

Gosta dos livros de Saramago?

Não li muitos, gosto de alguns. Talvez vá ler primeiro *A Viagem do Elefante*. Tem boas críticas e a temática atrai-me mais. Mas adorei o *Memorial do Convento*.

Ainda tem tempo para escrever poemas?

Não. A fonte, por agora, secou.

Continua a escrever no seu diário?

Não. Tenho cadernos com imensas coisas. Mas esta parte, mais política, não me dá para escrever. A minha preocupação é fazer com a geração futura aquilo que a minha avó fez comigo, sem escrever. Passar o testemunho. As mulheres são as guardiãs da memória. Em York não escrevi um diário, mas uma coisa a que dei o nome de “Tempo Cinzento”, que é o que lá há permanentemente. Já foi passado a computador e entregue aos meus filhos.

Não voltou a registar outras memórias?

Voltei a registar memórias, mas estão incompletas. Serão para deixar aos netos.

Ainda tem o hábito de ir ao supermercado?

Sim. Ainda ontem fui.

A segurança não a demove?

Não, eles é que têm de se adequar àquilo que eu faço. Ainda no outro dia fui aos saldos da Area.

Quando viaja para o estrangeiro, leva atrás de si uma equipa muito grande? Cabeleireiro...

[risos] Chamo à minha assessora “exemplar único”. Isso responde à questão.

Em termos de imagem, representa a mulher portuguesa...

Foi um assunto que começou a preocupar-me. Faço questão de que aquilo que visto seja português.

Havia um estilista que a vestia quase sempre...

Sim, era um jovem estilista, Carlos Gil. Se houver outros candidatos jovens, que ninguém conheça, estou disponível. Tenho algumas peças da Isabel Tigranes. Faço questão de ter um resultado razoável com o mínimo de orçamento possível.

Não vivem em Belém, mas têm um quarto reservado para alguma eventualidade?

Sim, o Presidente da República tem de ter a residência preparada. Há um quarto, uma sala de jantar, há outra salinha para onde convido pessoas ligadas às artes, à literatura, à cultura, à música...

E está preparada para ficar cá mais cinco anos?

[risos] Não me candidatei, também não me recandidatarei.

Já estive preparada para muitas coisas que nunca pensei que me acontecessem. Cito uma frase de Agostinho da Silva que talvez corresponda à minha vida: “Nunca faça planos excessivos para a vida, para não atrapalhar os planos que a vida tem para ti”. Talvez porque tudo o que eu planeei não aconteceu, acontecendo tudo aquilo que não tinha planeado. A vida tem com certeza planos, quais são não sei. Quando vêm, aceito-os e faço o melhor que posso e sei.



Jornal “i”, 7 de maio de 2010

Entrevista de **Laurinda Alves**

“Sinto-me muito amada”

A 1 de agosto, com setenta e um anos, Maria Cavaco Silva mostrava-se uma mulher segura e tranquila, falando com elegância sobre o amor e o sentido da vida.

Ser Primeira Dama é uma profissão que não se aprende nas universidades. Assustou-a chegar ao Palácio de Belém?

A Laurinda utilizou o termo profissão mas ser Primeira Dama não é bem uma profissão.

Mas é um trabalho a tempo inteiro.

Sim, dá muito trabalho, exige muito estudo e muito empenho mas não é uma profissão. A minha profissão é ser professora, é isso que me define. É evidente que quando se põe o pé pela primeira vez no Palácio de Belém sentimos uma enorme responsabilidade. As pessoas perguntavam-me o que iria fazer e quais eram os meus planos mas eu respondia que precisava de um tempo para ouvir, para conhecer e ficar a saber mais sobre a função.

Não sabia exatamente o que ia encontrar mas sabia o que queria fazer?

Na minha cabeça e no meu coração sabia muito bem o que queria fazer mas tinha de perceber o que era possível. Ninguém pode chegar ao Palácio de Belém a dizer que vai fazer isto ou aquilo sem primeiro ouvir as pessoas.

Iniciou funções numa altura em que já se anunciavam tempos difíceis...

Extraordinariamente difíceis e isso fez-me querer ser um apoio para os mais frágeis e, também, acrescentar aquela

parte feminina que faz a diferença na vida pública. Não vale a pena dizer que os homens e as mulheres são iguais porque não são.

Em que sentido?

No sentido dos afetos, das emoções e dos sentimentos. Na maneira como homens e mulheres se dão quando estão nos cargos públicos de alma e coração.

Que aprendeu imediatamente?

Que é importante o discernimento diário, que é essencial estar atenta aos pedidos, às necessidades e expectativas.

Muitos acham que o Presidente é rico. Pedem-lhe muito dinheiro?

Pedem, mas em Belém não temos nada, não existe nenhum orçamento para nenhum tipo de pedidos. Em São Bento, onde estivemos dez anos, ainda havia um pequeno pé-de-meia que vinha da Gulbenkian, ainda do tempo do Dr. Azeredo Perdigão, que dava para acudir a uma ou outra aflição mas aqui não temos rigorosamente nada.

Isso dá-lhe uma certa liberdade no sentido em que não abre precedentes de apoios ou subsídios?

Sim, muitas vezes as pessoas pedem que lhes dê uma quantidade muito concreta de dinheiro e também me pedem coisas caricatas. Apareceu um pedido de um

carro que trazia a marca e o preço. Era o sonho de um rapaz de dezoito anos.

Um rapaz muito ingênuo...

Sim, já tinha pedido ao Ronaldo mas ele não lhe respondeu e acho que também não vou responder porque não tenho resposta para lhe dar.

Acha que este tipo de pedido é uma provocação ou revela apenas um grau de insanidade?

Nem uma coisa nem outra. Diria que havia mesmo um grande grau de ingenuidade e porventura uma distorção na percepção das minhas funções.

Que outras cartas bizarras recebeu?

Houve uma em que me perguntavam se pagava as viagens e deslocações do meu próprio bolso. Ora eu não tenho bolso, a minha reforma é baixa e, por isso, funciono com o bolso do meu marido.

Nestes anos de Belém tem sentido grandes frustrações?

Não, em relação ao meu papel, nenhuma. Fora disso, é evidente que nos dias em que chegam cartas de pessoas mais velhas a pedir dinheiro para comprar remédios isso me perturba e tento ver como se pode ajudar. Nem sequer tenho direito a um *pocket money* nas viagens de representação.

Então sempre paga do seu bolso, ou melhor do bolso do seu marido. Quem paga as suas roupas e o seu cabeleireiro? Tem ajudas?

Zero. Fiz um grande esforço para melhorar a imagem mas sai tudo do bolso do meu marido, que é o nosso bolso. Temos uma boa relação e dividimos tudo.

Sabe que a gestão do dinheiro reflete a gestão dos afetos, não sabe?

Claro que sei, acima de tudo pela minha longa experiência de vida em comum.

Isso revela que há uma partilha e uma comunhão muito grandes no casal.

Há, de facto. Há uma partilha total e eu só pergunto se há ou não há dinheiro para isto e para aquilo. Nunca tive muito jeito para a gestão do dinheiro mas também nunca fui muito gastadora.

Quanto tempo gasta por dia no cabeleireiro e a escolher as roupas adequadas às circunstâncias do dia?

Demasiado! Muito mais do que gostaria ou desejaria.

Uma hora por dia?

Depende. Nos dias em que me veem entrar no gabinete de *jeans* já sabem que não tenho obrigações e esses são os dias em que não perco tempo. Nas viagens já me ocupa mais tempo arranjar o cabelo, fazer a maquilhagem e escolher a roupa.

Tem alguém para a ajudar?

Felizmente tenho. O meu marido também.

Nas viagens que faz conhece sempre pessoas fascinantes?

Uma das grandes riquezas destes cargos é encontrar uma enorme diversidade de pessoas, umas mais fascinantes que outras certamente. Umas célebres e outras anónimas. E há sempre aquelas de quem temos uma imagem mais ou menos estereotipada e depois ficamos a conhecer melhor.

Está a falar, por exemplo, do casal Sarkozy-Bruni?

Não os encontrei ainda, não sei.

E a rainha da Jordânia?

Gostei muito de a conhecer. Fui com ela a uma escola na Amadora no âmbito de um programa de orquestra apoiado pela Gulbenkian e inspirado num projeto do célebre maestro venezuelano Gustavo Dudamel, e quando chegámos à escola os alunos estavam numa

enorme excitação porque achavam que a Rainha era uma *pop star*.

Ao vivo é tão bonita como nas fotografias?

É uma mulher muito bonita e muito simpática que tem um papel muito importante na atualidade por representar as mulheres do mundo islâmico e por ser uma Rainha e ter um lugar que permanece no tempo. É muito diferente de ser mulher de um Presidente, que é um lugar passageiro. Por tudo isto e porque aquela zona do globo precisa de referências fortes. Rania da Jordânia dá uma imagem muito refrescante e diferente dos estereótipos das mulheres do mundo islâmico. A Rainha tem feito um papel extraordinário nestes dez anos de Reinado e o marido dela também é fantástico.

Quando diz que gosta muito dele é porque falou muito com ele?

Por uma questão de protocolo fico sempre ao lado do Rei e o meu marido é que fica ao lado da Rainha e acabo por falar mais com os homens e o meu marido mais com as mulheres.

Às vezes tem ciúmes de quem fica à direita do seu marido?

[*risos*] Para dizer a verdade nunca tive.

E o seu marido tem ciúmes seus?

[*risos*] Nem pensar. Se tivéssemos ciúmes um do outro estávamos bem servidos...

Não é fácil gerir a vida de casal com tanta solicitação exterior e tanto compromisso. Como encontram tempo para estarem juntos?

Continuamos a arranjar tempo só para nós até porque vivemos em casa, voltamos muitas vezes de carro só os dois e depois jantamos e ficamos sozinhos. Sou eu que ponho a mesa, tiro a mesa, conversamos e estamos em casal. Chego a casa, ponho uma roupa mais descontraída

e ficamos a comentar as coisas do dia, falamos muito um com o outro. Sempre falámos. E também temos muita vida de família com os filhos e os netos.

É essencial para si esta vida de família?

É absolutamente essencial.

Muitos portugueses olham para o casal presidencial e sentem que existe um enorme amor e um profundo respeito entre os dois. Tem a noção de que para muitos são um exemplo inspirador?

Entre nós não há cansaço, nem há rotina, continuamos a ser duas pessoas que gostam muito uma da outra.

De que gosta mais no seu marido?

Tanta coisa! Gosto muito da sua ternura, é um homem muito terno, embora tímido e com uma necessidade enorme de se proteger. Gosto muito da sua retidão e da importância que dá aos afetos familiares. E não estamos a falar da sua atitude política...

Não, estamos a falar de familiaridade, sentimentos e emoções. O que a apaixonou quando o conheceu?

Era bonito, alto e espadaúdo [*risos*].

Ainda o acha bonito?

Ai acho com certeza!

E acha que está a envelhecer bem?

Está a envelhecer otimamente e não sou só eu que digo, há muitas mulheres que dizem o mesmo. Lembro-me perfeitamente do tempo em que já o namorava e dava aulas numa escola de raparigas na Junqueira, o Liceu Rainha Dona Amélia. As minhas alunas gostavam muito de mim e, como estavam naquela idade problemática da adolescência, desabafavam comigo e eu passava a vida a sublinhar a importância da seriedade nas relações. Insistia muito que o aspeto físico não era muito importante mas, depois, ele ia buscar-me ao Liceu e elas

comentavam: pois, pois, com um namorado assim pode dar-se ao luxo de dizer que o aspeto não é importante. Nunca mais me esqueci disto [*risos*].

Sendo ele tímido, quem deu o primeiro passo quando se apaixonaram?

Nós conhecemo-nos desde muito novos e houve um afeto que se foi transformando em amor. Acho que o que me fez passar da amizade para o amor foi esse grande mistério que há nele, de alguém que não se dá com muita facilidade mas tem um olhar de profundidade.

Ainda lhe faz declarações de amor?

Todos os dias.

E oferece-lhe presentes?

Não, não! É mais de ter gestos e de dizer coisas muito bonitas, por vezes de maneiras disfarçadas e nos momentos em que não estou à espera.

Sente-se muito amada?

Sinto-me muito amada e bem amada.

Tem consciência do privilégio?

Tenho. E sei que ele também sente que o amo e respeito muito.

Como demonstra o seu amor?

Não tenho nenhuma dificuldade em demonstrar os meus afetos mas também não passo a vida a fazer-lhe declarações. Depois destes anos todos de casamento são muito importantes os gestos, as pequenas coisas do dia a dia. Atualmente as pessoas deixam-se vencer pela rotina e não sabem deixar passar o tempo. Num amor consolidado, com filhos e netos, a passagem do tempo é uma coisa extraordinária.

Como dilui as suas irritações ou como age nos momentos de tensão que existem sempre na vida de casal?

Deixamos passar tempo, não vale a pena insistir quando

estamos a quente. Acho que foi o Gabriel Garcia Márquez que disse que os homens não gostam de grandes conversas nos momentos de tensão. Nós, as mulheres, gostamos mais de ficar a falar e esclarecer mas eles não, preferem falar depois. Deixar passar e não atear o fogo é uma estratégia eficaz.

O Padre Vasco Pinto de Magalhães acha que devíamos todos aprender a viver “ao terceiro dia”, concorda?

Acho que é de uma enorme sabedoria nas relações e na vida. Serve para tudo e dá mais sentido à vida

Qual é o sentido da vida para si? O que a faz acordar de manhã?

Talvez seja o outro, seja o outro quem for. Pode ser o marido ou os filhos, o vizinho ou alguém que precisa de nós. Como sabe sou católica e acho que o grande passo que Jesus Cristo deu em relação ao Antigo Testamento foi justamente este de se preocupar com o outro. O bom samaritano e o filho pródigo são exemplos de acolhimento do outro nas suas fragilidades.

É essa sua preocupação com os mais frágeis que a leva a eleger as pessoas com deficiência como a sua grande causa?

É. E em épocas difíceis, como esta que atravessamos, estas pessoas podem ficar ainda mais marginalizadas. Em tempo de crise, os frágeis ficam mais frágeis.

Que tem conseguido fazer?

Tenho conseguido chamar a atenção, pelo menos, e dar voz a quem não tem voz. Percebi que a mulher do Presidente tem às vezes jornalistas e câmaras de TV a seguir as suas atividades. Assim a minha palavra pode ser amplificada. O que posso dar é visibilidade.

Há realidades que têm de ser desocultadas?

Sim, desocultadas sem serem devassadas. Apenas

reveladas para que todos tenhamos mais consciência. Quando não vivemos a realidade dos deficientes há coisas que não nos passam pela cabeça e sei que posso contribuir para revelar estas realidades e também para desfazer preconceitos e estigmas.

Tem saudades de dar aulas?

Não, porque agora dou aulas em muitas partes do mundo [risos]. Dei há pouco tempo uma aula numa universidade em Ankara, na Turquia, a estudantes de português. Foi um privilégio. Também dei uma aula no Chile, na Casa de Pablo Neruda, na Isla Negra, à beira-mar, uma casa meio louca mas lindíssima. Foi uma emoção, nunca pensei falar a jovens ali. Falei da Sophia [de Mello Breyner Andresen], por causa do mar. Também dei uma aula em Berlim, Alemanha, e dá-me muito gosto poder ser uma espécie de embaixadora da língua e da cultura portuguesa no mundo.

Sarkozy tem uma mulher que canta no aniversário de Nelson Mandela...

[risos] Pois, mas como não sei cantar, dou aulas de português. Claro que a Carla Bruni depois aparece em todas as televisões e eu não... [risos], mas dá-me um enorme prazer.

Que livros lê aos seus netos?

A Sophia, sempre. O meu neto número dois teve uma fase em que estava apaixonado pela Fada Oriana. Os *Contos* são maravilhosos e tanto são para crianças como para jovens ou adultos. Gosto da sua linguagem pura, depurada, da sua escrita exigente mas universal. As crianças encalham imenso em palavras mas a linguagem

de Sophia é muito simples e muito rigorosa e embora também seja muito profunda as crianças não estão constantemente a tropeçar no dicionário.

Como são as suas férias?

Na nossa casa que fica num sítio lindíssimo ao pé da praia de São Rafael. Não é em cima do mar mas tem uma vista muito bonita. Cada um tem ali o seu canto e as nossas rotinas são sempre iguais: nós ficamos e os nossos filhos e netos vão e vêm.

Quantos livros leva para férias?

Não os conto. Levo os que me interessam. Mas vou conseguindo ler no dia a dia e não tenho as leituras muito atrasadas. Neste momento estou a ler as *Cartas* de Ety Hillesum e o livro anda no meu saco de trabalho para ler nos momentos que tenho livres. Comecei a ler o livro por causa de um artigo que o João Bénard da Costa escreveu e me interessou imenso.

Tolentino Mendonça também fala muito deste livro.

O Padre Tolentino foi meu aluno, fui sua professora de português na Universidade Católica.

Foi? Já era um poeta?

Já se percebia que ia longe na poesia e na literatura. É estruturalmente um poeta mas também é muitas outras coisas. É um verdadeiro sábio e li esta última entrevista que deu sobre a utopia com grande prazer. Li, sublinhei, dei ao meu marido para ler e ele também gostou.

Para terminar pergunto se lhe faltam ler muitos livros?

Muitos. Mas nisso estou como o Almada Negreiros: a vida é muito curta para os livros todos que queremos ler.



Revista “Visão”, 27 de novembro a 3 de dezembro de 2014

Entrevista de **Sónia Sapage** | Fotografias de **Gonçalo Rosa da Silva**

As Causas de Maria

Em quase nove anos de “mandato”, Maria Cavaco Silva deixou de ser só a mulher do Presidente e passou a ser a Primeira Dama, com agenda própria, com causas sociais e com relações privilegiadas. A VISÃO acompanhou-a, em reportagem, e conversou com ela sobre a sua principal preocupação: os cidadãos “com diferença”. Conheça o seu lado solidário e saiba que marca vai deixar em Belém.

Chove. Chuva grossa e vento frio, de inverno, apesar de o outono ainda estar para durar. Maria sai do carro e já Maria Antónia Machado, Presidente da CEDEMA, a espera com um chapéu para a abrigar. Logo trocam beijos e abraços como duas amigas que não se veem há tempos. E o curto caminho entre o carro e a porta da entrada faz-se à conversa, em passos apressados, para fugir à chuva. “Olá pessoal”, cumprimenta a Primeira Dama quando chega ao lar o Telhadinho para começar a sua visita de cortesia.

Maria entra tão à vontade no centro de dia (o qual, em breve também será residência), que sente necessidade de explicar. “Eu sou da casa”, diz, enquanto pousa a mala e vai perguntando pelas pessoas conhecidas – a Lisete, a utente autora do sol de cerâmica que decora uma zona de refeições na sua casa do Algarve, e o Tó, o filho de quarenta e oito anos de Maria Antónia Machado.

Está tudo bem desde a última visita da madrinha Maria Cavaco Silva, a 22 de abril deste ano. Nessa altura, a mulher do Presidente da República veio inaugurar o lar e há uma placa a comprová-lo. “Eu gosto pouco de colocar pri-

meiras pedras. Já coloquei algumas, mas gosto mais que os projetos se concretizem”, assume a Primeira Dama.

Fazer pontes

Nos quase nove anos que o seu “mandato social” já leva, Maria não só viu nascer o Telhadinho, nas encostas de Famões, arredores de Lisboa. Também assistiu, por exemplo, à abertura da Casa Ronald Macdonald, em Lisboa, e da Casa dos Marcos, um projeto de Paula Brito e Costa, Presidente da Associação Raríssimas, que abriu no final de 2013, na Moita, e que contou, recentemente, com a visita da Rainha Letizia Ortiz.

Madrinha que é madrinha – e a Primeira Dama tem muitos afilhados (instituições sociais) – não falha estes eventos, mas, na verdade, o seu envolvimento não se resume ao dia de cortar a fita. “Eu faço pontes”, diz à VISÃO, explicando que, não tendo orçamento próprio nem equipa específica, o que tenta é apresentar umas pessoas às outras, promover *networking* e dar voz a quem a não tem. Às vezes, basta patrocinar encontros e pôr as pessoas em con-

tacto, como aconteceu com o Movimento Pais-em-Rede, que, apesar de já existir há vários anos, intensificou a sua atividade depois de um Encontro em Belém.

“Na sétima edição do Torneio de Golfe Portugal Solidário [2013], patrocinado pelo PR, nós beneficiámos das receitas angariadas”, conta Maria Antónia Machado, da CEDEMA, instituição que gere o Telhadinho.

Foram 35 mil euros. Um pequeno exemplo do poder de Maria.

Um lugar na História

Em Belém, o seu poder deixará marcas. Ou não tivesse sido ela a bater-se pela ideia de tornar o primeiro andar do Palácio e a zona residencial acessíveis a pessoas em cadeiras de rodas. “Parece impossível, mas se o PR quisesse receber alguém, em cadeira de rodas, não podia fazê-lo condignamente”, diz Maria.

O primeiro passo foi ligar a rua à Sala das Bicas, por onde passam todos os convidados do PR. Seguiu-se um elevador desse nível para a zona privada da residência oficial, onde Maria e Cavaco oferecem, por vezes, almoços ou jantares, mas nunca pernoveram. “No dia da inauguração, dei um lanche a um grupo grande a que eu chamo os meus amigos das cadeiras de rodas.”

Uma plataforma elevatória, com espaço para uma cadeira e um adulto, e um elevador interior são o legado de Maria, na arquitetura de Belém. Mesmo que não fizesse mais nada, a mulher de Cavaco Silva já ficaria na história por isto. Mas faz. E não esconde a sua causa: os cidadãos com diferença. Independente para dar o seu Alto Patrocínio a instituições de todo o tipo, é pelos cidadãos com deficiência e pelas organizações que lhes prestam apoio que o seu coração bate mais forte. “Quando vivi em Inglaterra, nos

anos 70, um casal amigo nosso tinha uma filha diferente, a Joana. E eu vim de lá muito desperta para essa realidade, que, na altura e naquele país, já se vivenciava de outra forma”, conta.

Hoje, Maria orgulha-se do trabalho feito em Portugal, nesta área, e já o mostrou a primeiras damas de outros países que fazem questão de conhecer os nossos bons exemplos. Durante a segunda visita oficial da Rainha D. Letizia a Portugal, quando estive na Casa dos Marcos para assistir ao II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras, ficou claro o interesse da Rainha espanhola em replicar aquele modelo em Espanha.

Trabalho de gabinete

Como mulher do Presidente da República, uma boa parte do trabalho de Maria Cavaco Silva também se faz no gabinete, numa ala do Palácio de Belém, onde estão a sua adjunta e uma secretária.

É rodeada de fotografias de família ou de momentos importantes, como o dia da tomada de posse do marido, enquanto PR, que Maria prepara discursos ou aulas (recebe muitos convites para dar aulas *pro bono*, sobretudo no estrangeiro), organiza palestras, noites de poesia e congressos (como o Encontro anual, em maio, dedicado às mães), marca reuniões ou promove eventos, recebe convidados e gere a agenda.

É também ali que são tratadas, por exemplo, as inúmeras cartas/*e-mails* com pedidos ou desabaços. Nem todas as mensagens têm resposta, mas é tudo lido e quando o assunto o justifica, o pedido é encaminhado para o órgão competente.

As missivas ajudam a traçar um retrato do País. “Há dias recebi uma carta de uma senhora que me falava das

enormes dificuldades que tinha, dos seus dois cancros, da sua doença rara e acrescentava que estava em depressão profunda. Não é de admirar”, conta Maria. É também através da mulher do PR, que o País deprimido chega a Belém.

Todos os anos, Maria recebe uma visita especial: um Padre francês, Joseph Galèrne de seu nome, que é colecionador de presépios. A Primeira Dama é, ela própria, uma grande colecionadora: tem cinco centenas, mais coisa menos coisa, representando 37 países.

Frequentemente, aceita expô-los, numa perspetiva solidária, como acontece no próximo sábado, 29 de novembro, em Castelo de Vide. Pelas 18 e 30, é por si inaugurada, na Igreja de S. João Batista, a Exposição “O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva” e as receitas dos ingressos revertem a favor da Conferência de S. Vicente de Paulo de Castelo de Vide, uma instituição social da região.

Voltando à visita do Padre, reitor da paróquia de Guiscriff, na Bretanha, a primeira vez que veio a Belém foi em 2009. Chegou numa carrinha, que também servia de dormitório, e trouxe um pequeno estábulo com as figuras tradicionais, para oferecer à Primeira Dama. Ela deu-lhe outro, em troca, e a experiência repetiu-se em 2011 e 2012. Na altura, o sacerdote ainda mal falava português, coisa que melhorou com o tempo. E como não a conhecia, demorou a dizer-lhe que trazia outra encomenda, enviada por um dos seus paroquianos. Maria espantou-se quando soube o que era: um saco de batatas. Mas aceitou.

Madrinha e voluntária

Na página oficial da Presidência da República há um espaço dedicado à Primeira Dama, onde é possível acompanhar a sua agenda de trabalho, ver reportagens

fotográficas sobre os eventos em que participa e ficar a conhecer os projetos que apoia, nomeadamente através do seu Alto Patrocínio (um selo azul, que parece um coração).

E se há iniciativas em que a presença da mulher do Presidente é quase obrigatória, independentemente de quem esteja no cargo (caso do Bazar Diplomático, da Procissão de Nossa Senhora da Saúde, do Prémio Mulher ACTIVA ou do Pirlampo Mágico), outras há que nasceram da sua vontade de se associar àquela causa em particular.

Há dois meses, esteve no Instituto Português de Oncologia de Lisboa a entregar batas a 59 novos voluntários da Liga Portuguesa Contra o Cancro. Há dois anos, em Moçambique, deu uma aula na Escola Josina Machel, onde havia lecionado quando viveu em África, e ofereceu 200 livros à biblioteca escolar. E ainda em 2012, foi ao serviço de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional oferecer a sua voz e gravou um audiolivro – o conto *A Casa do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

No Telhadinho, o lar visitado no dia em que a *VISÃO* acompanhou Maria Cavaco Silva, a Primeira Dama só não lê para os utentes. De resto, senta-se à mesa com eles, conversa, mexe, tira, põe, olha, cheira, pergunta sobre o que estão a fazer. “Isto parece o *Halloween*”, diz ao entrar numa sala onde se fazem colagens e pinturas. “Eu pensava que vinha para o Natal.”

Está tão descontraída que até canta o fado. Depois de lhe apresentar a namorada, um dos utentes, José, começa a entoar *Canoas do Tejo*, de Carlos do Carmo, e é Maria que o ajuda a terminar: “Canoa, por onde vais? Se algum barco te abalroa, nunca mais voltas ao cais, nunca nunca nunca mais”, cantam. “Aí está uma mulher autêntica”, diz

José. Aplausos. Sorrisos. E Maria Antónia Machado, que sonhou toda aquela obra, emociona-se.

O Telhadinho foi o seu último bebé e sabe-lhe bem vê-lo ser acarinhado pela mulher da principal figura da nação. O primeiro bebé, António, nasceu há quarenta e oito anos, com Síndrome de Down. Foi a pensar no futuro das pessoas como ele, depois de verem os seus progenitores e cuidadores partirem, que Antónia pôs mãos à obra e arranjou forma de projetar, financiar e construir esta casa orçamentada em mais de 1,5 milhões de euros.

Cumprimentos ao marido

No dia anterior à visita de Maria, uma equipa da Presidência passou pelo Telhadinho para preparar o encontro do dia seguinte e para se certificar de que a segurança da Primeira Dama estava garantida. Uma obrigação desnecessária.

Ali, todos gostam dela e os estranhos têm entrada dificultada. Ali, Maria está em casa. Até apaga as luzes todas dos sítios por onde passa. “Eu sou a apaga luzes de Belém, sabem? Mas estou em boa companhia, porque já percebi

que o Papa Francisco faz a mesma coisa”, brinca a Primeira Dama.

Difícil é ir-se embora de Famões. Maria Antónia não a deixa sair sem lhe oferecer um chá, uns bolinhos, um ramo de flores, um presépio, uma caixa de madeira para guardar o presépio e um convite: “Estamos a contar consigo para a festa de aniversário da CEDEMA, a 17 de fevereiro, na Malaposta”, atira. “Só se eu não estiver cá”, responde Maria.

No regresso a Belém, a Primeira Dama leva um recado. “Cumprimentos ao seu marido”, diz um dos utentes mais jovens. “Com certeza. Vou dizer-lhe: o Pedro, que é um grande golfista, coisa que tu não és, mandou-te cumprimentos.” E explica: “Quem não é um grande golfista é ele, não tu, Pedro”. Todos se riem e acenam adeus, a partir de uma mesa, no refeitório, onde tomam o pequeno-almoço. Maria sai do Lar, em Famões, e regressa ao Palácio de Belém, onde o marido acaba de dar posse a uma nova ministra e dois secretários de Estado. No seu gabinete, garante a Primeira Dama, não entra política. Será?

“Não dou dinheiro, dou a minha voz”

Diz que não é o braço social do PR. “Ele tem a sua função. Eu escolhi a minha.”

Maria Cavaco Silva em discurso direto sobre o seu lado solidário.

O que significa ser madrinha de uma instituição social? Implica um acompanhamento mais próximo e um envolvimento afetivo mais forte. Ser madrinha é um convite que surge espontaneamente, a partir do momento em que a relação se torna mais longa. São as instituições que me dão esse título.

O seu lema é “dar voz a quem não tem voz”. Como faz isso sem orçamento?

Dinheiro não há. Eu não posso dar dinheiro, dou a minha voz. Tenho outra relação com as instituições. Sempre que eu apareço, elas acabam por ter voz através da minha voz.

E, depois, há os Encontros em Belém, que também servem para dar visibilidade.

Como se sente ao ver um projeto (quase) seu, como a Casa dos Marcos, ser acarinhado pela Rainha de Espanha?

Como portuguesa, foi muito importante. A Rainha Letizia já tinha muito interesse nas doenças raras e eu ia seguindo o seu trabalho. Quando veio cá pela primeira vez como Rainha, deu a entender que queria encontrar-se com alguém da área.

Pediu-lhe ajuda?

Sim. Eu chamei a Paula Costa, da Raríssimas, e tivemos um encontro na parte privada da residência. A conversa foi tão boa que já tínhamos o PR e o Rei à espera e a Rainha continuava a fazer perguntas. Ficou logo acertada a sua presença no II Congresso Ibero-Americano de Doenças Raras.

Com essa visita viu a possibilidade da Casa dos Marcos ser replicada em Espanha. Acha que vai acontecer?

Se aqui foi possível, apenas com a ajuda de uma Primeira Dama, que, em breve, se irá embora, então com uma Rai-

nha, que pode ficar muito tempo, acho que sim. É uma excelente notícia porque mostra que Portugal está à frente nas doenças raras, e não quer dizer que seja só de Espanha. **Inicialmente, não gostava que lhe chamassem Primeira Dama, preferia ser a mulher do Presidente. Já se habituou?** Não tive outro remédio. Há países em que não há sequer outro nome para esta função. É uma imposição.

Qual foi a primeira coisa que fez quando chegou a Belém?

Uma das primeiras foi perguntar como é que as pessoas com mobilidade reduzida podiam entrar no Palácio. A resposta não me agradou nada. Não dava dignidade nenhuma às pessoas.

O que fez?

Chamei o arquiteto e disse-lhe para estudar a questão, porque não queria sair daqui sem ter essa situação resolvida. Houve uma grande alteração, mas já está solucionado. Primeiro, fez-se uma plataforma elevatória para se chegar do piso térreo ao nível da Sala das Bicas. Agora, também já há um elevador que liga o primeiro andar à zona privada.



MAIS ALGUNS PASSOS DA AGENDA

DATA	EVENTO	LOCAL
Maio 2006	Visita à Exposição de Pintura de Nikias Skapinakis	<i>Fundação Arpad Szenes–Vieira da Silva, Lisboa</i>
Junho 2006	Cerimónia de Apresentação Pública do Projeto de Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	<i>Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra</i>
Novembro 2006	Inauguração da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso	<i>Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</i>
Dezembro 2006	Visita à Exposição “Graça Morais na Coleção da Fundação Paço D’Arcos”	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Fevereiro 2007	Exposição de Homenagem a Dorita de Castel-Branco	<i>Galeria de Arte do Casino Estoril, Cascais</i>
Março 2007	Sessão da Semana da Leitura 2007	<i>EBI Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, Boliqueime</i>
	Homenagem a Manuel Cargaleiro, por ocasião dos 80 anos do pintor e dos 60 anos da sua atividade artística, com inauguração da Exposição “Manuel Cargaleiro, Sete propostas para a Arquitetura”	<i>Museu Nacional do Azulejo, Lisboa</i>
Abril 2007	Visita à Exposição de Pintura de Mestre Nadir Afonso	<i>Galeria António Prates, Lisboa</i>
	Inauguração da Exposição “Resende, Encontro de Cores” de Mestre Júlio Resende	<i>Galeria do Jornal de Notícias, Porto</i>
Maio 2007	Inauguração da Exposição “Sixties” de Gracinda Candeias	<i>Galeria 9arte, Lisboa</i>
Novembro 2007	Inauguração das novas instalações do Lar de Santo António de Aldeia da Mata	<i>Aldeia da Mata, Crato</i>
Dezembro 2007	Visita à Elo Social – Associação para a Integração e o Apoio ao Deficiente Jovem e Adulto	<i>Sede Associação Elo Social, Lisboa</i>
Janeiro 2008	Inauguração da Exposição “Evocações” do Pintor António Joaquim	<i>Galeria do Diário de Notícias, Lisboa</i>
Abril 2008	Visita à Cáritas Diocesana da Madeira	<i>Funchal, Região Autónoma da Madeira</i>



1



2



3



4



5



6

1 junho de 2006
Cerimónia de Apresentação Pública
do Projeto de Valorização do Mosteiro
de Santa Clara-a-Velha

2 dezembro de 2006
Visita à Exposição "Graça Morais
na Coleção da Fundação Paço D'Arcos"

3 fevereiro de 2007
Exposição de Homenagem
a Dorita de Castel-Branco

4 e 5 março de 2007
Sessão da Semana da Leitura 2007

6 março de 2007
Homenagem a Manuel Cargaleiro

1 abril de 2007
Visita à Exposição de Pintura
de Mestre Nadir Afonso



1

2 abril de 2007
Inauguração da Exposição
"Resende, Encontro de Cores"
de Mestre Júlio Resende



2

3 maio de 2007
Inauguração da Exposição
"Sixties" de Gracinda Candeias

4 novembro de 2007
Inauguração das novas instalações
do Lar de Santo António
de Aldeia da Mata



3

5 janeiro de 2008
Inauguração da Exposição
"Evocações" do Pintor António Joaquim

6 abril de 2008
Visita à Cáritas Diocesana da Madeira



4



5



6

DATA	EVENTO	LOCAL
Outubro 2008	Participação numa reunião da equipa da Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital da Luz	<i>Hospital da Luz, Lisboa</i>
Novembro 2008	Lançamento do livro e inauguração da Exposição de fotografia “Silêncios”, da autoria do fotógrafo Eduardo Gageiro	<i>Museu da Água, Lisboa</i>
	Cerimónia de Abertura do 4º Campeonato do Mundo de Natação Síndrome de Down	<i>Albufeira</i>
Janeiro 2009	Visita ao Complexo Quinta Essência em Sintra	<i>Sintra</i>
Mai 2009	Visita à Exposição “Notáveis Messinenses: Vivências e Contributos”, organizada pela Junta de Freguesia de S. Bartolomeu de Messines	<i>Junta de Freguesia de S. Bartolomeu de Messines, Silves</i>
	Inauguração da Creche e Jardim de Infância António Biscaia, da Misericórdia – Obra da Figueira, e visita aos lares Costa Ramos e Silva Soares	<i>Figueira da Foz</i>
	Sessão Comemorativa do 350º Aniversário da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco, e visita ao Lar para Idosos, à Casa para os Sem-Abrigo e à Igreja do Carmo	<i>Coimbra</i>
	Evento de Solidariedade a favor da Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos	<i>Residência do Embaixador do Reino Unido, Lisboa</i>
Junho 2009	Sessão Solene Comemorativa do Dia Mundial da Criança	<i>Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa</i>
Março 2010	Lançamento do livro <i>As mulheres normais têm qualquer coisa de excepcional</i> , de Isabel Canha	<i>Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa</i>
	Sessão de Abertura do Congresso Nacional de Cuidados Paliativos.	<i>Universidade Católica Portuguesa, Lisboa</i>
	Visita à Unidade de Doentes Crónicos Ventilados do Hospital Curry Cabral	<i>Hospital Curry Cabral, Lisboa</i>

1 outubro de 2008
Reunião da equipa da Unidade
de Cuidados Paliativos
do Hospital da Luz



1

2 novembro de 2008
Lançamento do livro e inauguração
da Exposição de fotografia
"Silêncios", da autoria do fotógrafo
Eduardo Gageiro



2

3 janeiro de 2009
Visita ao Complexo Quinta
Essência em Sintra

4 maio de 2009
Visita à Exposição "Notáveis
Messinenses:
Vivências e Contributos", organizada
pela Junta de Freguesia de S. Bartolomeu
de Messines



3



4

5 e 6 maio de 2009
Inauguração da Creche e Jardim
de Infância António Biscaia,
da Misericórdia — Obra da Figueira,
e visita aos lares Costa Ramos
e Silva Soares



5



6



1



2



3



4



5



6

1 maio de 2009
Evento de Solidariedade a favor
da Associação Portuguesa de Cuidados
Paliativos

2 março de 2010
Lançamento do livro *As mulheres normais
têm qualquer coisa de excepcional*,
de Isabel Canha

3 março de 2010
Visita à Unidade de Doentes Crónicos
Ventilados do Hospital Curry Cabral

4 maio de 2010
Cerimónia de Entrega do donativo
da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento
destinado à reabilitação do teto
da Sé de Silves

5 outubro de 2010
Cerimónia de Apresentação dos Jogos
de Água dos Jardins do Palácio Nacional
de Queluz

6 fevereiro de 2011
Cerimónia de Homenagem
ao poeta Ruy Belo

DATA	EVENTO	LOCAL
Maio 2010	Cerimónia de Entrega do donativo da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento destinado à reabilitação do teto da Sé de Silves	<i>Centro Ismaili de Lisboa</i>
Outubro 2010	Cerimónia de Apresentação dos Jogos de Água dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz	<i>Palácio Nacional de Queluz, Sintra</i>
Fevereiro 2011	Cerimónia de Homenagem ao poeta Ruy Belo	<i>São João da Ribeira, Rio Maior</i>
Março 2011	Visita ao Colégio Barão de Nova Sintra, da Santa Casa da Misericórdia do Porto, e entrega do donativo resultante das receitas da Exposição “O Presépio – Colecção de Maria Cavaco Silva”	<i>Porto</i>
Maio 2011	Sessão de Abertura do 12º Congresso da Associação Europeia de Cuidados Paliativos	<i>Centro de Congressos de Lisboa</i>
Junho 2011	Cerimónia de Inauguração do restauro dos Jogos de Água dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz – World Monuments Fund Portugal	<i>Palácio Nacional de Queluz, Sintra</i>
Julho 2011	Encontro com um grupo de utentes da Delegação de Lisboa da Associação Coração Amarelo	<i>Palácio de Belém, Lisboa</i>
Setembro 2011	Cerimónia de Abertura do Ano Letivo 2011/2012 da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa	<i>Universidade Católica Portuguesa, Lisboa</i>
Outubro 2011	Cerimónia de Entrega dos Prémios da 6ª Edição do Concurso “Vou desenhar a minha Dor”, promovido pela Associação Portuguesa para o Estudo da Dor (APED), no Dia Nacional de Luta Contra a Dor	<i>Fundação Champalimaud, Lisboa</i>
	Visita à Exposição “Reservas”, da pintora Armanda Passos, patente na Casa Andresen / Jardim Botânico do Porto, e inauguração da Exposição “Obra Gráfica”, da mesma artista, na Sala de Exposições Temporárias do Edifício da Reitoria da Universidade do Porto	<i>Casa Andresen / Jardim Botânico do Porto e Reitoria da Universidade do Porto</i>
Dezembro 2011	Visita à Manufatura de Tapeçarias de Portalegre – entrada em tear da primeira tapeçaria de Portalegre da autoria da artista Joana Vasconcelos, peça que integrará a sua próxima exposição, no Palácio de Versalhes	<i>Portalegre</i>



1



2

1 março de 2011
Visita ao Colégio Barão de Nova Sintra, da Santa Casa da Misericórdia do Porto, e entrega do donativo resultante das receitas da Exposição "O Presépio - Coleção de Maria Cavaco Silva"

2 junho de 2011
Cerimónia de Inauguração do restauro dos Jogos de Água dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz

3 julho de 2011
Encontro com um grupo de utentes da Delegação de Lisboa da Associação Coração Amarelo

4 setembro de 2011
Cerimónia de Abertura do Ano Letivo 2011/2012 da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

5 outubro de 2011
Cerimónia de Entrega dos Prémios da 6ª Edição do Concurso "Vou desenhar a minha Dor", promovido pela Associação Portuguesa para o Estudo da Dor (APED), no Dia Nacional de Luta Contra a Dor

6 dezembro de 2011
Visita à Manufatura de Tapeçarias de Portalegre - entrada em tear da primeira tapeçaria de Joana Vasconcelos



3



4



5



6

1 outubro de 2011

Visita à Exposição "Reservas", da pintora Armanda Passos, patente na Casa Andresen / Jardim Botânico do Porto, e inauguração da Exposição "Obra Gráfica", da mesma artista, na Sala de Exposições Temporárias do Edifício da Reitoria da Universidade do Porto



1

2 fevereiro de 2012

Cerimónia Oficial de Entrega do Pavilhão Tailandês à Cidade de Lisboa, pela Princesa Maha Chakri Sirindhorn da Tailândia



2

3 dezembro de 2012

Jantar Solidário de Natal da Universidade Católica Portuguesa, ocasião na qual estiveram expostos 16 presépios da coleção particular da Dr.ª Maria Cavaco Silva



3

4 dezembro de 2012

Visita ao Espaço Aberto ao Diálogo, da Comunidade Vida e Paz



4

5 setembro de 2013

Inauguração da Exposição de Luís Noronha da Costa



5

6 outubro de 2014

Sessão de Atribuição do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a divulgação do Património Cultural ao escritor turco Orhan Pamuk



6



1



2



3



4



5



6

1 dezembro de 2014
Cerimónia de Homenagem e apresentação da biografia da Prof.ª Doutora Odette Ferreira

2 fevereiro de 2015
Apresentação de Cumprimentos a D. Manuel Clemente, por ocasião da sua elevação ao Cardinalato, e Primeira Catequese Quaresmal proferida por Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa

3 abril de 2007
Receção que assinalou o 2º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Bento XVI

4 março de 2014
Receção que assinalou o 1º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Francisco

5 março de 2015
Receção que assinalou o 2º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Francisco

6 maio de 2008
Procissão de Nossa Senhora da Saúde

DATA	EVENTO	LOCAL
Dezembro 2012	Jantar Solidário de Natal da Universidade Católica Portuguesa, ocasião na qual estiveram expostos 16 presépios da coleção particular da Dr. ^a Maria Cavaco Silva	<i>Universidade Católica Portuguesa, Lisboa</i>
	Visita ao Espaço Aberto ao Diálogo, da Comunidade Vida e Paz	<i>Comunidade Vida e Paz, Lisboa</i>
Setembro 2013	Inauguração da Exposição de Luís Noronha da Costa	<i>Centro de Arte Manuel de Brito, Oeiras</i>
Agosto 2014	Visita ao Lar de Idosos e ao Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Alcantarilha	<i>Alcantarilha, Silves</i>
Outubro 2014	Sessão de Atribuição do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a divulgação do Património Cultural ao escritor turco Orhan Pamuk	<i>Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</i>
Dezembro 2014	Cerimónia de Homenagem e apresentação da biografia da Prof. ^a Doutora Odette Ferreira	<i>Faculdade de Farmácia de Lisboa</i>
Fevereiro 2015	Apresentação de Cumprimentos a D. Manuel Clemente, por ocasião da sua elevação ao Cardinalato, e Primeira Catequese Quaresmal proferida por Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa	<i>Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa</i>

Pontificado

DATA	EVENTO	LOCAL
Abril 2007	Receção que assinalou o 2º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Bento XVI	<i>Nunciatura Apostólica, Lisboa</i>
Abril 2010	Receção que assinalou o 5º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Bento XVI	<i>Nunciatura Apostólica, Lisboa</i>
Abril 2011	Receção que assinalou o 6º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Bento XVI	<i>Nunciatura Apostólica, Lisboa</i>
Março 2014	Receção que assinalou o 1º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Francisco	<i>Nunciatura Apostólica, Lisboa</i>
Março 2015	Receção que assinalou o 2º Aniversário do Pontificado de Sua Santidade o Papa Francisco	<i>Nunciatura Apostólica, Lisboa</i>

Festividades de Nossa Senhora da Saúde

DATA	EVENTO	LOCAL
Maio 2006	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Maio 2007	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Maio 2008	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Maio 2009	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Maio 2010	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Maio 2011	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Abril 2012	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
Maio 2012	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>

Festividades de Nossa Senhora da Saúde [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Abril 2013	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
Mai 2013	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>
Mai 2014	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
Mai 2015	Cerimónia de Investidura de Nossa Senhora da Saúde	<i>Capela de Nossa Senhora da Saúde, Martim Moniz, Lisboa</i>
	Procissão de Nossa Senhora da Saúde	<i>Lisboa</i>

Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa, da Associação Portuguesa dos Antiquários

DATA	EVENTO	LOCAL
Abril 2007	Inauguração da VII Bienal de Antiguidades, cujas receitas reverterão a favor da SOL – Associação de Apoio às Crianças VIH/SIDA	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Abril 2009	Inauguração da VIII Bienal de Antiguidades	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Abril 2011	Inauguração da IX Bienal de Antiguidades	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Abril 2012	Pré-inauguração da Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa, cujas receitas reverterão a favor da Associação Novo Futuro	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Abril 2014	Pré-inauguração da Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>
Abril 2015	Pré-inauguração da Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa, cujas receitas reverterão a favor da Laços Eternos – Associação de Apoio a Pais em Luto	<i>Cordoaria Nacional, Lisboa</i>



1



2



3



4



5



6

1 maio de 2009
Cerimónia de Investidura de
Nossa Senhora da Saúde

2 maio de 2011
Cerimónia de Investidura de
Nossa Senhora da Saúde

3 maio de 2015
Procissão de Nossa Senhora da Saúde

4 abril de 2011
Inauguração da IX Bienal de Antiguidades,
promovida pela Associação Portuguesa
dos Antiquários

5 abril de 2014
Pré-inauguração da Feira de Arte
e Antiguidades de Lisboa, promovida pela
Associação Portuguesa dos Antiquários

6 abril de 2015
Pré-inauguração da Feira de Arte
e Antiguidades de Lisboa, promovida pela
Associação Portuguesa dos Antiquários

Natal dos Hospitais

DATA	EVENTO	LOCAL
Dezembro 2006	62ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2007	63ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2008	64ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2009	65ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2010	66ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2011	67ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2012	68ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>
Dezembro 2013	69ª Edição do Natal dos Hospitais	<i>Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, Cascais</i>

Prémio Maria José Nogueira Pinto

DATA	EVENTO	LOCAL
Julho 2013	Cerimónia de Entrega do Prémio Maria José Nogueira Pinto em Responsabilidade Social	<i>Fundação Montepio, Lisboa</i>
Julho 2014	Cerimónia de Entrega do Prémio Maria José Nogueira Pinto em Responsabilidade Social	<i>Grémio Literário, Lisboa</i>
Julho 2015	Cerimónia de Entrega do Prémio Maria José Nogueira Pinto em Responsabilidade Social	<i>Grémio Literário, Lisboa</i>



1



2



3



4



5



6

1 dezembro de 2006
62ª Edição do Natal dos Hospitais

2 dezembro de 2009
65ª Edição do Natal dos Hospitais

3 dezembro de 2010
66ª Edição do Natal dos Hospitais

4 julho de 2013
Cerimónia de Entrega do Prémio
Maria José Nogueira Pinto
em Responsabilidade Social

5 julho de 2014
Cerimónia de Entrega do Prémio
Maria José Nogueira Pinto
em Responsabilidade Social

6 julho de 2015
Cerimónia de Entrega do Prémio
Maria José Nogueira Pinto
em Responsabilidade Social

Individualidades Estrangeiras em Portugal

DATA	EVENTO	LOCAL
Abril 2007	Encontro com a Princesa Haya Bint Al Hussein da Jordânia, Presidente da Federação Equestre Internacional	<i>Hotel Fortaleza do Guincho, Cascais</i>
Mai 2007	Visita ao Museu da Presidência da República com a Primeira Dama da República da Lituânia, Sr. ^a D. Alma Adamkiene	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
Junho 2007	Visita ao Cabo da Roca e almoço no Guincho com a Primeira Dama da República da Lituânia, Sr. ^a D. Alma Adamkiene	<i>Sintra</i>
	Visita à Exposição “Formas e Texturas – Tesouros escondidos do Museu de Setúbal – Convento de Jesus” com os cônjuges de Altas Entidades e dos Embaixadores acreditados em Portugal, que estiveram presentes nas cerimónias comemorativas do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas	<i>Museu de Setúbal</i>
Setembro 2007	Encontro e Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr. ^a D. Maria Auxiliadora Delgado de Vázquez, Primeira Dama do Uruguai	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
Mai 2008	Visita ao Museu Nacional dos Coches com SAR a Rainha Silvia da Suécia	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita à Casa da Ajuda de Berço com SAR a Rainha Silvia da Suécia	<i>Lisboa</i>
	Visita ao Museu Nacional dos Coches com SAR a Rainha Sonia da Noruega	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Sessão de Abertura do Seminário “Arquitetura Norueguesa”, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, com a presença de SAR a Rainha Sonia da Noruega	<i>Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa</i>
Junho 2008	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr. ^a D. Kateryna Yushchenko, Primeira Dama da Ucrânia	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr. ^a D. Adélcia Pires, Primeira Dama da República de Cabo Verde	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
	Visita à Fundação do Gil – Casa do Gil com a Sr. ^a D. Adélcia Pires, Primeira Dama da República de Cabo Verde	<i>Lisboa</i>
Novembro 2008	Almoço em Honra de SAR a Infanta D. Pilar de Borbón, seguido de visita ao Palácio de Belém	<i>Lisboa</i>
	Cerimónia alusiva ao Prémio Europa Nostra 2008, atribuído ao Museu da Presidência da República, com a presença de SAR a Infanta D. Pilar de Borbón	<i>Portalegre</i>



1



2

1 abril de 2007
Encontro com a Princesa Haya Bint Al Hussein da Jordânia, Presidente da Federação Equestre Internacional

2 setembro de 2007
Encontro e Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr.ª D. Maria Auxiliadora Delgado de Vázquez, Primeira Dama do Uruguai

3 e 4 maio de 2008
Visita à Casa da Ajuda de Berço com SAR a Rainha Sílvia da Suécia

5 maio de 2008
Sessão de Abertura do Seminário "Arquitetura Norueguesa", na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, com a presença de SAR a Rainha Sonja da Noruega



3



4

6 junho de 2008
Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Kateryna Yushchenko, Primeira Dama da Ucrânia



5



6

Individualidades Estrangeiras em Portugal [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Novembro 2008	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr. ^a D. Mary Fenech-Adami, Primeira Dama da República de Malta	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita ao Museu Gulbenkian com a Sr. ^a D. Mary Fenech-Adami, Primeira Dama da República de Malta	<i>Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</i>
Março 2009	Visita ao Palácio de Belém com a Primeira Dama da República de Angola, Sr. ^a D. Ana Paula Santos	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
	Visita ao Museu Nacional dos Coches com SAR a Rainha Rania da Jordânia	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
Abril 2009	Visita ao Museu Gulbenkian com Sua Alteza Sheikha Mozah Bint Nasser Al-Missned, mulher do Emir do Qatar	<i>Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</i>
Julho 2009	Visita ao Museu da Presidência da República com a Primeira Dama da República da Estónia, Sr. ^a D. Evelin Ilves	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
Outubro 2009	Encontro e almoço com Sua Alteza Sheika Fariah al-Jabr al-Sabah, irmã do Emir do Kuwait	<i>Palácio de Belém, Lisboa</i>
Novembro 2009	Visita a Cascais e Sintra acompanhando as mulheres dos líderes participantes na XIX Cimeira Ibero-Americana, realizada em Portugal	<i>Cascais e Sintra</i>
Dezembro 2009	Visita ao Palácio de Belém das mulheres dos líderes participantes na XIX Cimeira Ibero-Americana, realizada em Portugal	<i>Palácio de Belém, Lisboa</i>
Fevereiro 2010	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr. ^a D. Mariama Mané Sanhá, Primeira Dama da República da Guiné-Bissau	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
Abril 2010	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr. ^a D. Maria da Luz Guebuza, Primeira Dama da República de Moçambique	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita à Casa de Proteção e Amparo de Santo António, em Lisboa, com a Sr. ^a D. Maria da Luz Guebuza, Primeira Dama da República de Moçambique	<i>Lisboa</i>
Setembro 2010	Visita ao Palácio de Belém e ao Museu da Presidência da República com SAR a Grã-Duquesa do Luxemburgo	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>



1



2

1 novembro de 2008
Infanta D. Pilar de Borbón recebida
no Palácio de Belém

2 novembro de 2008
Visita ao Museu Gulbenkian
com a Sr.ª D. Mary Fenech-Adami,
Primeira Dama da República
de Malta

3 março de 2009
Visita ao Palácio de Belém
com a Primeira Dama da República
de Angola, Sr.ª D. Ana Paula Santos

4 abril de 2009
Visita ao Museu Gulbenkian
com Sua Alteza Sheikha Mozah
Bint Nasser Al-Missned,
mulher do Emir do Qatar



3



4

5 novembro de 2009
Visita a Cascais e Sintra acompanhando
as mulheres dos líderes participantes
na XIX Cimeira Ibero-Americana,
realizada em Portugal

6 fevereiro de 2010
Visita ao Museu Nacional dos Coches
com a Sr.ª D. Mariama Mané Sanhá,
Primeira Dama da República
da Guiné-Bissau



5



6

Individualidades Estrangeiras em Portugal [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Setembro 2010	Visita à Casa SOL – Associação de Apoio às Crianças VIH/SIDA com SAR a Grã-Duquesa do Luxemburgo	<i>Lisboa</i>
Fevereiro 2011	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Bettina Wulff, Primeira Dama da República Federal da Alemanha	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita à Casa das Cores com a Sr.ª D. Bettina Wulff	<i>Lisboa</i>
Março 2011	Visita ao Museu Nacional dos Coches com SAR a Duquesa da Cornualha	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita ao Instituto de Medicina Molecular de Lisboa com SAR a Duquesa da Cornualha	<i>Lisboa</i>
Fevereiro 2012	Cerimónia Oficial de Entrega do Pavilhão Tailandês à Cidade de Lisboa, pela Princesa Maha Chakri Sirindhorn da Tailândia, por ocasião dos 500 Anos das relações diplomáticas Portugal–Tailândia	<i>Pavilhão Tailandês em Belém, Lisboa</i>
Abril 2012	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Margit Fischer, Primeira Dama da República da Áustria	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita à Fundação Ricardo Espírito Santo Silva com a Sr.ª D. Margit Fischer, Primeira Dama da República da Áustria	<i>Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa</i>
	Visita ao Atelier da artista Joana Vasconcelos com a Sr.ª D. Margit Fischer	<i>Lisboa</i>
	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Primeira Dama da República da Polónia, Sr.ª D. Anna Komorowska	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita à Escola Básica do Alto de Algés, por ocasião do lançamento da tradução em português do livro de poesia infantil <i>Lokomotywa</i> , do autor polaco Julian Twim, com a Primeira Dama da República da Polónia, Sr.ª D. Anna Komorowska	<i>Algés</i>
Junho 2012	Visita ao Museu da Presidência da República com a Dr.ª Lígia Fonseca, Primeira Dama da República de Cabo Verde	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
Novembro 2012	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. María Clemencia de Santos, Primeira Dama da República da Colômbia	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
Mai 2013	Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr.ª D. Hayrünnisa Gül, Primeira Dama da República da Turquia	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
	Visita ao CECD Mira Sintra – Centro de Educação para o Cidadão Deficiente com a Sr.ª D. Hayrünnisa Gül	<i>Mira Sintra</i>



1



2

1 março de 2009
Visita com SAR a Rainha da Jordânia à Escola Miguel Torga, e encontro com crianças participantes no Projeto Geração Oportunidade

2 abril de 2012
Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Anna Komorowska, Primeira Dama da República da Polónia

3 abril de 2012
Visita à Fundação Ricardo Espírito Santo Silva com a Sr.ª D. Margit Fischer, Primeira Dama da República da Áustria

4 junho de 2012
Visita ao Museu da Presidência da República com a Dr.ª Lúgia Fonseca, Primeira Dama da República de Cabo Verde

5 novembro de 2012
Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. María Clemencia de Santos, Primeira Dama da República da Colômbia

6 maio de 2013
Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr.ª D. Hayrännisa Gül, Primeira Dama da República da Turquia



3



4



5



6

1 setembro de 2013

Visita à Fundação Champalimaud com a Dr.ª Isabel Ferreira, Primeira Dama da República Democrática de Timor-Leste



2 setembro de 2013

Visita ao Centro de Desenvolvimento Infantil "Diferenças" com a Sr.ª D. Candida Montilla de Medina, no âmbito de uma deslocação privada a Portugal da Primeira Dama da República Dominicana



3 setembro de 2014

Guimarães recebeu a visita dos cônjuges dos Chefes de Estado dos países-membros do Grupo de Arraiolos

1

4 maio de 2014

Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Mary Tan, Primeira Dama da República de Singapura



5 junho de 2014

Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Daniela Schadt, Primeira Dama da República Federal da Alemanha



6 novembro de 2014

Visita com SAR a Rainha D. Letizia de Espanha à Exposição "A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha", patente no Museu Calouste Gulbenkian

3



5



6

Individualidades Estrangeiras em Portugal [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Julho 2013	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Marta Linares de Martinelli, Primeira Dama da República do Panamá	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
Setembro 2013	Visita ao Centro de Desenvolvimento Infantil “Diferenças” com a Sr.ª D. Candida Montilla de Medina, no âmbito de uma deslocação privada a Portugal da Primeira Dama da República Dominicana	<i>Lisboa</i>
	Visita ao Museu da Presidência da República com a Primeira Dama da República Democrática de Timor-Leste, Dr.ª Isabel da Costa Ferreira	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
	Visita à Fundação Champalimaud com a Primeira Dama da República Democrática de Timor-Leste, Dr.ª Isabel da Costa Ferreira	<i>Fundação Champalimaud, Lisboa</i>
Maio 2014	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Mary Tan, Primeira Dama da República de Singapura	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
Junho 2014	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Angélica Rivera de Peña, Primeira Dama dos Estados Unidos Mexicanos	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Daniela Schadt, Primeira Dama da República Federal da Alemanha	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visita ao Museu da Presidência da República com a Sr.ª D. Maria da Luz Guebuza, Primeira Dama da República de Moçambique	<i>Museu da Presidência da República, Palácio de Belém</i>
Setembro 2014	Visita ao Museu Nacional dos Coches com a Sr.ª D. Ani Bambang Yudhoyono, Primeira Dama da República da Indonésia	<i>Museu Nacional dos Coches, Lisboa</i>
	Visitas na Cidade de Braga com as mulheres dos Chefes de Estado que participaram no X Encontro Informal de Chefes de Estado do Grupo de Arraiolos, que decorreu em Tibães	<i>Braga</i>
	Visitas na Cidade de Guimarães com as mulheres dos Chefes de Estado que participaram no X Encontro Informal de Chefes de Estado do Grupo de Arraiolos, que decorreu em Tibães	<i>Guimarães</i>
Novembro 2014	Visita com SAR a Rainha D. Letizia de Espanha à Exposição “A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha”, patente no Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa	<i>Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</i>

Visitas ao estrangeiro

DATA	EVENTO	LOCAL
Setembro 2006	Visita ao Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia	<i>Madrid, Espanha</i>
	Visita às exposições de Gaudí, de Pablo Picasso e de Manolo Valdés	
	Visita ao Centro de Emprego APTA e às Termas Romanas de Gijón acompanhada pela mulher do Presidente do Governo do Principado das Astúrias	<i>Gijón, Espanha</i>
Novembro 2006	Visita ao Museu Juan Manuel Blanes com os cônjuges dos Chefes de Estado presentes na XVI Cimeira Ibero-Americana – Montevideu	<i>Uruguai</i>
Janeiro 2007	Visita ao Centro de Investigação Histórica S. Francisco Xavier, Museu e Biblioteca (equipada com dois novos computadores e um projetor oferecidos por Portugal)	<i>Goa, Índia</i>
Novembro 2007	Visita ao Museu Chileno de Arte Pré-Colombiana	<i>Santiago do Chile</i>
	Visita à Igreja de S. Francisco e ao Museu Colonial	
	Inauguração da Exposição “Um Oceano de Culturas” na Casa-Museu de Pablo Neruda	<i>Isla Negra</i>
	Visita ao Centro Cultural de La Moneda	<i>Santiago do Chile</i>
Fevereiro 2008	Visita ao Centro Histórico de León, Real Colegiata de San Isidoro e Catedral de León	<i>León</i>
	Cerimónia de Doutoramento <i>Honoris Causa</i> de Sua Excelência o Presidente da República pela Universidade de León	
	Encontro e almoço de Sua Excelência o Presidente da República e da Dr. ^a Maria Cavaco Silva com os Príncipes das Astúrias em León	
Março 2008	Visita ao Centro de Dia Mães de Mavalane e à Escola Secundária Solidariedade	<i>Maputo, Moçambique</i>
	Visita à Escola Secundária Josina Machel	
Setembro 2008	Visita ao Museu Nacional Polaco, à Galeria de Pintura Polaca – Exposição temporária “Coleção de Sucha” e visita ao Castelo Real de Varsóvia com a Sr. ^a D. Kaczynski, Primeira Dama da República da Polónia	<i>Varsóvia, Polónia</i>



1



2



3



4



5



6

1 julho de 2006
Visita ao Museu Nacional Centro
de Arte Reina Sofia

2 novembro de 2006
Visita ao Museu Juan Manuel Blanes
com os cônjuges dos Chefes
de Estado presentes na XVI Cimeira Ibero-
-Americana – Montevideu

3 novembro de 2007
Visita à Igreja de S. Francisco
e ao Museu Colonial em Santiago do Chile

4 novembro de 2007
Visita ao Museu Chileno de Arte
Pré-Colombiana em Santiago do Chile

5 novembro de 2007
Visita ao Centro Cultural de La Moneda
em Santiago do Chile

6 setembro de 2008
Visita ao Museu Nacional Polaco
em Varsóvia

1 março de 2008
Centro de Dia Mães de Mavalane,
em Maputo

2 março de 2009
Visita ao Monumento à Memória
dos Judeus da Europa Assassinados
em Berlim

3 maio de 2009
Visita ao Museu das Civilizações de
Anatólia, em Ankara, e passeio a pé
pela zona da Cidadela

4 julho de 2009
Visita ao Museu Nacional da Áustria

5 julho de 2012
Visita à Escola Secundária Josina
Machel, em Maputo, e oferta de cerca
de 200 livros da biblioteca pessoal
da Dr.ª Maria Cavaco Silva
à biblioteca da Escola

6 julho de 2012
Visita ao Serviço de Pediatria do Hospital
Central de Maputo e entrega de um
donativo para o projeto Step for care,
de apoio a crianças internadas,
criado por hospedeiras da companhia
aérea portuguesa TAP



1



2



3



4



5



6

Visitas ao estrangeiro [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Setembro 2008	Visita ao Museu da Insurreição de Varsóvia	<i>Polónia</i>
	Visita à Casa de Chopin com a Sr.ª D. Kaczynski, Primeira Dama da República da Polónia	<i>Varsóvia</i>
	Encontro privado com a Primeira Dama da República da Eslováquia, Sr.ª D. Gasparovic	<i>Bratislava</i>
	Visita à Galeria Nacional Eslovaca, acompanhada pela Sr.ª D. Gasparovic, Primeira Dama da República da Eslováquia	<i>Bratislava</i>
	Visita à Galeria Danubiana	<i>Bratislava</i>
Março 2009	Visita ao Monumento à Memória dos Judeus da Europa Assassinados	<i>Berlim, Alemanha</i>
	Visita ao Altes Museum	
	Visita ao Museu Pergamon	
	Visita à Exposição permanente de arte alemã, flamenga e italiana na Alte Pinakothek de Munique	<i>Munique, Alemanha</i>
	Visita ao Museu da Residência Oficial do Ministro-Presidente da Baviera, acompanhada pela Sr.ª D. Karin Seehofer, mulher do Ministro-Presidente da Baviera	
Maio 2009	Visita ao Museu das Civilizações de Anatólia e passeio a pé pela zona da Cidadela	<i>Ankara, Turquia</i>
Julho 2009	Visita ao Museu do Mobiliário, à Biblioteca Nacional da Áustria e à Catedral de Santo Estevão em Viena de Áustria	<i>Áustria</i>
Julho 2012	Visita à Escola Secundária Josina Machel e oferta de cerca de 200 livros da biblioteca pessoal da Dr.ª Maria Cavaco Silva à biblioteca da Escola	<i>Maputo, Moçambique</i>
	Visita ao Serviço de Pediatria do Hospital Central de Maputo e entrega de um donativo para o projeto Step for care, de apoio a crianças internadas, criado por hospedeiras da companhia aérea portuguesa TAP	

Visitas ao estrangeiro [Cont.]

DATA	EVENTO	LOCAL
Novembro 2012	Visitas integradas no programa dos cônjuges dos líderes presentes na Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo	<i>Cádiz e Jerez de la Frontera, Espanha</i>
Outubro 2013	Visita aos Institutos Karolinska e de Tecnologia Assistida de Estocolmo com SAR a Rainha Silvia da Suécia no âmbito da Visita de Estado à Suécia	<i>Estocolmo</i>
Fevereiro 2014	Visita à Escola St. Mary of the Angels	<i>Toronto, Canadá</i>
Maio 2014	Encontro com a Primeira Dama da República Popular da China, a Sr.ª D. Peng Liyuan, no Grande Palácio do Povo, em Pequim	<i>Pequim</i>
	Visita à casa de chá tradicional Laoshe em Pequim	<i>Pequim</i>
	Visita à creche “Golfinho” com a Dr.ª Winnie Fok, mulher do Chefe do Executivo de Macau	<i>Macau</i>
	Visita à Santa Casa da Misericórdia de Macau	<i>Macau</i>
Julho 2014	Visita ao Centro de Formação da Congregação das Madres Salesianas, em Comoro, com a Dr.ª Isabel Ferreira, Primeira Dama da República Democrática de Timor-Leste	<i>Dili, Timor-Leste</i>
	Encontro com membros das congregações portuguesas em Timor-Leste e com a responsável pelo programa de cooperação na área da saúde da Fundação Calouste Gulbenkian na Residência da Embaixada de Portugal em Dili, por ocasião da X Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que se realizou em Dili, Timor-Leste	<i>Dili, Timor-Leste</i>
Janeiro 2015	Encontro com a Dr.ª Maria da Luz Guebuza, mulher do Presidente da República de Moçambique cessante, Armando Guebuza, por ocasião da Cerimónia de Investidura do Presidente Filipe Nyusi	<i>Maputo, Moçambique</i>
	Encontro com a Sr.ª D. Isaura Nyusi, Primeira Dama da República de Moçambique, por ocasião da Cerimónia de Investidura do Presidente Filipe Nyusi	



1



2



3



4



5



6

1 novembro de 2012
Visitas em Cádiz integradas no programa dos cônjuges dos líderes presentes na Cimeira Ibero-Americana

2 outubro de 2013
Visita aos Institutos Karolinska e de Tecnologia Assistida de Estocolmo com SAR a Rainha Sílvia da Suécia

3 fevereiro de 2014
Visita à Escola St. Mary of the Angels

4 maio de 2014
Encontro com a Primeira Dama da República Popular da China, a Sr.ª D. Peng Liyuan, no Grande Palácio do Povo, em Pequim

5 maio de 2014
Visita à creche "Golfinho" com a Dr.ª Winnie Fok, mulher do Chefe do Executivo de Macau

6 julho de 2014
Encontro com membros das congregações portuguesas em Timor-Leste

Algumas audiências

DATA	EVENTO
Setembro 2006	Recebeu em audiência a Dr. ^a Paula Costa, Presidente da Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras
Mai 2007	Liga Portuguesa Contra o Cancro
Julho 2007	Senhora Ban Soon-taek, mulher do Secretário-Geral das Nações Unidas
Abril 2008	Associação Promotora do Ensino dos Cegos
Junho 2008	Audiência com Utentes do Centro Social de Alcanena
Setembro 2008	Embaixatriz dos Estados Unidos da América, Barbara Stephenson
Junho 2009	Dr. ^a Kirsty Sword Gusmão, mulher do Primeiro-Ministro de Timor-Leste
Outubro 2009	Administrador da Tempus Internacional, Salomão Kolinski, que apresentou o Projeto de Responsabilidade Social Swatch/ Conselho Português para os Refugiados, com vista à instalação de um Centro de Acolhimento de Crianças Refugiadas
Março 2010	Dr. ^a Joana Daniel Wrabetz, Diretora do Observatório sobre Tráfico de Seres Humanos
Julho 2010	Presidente e Vice-Presidente da Associação World Monuments Fund Portugal, respetivamente Dr. Paulo Lowndes Marques e Dr. ^a Isabel Cruz de Almeida
Outubro 2010	Banco de Informação de Pais para Pais – BIPP, Instituição Particular de Solidariedade Social, que apoia e orienta pais e famílias de crianças ou adultos com necessidades especiais
	Direção do Comité Paralímpico de Portugal
Abril 2011	Direção da Casa dos Rapazes
Mai 2011	Escritora Isabel da Nóbrega



1



2



3



4



5



6

1 maio de 2007
Liga Portuguesa Contra o Cancro

2 junho de 2008
Audiência com utentes do Centro Social de Alcanena

3 julho de 2007
Senhora Ban Soon-taek, mulher do Secretário-Geral das Nações Unidas

4 abril de 2008
Associação Promotora do Ensino dos Cegos

5 setembro de 2008
Embaixatriz dos Estados Unidos da América, Barbara Stephenson

5 junho de 2009
Dr.ª Kirsty Sword Gusmão, mulher do Primeiro-Ministro de Timor-Leste

1 outubro de 2009

Administrador da Tempus Internacional, Salomão Kolinski, que apresentou o Projeto de Responsabilidade Social Swatch/ Conselho Português para os Refugiados



1

2 março de 2010

Dr.ª Joana Daniel Wrabetz, Diretora do Observatório sobre Tráfico de Seres Humanos



2

3 julho de 2010

Presidente e Vice-Presidente da Associação World Monuments Fund Portugal, respetivamente Dr. Paulo Lowndes Marques e Dr.ª Isabel Cruz de Almeida



3

4 outubro de 2010

Banco de Informação de Pais para Pais – BIPP, Instituição Particular de Solidariedade Social, que apoia e orienta pais e famílias de crianças ou adultos com necessidades especiais



4

5 outubro de 2010

Direção do Comité Paralímpico de Portugal



5

5 abril de 2011

Direção da Casa dos Rapazes



6



1



2



3



4



5



6

1 maio de 2011
Escritora Isabel da Nóbrega

2 maio de 2011
Presidente e Vice-Presidente da Associação World Monuments Fund Portugal, Dr. José Blanco e Dr.ª Isabel Cruz de Almeida

3 maio de 2011
Casal Filipa Fernandes e Paulo Cunha, que ofereceu uma fotografia do seu casamento

4 maio de 2011
Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitalteiras da Imaculada Conceição

5 julho de 2012
Direção da Associação Nacional de Fibrose Quística

6 novembro de 2012
Dr.ª Isabel Fernandes, a quem foi atribuído o Prémio Europeu na categoria de Melhor Voluntário, uma iniciativa da organização Active Citizens of Europe

1 novembro de 2013
Empresários criadores da marca
Manjerica, uma empresa portuguesa
fabricante de carteiras em pele

2 outubro de 2014
Embaixatriz dos Estados Unidos
da América, Kim Sawyer

3 dezembro de 2014
Mestre chocolateiro Daniel Gomes,
de Leiria, que ofereceu
um presépio feito em chocolate

4 dezembro de 2014
Provedor da Santa Casa da Misericórdia
de São João da Madeira, Dr. José António
de Araújo Pais Vieira, acompanhado pela
escultora Filomena Almeida

5 fevereiro de 2015
Designer Líliliana Santos Vieira,
que apresentou o seu projeto
Sintra by Líliliana Santos

6 maio de 2015
Artista plástico Pedro Cunha Guimarães



1



2



3



4



5



6

Algumas audiências [Cont.]

DATA	EVENTO
Maio 2011	<p>Presidente e Vice-Presidente da Associação World Monuments Fund Portugal, Dr. José Blanco e Dr.ª Isabel Cruz de Almeida</p> <hr/> <p>Casal Filipa Fernandes e Paulo Cunha, que ofereceu uma fotografia do seu casamento</p> <hr/> <p>Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição</p>
Dezembro 2011	Fundação Liga – Centro de Recursos Sociais, que tem por missão promover a inclusão social de pessoas em desvantagem, de todas as idades, nomeadamente dos doentes crónicos e pessoas com deficiência, bem como das suas Famílias
Julho 2012	Direção da Associação Nacional de Fibrose Quística
Novembro 2012	Dr.ª Isabel Fernandes, a quem foi atribuído o Prémio Europeu na categoria de Melhor Voluntário, uma iniciativa da organização Active Citizens of Europe
Novembro 2013	Empresários criadores da marca Manjerica, uma empresa portuguesa fabricante de carteiras em pele
Outubro 2014	Embaixatriz dos Estados Unidos da América, Kim Sawyer
Novembro 2014	Primeira Dama da República da Guiné Bissau, Sr.ª D. Rosa Vaz
Dezembro 2014	<p>Mestre chocolateiro Daniel Gomes, de Leiria, que ofereceu um presépio feito em chocolate</p> <hr/> <p>Provedor da Santa Casa da Misericórdia de São João da Madeira, Dr. José António de Araújo Pais Vieira, acompanhado por membros da Direção e pela escultora Filomena Conceição Almeida, dinamizadora do Projeto Feltrando, projeto de empreendedorismo social promovido pela Santa Casa da Misericórdia, dirigido à população toxicodependente e alcoólica em recuperação</p>
Fevereiro 2015	<i>Designer</i> Liliana Santos Vieira, que apresentou o seu projeto Sintra <i>by</i> Liliana Santos
Maio 2015	Artista plástico Pedro Cunha Guimarães

Uma última palavra

Que só pode ser uma palavra de gratidão a tantos, tantas afinal, que me acompanharam neste caminho que foi bom percorrer.

Quando olho para trás chego à conclusão que o meu caminho pessoal foi andado com companhias maioritariamente femininas.

Sabem que acompanhei sempre o meu marido em todas as deslocações no país e no estrangeiro, mas o meu caminho mais pessoal foi acompanhado prioritariamente por mulheres. Talvez tenha sido uma decisão que tomei quase sem dar por isso. Se o Presidente da República nas suas atividades está muito mais envolvido com um universo masculino – e eu constatei isso *in loco* – achei que, como mulher do Presidente da República, devia dar mais visibilidade ao que o universo feminino faz e muitas vezes nem se vê nem faz notícia.

Este livro quer fazer justiça a essa injustiça.

Não foi um caminho solitário o que percorri durante estes anos.

Há centenas de pessoas que, na medida do possível, referi em nome e em algumas imagens, para que se saiba que há tanta gente que nunca faz grandes entradas nos noticiários, mas são a espinha dorsal de um Portugal solidário, ativo, compassivo, que inventou permanentemente novas formas de chegar a mais pessoas e de uma maneira mais eficiente.

Estas pessoas ajudam-nos a sermos melhores, a atravessar com esperança tempos duros, dão as mãos a vidas difíceis, levantam do chão os que sozinhos, por dificuldades financeiras, físicas ou de dores de alma, não o conseguiam fazer.

Obrigada por me terem deixado partilhar os vossos momentos de luta e de vitória.

Obrigada por fazerem, todos os dias, sem desfalecimentos e sem queixumes, de Portugal um país muito melhor.

A handwritten signature in black ink that reads "Nani Graça" followed by a stylized flourish.





“Estas pessoas ajudam-nos a sermos melhores, a atravessar com esperança tempos duros, dão as mãos a vidas difíceis, levantam do chão os que sozinhos, por dificuldades financeiras, físicas ou de dores de alma, não o conseguiam fazer.”